Antonio Boeing (Org.)

Trilhas do saber

PASTORAL
Excelência Acadêmica e Evangelizadora

1

editora edebê

Coleção Trilhas do Saber
Pastoral
Escola Salesiana em Pastoral: Excelência Acadêmica e Evangelizadora

© 2015, Editora Edebê Brasil

Boeing, Antonio (Org.)

B 681

Coleção Trilhas do Saber – Pastoral. Escola Salesiana em Pastoral: Excelência Acadêmica e Evangelizadora. 1ª Edição, Editora Edebê Brasil, 2015.

ISBN 978-85-5536-065-7

1. Salesianos – Sistema Preventivo. 2. Educador – Formação.
3. Rede Salesiana de Escolas – Projeto educativo Pastoral

CDD: 786.64
CDU: 342

Todos os direitos reservados à
Editora Edebê Brasil Ltda.
SHCS CR - Quadra 506 - Bloco B - Loja 59
70.350-525 - Brasília (DF)
Tel.: (61) 3214-2300
Revisão: Zeneida Cereja da Silva
Diagramação: Helkton Gomes da Silva
Projeto Gráfico e Capa: Herbert Barbosa
Imagens: Shutterstock/RSE
Gráfica: DSV Gráfica e Editora Ltda.

APRESENTAÇÃO

A Editora EDEBÊ Brasil deseja inaugurar com esta publicação uma nova coleção de subsídios e recursos para a formação continuada das comunidades educativas do Brasil.

O título revela que a tarefa formativa é como uma trilha, isto é, um caminho construído de forma nova, empenhada e coletiva.

Intencionalmente, foi escolhida a Pastoral como tema de lançamento desta nova coleção.

O Encontro Nacional de Pastoral da Rede Salesiana de Escolas – ENCOPAS – foi escolhido como cenário e ambiente oportunos para a apresentação deste novo recurso formativo exatamente porque ele busca entender e aprofundar a missão da *Escola Salesiana no hoje e no amanhã como uma PAIXÃO QUE SE RENOVA*.

Em seu planejamento, a EDEBÊ Brasil está alinhando uma série significativa de temas para oferecer aos educadores de nossa pátria. Inovar é urgente e preciso, sempre dentro de um planejamento que reforce as razões pelas quais se faz Educação Salesiana.

As celebrações do bicentenário de Dom Bosco, primeiro inspirador da EDEBÊ, são um tempo oportuno para fazer memória do que significa "educar evangelizando e evangelizar educando".

Este texto, elaborado por muitos apaixonados pela educação e evangelização, resulta do processo de preparação e concretização do II Seminário de Pastoral da Rede Salesiana de Escolas. A metodologia segue a riqueza já consolidada nas organizações que buscam garantir a vida em todos os seus espaços, isto é, olhar com profundidade a realidade, iluminar com os diferentes saberes, apontar caminhos possíveis e celebrar os desafios, paixões e ações pautadas na ética.

A trilha está proposta e sua necessidade é incontestável.

Aos trilheiros caberão o empenho e a alegria da aventura formativa.

EDEBÊ Brasil

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – MOSAICOS CONTEMPORÂNEOS: CULTURA RELIGIOSA E MEDIÁTICA ENTRE OS JOVENS, Sílvia Regina Alves Fernandes 13
Movimentos religiosos e culturais em mutação – religião em xeque 14
Jovens, religiosidades e religião 18
Conexões e universos digitais entre os jovens 20
Para continuar o debate 23
Referências bibliográficas: 25

CAPÍTULO II – CONTEXTOS TEOLÓGICOS E ECLESIAIS DA PASTORAL ESCOLAR. EDUCAR E EVANGELIZAR, Márcio Fabri dos Anjos 29
Evangelizar: das tensões à renovação 30
Uma base: A reciprocidade essencial dos seres humanos 32
Pluralismo Ético como espaço da Evangelização 33
Ação intercomunicativa: iniciativa e provocação de Deus 34
Contextos teológicos de *Pastoral* no ambiente escolar 37
Pastoral: superando limites e restrições 37
Faces modernas da *pastoral* 38
A *pastoral* e o Bom Pastor 39
A pastoral – como evangelizar no *escolar* 39
Perspectivas Teológico-eclesiais da Pastoral escolar 40
Referências bibliográficas 42

CAPÍTULO III – FUNDAMENTOS CRISTOLÓGICOS PARA A ESCOLA EM PASTORAL: SEGUIR O MESTRE JESUS CRISTO, Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior .. 47
Introdução ao tema: Os fundamentos e as circunstâncias 47
Primeira parte: Jesus, aprendiz na oficina 49
Segunda parte: Jesus, pedagogo do Caminho 51
Terceira parte: Jesus, mestre das linguagens da fé 53
Quarta parte: Seguimento de Jesus 58
Conclusão: Escolas abertas e respostas originais para hoje 60
Referências bibliográficas 61

CAPÍTULO IV – FUNDAMENTOS ECLESIOLÓGICOS DA ESCOLA CATÓLICA: IDENTIDADE E MISSÃO, P. Marcos Sandrini 65
1. Houve um homem chamado por Deus 66
2. A Família Salesiana na Igreja 68
3. Beber na fonte 70
4. Carisma que coloca a criança, o adolescente e o jovem no centro 72

5. Dom Bosco aponta caminhos de inserção na Igreja ... 73
5.1. Bons cristãos e honestos cidadãos ... 73
5.2. Missionários e missionárias *ad gentes* ... 74
6. Os quatro pilares da Igreja ... 75
7. A escola católica, espaço de evangelização e educação ... 76
Conclusão ... 78
Referências Bibliográficas ... 79

CAPÍTULO V – PASTORAL E JUVENTUDES: DESAFIOS DOS NOVOS PÁTIOS EXISTENCIAIS, Maurício Perondi ... 83
As visões sobre os jovens ... 83
1. A construção do conceito de juventudes e de culturas juvenis ... 84
2. Os jovens e os novos pátios existenciais ... 88
Subjetividade: o jogo do eu ... 88
Vivências grupais: o grupo como lugar de felicidade do jovem ... 90
Culturas juvenis ... 91
Novas tecnologias e juventudes: os impactos da Revolução Digital ... 93
A busca juvenil pelo sagrado ... 93
As reinvenções da participação social ... 95
Considerações finais ... 96
Referências bibliográficas ... 98

CAPÍTULO VI – …PARA UMA ESCOLA EM PASTORAL "… dirás aos nossos queridos jovens…", Ir. Maria Del Carmen Canales, FMA ... 103
Transmitir valores duradouros ... 104
Sobre a internet – o negócio dos sites... ... 105
Escola/Formação profissional, lugar privilegiado de pastoral ... 106
Uma Escola/Formação profissional em pastoral ... 108
Algumas mediações para a organização de uma escola em pastoral ... 114
Comunidade Educativa ... 114
O Projeto Educativo ... 115
A formação, juntos ... 116
Evangelização do Currículo ... 116
Conclusão ... 118
Referências bibliográficas ... 119

CAPÍTULO VII – A ATUALIDADE DO SISTEMA PREVENTIVO COMO PILAR DA EDUCAÇÃO SALESIANA, Dom Tarcísio Scaramussa, SDB ... 123
Introdução ... 123
1 – A educação é necessária para o desenvolvimento das pessoas e da sociedade ... 123
2 – Fenômenos juvenis que interrogam particularmente a Educação ... 124

3 – Para entender melhor os fenômenos 127
4 – Qual educação para o século XXI? 132
A visão da Igreja Católica 132
A visão da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) 134
Síntese conclusiva 135
5 – O Sistema Preventivo de Dom Bosco e a educação no século XXI 136
A preventividade é atual 137
Releitura das Crenças e Valores do SP de Dom Bosco 138
6 - Confrontando a realidade da juventude atual, quais seriam os aspectos mais relevantes do Sistema Preventivo como pilar da educação salesiana? 138
Visão integral e unificadora da pessoa 139
Humanismo otimista, alimentador da esperança 140
Assistência-presença que resgate a confiança e diminua a distância adulto-jovem 142
Conclusão 144
Referências bibliográficas 145

GRUPOS TEMÁTICOS 147

1. O SISTEMA PREVENTIVO NA PERSPECTIVA FEMININA, Ir. Adair Aparecida Sberga, FMA 149
Dom Bosco valorizou o protagonismo feminino de Mornese 151
O Espírito de Mornese em sintonia com o Sistema Preventivo 153
O Sistema Preventivo na história do Instituto das FMA 156
Considerações Finais 158
Referências bibliográficas 159

2. SISTEMA PREVENTIVO E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: POSSIBILIDADES PARA A ESCOLA SALESIANA, P. Geraldo Adair da Silva, SDB 160
RELEITURA DO SISTEMA PREVENTIVO DE DOM BOSCO A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA COSMOVISÃO AFRO-BRASILEIRA 1663
Referências bibliográficas 167

3. MÍSTICA E COMPETÊNCIA NO PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL, Ir. Ivone Yared, FMA 168
Competências como Fonte de Valor para o Indivíduo e para a Organização 169
O que nos pede a Igreja e nossa Congregação (SDB e FMA)? 171
Referências Bibliográficas 175

4. EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO, Prof. Amarildo Vieira de Souza, UNISAL 176
1. O valor do DIÁLOGO na Educação. 177

2. PREPARAÇÃO qualificada dos educadores 177
3. INSTITUIÇÕES Religiosas 178
Concluindo 179
Referências bibliograficas 180

5. ENSINO RELIGIOSO E CONFESSIONALIDADE, Sonia de Itoz 181
De onde partimos 181
A escola pode ajudar a buscar o sentido da vida? 182
Ensino religioso confessional em um contexto escolar/social pluralista 183
Onde podemos chegar 185
Referências Bibliográficas 186

6. A ERA DA INTERATIVIDADE: RELAÇÕES NOS PROCESSOS EDUCATIVOS,
Cristina Matiele Alves Rego e Renan Luís Demeterko Silva 187
1. Introdução 187
2. Culturas juvenis 187
3. Exemplos de Dom Bosco e São Francisco de Sales 188
4. Considerações finais 189
Referências Bibliográficas 190

7. PASTORAL ESCOLAR E GESTÃO DE GRUPO: MEDICAÇÃO CURRICULAR E
EVANGELIZADORA, P. Osvaldo Bisewski, SDB 191
O protagonismo juvenil 192
A "Comunidade de Aprendizagem" 192
Pastoral Escolar e Gestão de Grupo: mediação curricular e evangelizadora 193
Referências Bibliográficas 194

8. O FUTURO DA ESCOLA SALESIANA: DESAFIOS E CAMINHOS NA ATUALIDADE,
Cristina Matiele Alves Rego e Renan Luís Demeterko Silva 195
1. Introdução 195
2. Panorama educativo e profissional 195
3. Panorama evangelizador 196
4. Considerações 197
Referências Bibliográficas 198

9. JUVENTUDES E PROTAGONISMO, Ir. Cláudia Regina Correia Ribeiro, FMA 199
Premissas 199
Juventudes 200
Protagonismo 201
Protagonismo Juvenil 201
Protagonismo Juvenil Salesiano 202
Associacionismo Salesiano Hoje 203
Referências Bibliográficas 204

10. JUVENTUDES E REDES SOCIAIS, P. Gilson Marcos da Silva, SDB e P. Osvaldo Bisewski, SDB 205
O acesso às redes sociais e o uso delas pelos jovens: o Projeto "EducAção Digital" 206
A interferência das redes sociais na vida dos jovens 207
Uma possibilidade: o uso transformador e engajado das redes sociais digitias ... 208
Referências Bibliográficas 210

11. JUVENTUDE E ESPIRITUALIDADE, Ir, Maria Aparecida Lopes de Souza, FMA 211

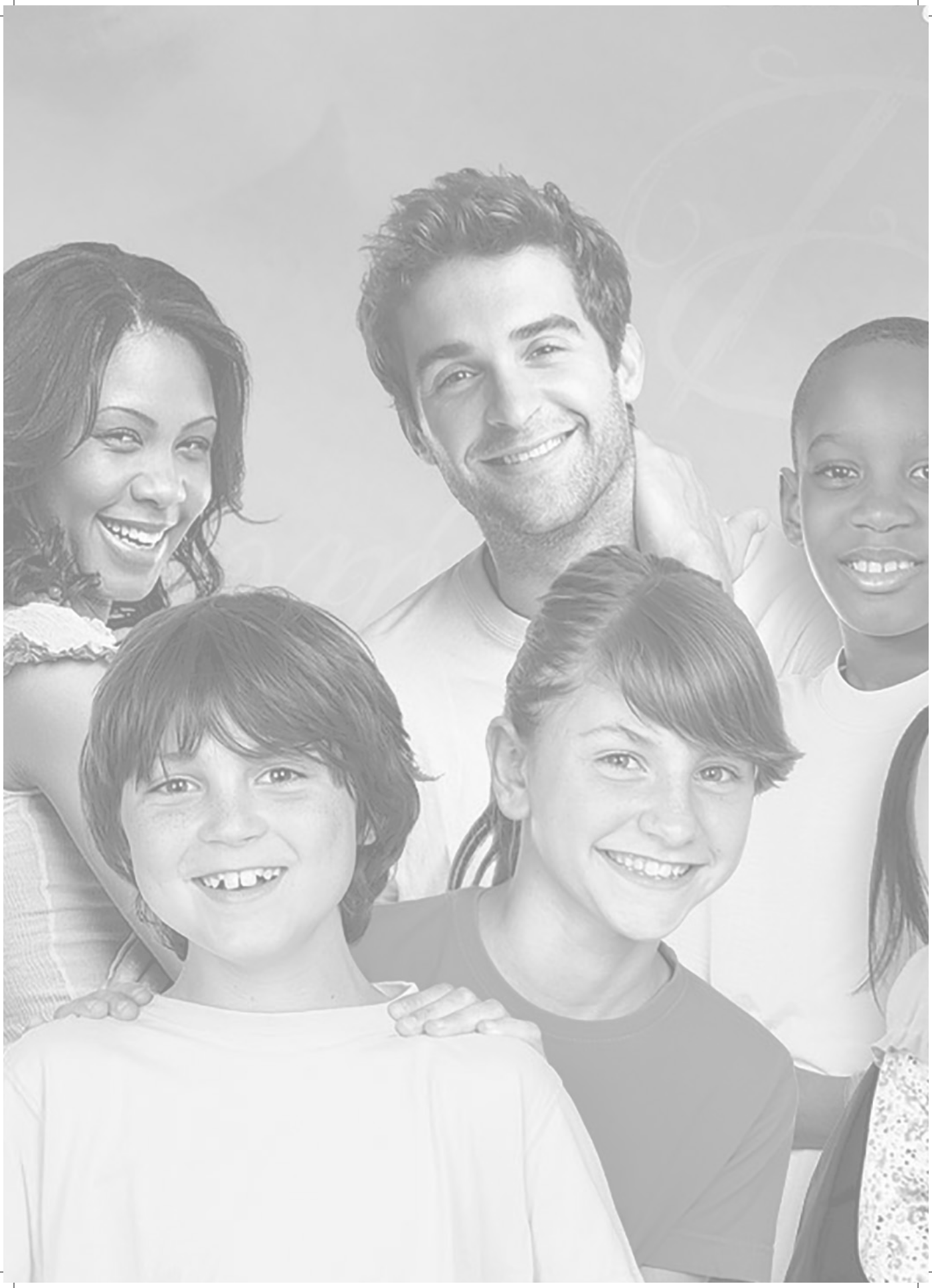
12. JUVENTUDES E O CARISMA SALESIANO, Ir. Solange Sanches, FMA e P. José Ricardo Mole, SBD 216
Um pouco da realidade 216
As juventudes 217
O Carisma Salesiano 218
Referências bibliográficas 220

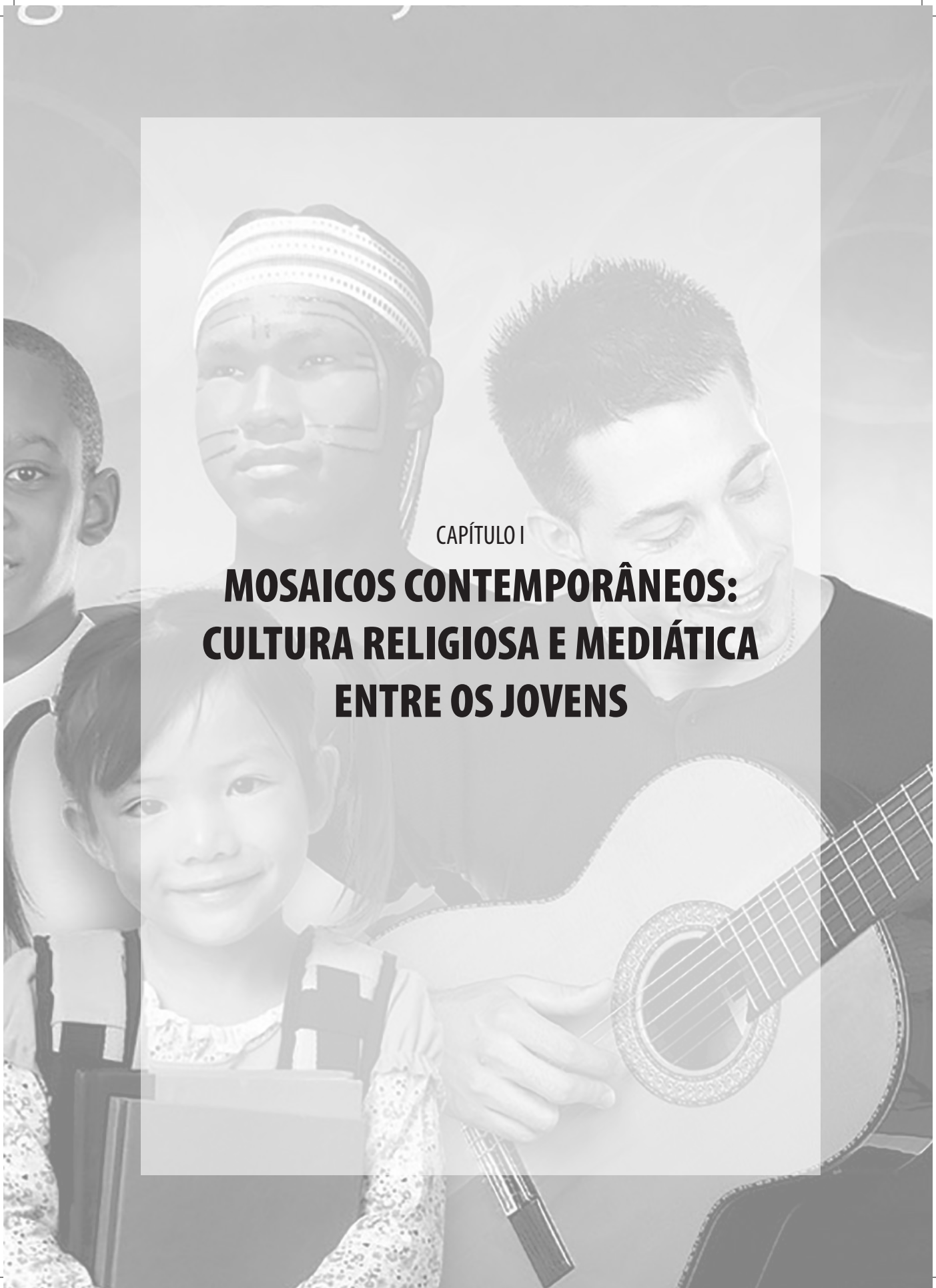
13. JUVENTUDES E FAMÍLIA, Ir. Cecília de Castro Gomes, FMA 221
Referências bibliográficas 225

14. JUVENTUDES e VOLUNTARIADO, P. Antônio de Assis Ribeiro, SDB (Pe Bira) 226
Introdução 226
1. Processo de mudança cultural 227
2. A complexa e contraditória realidade juvenil 227
3. A definição do voluntariado e seus pressupostos 228
4. A significatividade do voluntariado e o dinamismo juvenil 229
4.1. O voluntariado como manifestação de maturidade juvenil 229
4.2. O voluntariado como descoberta da alteridade 230
4.3. O voluntariado como compaixão e solidariedade 230
4.4. O voluntariado como senso de corresponsabilidade social 231
4.5. O voluntariado como experiência educativa 231
4.6. O voluntariado como experiência espiritual 232
4.7. O voluntariado como projeto de vida 232
5. Condições fundamentais para a experiência do voluntariado 234
5.1. Necessidades requeridas do candidato 234
5.2. Necessidades requeridas de quem envia 235
5.3. Necessidades requeridas de quem acolhe 235
6. Algumas notas características do voluntariado juvenil salesiano 236
Conclusão 237
Referências bibliográficas 238

15. JUVENTUDES E PROJETO PESSOAL DE VIDA, Ir. Raquielle Cassemiro, FMA 240
Referências bibliográficas 244

16. TECNOLOGIA, SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E PASTORAL 245





CAPÍTULO I

MOSAICOS CONTEMPORÂNEOS: CULTURA RELIGIOSA E MEDIÁTICA ENTRE OS JOVENS

MOSAICOS CONTEMPORÂNEOS: CULTURA RELIGIOSA E MEDIÁTICA ENTRE OS JOVENS

Sílvia Regina Alves Fernandes[1]

Atualmente, a abordagem sobre a diversidade sociocultural brasileira não pode prescindir de ao menos dois aspectos: a dinâmica do campo religioso e as mudanças na cultura midiática, estimuladas essencialmente pelas novas mídias e formas de acesso ao tão controverso universo digital. Em relação ao primeiro tema, as ciências sociais têm investido fortemente, explorando as transformações na tradição cristã com forte impacto sobre o catolicismo. Quanto ao segundo, a ampliação do acesso às novas mídias e tecnologias de comunicação tem alterado de forma rápida e irreversível as relações sociais entre os diferentes estratos da população brasileira. Por um lado, esse tipo de expansão pode ser interpretado como um indicador de progresso e desenvolvimento ou da participação efetiva do país na era da globalização cultural; por outro, surge como um lobo ameaçador que rompe cercas que demarcavam claramente as fronteiras entre o que se compreende como espaço público e privado, além de pautar desafios nos campos educacionais e familiares. A mensuração da amplitude e das esferas potenciais de impacto dessa mudança ainda está sendo analisada e certamente exigirá esforço investigativo nos próximos anos.

Neste texto, pretendo abordar esses dois campos de modo articulado, pensando especificamente na relação das mudanças em foco junto aos jovens brasileiros, notadamente na faixa etária de 16 aos 25 anos, e nos desafios que os educadores têm em mãos diante dessas novas configurações.

No que concerne às religiões e expressões religiosas, as mudanças colocam em xeque noções de tolerância e reconhecimento; formação de identidades coletivas e individuais e o papel das instituições matrizes nos processos de socialização da juventude. Quanto à cultura midiática, estão em pauta novas formas de aprendizado e assimilação da informação, além de alterações nos hábitos que perpassam desde

1 Socióloga, Professora da UFRRJ/PPGCS, Pesquisadora Sênior CAPES – 2013-2014 – Universidade da Flórida. Email: fernandes.silv@gmail.com. Agradeço o apoio recebido pela CAPES, no período pós-doutoral, que viabilizou o levantamento de dados para a produção deste texto.

a esfera do consumo até o lazer; as dimensões de produção do conhecimento e as concepções de cidadania.

Movimentos religiosos e culturais em mutação – religião em xeque[2].

O fenômeno da mobilidade religiosa, que implica na circulação dos indivíduos por várias denominações, tem sido um rico campo de investigação sociológica e antropológica nos últimos anos. É fato que vários fatores incidem na mobilidade religiosa, como processos de migração, mudanças na representação dos conteúdos e das práticas religiosas e até mesmo as condições de adesão institucional que podem chegar a processos mais agudos de abandono das instituições religiosas (Fernandes, 2006; 2009; 2014). Com efeito, se por um lado, o trânsito religioso sugere a existência de uma atitude de busca e experimentação, por outro, reforça a fragilidade no que se refere às religiões instituídas e seu poder de atração numa sociedade que passa a compreender a esfera religiosa como uma a mais num universo fortemente competitivo e plural.

O caráter mais frouxo dos vínculos religiosos dos indivíduos com determinadas instituições de referência sugere que as religiões, tais como as conhecemos, estão sendo reparametrizadas, questionadas ou ressignificadas. Nesse cenário fica evidente ainda que fenômenos e experiências religiosas aos quais pode ser atribuído o estatuto de religiosidade são elevados a experiências da ordem do dia. Desse modo, a religiosidade pode ser compreendida como um grande guarda-chuva que abarca a religião, mas a ultrapassa em um movimento múltiplo, aparentemente desconexo para as instituições religiosas, sobretudo de matriz cristã, tradicionalmente consideradas como religiões de salvação.

A religião pode ser definida como uma forma de associação, uma matriz a partir da qual emergirão todas as outras formas simbólicas. Haveria um vácuo no que se refere à transcendência como tal, mas exatamente esse vácuo confirmaria a "presença na ausência" como a falta Lacaniana, fornecendo as condições subjetivas necessárias à manutenção da religiosidade. A religiosidade implica em uma atitude espiritual que busca Deus e unifica o mundo, além de conectar experiências empíricas a algo mais profundo que as transcende. A considerar a perspectiva Simmeliana, a religião aparece então como uma forma cujos conteúdos supõem a religiosidade (Simmel, 2009).

Discutir a questão das mudanças do campo religioso brasileiro significa considerar o mosaico de um conjunto de expressões, ligadas ou não a uma instituição de

2 Parte da discussão dessa seção foi apresentada em outro trabalho (Fernandes, 2012).

referência, mas que ainda assim se compreende como religioso. Mas, sobretudo, significa considerar a diversidade daquelas instituições que basicamente dominam a cena brasileira por meio dos canais de TV, estações de rádio e, nos últimos anos, dos diversos canais, páginas e *blogs* na internet, além da política. Temos, nesse caso, um campo diverso na tradição cristã, seja no catolicismo, seja no pentecostalismo e neopentecostalismo que permanecem se apropriando das novas possibilidades de conversão e interação com os potenciais adeptos por vias institucionais, locais ou virtuais.

Para além dessas tradições, também é comum o debate sobre os chamados "novos movimentos religiosos", que estariam referidos às múltiplas formas de associação dos indivíduos fora de eixos tradicionais de vínculos. Esses movimentos ou tendências são denominados novos enquanto grupos que emergem, mas não enquanto conduta dos grupos humanos diante do mistério da vida ou do supramundano. Dito de outro modo, todas as épocas conheceram a emergência de novos movimentos religiosos e muitos passaram a integrar instituições como foi o caso do franciscanismo na Idade Média. Cumpre conhecer essas expressões e eventualmente as novidades que podem trazer a um dado contexto histórico.

Parece claro que está contido nesse sistema de conceituação do binômio religião-religiosidade uma perspectiva de ruptura ou de escoamento de substâncias que ultrapassam uma dada estrutura ou sistema religioso formado por tradições e culturas. Isso se aplicaria tanto a sociedades primitivas quanto a sociedades complexas. Segundo Marcelo Camurça (2008), na sociologia da religião, o conceito "novos movimentos religiosos" – NMRs começa a ser formulado na década de 1970 por sociólogos da religião que se preocupam com grupos rotulados como seitas e que estariam, de algum modo, envolvidos em controvérsias com a opinião pública, Estado e poderes públicos. (Camurça 2008), como por exemplo, os "meninos de Deus (Califórnia/EUA); os Hare Krishna; a cientologia (Nebraska/EUA) ou a Igreja da unificação, do Reverendo Moon (Coreia do Sul). O termo teria como principal objetivo fazer referência a grupos religiosos, éticos ou espirituais que não estão integrados a religiões existentes; além disso, o termo visa substituir a palavra "seita" desde a década de 1980. Para Ari Oro (1996), esses movimentos são considerados novos pela presença no campo religioso ocidental cuja predominância se expressa pelo cristianismo.

Por outro lado, segundo Camurça, há movimentos que podem ser considerados novos, embora pertençam a religiões estabelecidas. Na América Latina, tanto o neopentecostalismo quanto o carismatismo católico ou ainda a proposta do ecumenismo integral podem ser pensados dentro do contexto de expansão e consolidação dos novos movimentos religiosos, como afirmamos anteriormente, seguindo uma linha de diversificação em um universo tradicionalmente conhecido.

Alguns estudiosos conceituam os novos movimentos religiosos como grupos ou movimentos que teriam emergido no pós-segunda guerra mundial proeminentes, sobretudo das sociedades ocidentais nos anos de 1960 e início de 1970. Nessa direção busca-se compreender o que os NMRs teriam de engajamento com as sociedades modernas. Muitos deles nascem a partir de lideranças fortes que estabelecem fronteiras rígidas entre eles mesmos e a sociedade e possuem um conjunto de crenças e ensinamentos formulados por tal liderança (Woodhead, et. al. 2002).

A inexistência do consenso conceitual por si só expressa a complexidade do fenômeno e reforça a importância de caracterização e compreensão das manifestações humanas às quais podem ser atribuídas as noções de religiosidades. Os novos movimentos religiosos nos ajudam, portanto, a pensar nessa direção seguindo a tentativa de tipificação de Camurça (2008). Para o autor, ao menos duas vertentes são complementares quando o tema refere-se aos novos movimentos religiosos: 1. O *boom* de elementos sagrados e mágicos nesse começo de era: rituais xamânicos; utilização de objetos dotados de poderes (cristais, pirâmides, pêndulos); primado do *self*. 2. A centralidade do indivíduo e a formatação de uma lógica pessoal na vivência de religiões instituídas.

O primeiro caso alude a uma espécie de religiosidade manifesta a partir de tradições milenares que viram seus elementos constituintes serem reinventados. É o caso específico do uso que é feito na contemporaneidade dos incensos, florais, uso de runas etc. Esses objetos e práticas milenares se fortaleceram a partir da globalização cultural e do acesso às novas tecnologias de comunicação cuja dinâmica da internet tende a ampliar. No segundo caso, as religiões instituídas passam a lidar de modo mais intenso com os arranjos que os indivíduos realizam a partir dos recursos e aparatos por elas oferecidos, mas que subvertem uma ideia de adequação entre prática, crença religiosa e prescrições. Na verdade, todas as religiões convivem com um *refresh* provocado pela centralidade que o indivíduo adquiriu nos tempos atuais. Mas insistimos no fato de que a gramática de constituição das religiões comportou, em tempos diversos, muitas revoltas, rupturas e reinvenções. A própria história do cristianismo revela essa dinâmica e faz com que o olhar contemporâneo para tais expressões não deva estranhar tanto a sua emergência, mas sim caracterizá-la a partir dos contextos. Assim, numa tentativa de caracterizar a religiosidade a partir da experiência dos novos movimentos religiosos há que se levar em conta algumas de suas manifestações fundamentais: 1) A privatização do sagrado, suficientemente estudada a partir dos trabalhos de Peter Berger (1999); 2) O trânsito religioso que comporta a circulação dos indivíduos entre sistemas e crenças; 3) A ampliação ou o deslocamento do sagrado conforme a perspectiva de Daniele Hervieu-Léger (1997)

situa uma espécie de "religioso flutuante"; 4) O forte acento na dimensão emocional onde ganham relevo a experiência pessoal e as manifestações sensíveis (lágrimas, transe, êxtase etc.); 5) A dimensão considerada globalizante da experiência manifesta, sobretudo no movimento *New Age* que supõe integração com o cosmo e a natureza; 6) Desconfiança e rejeição a doutrinas estabelecidas e criação de novas doutrinas.

Esse elenco de características vem sendo analisado sob chaves teóricas que se complementam e se interpelam simultaneamente. Podemos notar inicialmente a existência de uma espécie de tensão interpretativa entre: secularização x reencantamento. Mas a essa tensão é necessário agregar a possibilidade analítica de ser a própria secularização o vetor do que tem sido denominado de ressurgimento do sagrado ou reencantamento, como bem argumentou Antonio Flavio Pierucci (1997; 2003). No caso brasileiro, é importante considerar os campos do tecido social em que a secularização é evidente, como o caso da cultura midiática ou ainda na esfera do consumo. Mas mesmo nesses campos, o elemento religioso pode adentrar e reformatá-los, combinando fluidez; demarcação de identidades e propostas proselitistas que visam à conversão. Nessa direção precisamos lembrar as lições de Max Weber (1982 [1946]) sobre as religiões substitutivas como a ciência, a arte, o erotismo que não fazem referência a deuses em contexto de modernidade. Para o autor, a secularização pode ser entendida como um prolongamento da racionalização, processo irreversível no ocidente e que lançou os indivíduos no questionamento das instituições e na reconfiguração permanente das identidades individuais e coletivas.

Não obstante a mudança de *status* de instituições seculares, como a Igreja Católica na sociedade brasileira, é fato que a dimensão religiosa, em função de nosso processo colonizador sincrético, funciona como um agente regulador no campo ético, afetivo, profissional, dentre outros, podendo, inclusive, orientar políticas institucionais, ações da sociedade civil e práticas sociais em esfera privada, como por exemplo, a família. O debate acima circunscrito coloca para os analistas da situação sociorreligiosa brasileira um desafio importante que é o de contemporizar as faces da secularização em contexto de mobilidade religiosa. O trânsito de pessoas por diferentes tradições religiosas, em geral, oriundas do universo cristão e a composição de arranjos religiosos impensados pode ser pensado a partir dessa chave. Nesse caso, teremos uma natural conjugação de símbolos e crenças religiosas de universos díspares e aparentemente desconexos como a mulher católica carismática que usa o pêndulo em sua culinária para identificar o tempero da comida (Fernandes, 2009) ou ainda os *rappers* que inserem numa letra de música trechos bíblicos e a crítica política (Novaes, 2012). Trata-se, portanto, de uma porosidade de fronteiras que desafia nossas interpretações, mas que pode se consolidar por motivos muito pragmáticos, conjugados com demandas subjetivas e consideradas espirituais por aqueles que as experimentam.

Jovens, religiosidades e religião

É interessante notar ainda que, se observado especificamente o segmento juvenil, o tema ganha novas nuances uma vez que o declínio relativo histórico do catolicismo tem na juventude o seu principal desafio. Com efeito, quando se analisa especificamente este segmento, muitas questões sobre a religião instituída voltam a ecoar. Os jovens – considerando-se a heterogeneidade do segmento – têm questionado alguns sistemas religiosos ao mesmo tempo em que se identificado com outros ou ainda, reproduzindo novos extremismos. Exemplos desse tipo podem ser vistos nos Gladiadores do Altar, projeto da Igreja Universal que convoca jovens para formação de uma espécie de exército de conversão. No catolicismo também há experiências semelhantes, guardadas as diferenças de estilo e recrutamento, como os Arautos do Evangelho[3]. Enquanto esses tipos de experiências religiosas tendem a ser encarados como radicais, eles têm ocorrido paralelamente a um campo mais flexível de adesão ou experimentação do religioso entre os jovens ou até mesmo paralelamente a posições mais céticas ou religiosamente desinstitucionalizadas.

Algumas perguntas inquietam os pesquisadores. Uma delas diz respeito à transferência intergeracional do catolicismo, ou seja, a questão da herança religiosa transmitida dos pais para os filhos. Em tempos de trânsito religioso (Fernandes, 2006; Almeida, 2004), supõe-se a existência de baixa capacidade atrativa de uma religião que atravesse gerações guardando a tradição e seus rituais. Segundo Regina Novaes e Cecília Mello (2002), os jovens dessa geração escolhem sua religião em um universo que se torna cada vez mais plural e competitivo. Para as autoras, o índice de 50% de jovens que aderem a uma religião em função da influência da família já revela mudanças importantes no processo de transferência intergeracional. Outros estudos – focados em jovens universitários – indicaram que, onde há uma continuidade na definição religiosa dos mesmos em relação à religião praticada por seus pais, ocorre, de modo simultâneo, uma opção voluntária no sentido de confirmação de uma religião herdada. (Camurça, 2001).

Se observados atentamente a partir de suas formas inovadoras de comportar o religioso sem a religião instituída; de defender o cultivo de um determinado tipo de espiritualidade e conjugá-lo a outros de natureza quase secular e, portanto, curiosamente holística[4], verifica-se que são os jovens que delineiam o "caminho das pedras" na compreensão dos novos rumos da religião na contemporaneidade.

3 Confira a página onde se pode conhecer um pouco da história da Associação de Fiéis presente em 78 países: http://www.arautos.org/view/show/341-arautos-do-evangelho. Acesso em 10 de março de 2015.

4 Penso especificamente nos jovens que cultuam a natureza e desenvolvem rituais de espiritualidade a partir do abraço a árvores ou prática correlatas, podendo ou não pertencer ao Taoísmo, uma vez que esta prática é denominada *Chi Kung* da árvore e consiste na meditação e cultivo de serenidade.

Em estudo com jovens universitários na Flórida, EUA, pude observar a presença de forte pietismo, adesão às normas institucionais e ainda atitudes humanísticas e solidárias por parte de jovens católicos. Ansiosos por saírem em missão para países da África, muitos estavam empenhados em disseminar o valor de sua crença e ações beneficentes junto aos seus pares não religiosos no ambiente acadêmico e secular, propagando os valores do cristianismo por meio de várias ações religiosas no campus. Experiências semelhantes podem ser vistas com jovens religiosos nas Universidades brasileiras, o que ilustra nosso mosaico com cores culturais distintas e, ao mesmo tempo, harmonizadas.

Essa complexidade do cenário aqui brevemente descrito nos conduz à síntese de algumas tendências gerais que podem ser lidas com impactos da imbricação entre religião e religiosidade. Sob o ponto de vista do indivíduo, é possível observar o que já foi comentado por inúmeros pesquisadores: desinstitucionalização, experimentação, reconfiguração da pertença, reforço da fé e conversão. Não obstante a religiosidade de muitos jovens, cada vez mais a religião enquanto lugar seguro de "parada" do indivíduo é colocada em xeque, o que não significa considerar que a tradição que a constitui não possua um lugar relevante até mesmo na composição das religiosidades que emergem a partir desse aparato. Essa reconfiguração da pertença pode ser lida em associação direta com a ordem do cotidiano em que os dilemas e as alegrias da vida das pessoas são fatores propiciadores de novos vínculos e composições religiosas e seculares; eletivas e abertas.

Com efeito, se a lente de análise se volta para o lugar das instituições religiosas, sobretudo as de origem cristã, o que temos é a formulação de passos estratégicos fortemente marcados pela ideia de missão e pelo desenho de métodos de acesso aos indivíduos circulantes. A Igreja Católica, por exemplo, possui uma crônica preocupação com a missão e evangelização e percebe a juventude como um segmento importante a ser atraído. Desse modo, vem organizando, com êxito, as Jornadas da Juventude com relativa capacidade de atração de milhares de jovens de todo o mundo e, de certo modo, funcionando como um campo temático agregador da juventude católica.

A última Jornada, realizada no Rio de Janeiro, reuniu cerca de três milhões de jovens no estado que possui a menor proporção de católicos em todo o país (45,8%). Enquanto no Brasil há 10,1% de jovens sem religião na faixa etária de 15 a 29 anos, no estado do Rio os números para esse segmento chegam a 19,8%. Por sua vez, os jovens católicos no Rio (63,4%) acompanham de perto a taxa da população católica (64,6%). Não obstante essa realidade, as pesquisas qualitativas e quantitativas (Fer-

nandes, 2011) têm demonstrado a intensidade e naturalidade dos novos conteúdos de formulação sincrética que irão tornar ainda mais desafiador o estudo da religião e de seus componentes na sociedade moderna. Tenho sugerido que a dinâmica urbana e os processos de mobilidade humana podem ajudar a compreender essas mudanças que irão conjugar as alterações de ordem subjetiva com outras de natureza pragmática onde nem os conteúdos dos sistemas religiosos estariam necessariamente em xeque e nem a ação individual partiria de uma reflexividade necessária sobre a componente religiosa. Religião e religiosidades no Brasil e em muitas sociedades latino-americanas contemporâneas são, portanto, narrativas complementares que extravasam o universo das lideranças e produtores do sagrado e adentram no cotidiano, desafiando as instituições, sem colocar necessariamente um problema existencial para quem as vive.

Conexões e universos digitais entre os jovens

Nos últimos anos, o Brasil vem ampliando o acesso da população a um conjunto de bens sociais, dentre eles, a internet. Um estudo recente mostra os seguintes dados sobre a questão da mídia no país: 48% da população tem acesso à internet, o que mostra haver ainda um vasto campo de inclusão digital a ser superado. Dentre os que acessam a internet, a grande maioria (76%) declarou um tempo médio de conexão de cinco horas por dia; uma minoria está usando a tecnologia para se envolver em participação cívica ou para comunicar o seu ponto de vista a um público mais amplo; há desconfiança das novas mídias: *blogs*, redes sociais e *sites* recebem cerca de 70% de índice de desconfiança[5].

Entre os jovens de 16 a 25 anos, há uma alta proporção dos que acessam a internet todos os dias, chegando a 65%. Embora nem todas as questões relativas ao uso da internet estejam disponibilizadas por faixa etária, chama a atenção na pesquisa o fato de que há um claro abismo no acesso à rede, a depender do estrato social. Os dados gerais mostram que os principais motivos para o acesso à rede são o entretenimento e a busca de notícias (67% respectivamente), mas entre os que não a acessam, a principal justificativa é a falta de interesse e a inabilidade com o computador, sobretudo entre os informantes mais idosos e com menor escolaridade.

---

5 Confira o documento na íntegra: SECOM – Pesquisa Brasileira de Mídia, 2015 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira. Disponível em: http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2015.

Embora, sem sombra de dúvida, as novas mídias alterem de modo determinante a cultura e o olhar dos indivíduos sobre ela, é preciso enfatizar que cerca de 40% dos brasileiros ainda estão longe do universo digital, permanecendo conectados com veículos tradicionais como a TV e o rádio. Por outro lado, entre os jovens de camada média, o universo das mídias digitais é cada vez mais compartilhado, favorecendo diferentes tipos de sociabilidade e configurações de lazer, encontros, estudos e interações.

A visão mais corrente sobre os impactos das novas tecnologias e universo digital sobre as juventudes apregoa seus malefícios. Esses meios teriam o poder de corromper as mentes juvenis ou suscitar uma lista extensa de outros males, tais como a obesidade infanto-juvenil, dificuldades de concentração ou até mesmo a sedimentação de relações sociais superficiais (Buckingan, 2008). Contudo, alguns teóricos demarcam uma visão contrária, entendendo que as novas mídias e tecnologias, longe de corromper os jovens, os tornariam mais abertos, democráticos e criativos, quando comparados à geração de seus pais. Assim, autores como Marc Prensky (2006) defendem que há uma série de preconceitos, em geral dos adultos que ele denomina de "imigrantes digitais", sobre os "nativos digitais". Enquanto os primeiros tenderiam a ter dificuldades com os novos meios, os segundos desenvolveriam naturalmente habilidades e desenvoltura no manejo com as novas tecnologias e ambientes digitais. Prensky, um defensor das novas mídias, analisa que os nativos digitais valorizam a imagem, a interatividade e operam numa "velocidade da contração muscular" na medida em que reproduzem o que seria a lógica dos *videogames*. Desse modo, argumenta o autor, essa geração sente-se insatisfeita com o estilo de ensino e aprendizagem dos adultos que oferecem uma lógica do passo a passo. Esses jovens tenderiam, portanto, a não se identificar com os termos e a linguagem dos "imigrantes digitais", seus pais são vistos como tecnofóbicos, ao passo que os nativos digitais possuem uma relação intuitiva e espontânea com as novas tecnologias e mídias.

Essa perspectiva coloca os aparatos digitais em uma outra perspectiva, assumindo que eles criaram novas formas de comunicação e interação social e produziram novas formas de aprendizado lúdico gerando, inclusive, uma necessária relação menos diretiva do professor com o aluno, no caso das salas de aula. A lente dessa abordagem é visivelmente mais positiva e otimista na medida em que defende novas formas de aprendizado e modos de apreender o conhecimento.

Por outro lado, sabemos que, no Brasil, mesmo o uso dos computadores nas escolas ainda recebe alguma crítica por produzir um tipo de satisfação imediata notadamente incompatível com a paciência exigida para um processo de aprendizado

que se considere autêntico. Essa visão, mais nostálgica, defende uma abordagem tradicional de ensino que inclui concentração dirigida, uso de textos impressos, livros e modos de aprendizagem considerados mais legítimos por uma dada geração.

As interações cotidianas no uso e desenvolvimento da cultura digital funcionam por experimentação e erro; apropriação de novas linguagens e formas de comportamento. Essa dinâmica pode ser pensada como o aprendizado informal, mas é inegável que os cursos *online* muitas vezes ainda apresentam uma estrutura de sala de aula que tende a reproduzir a estrutura professor-aluno nos moldes tradicionais; assim como determinados canais de TV religiosa, sobretudo no catolicismo, reproduzem o jeito de leitura de rádio (Fernandes; Pitta 2002).

No ambiente da internet, os jovens aprendem por experimentação, teste, erros e acertos e adquirem um certo senso de suas identidades como aprendizes. As comunidades virtuais mostram como isso acontece quando alguém lança uma pergunta ou dúvida sobre um dado equipamento ou sobre uma questão da língua nativa ou outras linguagens e os demais internautas interagem dando um passo a passo para a solução do problema ou simplesmente compartilhando o caminho trilhado que não teria eventualmente alcançado o sucesso esperado.

Sandra Weber e Claudia Mitchell (2008) lembram que as novas gerações digitais promovem uma ruptura com a ideia de produtores e consumidores. Os jovens consomem e produzem imagens, linguagens, discursos, muitas vezes de modo simultâneo, o que colocará em xeque a possibilidade de vê-los como passivos e ideologicamente colonizados por uma lógica "massificadora" da sociedade de consumo. As autoras analisam alguns casos em países como Estados Unidos, Canadá e África do Sul de jovens que usam o *Myspace*, um tipo de rede social que não faz tanto sucesso no Brasil; o uso do celular, as fotografias de quartos de adolescentes e a construção de vídeos que visam apresentar causas comuns que demandam engajamento e solidariedade, como o caso do combate ao HIV e ao estupro de meninas entre jovens rurais na África do Sul. O acesso às tecnologias aparece, segundo as autoras, como um recurso crítico de aprendizagem que, em alguns casos, envolve orientação dos adultos, como *workshops* para produção de vídeos etc., e através desses meios os jovens estão ativamente envolvidos com o mundo. Eles não apenas produzem esses vídeos e páginas adquirindo habilidades técnicas, como aprendem a criar e criticar, desenvolvem seu próprio senso de estética e de aprendizagem, definem seus objetivos. Além disso, o estudo mostrou que, em alguns desses casos, os jovens demandaram os adultos para provimento de informações ou conhecimento de determinadas técnicas, o que demonstraria que talvez o fosso interacional entre os nativos digitais

e os imigrantes digitais, nos termos de Prensky, não seja tão agudo e essa relação possa ser mais dialeticamente pensada, sem a ingênua noção de ruptura geracional.

Assim, se por um lado tendemos a exaltar os malefícios da cultura midiática e digital que se expande por meio das novas tecnologias, as perspectivas aqui apresentadas soam como uma convocação ao deslocamento analítico frente às novas configurações de identidades juvenis que se formatam e reformatam a partir desses ambientes. Naturalmente, esse campo merece muita atenção, tendo em vista a sua potencial expansão e a novidade que apresenta para uma sociedade que se moderniza rapidamente e que naturalmente carrega um conjunto de contradições nesse processo.

Pensar as dinâmicas do que estamos denominando cultura midiática e religiosa, entre os jovens, pode nos dar uma chave importante de análise para a compreensão de uma série de questões sociais que vimos presenciando juntamente aos segmentos juvenis, seja no campo da política, da família ou outros.

Para continuar o debate...

De que forma podemos pensar esses dois grandes temas aqui esboçados como chaves para compreender algumas mudanças culturais em curso no Brasil e como elas se articulam? As transformações do campo religioso estão marcadas pela expansão e pluralismo que produz expressões religiosas criativas e impensadas. De modo similar, a cultura midiática, por meio das novas tecnologias, fomenta a criatividade, a velocidade e vocaliza uma pluralidade de informações que espiralam gerando diferentes sensações, adesões e configurações de identidade. Esses efeitos tendem a atingir com mais ênfase os segmentos juvenis, tendo em vista sua maior ambientação na cultura midiática. Mas eles não apenas experimentam tais efeitos como os produzem, o que abre questionamentos sobre as visões que percebem os jovens como passivos em um processo avassalador de massificação midiática. Quando falamos em aprendizagem, educação e desenvolvimento humano, é comum que tenhamos em mente esses segmentos, inseridos em ambientes culturais, virtuais e espaciais diferenciados. A mobilidade religiosa, o ceticismo, a experimentação e adesão a novas correntes e propostas religiosas fazem parte, a meu ver, de um novo campo de interações constituído por identidades em bricolagem, fomentando uma construção ativa que lança fragmentos de si e interage com as informações disponibilizadas por outros agentes sociais, cujos interesses são, do mesmo modo, multifacetados e dialéticos. A ideia de identidades juvenis em bricolagem, para usar um termo usual na

antropologia, supõe compreender tanto as escolhas religiosas quanto as formas de interação social como práticas sociais abarcadas pelo improviso, pelo aprendizado com os pares, pela construção consultiva de interesses – como os que criam páginas pessoais e demandam a opinião dos amigos – pela experimentação, erro, acerto e reinvenção de um mosaico irregular e heterogêneo por natureza.

As identidades juvenis que se configuram em nossa época não são necessariamente totalidades consolidadas em termos de valores, escolhas e modos de cognição, mas antes são formadas por dinâmicas construídas na ação interativa a partir de materiais que se encontram à mão (celular, *tablet*, máquina de fotografia, computadores, fotos, imagens, *blogs*, perfis públicos etc.). Ideias antigas podem ser incorporadas, assim como podem surgir elementos inteiramente novos nesse processo que, obviamente, desafia as formas de interação sociais tradicionais. Como exemplo, o telefone passou a ser obsoleto entre nós, assim como os celulares têm na comunicação oral a sua mais restrita função.

Os jovens da nova cultura religiosa e midiática também experimentam alterações constantes nos modos como veem a si mesmos e aos outros e no ato de escolher cotidianamente a linguagem, a imagem, o texto e os temas com os quais querem interagir e elaborar os seus perfis públicos, sejam eles reais ou virtuais. Se essa dimensão mutante e instantânea pode soar assustadora às mentes mais conservadoras, é simultaneamente um rico laboratório para novas experimentações institucionais e contestam formas tradicionais de autoridade, clicando, postando e enviando mensagens, em geral breves, mas claras e objetivas. Eles podem ser totalmente céticos no campo religioso ou muito religiosos no campo virtual, criando ou curtindo páginas religiosas; assistindo canais religiosos ou críticos às religiões; estabelecendo suas religiosidades espontâneas e muitas vezes instantâneas, apreendida também por experimentação, investimento, erro e adesão. Tudo compõe um novo texto da sociabilidade juvenil que ainda estamos decodificando, mas a abertura a ele já se consolida, a meu ver, como um excelente *input*.

Referências bibliográficas

BERGER, Peter. The desecularization of the world: a global overview**.** *The desecularization of the World: Resurgent Religion and World Politics,* Washington: ethics and public policy center. 1999.

BUCKINGHAM, David. "Introducing Identity." *Youth, Identity, and Digital Media*. Edited by David Buckingham. The John D; Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008.

CAMURÇA, Marcelo. Novos movimentos religiosos – entre o secular e o sagrado. In: Marcelo CAMURÇA. *Ciências Sociais e Ciências da religião: polêmicas e interlocuções*, 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. CAMURÇA, Marcelo A. "Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora - MG". *Debates do NER*, 2 (2): 37-64, 2001. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/2699/1340. Acesso 12/03/2012.

FERNANDES, Sílvia R. A. Religiosidades, trânsitos e permanências no século XXI – particularidades das novas gerações In: *Espiritualidades e Dinâmicas Sociais* – Memória--Prospectivas.1 ed. São Paulo: Paulinas, 2014, v.1, p. 81-109.

_____. Religião e religiosidades na contemporaneidade. In: *La teologia de la liberación en prospectiva* - tomo II.01 ed. Montevideo: Doble.clic. editoras, 2012, v.2, p. 59-68.

_____. *Novas Formas de Crer – católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades*. São Paulo: CERIS, 2009.

_____. (Org.) *Mudança de Religião no Brasil – desvendando sentidos e motivações*. Coleção Ceris. São Paulo: Palavra e Prece, 2006.

_____; PITTA, M. Meios de comunicação e religião. In: Luiz Alberto Gomes de Souza; Silvia R. A. Fernandes (Orgs.) *Desafios do catolicismo na cidade – pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. CERIS – São Paulo: Paulus, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da religião? *Religião e Sociedade*, 18 (1): 31-47, 1997.

NOVAES, Regina. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. Religião e Sociedade, 32 (1), 184-208, 2012.

NOVAES, Regina; MELLO, Camelo Cecília. "Jovens do Rio – circuitos, crenças e acessos". *Comunicações do Iser,* nº 57, ano 21, 2002.

ORO, Ari. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis, Vozes, 1996.

PRENSKY Marc, *Don't Bother Me, Mom—I'm Learning!* (St. Paul, MN: Paragon House, 2006).

PIERUCCI, Antonio Flavio. *O desencantamento do mundo* – todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, 2003.

_____. Reencantamento e dessecularização – a propósito do autoengano em sociologia da religião. *Novos Estudos Cebrap* (49) 99-117, 1997.

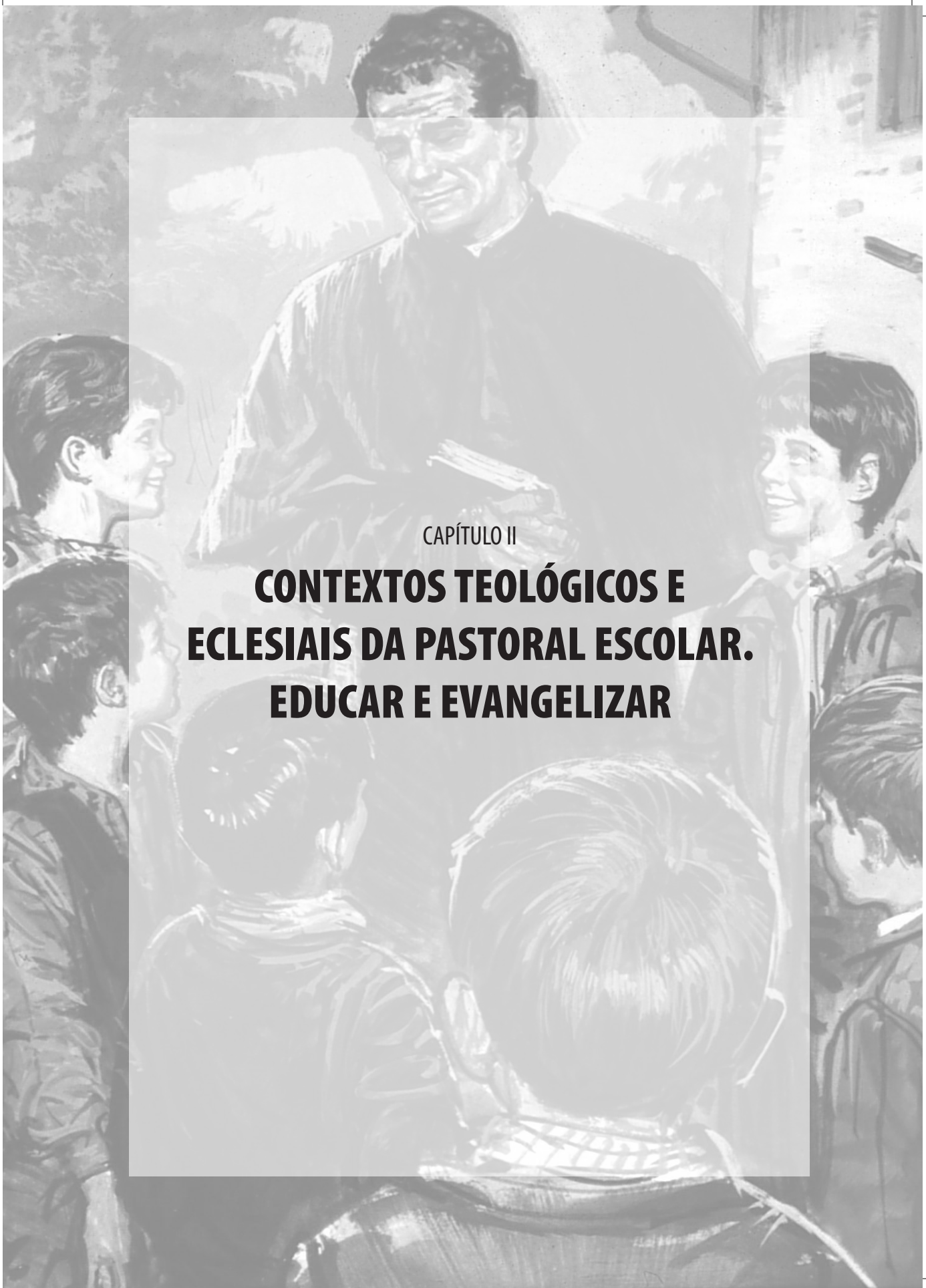
SIMMEL, George. *Religião ensaios* – vol. ½ . São Paulo: Olho D'água, 2009.

TAPSCOTT Don, *Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation*. New York: McGraw-Hill, 1998).

WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: *Ensaios de Sociologia.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982 [1946].

WEBER, Sandra; MITCHELL, Claudia. "Imagining, Keyboarding, and Posting Identities: Young People and NewMedia Technologies."*Youth, Identity, and Digital Media*. Ed. by David Buckingham. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008. 25-48.

WOODHEAD, Linda et. al. *Religions in the modern world*. New York: Routledge, 2002.



CAPÍTULO II

CONTEXTOS TEOLÓGICOS E ECLESIAIS DA PASTORAL ESCOLAR. EDUCAR E EVANGELIZAR

CONTEXTOS TEOLÓGICOS E ECLESIAIS DA PASTORAL ESCOLAR. EDUCAR E EVANGELIZAR

Márcio Fabri dos Anjos[1]

A *pastoral* é um termo aberto a vários usos e significados que foram sendo construídos em diferentes momentos da vida eclesial, conforme a variação de suas ênfases e concepções. Nem todos os usos e conceitos, que daí derivam, são válidos para todos os tempos e contextos. Por isso é preciso discernir e escolher o alcance a ser dado para este termo, especialmente quando se pretende com ele definir linhas de ação no âmbito escolar, em favor da evangelização no contexto da educação. A *evangelização*, fundamento da *pastoral*, é ao mesmo tempo outro termo carregado de variações históricas em suas ênfases e chega até nós com a necessidade de crítica e de atualização. Não é mera coincidência que o Concílio Vaticano II (1962-65) e a insistência do Magistério papal em nossos tempos têm ressaltado os vários aspectos da renovação desses conceitos e das práticas que se pretende animar.

Dentro deste quadro se torna necessário buscar os fundamentos teológicos de uma *pastoral escolar*, dentro dos contextos sociais e eclesiais em que vivemos. Trata-se de visitar criticamente alguns contextos de fundamentos teológicos e eclesiais para atualizar sua compreensão e tornar possível uma proposta igualmente atualizada de *pastoral escolar*. Iniciamos com as considerações em torno da evangelização, por encontrar em seu conceito os fundamentos teológicos inspiradores e indispensáveis para se propor adequadamente o conceito de pastoral. Vamos nos esforçar para não perder de vista o foco destas leituras voltado para o âmbito da educação escolar, e nesta base considerar aspectos mais especificamente voltados para a pastoral em tal ambiente.

1 Doutor em Teologia; licenciado em Filosofia; docente no Programa de doutorado em Bioética (C. Univ. São Camilo); professor de Teologia no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP).

Evangelizar: das tensões à renovação

A *evangelização* tem uma história que nasce diretamente das práticas e do ensino de Jesus. Pois, de fato, Jesus mesmo define sua missão como evangelizadora e a transmite a seus discípulos. Mas a compreensão e as práticas dos discípulos no desempenho desta missão se desdobram de formas bem complexas através da história. De um lado estão os testemunhos heroicos de missionários e de mártires trazendo frutos de dignidade e sentidos solidários na construção da vida, bem como instituições corajosas como as criativas iniciativas monacais de São Basílio em favor do povo, conhecidas por *Basilíadas*, nos primórdios da Idade Média. No outro lado extremo se encontram também injunções de poder sociopolítico que levam a confundir a evangelização com a imposição da fé cristã. "Curva a cabeça, Teutão, adora o que queimaste e queima o que adoraste", segundo as emblemáticas palavras de tempos carolíngios (séc. IX).

Não se trata aqui de repassar a história da evangelização. Mas é importante ressaltar que, em seu longo processo de virtudes e ambiguidades, ela chega aos nossos tempos com duas conotações a serem revistas para a renovação do direcionamento a lhe dar no âmbito escolar que visamos: a tendência mais ou menos explícita de impor a *identidade cristã católica* dentro da sociedade plural; e a consequente estratégia de conquistar espaços pela *consolidação de suas doutrinas, normas e rituais*. Resulta daí uma impressão de que *evangelizar* significaria na prática conquistar pessoas e espaços sociais para identidade cristã católica, através de meios adequados para isto, entre os quais a catequese e simbólicas rituais. Somada com os ingredientes dos interesses sociopolíticos, a evangelização na América Latina tem na sua história os estigmas de uma grande *conquista espiritual* impositiva e expansionista, apontados por estudos atuais.[2]

Mas isso não significa que tenha se perdido o Espírito da evangelização legado por Jesus. Os mesmos tempos coloniais de conquista abrigam vozes críticas a tal processo, e sinais concretos de práticas alternativas. A tensão desse processo persiste através dos tempos e permite exatamente amadurecer o grande esforço de renovação instaurado pelo Concílio Vaticano II, que torna coerente em nossos tempos falar de *nova evangelização*. Um exemplo destas "dores de parto", na expressão de São Paulo, pode ser lida nas duas fases da "Ação Católica", que se origina com fortes tendências de expansão, mas se abre à linguagem comunicativa do testemunho de vida.

2 SUESS, Paulo. *A Conquista espiritual da América Espanhola: 200 documentos - século XVI*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.

A renovação conciliar sobre a evangelização faz parte de um grande conjunto de elementos que representou uma radical mudança nos pressupostos hermenêuticos através dos quais compreendemos os mistérios da fé cristã e a nós próprios, seres humanos em tempos modernos. Além da *Gaudium et Spes*, em que se lançam grandes linhas para se entender o lugar e a ação pastoral da Igreja no mundo[3], o Concílio enfatizou a Educação[4] como desafio de extrema importância específica para sua presença evangelizadora no mundo; e um documento da Congregação para a Educação Católica reuniu a seguir linhas mais específicas para a renovação pastoral nesta área[5]. Aqui importa anotar como se lançou com isso a ingente tarefa de voltar às fontes e renovar a interpretação dos fundamentos da fé e suas exigências práticas em nossos dias, incluindo a preocupação com a Educação. É uma tarefa em andamento e se sabe o quanto é árduo aceitar mudanças de paradigmas e pressupostos sedimentados em nossos referenciais interpretativos. O Papa Francisco vem dando passos corajosos para levar adiante, com coerência, esta tarefa. Não cabe nesse texto expor a trajetória da renovação, mas crendo estar em sintonia com este processo renovador, assumimos uma forma mais propositiva, deixando os aprofundamentos para outros espaços.

Para fundamentar uma proposta teológica da pastoral escolar, como dissemos, é preciso visitar alguns fundamentos da evangelização. Sem perder o direcionamento para esse foco, vamos fazer uma breve seletiva a esse respeito. O mais comum nessa tarefa é começar por lugares explicitamente religiosos, como a Bíblia e o ensino da Igreja. Priorizam-se com isso os valores sistematizados pela fé, que certamente respondem às grandes questões da vida e salvação. Mas na pedagogia do aprendizado, as perguntas precedem as respostas; e isso pode ser sugestivo para pensar e propor a evangelização no ambiente escolar do ensino formal. Por isso iniciamos aqui com a dimensão antropológica, embora as propostas de compreensão do humano e suas relações já se apresentem incorporando as interpretações da antropologia teológica. Selecionamos quatro fundamentos que nos parecem merecer destaque, entre os muitos outros. Para facilitar a compreensão, eles estão formulados por afirmações, seguidas de breve comentário, como se vê a seguir.

3 CONCÍLIO VATICANO II. CONSTITUIÇÃO PASTORAL "GAUDIUM ET SPES", 1965.
4 CONCÍLIO VATICANO II. DECLARAÇÃO GRAVISSIMUM EDUCATIONIS, 1965.
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Pastoral da Educação – Reflexões e Organização, Texto Base, Brasília: CNBB, 2001.
5 CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. A Escola Católica, Vaticano: Vaticano, 1977.

Uma base: A reciprocidade essencial dos seres humanos

O ser humano está existencialmente marcado pela necessidade de sair de si, de modo comunicativo e solidário, sob pena de se autodestruir.

Esta percepção não tem sido nem longe um consenso na humanidade, e as tensões em torno da reciprocidade entre seres humanos persiste até hoje de forma tensa. Muitas culturas conseguiram vivenciar a reciprocidade na construção social interna de seus grupos, mas bem maior tem sido a dificuldade em reconhecê-la entre as diferentes etnias. Depois de longa história chega-se no Ocidente à Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Mas embora se estabeleçam marcos consensuados pelas nações, persistem as diferentes formas de discriminação até nossos dias e nos ambientes em que nós próprios frequentamos. Na contramão das práticas sociais, um grande número de filósofos modernos tem argumentado sobre as persistentes formas de necessitarmos existencialmente uns dos outros em nossas diferenças. Alguns, como E. Lévinas[6], consagrou a *alteridade* como uma exigência metafísica de sobrevivência do humano. Dominique Lécourt, filósofo francês sem apelo à fé religiosa, declara que "o respeito ao Outro é um valor absoluto, e não relativo. É até mesmo um valor ontológico, pois eu tenho necessidade do Outro para eu ser eu mesmo, e ele tem necessidade de mim para ser ele".[7] Estas tensões sociais e buscas teóricas sobre a reciprocidade humana constituem um contexto em que a antropologia teológica assume uma posição transversal a toda sua concepção de evangelização. Entende que a reciprocidade entre os seres humanos é uma marca existencial que deriva do *princípio criacional*, que ilumina a compreensão do humano e o dever ser de suas relações. Os seres humanos são entre si "carne da carne, ossos dos ossos", segundo a antológica expressão de Gênesis. Mais que explicar a reciprocidade de gêneros, este princípio refere o elo da inegável reciprocidade entre os seres humanos, não obstante suas diferenças. Este princípio se verifica com clareza nas formas de transmissão biológica e social da vida. Dependemos inevitavelmente uns dos outros não só para nascer, mas também para aprender e encontrar formas de manutenção e sobrevivência. A estrutura do ser humano o faz um ser de relações.

6 LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*: ensaio sobre a exterioridade. 3.ed. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

7 Kahn, A & Lecourt, D. *Bioética e Liberdade.* São Paulo*:* Ideias e Letras, 2006, p. 38.

Pluralismo Ético como espaço da Evangelização

> *A necessidade de sair de si se expressa historicamente em ambíguas formas construtivas e destrutivas, constituindo um pluralismo ético em meio ao qual se situa a qualidade da evangelização.*

A história do pensamento humano desde seus primórdios se depara com a diversidade contrapositiva entre os seres, provocando a experiência do mal e as questões sobre sua origem. Algumas religiões encontram respostas para esse problema fundamental na própria contraposição das divindades. A antropologia cristã se soma às concepções que interpretam a origem do mal na finitude humana dotada de livre-arbítrio, de onde decorre a condição não deliberada de estar exposto a adversidades, e a possibilidade de deliberar sobre ações propícias ou adversas aos processos de vida. No pensamento moderno ocidental, se ressalta hoje o reconhecimento do pluralismo ético a começar pelas interpretações de valores e critérios para a ação moral, e se estende ao pluralismo de posturas e comportamentos nas relações. Em tal contexto, se considera o respeito à autonomia das pessoas como uma base de capital importância ética; mas ao mesmo tempo se estabelece a exigência ética de tomar a defesa de sujeitos individuais ou grupais, expostos à vulnerabilidade nestas relações. A Bioética latino-americana tem sido particularmente contundente a este respeito[8]. O pensamento sociopolítico tem avançado nas análises das desigualdades e nas artimanhas com que elas se constroem socialmente no mundo e no Brasil[9]. Mas exatamente porque experimentamos a acentuada condição do pluralismo ético, esta tendência é uma corrente e não uma unanimidade.

A interrogação sobre as raízes do mal encontra na Bíblia, a partir do relato sobre o *pecado original*, um amplo desenvolvimento que coloca a evangelização numa encruzilhada dos caminhos, já lembrada em Dt 30,15-30: alguns levam para a vida e outros geram a morte. Diante desta encruzilhada, a antropologia teológica cristã identifica um convite, *vocação* de sabedoria para escolher e assumir os caminhos que levam para a justiça amorosa e solidária, em vez de entrar pela estrada da centralização egoística devastadora do outro. Este fundamento é um divisor de águas para a evangelização não simplesmente através de uma genérica escolha pelo caminho do bem, mas porque esta escolha gera três condições básicas:

8 Uma fonte rica e acessível: TEALDI, Juan Carlos (Dir.). Diccionario latinoamericano de bioética. Bogotá: UNESCO, Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética: Universidad Nacionalde Colombia, 2008. (Disponível PDF on line).
9 POCHMANN, Márcio. Desigualdade econômica no Brasil. São Paulo: Ideias e Letras, 2015.

• Escolher o caminho do bem em meio à condição pluralista da sociedade em sua diversidade de valores, de interpretações, de formas relacionais de ação;

• Discernir sobre as representações concretas de bem e mal, ou seja, as raízes e causas relacionadas à promoção do bem ou à geração da violência, sofrimento e morte nas relações.

• Ser ativa e não passiva ou conivente diante das tramas da devastação do outro nas relações, sejam microrrelações, sejam sistemas sociais que instalam uma desigualdade nefasta.

Para o ambiente escolar que lida diretamente com a educação cognitiva e integral, e se adentra em conhecimentos científicos, este desafio é um teste particular para revelar a qualidade dos compromissos com a evangelização no sentido cristão.

Ação intercomunicativa: iniciativa e provocação de Deus

> *A evangelização nasce de um sair de si, em que Deus é o Primeiro a tomar a iniciativa*.

Pela condição incompleta e histórica dos seres humanos, a *intercomunicação* é uma exigência antropológica essencial na construção de nós mesmos. Neste sentido, supera o âmbito cognitivo e emocional, ou seja, os espaços da troca de informações e do intercâmbio de emoções, pois abrange o íntimo da constituição de nosso ser. O pensamento moderno contemporâneo é abundante nas contribuições que levam neste sentido, particularmente, como se sabe, na reflexão em termos de educação e pedagogia. Multi, trans e interdisciplinariedade são alguns conceitos que subsidiam este pensamento. Entretanto, a dialética da intercomunicação exige uma atenção especial pelo fato de interrogar sobre a qualidade ética da intercomunicação. Em sua obra *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault[10] ressalta as fontes intercomunicativas de todo saber e toda forma de conhecimento, mas também expõe como os espaços da intercomunicação se prestam para o exercício do poder, onde uma das vertentes é a subordinação do outro às verdades do *si mesmo*. Esta vertente da saída de si como conquista do outro tem recebido recentes análises a partir do conceito de *colonialismo*, como sistema atual de manutenção de pessoas e grupos sociais sob o controle

10 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

e subordinação a interesses que se impõem[11]. Mestre brasileiro e mundialmente reconhecido neste assunto, Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* e no conjunto de suas obras, desenvolve as razões e fundamentos éticos para uma pedagogia dialógica, capaz de respeitar as pessoas em suas vulnerabilidades, sem se omitir em uma intercomunicação construtiva.

A intercomunicação é um importante fundamento teológico para a evangelização e pastoral escolar a ser revisitado. A fé cristã é clara em afirmar a saída comunicativa de Deus pela criação de todas as realidades, e particularmente ao criar o ser humano à "sua imagem e semelhança". Em geral, pensamos a criação como comunicação da vida, um tirar do não ser para o ser. Entretanto, ao dotar o ser humano das características divinas de compreender, criar e amar, o faz livre e intercomunicativo; coloca-o diante de um chamado, vocação, a adotar o projeto da criação, sem fechar a possibilidade de também o recusar. Mas o *sair de si* de Deus é ainda mais contundente na encarnação, pela qual, na expressão paulina (Fl 2, 5-11), Ele se esvazia do poder onipotente para servir e salvar. Aqui se revela a qualidade essencial da intercomunicação divina pela qual se trata de potencializar o outro e não de buscar através dele a potencialização de si. Deste 'sair de si' assumido por Deus, Jesus é o Verbo revelador e consequentemente o Evangelizador por essência: vai até o fundo do poço das misérias humanas para levar boas notícias de confiança e transformação.

Alguns pensadores contemporâneos reconhecem explicitamente a contundência da fé cristã em Deus que se encarna e se despoja. Marcel Gauchet[12] entende que deste modo o cristianismo se apresenta como uma "religião de saída da religião", isto é, de uma religião não impositiva desde o de fora do humano, ao trazer a experiência de Deus para o interior da própria história humana. Gianni Vattimo é também conhecido pelo apreço à proposta cristã da *kenosis*, o esvaziamento de Deus, que possibilita a fé se desvencilhar dos ruídos do poder nas religiões institucionalizadas[13].

> *1.4* ***Comunidade de discípulos.*** *A evangelização, que inspira a ação pastoral, brota de uma comunidade – Igreja – de discípulos de Jesus reunida para aprender, aprofundar e intercomunicar o alcance do caminho cristão de vida.*

A concepção de *comunidade de discípulos* é extremamente coerente com a base antropológica pela qual se entende o humano como um ser de relações em autoconstruções interativas. Embora a *comunidade* como um princípio de vida social

11 Grosfoguel R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: Santos BSS, Meneses MP. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. 2009:383-417.

12 GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985, Introd., p. VIII.

13 Cf. VATTIMO, Gianni; GIRARD, René. *Cristianismo e relativismo: verdade ou fé fraca?* São Paulo: Ideias & Letras, 2010; Ferreira, Vicente. *Cristianismo não religioso na Filosofia de Gianni Vattimo*. Aparecida: Editora Santuário, 2015.

parece ter sido substituída por posturas individualistas, faz mais sentido notar que ela simplesmente tomou outras conotações, com certa mudança de componentes que não cabe analisar aqui. De fato, o princípio comunitário pode ser percebido desde interações cognitivas que formam a *comunidade científica* até às mais diversas modalidades de interações que plasmam a identidade de grupos humanos na sociedade plural.

Ao assumir a *comunidade de discípulos* como princípio ou fundamento para a evangelização e a ação pastoral no ambiente escolar, se afirmam várias conotações da Igreja que talvez tenham se perdido através da história e que necessitam hoje de renovação. Muitos documentos da Igreja, desde o Concílio Vaticano II, vieram analisar e propor os diferentes aspectos desta renovação. O documento elaborado pela Conferência Episcopal Latino-americana, reunida em Aparecida (2007), está entre os mais recentes e se destaca por ressaltar a evangelização como uma tarefa de discípulos[14].

Mas uma síntese ainda mais recente se encontra na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco[15], onde se pode com facilidade identificar as propostas em vista de uma Igreja que tome a iniciativa de sair de si (n. 20-23) e de se encarnar nas limitações humanas (n. 40-45), assumindo a atitude de servir para a superação dos grandes problemas do mundo atual. Interessante notar a ênfase do Papa na dupla necessidade: de aprofundar o sentido da fé cristã e a identidade dos discípulos através das interações internas à comunidade; e da saída para a dimensão social da evangelização, onde coloca em pauta a preocupação pelos pobres e fragilizados, o decidido empenho pela paz construída sobre a dignidade e a justiça, e constante abertura para o diálogo nas relações com as ciências e com as diferentes convicções religiosas[16].

Iluminada pela consciência de se originar de uma *comunidade de discípulos*, a evangelização cristã que funda a pastoral escolar se percebe na necessidade de aprofundar sua identidade cristã, sem se tornar arrogante e presunçosa nem de ser perfeita, nem de ter todas as respostas para todos os problemas. A postura de seus membros, ao tomar a iniciativa da ação missionária, ganha uma consciente conotação de ser interagente na evangelização e não propriamente de ser agente que se julga superior aos outros supondo que eles nada ou pouco têm[17].

---

14 CELAM - EPISCOPADO LATINOAMERICANO. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Aparecida-SP) "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida", 2007.

15 PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica. Vaticano: Libreria Ed. Vaticana, 2013. (Disponível no site do Vaticano).

16 Para detalhes, veja SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. 50 Palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus 2015.

17 Desenvolvi esta reflexão em ANJOS, M. Fabri. Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que Fazem Diferença. REVISTA ESPAÇOS (São Paulo) Ano 21/2, 2013.

Contextos teológicos de *Pastoral* no ambiente escolar

O termo *pastoral*, como todas as expressões da linguagem, adquire diferentes sentidos e conotações através dos tempos, na variação de seus contextos. Desta forma, é importante estabelecer um alinhamento conceitual para se entender o alcance das propostas para o seu exercício no ambiente escolar. Vamos buscar bases teológicas, mas considerando a sociedade plural em que se inserem os serviços da educação formal das escolas, parece apropriado considerar os contextos atuais em que a ação pastoral está desafiada e que, portanto, conferem conotações ao seu conceito. Ao dizer *pastoral escolar*, estamos particularizando um espaço em que se desenvolve a ação pastoral. Tendo isso presente, e para maior clareza, vamos proceder destacando pontos-chave desta compreensão.

Pastoral: superando limites e restrições

Partindo de concepções vigentes, há que reconhecer alguns ruídos quando dizemos *pastoral*. De uma forma mais descritiva do que analítica, consideramos apenas algumas que parecem mais recorrentes. A finalidade desse passo é buscar maior clareza na proposta conceitual que contribua para a atuação evangelizadora na escola:

a) Na medida em que o termo *pastoral* se associa à ação da organização eclesial, ele evoca para algumas pessoas a ideia de uma hierarquia que determina as iniciativas e funções, e legitima seus agentes para atuarem. Assim, há quem veja no termo uma conotação de clericalismo, levando a supor que toda ação *pastoral* deva estar controlada pelo clero. Não se nega o valor da organização eclesial que oficializa linhas de pastoral, habilitando agentes, desenvolvendo métodos e construindo projetos. O desconforto estaria em fazer toda ação pastoral depender de legitimação e controle da organização eclesial.

b) Uma variação conceitual de cunho qualitativo diz respeito à finalidade da *pastoral*. A questão de fundo é pensar *pastoral* como uma ação voltada para dentro ou para fora da comunidade eclesial. A resposta inicialmente é fácil: há necessidade de iniciativas internas e externas. O problema surge quando para alguns não haveria *pastoral* se a ação não gerasse dividendos ou benefícios confessionais. Esta concepção pode influenciar a pastoral escolar a se entender como repetidora de funções da pastoral interna, em um espaço bastante plural que se tornou o ambiente escolar.

c) Referente às atitudes no desempenho da ação, um ruído já mencionado acima consiste na confusão entre ser agente da pastoral enquanto se toma a iniciativa e se

empregam esforços por alimentar seus processos, e enquanto se considera agente de todo o processo. Esta segunda concepção se abre menos à participação interativa.

Faces modernas da *pastoral*

A *pastoral* encontra, em nossos tempos, expressões intimamente correlatas e em muitos pontos coincidentes, que permitem inserir a pastoral escolar dentro das concepções modernas da vida social. O primeiro e mais evidente é o conceito de *cuidar* que entrou pela necessidade dos cuidados de saúde na doença; mas hoje, ao tirar o conceito de saúde por referência à ausência de doenças e associá-lo à qualidade de vida, o cuidar ganhou uma amplitude envolvente. Em 2003, uma declaração da Organização Mundial da Saúde ressalta quatro condições básicas para a qualidade de vida que merecem cuidados específicos: *físicas e fisiológicas; mentais; socioambientais; e espirituais*. As condições espirituais se referem à constante elaboração de sentidos e significados indispensáveis para a condução de boa qualidade no viver. Hoje a sociedade plural organiza inúmeras formas de cuidado referentes à saúde e ao bem estar da população.

Além desta, existe outra forma de cuidado muito antiga que surgiu com as práticas da *vigilância*. Este conceito é inicialmente básico: enquanto uns dormem ou descansam, alguém cuida da segurança contra possíveis ameaças. A prática se tornou mais conhecida em meios militares. Mas há diversas modalidades persistentes através dos tempos que chegaram aos nossos dias com facetas bem complexas através dos sistemas de vigilância eletrônica que facilmente se transformam em controle invasivo da privacidade[18]. Porém, a vigilância revela, não obstante tais ambiguidades, seu grande valor no exercício da prevenção a males e catástrofes, e na proteção social e segurança diante da violência física, das invasões ideológicas e dos interesses enganadores.

Estas faces modernas do cuidado remontam a uma condição antropológica muito enfatizada pela teologia cristã: somos responsáveis uns pelos outros. A pergunta de Caim diante do sangue de Abel – "sou por acaso guarda do meu irmão?" – marca a repulsa diante da violência e visa consolidar o compromisso com o mútuo cuidado, que vai além da simples tolerância passiva. As faces modernas do cuidado e da vigilância certamente podem servir de inspiração para se afirmar a relevância da ação pastoral no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que lhe sugere pautas interessantes de interação com os caminhos da vida em sociedade.

18 Veja GOMES, Rogério. Vigilância e Segurança na Sociedade Tecnológica. Aparecida: Editora Santuário, 2014.

A *pastoral* e o Bom Pastor

O termo *pastoral* tem uma origem cristã muito clara na figura assumida por Jesus em sua analogia com o pastor de ovelhas do seu tempo. Mas Jesus não desconhece as ambiguidades que cercam tal atividade e levam muitos pastores a serem predadores interesseiros. Ao se assumir como *bom pastor*, Jesus sugere com esta figura a iniciativa amorosa de Deus que cuida, defende e promove; refere inclusive o extremo de arriscar e dar a própria vida nesse empenho pastoral. Esta atitude fundamental se traduz em práticas concretas de Jesus em favor dos pobres e discriminados do seu tempo, discriminados inclusive por alegações religiosas; por seus ensinamentos, oferece um sentido de vida dignificante e participativo para todos. A figura do Bom Pastor simboliza o cuidado que Jesus dedica, com o preço de sua vida, na defesa e na promoção da "vida em abundância" para todos (Jo 10,10); um cuidar que trouxe sentidos de vida com implicações político-religiosas e incidência nas relações que envolvem necessidades básicas como a fome, as carências econômicas, as segregações sociais (Mt 25, 31ss).

À luz da figura do Bom Pastor e das práticas e do ensino de Jesus nela sintetizadas, compreende-se que a *pastoral* se abre para uma ampla gama de atividades, impulsionadas pelo amor missionário dos discípulos de Jesus. O compromisso com o outro, ao reconhecer a reciprocidade de irmãos e irmãs, provoca atividades de cuidado *pastoral* para além de fronteiras e interesses confessionais. A parábola do Bom Samaritano é clara a esse respeito. A Igreja católica tem cultivado esta concepção de pastoral e por isso vem tomando iniciativas em diferentes áreas de necessidades humanas, inclusive com testemunhos heroicos como foi o de Ir. Doroty Stang. Mas a essencial atitude cuidadora ensinada por Jesus é uma proposta e uma coerente exigência para todo cristão nas suas múltiplas relações.

Entre a atitude fundamental do cuidar e as diferentes atividades em que o cuidado se exerce, o termo *pastoral* de adjetivo se tornou um substantivo, para significar atividades de cuidado organizadas por um grupo comunitário em um espaço específico. Supõe-se que tais atividades estejam marcadas pelo Espírito de Jesus expresso pela figura do Bom Pastor.

A pastoral – como evangelizar no *escolar*

A missão de todo cristão para contribuir na realização da justiça solidária e a paz, Reino de Deus no mundo, encontra no ambiente escolar um privilegiado espa-

ço de exercício desta missão evangelizadora. O espírito *pastoral* (adjetivo) inspira as pessoas cristãs no ambiente escolar a assumir práticas e comportamentos de relações responsáveis pelo bem das pessoas e do seu ambiente. Para além de uma ética simplesmente civil, isto supõe a espiritualidade do Bom Pastor que ilumina e guia as práticas profissionais de professores, funcionários e mesmo dos alunos cristãos que de um modo ou de outro comungam desta espiritualidade. Pode-se entender que desta forma aconteça uma evangelização na escola.

Mas a *pastoral* se torna substantiva na escola quando se faz organizada e planejada. Este passo supõe igualmente que a espiritualidade do Bom Pastor, assumida pela própria instituição, no caso uma escola católica, organize e planeje uma ação pastoral para o conjunto do ambiente escolar. Não basta contar com uma escola em espírito *pastoral* (adjetivo). É preciso uma organização capaz de provocar, alimentar e coordenar as iniciativas desse espírito. A espiritualidade cristã se mostra robusta na escola católica em duas expressões básicas: a) desde o momento em que as pessoas gestoras da administração se tornam decididas a assumir custos e investir em pessoas habilitadas a promover e coordenar tal processo; b) e quando existem sinais concretos de interesse em crescer na qualidade e criatividade das iniciativas da pastoral escolar sem se intimidar com as coerentes exigências das atitudes do Bom Pastor. Em outro espaço desenvolvemos propostas mais detalhadas e fundamentadas a esse respeito, que não cabem aqui[19].

Perspectivas Teológico-eclesiais da Pastoral escolar

Ao final destas breves considerações, vale pensar em algumas perspectivas desde o ponto de vista teológico e eclesial. As práticas da pastoral escolar nas escolas católicas têm se desenvolvido e mostrado vitalidade há vários anos. Existem variações em suas formas de conceber sua identidade específica. Oficialmente a Igreja tem se manifestado com densos documentos na área da educação, desde o Concílio Vaticano II, como vimos anteriormente. Mais recentemente se destacam documentos e orientações: em 2007, sobre a atuação cristã nas escolas católicas[20]; em 2009, uma carta circular aos presidentes das Conferências Episcopais sobre o ensino da religião na escola[21]; em 2013, manifesta uma preocupação pelo diálogo intercultural em vis-

19 ANJOS, Márcio Fabri; DEITOZ, Sonia; JUNQUEIRA, Sérgio. *Pastoral escolar: práticas e provocações*. Aparecida: Editora Santuário, 2015.

20 CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Documento para os seminários e as instituições de estudo. "Educar juntos na escola católica: missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos". Vaticano: Libreria Vaticana, 2007.

21 CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Carta circular n. 520/2009 aos Presidentes das Conferências Episcopais sobre o Ensino da Religião na Escola. Vaticano: Libreria Vat., 2009.

ta de uma civilização do amor[22]; e nesta sequência lança o instrumento de trabalho para o congresso sobre educação católica em 2015[23].

Aqui se percebe como levam adiante as preocupações imemoriais da Igreja sobre a Educação, às quais o Concílio deu um endereçamento renovado nos referenciais da compreensão da fé e sobre o lugar e serviço evangelizador da Igreja na sociedade plural. Algumas questões se destacam, como a identidade da escola católica em meio ao pluralismo, e os desafios ao diálogo dentro da diversidade cultural e religiosa. Há grande expectativa sobre os resultados deste congresso, em busca de linhas e fundamentos comuns na diversidade dos contextos mundiais em que se desenvolve a experiência cristã do ensino formal.

No Brasil, além destas questões que vão se tornando cada vez mais agudas, estamos ainda em fase de amadurecer formas adequadas sobre o ensino religioso nas escolas. Este assunto às vezes se mistura com a pastoral escolar, de modo a complicar as especificidades de cada uma destas áreas.

Quanto aos próprios fundamentos de uma pastoral escolar renovada, é preciso ter em conta que o processo de atualização exige um empenho paciente e constante. O amadurecimento de novas posturas exige seu tempo, mesmo porque tais decisões não dependem de indivíduos, mas de uma comunidade. De qualquer modo, este processo exige participação nas instâncias de estudo e discussão sobre o assunto; decisão de investir na habilitação de pessoas para uma coordenação cada vez mais competente nesta área; e talvez corajosamente dar passos para que a pastoral escolar não seja periférica no planejamento global da escola, mas se reconheça e se lhe atribuam serviços essenciais para a vida escolar que lhe cabem.

22 CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA. Educare Al Dialogo Interculturale Nella Scuola Cattolica. Vivere insieme per una civiltà dell'amore. Vaticano: Libreria Vaticana, 2013.

23 CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova. (Instrumentum laboris). Vaticano: Libreria Vat., 2014.

Referências bibliográficas

ANJOS, M. Fabri. Sujeitos da missão, ou sujeitos na missão? Conceitos que Fazem Diferença. *REVISTA ESPAÇOS* (São Paulo) Ano 21/2, 2013.

ANJOS, Márcio Fabri; DEITOZ, Sonia; JUNQUEIRA, Sérgio. *Pastoral escolar: práticas e provocações.* Aparecida: Editora Santuário, 2015.

CELAM - EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *V Conferência Geral do Episcopado Latino--Americano (Aparecida-SP)* "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida", 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral da Educação* – Reflexões e Organização, Texto Base, Brasília: CNBB, 2001.

CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A Escola Católica*, Vaticano: Vaticano, 1977.

CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Documento para os seminários e as instituições de estudo.* "Educar juntos na escola católica: missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos". Vaticano: Libreria Vaticana, 2007.

CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Carta circular n. 520/2009 aos Presidentes das Conferências Episcopais sobre o Ensino da Religião na Escola*. Vaticano: Libreria Vat., 2009.

CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA. *Educare Al Dialogo Interculturale Nella Scuola Cattolica.* Vivere insieme per una civiltà dell'amore. Vaticano: Libreria Vaticana, 2013.

CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar hoje e amanhã*. Uma paixão que se renova. (Instrumentum laboris). Vaticano: Libreria Vat., 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. *CONSTITUIÇÃO PASTORAL "GAUDIUM ET SPES",* 1965.

CONCÍLIO VATICANO II. *DECLARAÇÃO GRAVISSIMUM EDUCATIONIS,* 1965.

FERREIRA, Vicente. *Cristianismo não religioso na Filosofia de Gianni Vattimo.* Aparecida: Editora Santuário, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber***.** 7.ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde.* Paris: Gallimard, 1985, Introd., p. VIII.

GOMES, Rogério. *Vigilância e Segurança na Sociedade Tecnológica***.** Aparecida: Editora Santuário, 2014.

GROSFOGUEL R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: Santos BSS, Meneses MP. (Orgs.) *Epistemologias do Sul.* Coimbra: Edições Almedina. 2009:383-417.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*: ensaio sobre a exterioridade. 3. ed. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

KAHAN, A & LECOUT. , D. *Bioética e Liberdade.* São Paulo*:* Ideias & Letras, 2006, p. 38.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium.* Exortação Apostólica. Vaticano: Libreria Ed. Vaticana, 2013. (Disponível no site do Vaticano).

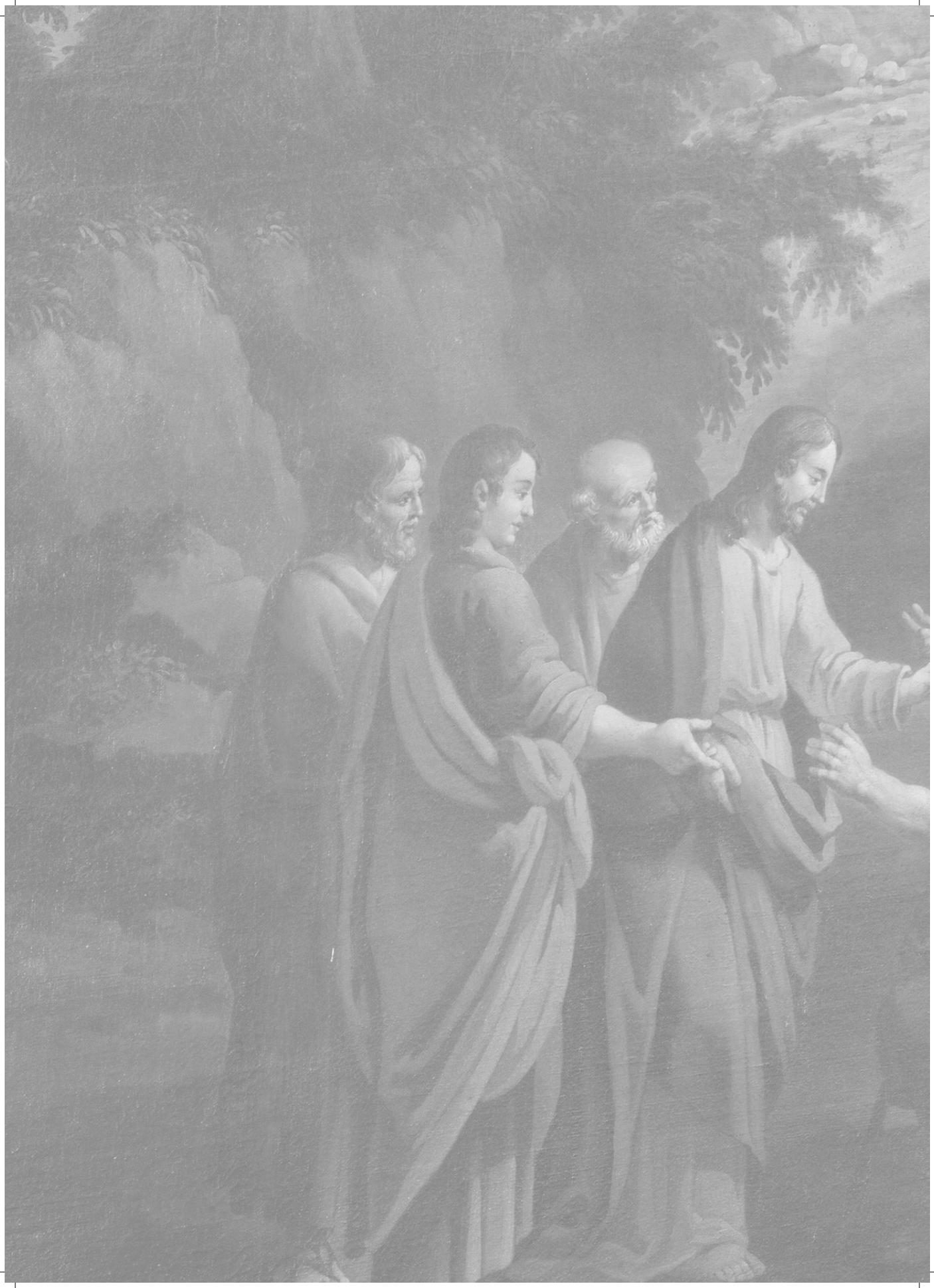
POCHMANN, Márcio. *Desigualdade econômica no Brasil*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

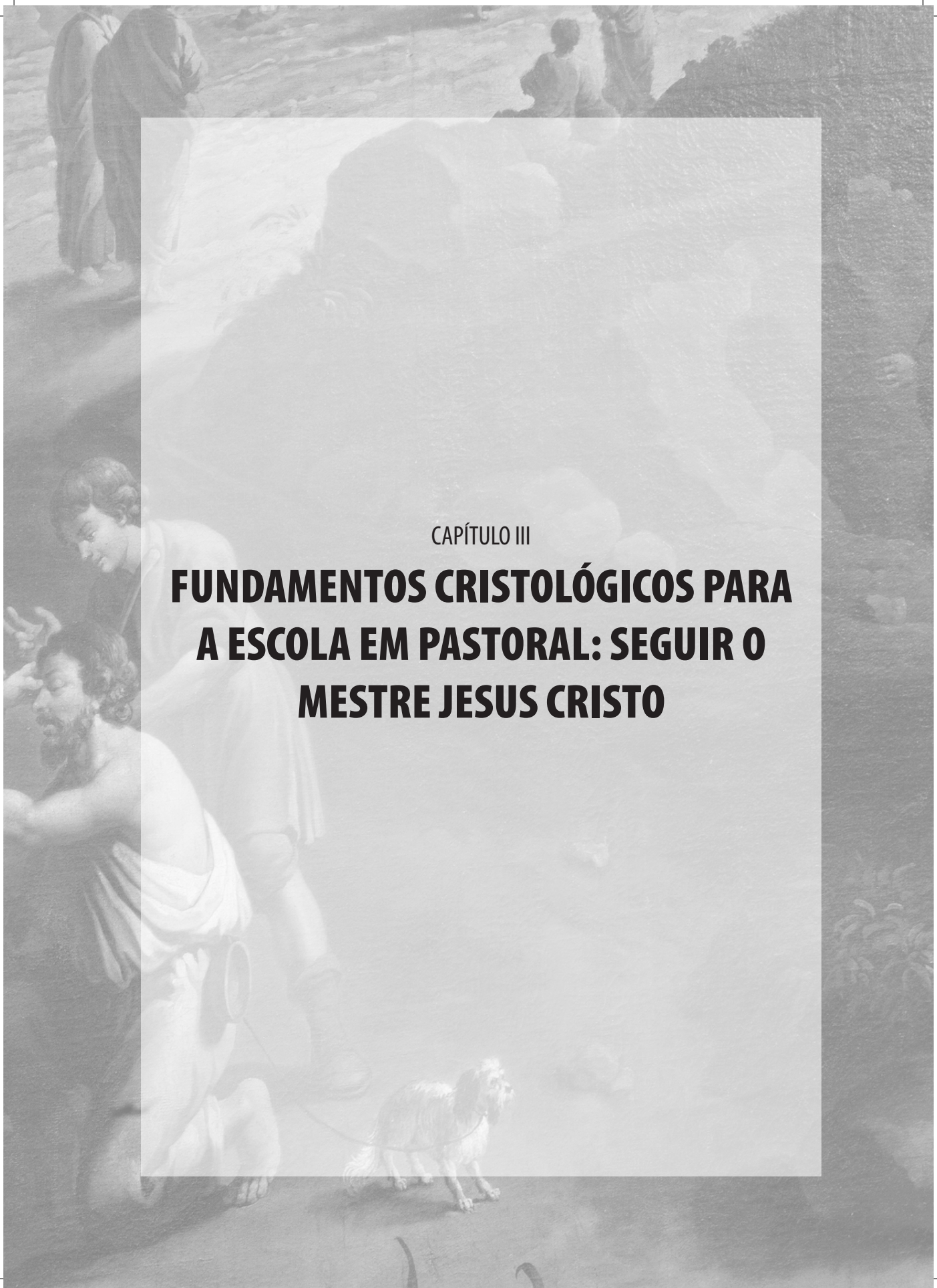
SUESS, Paulo. *A Conquista espiritual da América Espanhola: 200 documentos – século XVI.* Petrópolis: Vozes, 1992.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. 50 Palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus 2015.

TEALDI, Juan Carlos (Dir.). *Diccionario latinoamericano de bioética*. Bogotá: UNESCO, Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética: Universidad Nacionalde Colombia, 2008. (Disponível PDF *on line*).

VATTIMO, Gianni; GIRARD, René. *Cristianismo e relativismo: verdade ou fé fraca?* São Paulo: Ideias & Letras, 2010.





CAPÍTULO III

FUNDAMENTOS CRISTOLÓGICOS PARA A ESCOLA EM PASTORAL: SEGUIR O MESTRE JESUS CRISTO

FUNDAMENTOS CRISTOLÓGICOS PARA A ESCOLA EM PASTORAL: SEGUIR O MESTRE JESUS CRISTO

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior[1]

Introdução ao tema: Os fundamentos e as circunstâncias

Fui desafiado a escavar e buscar os fundamentos. De imediato me veio à mente a frase lapidar do filósofo José Ortega Y Gasset (1883-1955) nas *Meditaciones del Quijote*, livro lançado em 1914, em que fala de seu tempo, seu povo e da cultura em crise. Disse o pensador espanhol: *"Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo* (Ortega y Gasset, José. *Obras completas*, Vol. I. Ed. Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, Madrid, 2004, p. 757)".

Na frase colocada nas *Meditações do Quixote*, Ortega y Gasset insiste em mostrar o que há em torno ao humano, que o rodeia no imediato e no remoto; em nível físico, histórico e inclusive espiritual. O humano é a grande questão vital circunstanciada. E no contexto é que emerge a questão vital, concreta, como algo incomparável e único. Este "eu no mundo", não como aleatória soma de coisas, mas cenário de possibilidades, oscila entre tragédia, dramas e aventuras, de homens e mulheres convivendo com as coisas em seus ambientes vitais. Viver é salvar a circunstância presente em nosso mundo concreto, dirigindo-se a ele, atuando nele, ocupando-se dele. Dito de outro modo: a realidade circundante forma a outra metade de minha pessoa. Agir neste cenário em que estou mergulhado é o destino radical e concreto da cada pessoa humana. Como não enxergar aqui a chave da encarnação de Jesus e o fundamento imprescindível para uma ação lúcida e pertinente em nossas vidas e em nossas escolas. Seria possível não ouvir o clamor de um bilhão de migrantes e subalternos batendo nas portas de nossas cidades, escolas, países? Ou teríamos a força moral e espiritual de ouvir os clamores dos que vivem no subsolo e porões da humanidade? Assim fala Jon Sobrino ao jornal O Globo de forma contundente: *"Pergunta: De que forma El Salvador marcou sua trajetória? Resposta: Ali, eu vi, com meus olhos, o*

1 Licenciado em Filosofia, bacharel em Teologia, mestre em Ciências da Religião, doutor em Ciências Sociais, professor na PUCSP e no Claretiano Faculdade.

horror e a maldade humana em seus registros extremos. Mas também vi o amor, a entrega e a esperança de grupos humanos onde parecia que nenhuma esperança mais havia. Pergunta: Não é esta ambivalência a essência da natureza humana em todos os tempos? Resposta: Vivi em Bilbao, Havana, Estados Unidos e Alemanha. A natureza humana não é a mesma em todos os lugares. Há horrores que não se pode imaginar, por mais inteligente que se seja. Vi dois corpos num caminhão de lixo. Um ainda se movia. Pergunta: O amor salva? Resposta: Sim, mas um grande amor. Não me refiro ao amor nas telenovelas, ao amor pelas passarelas, por jogadores de futebol. Mas ao amor de quem sofre e não desiste nem se mata (http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/jon-sobrino-teologo-diante-de-horrores-preciso-elimina-los-16350576)". A escola precisa falar da morte e da dor de milhões, inclusive dos jovens crucificados. Se a situação histórica de milhões de jovens não for a matéria-prima de nossas escolas e a esperança o motor que nos mova, não haverá mais razão de existir para uma escola católica. Se não houver respostas para estas perguntas essenciais não haverá lugar para quaisquer outras perguntas católicas.

O ser humano imerso nas circunstâncias deve conhecer o tempo, o lugar e a sociedade na qual foi gestado para assumir a missão singular de transformação das mesmas circunstâncias. Esta fonte perene de tantas preocupações cotidianas abre horizontes na vida para construir a própria existência e, enfim, realizar o projeto escolhido do viver e do ser. Inventamos ideias, projetos, sonhos, lugares, instrumentos, escolas, modos de vida, e papéis, funções, estilos de vida. Partindo das circunstâncias, o humano inventa o humano. Inventa a cultura, inventa a arte, inventa o mundo. Faz história. Este ser que projeta usa da fantasia interior e a molda no mundo exterior. Ortega insiste que viver é ser obrigado a "exercitar a liberdade, a decidir aquilo que devemos ser neste mundo". O destino humano é a ação da liberdade. A ação de indivíduos empreendedores que interpretam as necessidades e circunstâncias das massas e conseguem transformar as ideias e os costumes de gerações cumulativas para novas gerações polêmicas e inovadoras. Há sempre gerações decisivas que movem a história. Ortega y Gasset defende este caminho inovador da razão vital que, longe de impedir o fluxo vivo de nossas existências, torna esta vida única e exemplar. Somos definidos por nossas crenças e desejos e também pelos atos e interações que fazem com que sejamos aquilo que queremos ser. Tornar-se o que você é, este é o desafio de cada pessoa circunstanciada neste mundo com suas perguntas. Não podemos mais ser simples escolas cumulativas, ou até polêmicas. Precisamos de alunos, professores e escolas que se configurem em geração decisiva que mova a história sem esquecer os erros cometidos pela geração anterior.

A leitura de Ortega y Gasset, ao estudar as circunstâncias e apoiar-se firmemente no sujeito que sonha e que é capaz de mudar e mudar-se, entra em confronto com as multidões passivas ou massas miméticas enfermas que tornaram o humano uma massa inerte e submissa à mentira e ao domínio de chefes autoritários. O homem-massa está presente em todos os âmbitos da sociedade, hoje mais que em 1930, quando da publicação do livro *A rebelião das massas*. Este homem-massa é o novo bárbaro que não percebe sua subjetividade e sua decisão crítica, abdicando de sua identidade. Torna-se uma pessoa medíocre e ignorante, guiada por gente sem escrúpulos. Este homem-massa não suporta viver uma cultura dialógica, pois rejeita a discussão e novas perspectivas. Este homem-massa, mantido pela mídia, se torna desafio candente para a educação crítica e libertadora. O homem-massa impõe-se pelo vulgar e se transforma em menino viciado e mimado. Quem não o reconhece presente em tantos lugares e pessoas? A lista seria imensa e dolorida.

A pergunta motivadora deste ENCOPAS permanece forte: Como fazer novas todas as coisas, se estamos aprisionados por destinos pré-moldados ideológicos do passado?

Primeira parte: Jesus, aprendiz na oficina

Jesus, como fiel filho de Israel, sabe que toda sabedoria e conhecimento começam com o temor de Deus. Não há outro mestre além de Deus mesmo. Ele é o pedagogo maior. O judaísmo vive cotidianamente a compreensão educativa de que o Criador age e orienta todas as vidas e todo o cosmos. Estudar é louvar a Deus. O ensino em tempos de Jesus era essencialmente religioso. Os pais eram os responsáveis diretos da educação e da transmissão de conhecimentos do clã e do trabalho diário. Ensinar era passar de pai para filho, de geração em geração. As primeiras escolas para crianças remontam ao ano 75 a.C. quando do domínio dos gregos. A educação grega tinha fama, naquele tempo, pelo cultivo harmônico do corpo, mente e alma. Os judeus, entretanto, desaprovavam vivamente este tipo de escola nova. É claro que nada se compara ao que chamamos hoje de escola. As crianças semitas frequentavam a escola da sinagoga, a casa do livro. Podemos supor Jesus, aos sete anos, manuseando as escrituras hebraicas e alguns targuns em aramaico. Não foi aluno de rabinos proeminentes nem esteve em escolas das elites. Assim relata Clodovis Boff: *"O professor é o hazzan, o ministro da sinagoga, uma espécie de sacristão. Na escola sinagogal Jesus aprendeu a ler e a escrever. É a cultura mínima de todo varão hebreu. A Sagrada escritura serve de manual para tudo. É aprendida de cor à força de repetição. Para tanto, emprega-se um sistema de mnemotécnica, como o paralelismo, a antítese, a*

aliteração e o ritmo. Na escola sinagogal, o pequeno aprende que, ao encontrar nos rolos da Torah o Tetragrama, o Nome santíssimo e impronunciável, deve pôr a mão diante dos olhos em sinal de temor reverencial (Clodovis Boff, O cotidiano de Maria de Nazaré, São Paulo: Ed. Salesiana, 2003, p. 42)".

Hoje se pensa que Jesus teria estudado até os 13 anos, tornando-se o que em hebraico chamamos de "filho do mandamento". Jesus teria tido só o ensino fundamental. Nada mais. Os judeus sempre irão censurá-lo por esta falta de diploma: "Este homem não fez estudos (Jo 7,15)".

Certamente não podemos olvidar que Jesus fez a escola de Maria, ou seja, a escola da vida de mãe e educadora palestina. Maria pega firme na enxada. Planta e colhe. Busca água. Maria, José e Jesus, gente sem dinheiro, gente do campo, vivendo da colheita e de alguns poucos animais. Maria pode sempre mostrar as suas mãos calejadas, a dureza da pele curtida ao sol e a profundidade de seus calos. Esta mulher camponesa conhecia a fundo as coisas de Deus no ordinário da vida e ensina ao seu único filho como meditar a vida, entender os desígnios de Deus e viver coerente com a fé profética recebida dos antepassados do deserto. Maria guarda em seus cantos e preces matinais a fé mosaica. Jesus foi ouvinte privilegiado do Magnificat, do Saltério, da Torah proclamada de forma oral. Terá ouvido inúmeras vezes a revolucionária profecia de Isaías. Os pais de Jesus terão sussurrado, ao pé do ouvido, as preces do povo de Israel. Para cumprir a tradição: "Aquele que ensina ao seu filho a Torah será considerado como se a tivesse recebido direto do monte Horeb". O mundo religioso e sua vida frugal e simples no campo na Palestina serão o horizonte das circunstâncias vitais de Jesus, sua pregação e seu projeto pessoal. Ainda assim terá sido Jesus que irá inaugurar uma nova forma de pensar, falar e dirigir-se às mulheres em seu tempo. A agricultura, o artesanato e o comércio eram as modalidades da vida palestina inserida no império romano. Jesus vive na Galileia, terra de muitos latifúndios e trabalhadores sazonais. Podemos recensear algo como 750 mil habitantes na região. A pobreza e a fome eram constantes, bem como rebeliões e lutas revolucionárias contra o imposto e a expropriação dos cereais.

Certamente devemos localizar a escola principal de Jesus na oficina de José. Há um texto rabínico explícito sobre esta obrigação paterna: "Quem não ensina a seu filho um ofício é como se lhe ensinasse a roubar". O pai sempre recitará antes de começar o dia de trabalho a prece do Shemá Israel, Escuta, ó Israel. Antes da carpintaria ou das obras de pedreiro sempre se deve fazer uma beraká, prece de ação de graças. É razoável pensar que José e Jesus tenham sido operários na construção de Séforis, a cidade nova de Herodes Antipas, perto de Nazaré. Jesus sempre teve um grande apreço pelo trabalho manual. E nunca desprezou ou afastou-se de artesãos e operá-

rios. Ele é alguém da roça e que tem orgulho de ser filho de um lavrador e operário. Não esconde sua origem. Ele crê naquilo que alguns rabinos falam constantemente: Um trabalhador ocupado em sua tarefa não precisa se levantar diante de um doutor por maior que seja. A oficina de José, o carpinteiro de Nazaré, é a escola profissional de Jesus. Aprendiz de carpinteiro. Jesus sabe distinguir madeira verde de madeira seca. Assim diz padre Paul Gauthier: *"Suas mãos tinham algo da madeira, do ferro e da pedra. Eram vigorosas e fortes, rijas e nodosas. Já estavam prometidas às árvores e aos cravos sobre o rochedo do Gólgota... Suas mãos eram perfeitamente mãos de trabalhador braçal* (*O carpinteiro Jesus de Nazaré*, São Paulo: Loyola, 1972, p.9)".

O modo de viver faz nossa personalidade e forja nosso caráter. Exemplos mais que discursos. Ação mais que palavras. Testemunho silencioso que decanta o valor da vida e os projetos fundamentais da existência. Jesus terá aprendido de José marcas que ficaram indeléveis em seu caráter e em suas palavras. São José nutre Jesus de um modo e Maria Santíssima de outro. Maria nutre o Filho de seu Amor materno e da fé transparente. José nutre o filho pelo trabalho e pela justiça. Assim diz o padre Tiago Alberione: *"O mistério de Cristo-operário parece-nos mais profundo que o mistério da Paixão e Morte. Tantos anos na carpintaria! Não é ele o filho do carpinteiro? Não é o carpinteiro? O suor de sua fronte em Nazaré não era menos redentor que o suor de sangue no Getsêmani!* (Tiago Alberione, *Pensamentos*, São Paulo: Paulinas, 1973, p.41)". Este profeta das comunicações descobriu a valiosa fonte espiritual para nossa reflexão sobre a vida e a prática de Jesus, vendo-a brotar da oficina de José. Os anos de carpintaria revelam também o segredo da redenção e da salvação de cada um de nós pela ação redentora do trabalho. Jesus nos salva pela cruz e certamente nos salva pelo suor vertido no trabalho de artesão. Como não pensar na dureza do exercício profissional de professores hoje tão desprezados por governadores, prefeitos, parlamentares e presidentes?

Segunda parte: Jesus, pedagogo do Caminho

Quero recordar a perícope na qual Jesus se assume como portal de nova vida forjando uma geração decisiva em atos de amor. Lemos no Evangelho de João, capítulo 14, que Jesus, como pedagogo do Pai, reflete sobre as circunstâncias atuais dos discípulos e a necessidade de caminhar para o Reino de Deus. Jesus diz que vai partir e que pretende levar os companheiros com ele. Tomé lhe pergunta: *"Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho? (Jo 14,5)".* Jesus responde: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim (Jo 14,6)".* Filipe insiste na dúvida do homem-massa: *"Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta*

(Jo 14,8)". Jesus arremata: *"Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei. Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós* (Jo 14,9-20)".

Jesus deixa claro que a verdade se situa entre os dois polos da frase. Entre o caminho e a vida. Não há posse antecipada da verdade. Sempre o caminho precede. E a verdade não termina nela mesma. Ela se desdobra em vida e encontro verdadeiro. De forma retroalimentar pode-se dizer que a vida exige a busca da verdade, e esta se plasma e se concretiza no caminho de Jesus. Eis a chave de uma pedagogia essencial. Não hipertrofiar uma das três partes, mas harmonizá-las adequadamente. Se a educação privilegia a verdade, prende-se a esquemas teóricos e transforma a escola, os professores e os alunos em depositários calados de saberes exógenos e incompreensíveis. Em nome do bem comete uma heresia. Transforma o cristianismo em doutrina teórica. Esvazia a sabedoria. Esvazia a pulsão de vida. Retira o ar que precisa de espaço e possibilidades. Assim diz Faus: *"O conhecimento pode ser tranquilamente passivo, ao passo que o amor é necessariamente ativo: não se contenta com a mera 'theoria' (nome grego da contemplação), mas é efusivo, comunicativo e criativo* (Jose Ignácio Gonzalez Faus, sj, *As dez heresias do catolicismo atual*, Petrópolis: Vozes, 2015, p. 72)". O excesso de discurso sobre a vida, negados a verdade e o caminho, se faz panfleto e ideologia vazia. O excesso de insistência sobre o caminho sem clareza da meta e das circunstâncias reais é alienação e sublimação das reais condições para levar adiante a tarefa educadora.

Neste sentido, vemos claramente que Jesus se faz pedagogo, pois faz o que fala e fala o que faz. Coerência é a palavra geradora por excelência de uma escola cristã em seus valores e em suas práticas. Jesus não está aprisionado às paredes da sinagoga local. Ele prega em toda parte. De início em sua escola fundamental, mas em seguida fala nas planícies e montanhas, ao povo à beira do lago e aos caminheiros de

tantas estradas. Fala com vocabulário concreto e simples. Ele cativa os ouvintes pelas dezenas de parábolas ou metáforas da existência concreta de seu tempo. Jesus intui a verdade, pois se faz servo do amor. Sua palavra é espontânea, clara, transparente. Retira as imagens dos fatos de seu povo. Contextualiza, atualiza, critica, faz pensar. Não dá respostas prontas nem burocráticas. Não se faz funcionário, mas missionário do Pai. O método educativo de Jesus é paradoxal. Ele diz a vida de forma direta. Sem rodeios nem firulas. Ele é um pedagogo da vida, pois não a teme e dela fala sem temor. Não esconde os temas polêmicos. Não se submete às veleidades. Não diz mediocridades. Não vende Deus nem religião. É alguém que sabe ensinar.

Jesus sabe ensinar, pois como diz Paulo Freire: "*É preciso enfatizar, mais uma vez: ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. Não é difícil perceber como há umas tantas qualidades que a escuta legítima demanda do seu sujeito. Qualidades que vão sendo constituídas na prática democrática de escutar. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica* (Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 134-136)".

Terceira parte: Jesus, mestre das linguagens da fé

O cantor Gilberto Gil, ao compor "Se eu quiser falar com Deus", nos apresenta linguagens múltiplas e concretas para um concreto agir comunicacional: *"Tenho que ficar a sós, Tenho que apagar a luz, Tenho que calar a voz, Tenho que encontrar a paz, Tenho que folgar os nós, Dos sapatos, da gravata, Dos desejos, dos receios, Tenho que esquecer a data, Tenho que perder a conta, Tenho que ter mãos vazias, ter a alma e o corpo nus"*. Os caminhos de Jesus nos ajudam a falar com Deus? Como nos apropriar de sua linguagem personalizada? Devemos privilegiar as palavras ou seus gestos?

Apresentar Jesus e a fé evangélica em suas diversas linguagens pode ser um caminho promissor para nossas escolas e trabalho evangelizador. As linguagens da fé são muitas, diversas e ricas. Todas partem de uma certeza: Deus se revela e sempre se dispõe ao diálogo com a criatura e a criação. Cremos que *"a comunicação que o Pai fez de si mesmo pelo Verbo no Espírito Santo permanece presente e atuante na Igreja*

(Catecismo 79)". Os bispos, no Concílio Vaticano II, escreveram: *"O Deus que outrora falou mantém um permanente diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo, pelo qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja e através dela no mundo, leva os crentes à verdade toda e faz habitar neles abundantemente a palavra de Cristo* (DV8)".

Este Deus que fala em Jesus quer nossa resposta. O que podemos e devemos dizer a Deus: que o amamos e que Ele é nosso Pai e razão de nosso viver. Como lhe dizer isso? Usando das linguagens de que dispomos. Como nos diz Venturi: *"A Igreja desde o começo não hesitou nem um instante sequer em celebrar a liturgia nas várias línguas, bem consciente de que nada se perdia da realidade dos ritos em si* (Língua/linguagem litúrgica, in: Domenico Sartore, Achille M. Triacca (org.), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Lisboa: Paulinas-Paulistas, 1992, p. 635)". Não podemos ficar presos a uma única fórmula ou estilo comunicacional. Precisamos tecer caminhos múltiplos e complexos.

Uma primordial forma de falar com Deus é por nosso corpo humano histórico e personalizado. O corpo fala e precisa falar. Mas requer ouvidos atentos. Falamos por meio de nossos desejos, medos, fomes, sedes, sexualidade, pulsões, olhares, toques, audição, comunhão, sonos, sonhos e, sobretudo, por meio de nosso trabalho. Falamos por meio do DNA e de nossa evolução como hominídeos. Falamos por nossa razão e coração, como humanizados que nos tornamos a cada dia pela ação humanizadora de nossas vidas. Nosso trabalho cotidiano é um falar constante com Deus. Falamos com nossa boca, nossas mãos, nosso corpo que fala. E gritamos a Deus quando estamos em silêncio e sofrendo. Quando não sabemos mais o que dizer, e Deus tal qual mãe carinhosa já sabe que precisamos de carinho, afeto e consolo. Corpos curvados falam do peso da vida, corpos machucados falam das feridas do existir e dos pecados sociais, corpos crucificados falam da esperança de ressurreição. Nosso Deus ouve a linguagem do corpo e da nossa carne, pois Ele mesmo se fez corpo. Não há uma única célula do corpo humano que não esteja sintonizada com Deus e que não fale com o Criador. Todo nosso corpo reverbera ao som da Palavra Eterna. Mesmo um corpo franzino e pequenino é criatura amada. Assim diz o poeta João Cabral de Melo Neto: *"Sua formosura eis aqui descrita: é uma criança pequena, enclenque e setemesinha, mas as mãos que criam coisas nas suas, já se adivinha* (João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*, Rio de Janeiro, ed. Sabiá, 1967, p. 113)".

Falamos com Deus pelo amor que brota de nosso coração e de nosso pensamento. Amor que se faz caridade, empenho, fraternidade, compaixão. Amor que é cordial e inteligente. Amor que supera a justiça e a racionalidade estreita da razão científica. O coração tem razões que a própria razão desconhece, dizia Blaise Pascal em seus *Pensamentos*. Deste amor entranhado e visceral nascem melodias divinas

que só o Amor Eterno pode compreender. O amante entende as palavras do Amado. Um amor que leva ao extremo de nossa humanidade. Ir ao mais profundo de nós mesmos, como canta Gilberto Gil: *"Alegrar meu coração, tenho que me aventurar, tenho que subir aos céus, sem cordas pra segurar".*

Falamos a linguagem de Deus pela razão e inteligência. Somos racionais e isso nos faz um frágil ser corresponsável por toda a criação e pelo cuidado do planeta. Somos a consciência da matéria. Somos o princípio antrópico de tudo que existe. Cuidamos das vidas e da vida. Somos conectados ao mundo mineral, ao vegetal e ao animal. Somos um caniço que pensa. Frágeis e ao mesmo tempo destinados à eternidade. Temos consciência e uma razão aberta à complexidade da interioridade e ao infinito exterior que nos desafia. Falamos com Deus por meio da linguagem que aprendemos e cultivamos. Falamos com Deus por meio de tudo que construímos. Falamos com equações, com poesias, com pesquisas de laboratório, com as vacinas que produzimos para ter mais e melhor vida. Falamos com a tecnologia que emancipa. Falamos e nos comunicamos com as fibras óticas, com os computadores, com as redes, com a mecânica, com os fluidos, com a geometria, com a biologia, com todo o cosmos. Estamos conectados pelas sinapses cerebrais e nada do que há no mundo é estranho para Deus. Tudo é vestígio de sua vontade e de sua plenitude. Sinais e sacramentos do dedo de Deus. É preciso caminhar e discernir estes sinais de Deus. Ainda na melodia de Gilberto Gil: "*Tenho que dizer adeus, dar as costas, caminhar decidido, pela estrada*".

Outra singela linguagem pedagógica de Jesus foi e é a oração fervorosa, os cânticos de louvor e adoração que fazem a vida se tornar liturgia. A linguagem da fé vive de celebrações e de preces vindas do fundo da alma humana. Todo mundo reza, cada aluno, cada professor, cada sala e cada funcionário, mesmo aqueles que porventura sejam ateus ou agnósticos. Deus escuta esta oração "extrarreligiosa" vinda do coração e ouve os apelos de qualquer pessoa em angústia ou fragilidade. Precisamos dizer isso aos nossos alunos. Não há quem não fale com Deus ao exprimir um desejo de paz, um sonho de amor ou um pedido de unguento quando doem as feridas do viver. Até mesmo o mais empedernido dos ateus ao clamar por verdade na busca da felicidade é ouvido por Deus. Deus não é surdo. Ouve cada um de nós com nosso vocabulário e até em nosso silêncio. E certamente ouve mais àqueles que os outros ouvem menos ou nem ouvem. É certo que ouve os seus amigos, pois estes lhe pedem por toda a humanidade. Estes santos homens e santas mulheres vibram no mesmo diapasão da melodia celeste. Ao rezar a prece do coração, furam nuvens e tocam aos anjos.

Homens e mulheres orantes são transparentes. Sabem que o mundo não funcionaria se não existisse em alguma parte, fora do tempo e do espaço, um ponto

cósmico Ômega. Sabem que este é o polo da síntese total, no qual todas as coisas subsistem, como disse o padre Pierre Teilhard de Chardin. Nós rezamos para reconectar-nos com este ponto de origem e de destino. Rezamos para religar nossas vidas à fonte do amor e da própria vida. Este que é o cordão umbilical de onde viemos e o colo divino para onde tanto desejamos repousar.

Rezar é estar com Deus. É viver de Deus. É falar com Ele. Assim, ao tomar as Sagradas Escrituras, o fiel lê sua palavra e ao mesmo tempo "lê Deus". Rezar, dizia Santa Terezinha de Lisieux, é como entrar em um elevador mantendo-se pequena e vivendo uma infância espiritual: *"O elevador que deve levar-me até o céu são teus braços, ó Jesus. Portanto, não tenho necessidade de crescer; ao contrário, o que preciso é continuar sendo pequena, esforçar-me em sê-lo cada vez mais* (D. García M. Colombás, *Diálogo com Deus* – introdução à *Lectio Divina*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 43)".

Há ainda outro dicionário valioso para conversar com Deus: a memória e as reminiscências. Tudo que guardamos na memória é inspirado e tocado por Deus. No mais íntimo de nossas experiências vivemos a intimidade da revelação do Deus que se encarnou e nos transformou. Memória de dores e de amores. Memórias de fatos, pessoas e lugares. Tudo nos fala de Deus. Deus nos fala por meio de arquétipos essenciais e de experiências fundantes. Ao mirar o passado, compreendemos o tempo presente que é o que de fato existe. E vislumbramos o futuro para fazê-lo em nossa vida atual. Assim pensava Santo Agostinho, no livro X das Confissões, ao falar da memória como lugar de Deus: *"Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a própria Verdade. Desde que a conheci, nunca mais a deixei esquecer. Por isso, desde que vos conheci, permaneceis na minha memória, onde vos encontro sempre que de Vós me lembro e em Vós me deleito. São estas as minhas santas delícias que, por vossa misericórdia, me destes, ao olhardes para a minha pobreza* (Santo Agostinho, *Confissões*, Petrópolis: Vozes, 2011, p. 239)".

Rezar é estar inteiro no presente de nossa vida. Assim, com Agostinho, rezamos em três tempos, no: "*presente das coisas passadas, no presente das presentes, presente das futuras* (id. Ib. p. 280)". E nossa linguagem de fé sempre é nossa eterna busca para estar com Deus e poder dizer suavemente tal qual Agostinho: *"Tarde te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos!* (id. Ib. p. 240)".

Ainda aprendemos de Jesus, Mestre das linguagens, que há uma linguagem que nos permite tocar Deus. Esta é a linguagem dos sacramentos. O Catecismo da

Igreja assim a define: *"Cristo presente está pela sua força nos sacramentos, a tal ponto que, quando alguém batiza, é Cristo mesmo que batiza. Presente está pela sua palavra, pois é ele mesmo quem fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja (CIC 1088)"*. Falamos com Deus por meio de sinais, de códigos linguísticos, de signos e de significantes. Falamos ao mistério com ajuda de água, pão, óleos, mãos ungidas, fogo e, sobretudo, na mesa da ceia eucarística. Diz Merton: *"Os sacramentos pertencem à ordem dos signos: eles manifestam uma coisa que os ultrapassa, que está escondida. De fato, um sacramento é ao mesmo tempo uma coisa visível e invisível* (Thomas Merton, *Le Nouvel Homme*, Paris: Ed. Du Seuil, 1969, p. 155)".

Um dos mais expressivos lugares cristológicos se apresenta no mundo contemporâneo das artes. Falamos por meio da cultura, da literatura, das expressões estéticas que provocam o belo dentro de nós. Podemos falar com Deus contemplando. Dizer sem nada dizer na insustentável leveza do ser. Somos melhores quando nos curvamos diante do belo. Conversamos com o Belo que manifesta a Verdade e o Bem. A linguagem da arte é um portal privilegiado do Divino, pois provoca admiração e retém o nosso olhar. Diz Ettiénne Gilson: "*Toda percepção do belo é desejável à medida que se acompanha de prazer, os Escolásticos definiam o belo como aquilo cuja visão dá prazer, ou antes, 'o que agrada à visão' (id quod visum placet)* (Ettiénne Gilson, *Introdução às artes do belo*, São Paulo: Ed. É, 2010, p. 32)".

Certamente todos hoje sabem que Deus escreve certo por linhas tortas. E que as linhas prosaicas e poéticas da literatura são a janela da alma. Falamos com Deus pela literatura que transfigura nosso interior na sede de saber e de compreender. Falamos com Deus pelo cinema e pelo teatro. A linguagem da fé se manifesta pela arquitetura, pintura, artes plásticas, música, canto, mímica, dança, enfim, pela estética. Deus é beleza e a beleza manifesta Deus. Diz o padre Couturier: *"Não há arte sagrada, lá onde não existir arte".*

O sertanejo Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, nos ajuda a matutar nas palavras essenciais para dizer diante do Mistério do que houve e não houve: "*Não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil.* (João Guimarães Rosa, *Grande Sertão*: veredas, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 26)".

Quarta parte: Seguimento de Jesus

Concluir significa abrir-se às possibilidades que as escolas possam realizar. Os fundamentos estão na própria pessoa de Jesus. Não são teoria, mas vivência concreta e diversificada em cada contexto pastoral específico. Não há receitas, fórmulas mecânicas ou programas genéricos. Uma escola em pastoral deverá penetrar na sua condição histórica, nas suas circunstâncias, assumindo nelas e por meio delas o seu papel político, social, transformador aí mesmo onde estiver inserida. Assumir as circunstâncias de seu tempo é o desafio da provisoriedade. Exortavam os padres conciliares: *"ajudem as escolas católicas a realizar cada vez mais perfeitamente o seu múnus, e, antes de mais, a vir ao encontro às necessidades daqueles que sendo pobres de bens temporais, ou se veem privados do auxílio e afeto da família, ou desprovidos do dom da fé (GE 9)"*. Enfrentar o sistema idolátrico, permanecendo críticos como apóstolos de uma educação libertadora. Certamente o pilar essencial da escola católica passa pela liberdade e por alunos livres e responsáveis. A escola ensina e aprenda a cada dia *"a singular liberdade de Jesus que se expressa ao longo de sua vida em forma de uma singular autoridade pessoal, singular autoridade carismática. Este tipo de autoridade surpreende a todo o mundo: 'Jamais vimos coisa parecida' (Mc 2,12; 4,41; 6,1-6; Mt 12,1-8; 13,53-58). A verdadeira liberdade de uma pessoa é quase que o mesmo que a sua genuína autoridade pessoal. A liberdade é uma espécie de soberania da pessoa sobre si mesma, sobre o entorno, sobre as circunstâncias que a rodeiam* (Felicisimo Martinez Diez, Creer em el ser humano, vivir humanamente, antropologia en los Evangelios, Estella-Navarra: Editorial Verbo Divino, 2012, p. 232)".

Seguir o mestre Jesus Cristo significa assumir novas responsabilidades em um mundo de infantis repleto de instituições burocráticas. Sempre vale recordar que *"uma universidade católica há de ser, antes de tudo, verdadeira universidade. Não pode reduzir-se a formar profissionais. A Universidade deve ser, necessariamente, cultivo sério e desinteressado da ciência. Deve ser centro de elaboração e irradiação de cultura autêntica. Ser consciência viva da comunidade humana à qual pertence. Não pode a universidade prescindir deste compromisso vital, que pertence à sua própria essência, e que constitui o sentido mais profundo de sua liberdade e autonomia* (CELAM, *Os cristãos na universidade*, documento de Buga, Petrópolis: Vozes, 1968, p. 17)".

Ao aumentar o tempo de vida de 30 para 80 anos, teremos que desafiar nossas juventudes a pensar o futuro com os pés e as mentes lúcidas nos passos do presente. Assim como a adolescência e a juventude são criações recentes, também a terceira e quarta idades serão responsabilidades futuras. Para todos e de forma particular para as escolas em busca de sentido e liberdade.

Seguir Jesus é saber que o Mestre precisou enfrentar a escassez da fé, a dúvida e a covardia de seus próprios discípulos, em particular dos mais próximos. Os mais próximos viviam importunando o Mestre com falsas esperanças e bloqueios mentais que não assumiam ou tinham medo de assumir os desafios do Reino. O caminho da paixão de Cristo não começou no Getsêmani, nem foi produto só da perseguição dos romanos e do Sinédrio. Tudo começou bem antes, com a falta de fé e a incompreensão dos companheiros. Isto significa que cada um de nós precisa reavaliar suas próprias convicções e práticas. Assim comenta São Jerônimo, em *Palavras desconhecidas de Jesus* em evangelhos apócrifos: "*E só então vós deveis estar felizes: quando olhardes os vossos irmãos com amor* (Joachim Jeremias, *Palabras desconocidas de Jesus*, Salamanca: Ed. Sigueme, 1979, p. 96)".

Seguir o mestre Jesus é unir os itinerantes aos comensais. Unir fé e luta ecológica. Unir escola e cidadania. Unir vida e morte. Pensar a parte no todo e o todo na parte. Abrir-se não só às tecnologias, mas às periferias existenciais. Enfrentar os preconceitos. Ser uma escola de excelência em valores e posturas éticas. Escola que abra espaço para negros, indígenas, empobrecidos, ciganos, irmãos de rua, anciãos, homossexuais, deficientes, enfim, para todo ser humano que busca o bem e a verdade. Valorizar as pequenas coisas e as famílias concretas com quem trabalhamos de forma pessoal e com simplicidade. Afinal, é *"provável que os primeiros companheiros de Jesus tivessem tido mais êxito nas casas individuais de lugarejos pequenos do que nas arenas públicas das aldeias maiores ou dos vilarejos (chamados cidades)* (John Dominic Crossan; Jonathan L. Reed, *Em Busca de Jesus – debaixo das pedras, atrás dos textos*, São Paulo: Paulinas, 2007, p. 161)".

Seguir Jesus faz que nossas escolas resignifiquem os seus lugares históricos e as suas alianças estratégicas com classes sociais e elites culturais e econômicas. É sempre necessário pensar o lugar e o tempo da que foi a contextualização original e daquele que foi o amor preferencial. Ir às fontes e rever as estruturas caducas e os aprisionamentos feitos pela pertença às novas classes hegemônicas. Podemos pensar na perícope de Jesus em Betânia como metáfora para esta reflexão analítica. Três temas emergem como desafios concretos para as atuais escolas católicas:

"1. Betânia é um subúrbio de Jerusalém, é o pequeno povoado nos arredores da capital. Seu nome significa ou recorda casa dos oprimidos. Jesus se refugia em Betânia (Claudio Vianney Malzoni, *Jesus em Betânia* (Mc 14,3-9) – um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão, São Paulo: Paulinas, 2010, p. 108)". Onde estão localizadas nossas escolas? Quem são seus alunos? Seus funcionários? Seu lugar?

"2. Betânia é um lugar de festa. Uma festa comporta abundância, e nosso texto insistiu na abundância do perfume (Claudio Vianney Malzoni, *Jesus em Betânia* (Mc 14,3-

9) – um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão, São Paulo: Paulinas, 2010, p. 109)". Como se apresentam nossas escolas como espaços de festa para os pobres? Como vivem em função dos pobres?

"3. Betânia é um lugar de acolhida" (Claudio Vianney Malzoni, *Jesus em Betânia* (Mc 14,3-9) – um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão, São Paulo: Paulinas, 2010, p. 109). Nossas escolas acolhem quem? Quem precisa ser acolhido? Quem está ficando de fora e não poderia para não trair os fundadores e o carisma original?

Conclusão: Escolas abertas e respostas originais para hoje

As mudanças importantes não são gratuitas e fáceis. Exigem empenho, suor, amor e leveza de espírito. Elas nascem das questões assumidas que exigem respostas originais. O pensamento, a cultura, a educação, os educadores, as escolas e mesmo o cristianismo é sempre situado, contextualizado, mergulhado em circunstâncias. A cada nova resposta, novos problemas. O pensamento está sempre em movimento e desafiado. A verdadeira inteligência é aberta. Escolas fechadas secam, evaporam, apodrecem, se aniquilam simbólica e culturalmente. O medo de errar não deve nos paralisar ou impedir em nossa busca da verdade. Não sejamos ousados em demasia nem tímidos ou acovardados. Disse com humor o padre Henri de Lubac estas duas pérolas sobre nossa tarefa cristã: *"A flexibilidade do vivo é mais sólida que a rigidez de um cadáver. E quanto mais espessa é a ignorância mais se acredita na posse da verdade* (Henri de Lubac, *Paradojas seguido de nuevas paradojas*, Madrid: PPC, 1979, p.73)".

Esta escola sem fronteiras dentro de uma Igreja sem fronteiras pode nos fazer amar o horizonte que nos vocaciona para o movimento, o provisório vivido nas tramas do tempo e da vida, do Eterno presente na Igreja que valoriza e enobrece as vidas provisórias na caminhada misturada neste mundo de dores e esperanças, de luzes e misericórdias. Escola, educadores, missionários do ensino, cantemos uma doxologia pedagógica: **"Põe a semente na terra, não será em vão. Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão".**

Referências bibliográficas

MAGGI, Alberto. *A loucura de Deus – O Cristo de João*. São Paulo: Paulus, 2013.

MONTES, Fernando. *As perguntas de Jesus.* São Paulo: Loyola, 2005.

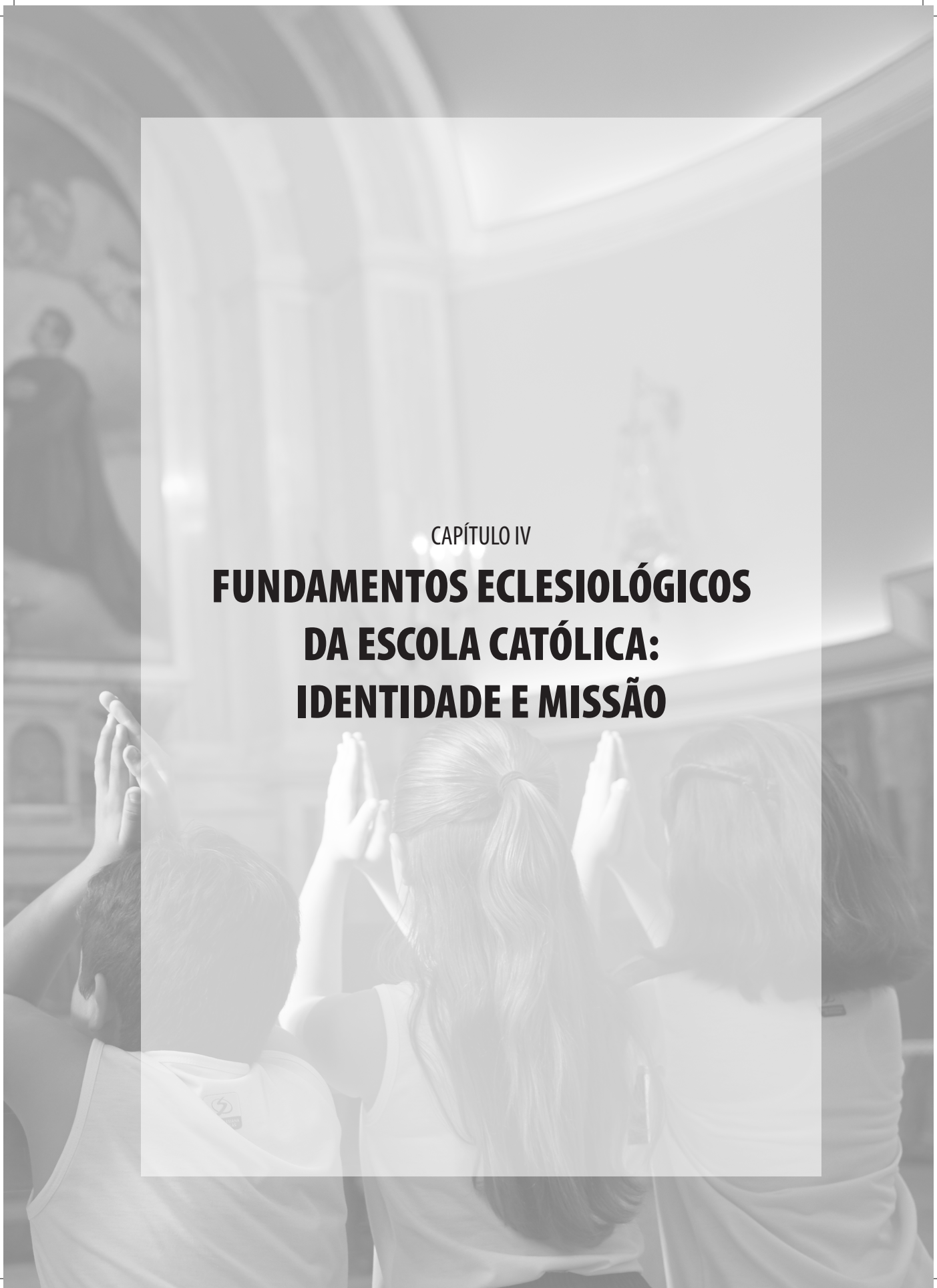
ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus.* Petrópolis: Vozes, 1984.

COMBLIN, José. *O enviado do Pai*. Petrópolis: Vozes, 1979.

COMBLIN, José. *Teologia da ação.* São Paulo: Herder, 1967.

VV.AA. *Olhos fixos em Jesus,* Petrópolis: Vozes, 2014.

VV.AA. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2015.



CAPÍTULO IV

FUNDAMENTOS ECLESIOLÓGICOS DA ESCOLA CATÓLICA: IDENTIDADE E MISSÃO

FUNDAMENTOS ECLESIOLÓGICOS DA ESCOLA CATÓLICA: IDENTIDADE E MISSÃO

P. Marcos Sandrini[1]

Há duzentos anos surgiu na Igreja um de seus filhos mais ilustres: São João Bosco (1815-1888). Este santo em toda a sua vida procurou aproximar os jovens da Igreja e, ao mesmo tempo, aproximar a Igreja dos jovens. Padre Egídio Viganò, sétimo sucessor de Dom Bosco à frente da Família Salesiana, cunhou uma expressão que expressa bem o que fez Dom Bosco: a graça da unidade. Dom Bosco tem clareza de que nada no mundo é simples. Tudo é complexo. A complexidade consiste em olhar o mundo em diversos ângulos, aspectos e dimensões. Uma das expressões mais citadas por ele era "evangelizar educando e educar evangelizando". Há evangelização que não educa e, portanto, também não evangeliza. Há educação que não evangeliza e, portanto, também não educa. O Papa Pio IX (1792-1878) solicitou a Dom Bosco que escrevesse sobre sua experiência educativa. Ele o fez escrevendo um livro chamado *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. Este livro conta o início de sua vida e de sua obra de 1815 a 1855.

Os párocos de Turim estavam muito descontentes com Dom Bosco porque ele, com sua obra chamada de Oratório festivo, *"afastava os meninos das paróquias"*. A solução era "*que Dom Bosco mande os meninos às suas paróquias e deixe de reuni-los fora dela"*. Dom Bosco contra argumentou dizendo que "*os jovens que eu reúno não diminuem a frequência às paróquias, pois a maior parte deles não conhece pároco nem paróquia, porque são quase todos de fora, largados pelos pais nesta cidade; ou para cá vieram à procura de trabalho e não puderam encontrar"*. Além do mais, "a *distância da pátria, a diversidade de língua, a incerteza do domicílio e o desconhecimento dos lugares tornam-lhes difícil, para não dizer impossível, ir às paróquias. Além do mais, muitos deles já são adultos, beirando os 18 e os 20 anos ou mesmo 25 anos de idade, e são completamente ignorantes em religião. Quem os convencerá a misturar-se com meninos de 8 ou 10 anos, muito mais instruídos que eles?"*. Dom Bosco sugeriu, então, que os párocos viessem buscar os jovens que ele reunia (e eram cerca de 800!) e os levassem

1 Doutor em Educação, Diretor do Colégio e da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre.

às suas respectivas paróquias. Conclusão: até hoje Dom Bosco está esperando que os párocos venham buscar os jovens e ele continua cuidando dos mesmos fora dos territórios paroquiais.

Antecipando-se aos tempos, Dom Bosco entendeu que para certas situações a geografia não funciona. Uma Paróquia nem sempre corresponde a um território geográfico. Pode haver paróquias sem território geográfico atendendo exclusivamente pessoas em situações especiais. Dom Bosco entendeu isso e tinha consciência de que seu trabalho com os jovens em situação de vulnerabilidade era um trabalho eclesial especial e especializado.

1. Houve um homem chamado por Deus

João Bosco foi ordenado sacerdote em 05 de junho de 1841. Durante sua formação, ele foi acompanhado por um santo e sábio sacerdote chamado João Cafasso. Quando se ordenou, havia muitos sacerdotes na sua arquidiocese de Turim. Em 1789 era 01 para cada 70 habitantes. Em 1833 havia 1.651 sacerdotes seculares e 455.772 habitantes católicos na arquidiocese de Turim, uma média de um sacerdote para 276 pessoas. A cidade de Turim tinha 482 sacerdotes e 81.550 habitantes, um para 169 pessoas. No ano da ordenação de Dom Bosco (1841) havia 800 sacerdotes para uma população de 160.000 (1:200). Neste mesmo ano, foram ordenados 47 sacerdotes na arquidiocese de Turim. Em 1861 era 01 para 335 habitantes. Logo após sua ordenação, se colocou para Dom Bosco a questão do lugar e do como exercer seu ministério sacerdotal.

A ocupação dos sacerdotes era de três tipos:

a. encarregados do ministério dentro das estruturas pastorais diocesanas (párocos, coadjutores, curas do povo, diretores espirituais ou capelães de centros de caridade, hospitais, internatos e conventos);

b. professores e administradores (em escolas municipais e secundárias, em seminários e universidades, tutores privados, administradores e auxiliares de instituições;

c. beneficiados, com ou sem obrigações (cônegos, capelães honorários, sacerdotes retirados e enfermos, sacerdotes que atendiam a interesses familiares). A metade do clero diocesano poderia ser catalogada na primeira categoria. Um seminarista assim escrevia ao seu arcebispo

> *Estou decepcionado ao ver tantos sacerdotes com batina e tão pouco trabalhadores, quando a messe é tão grande. Não posso encontrar outra razão, a não ser a de que os sacerdotes de extração nobre são afeiçoados ao seu bem-estar: os ricos desejam desfrutar de suas riquezas. Os que têm escassos ou poucos bens tratam de aumentá-los servindo nas casas da nobreza. A maioria dos sacerdotes que são vistos pela cidade são deste tipo* (LENTI, 2010, p. 386)

Muitos sacerdotes encontravam trabalho por sua própria iniciativa, como tutores ou pedagogos em casas de nobres ou de ricos, e não esperavam a destinação do Bispo. Durante muito tempo deixava-se aos sacerdotes a iniciativa no que se refere a emprego, simplesmente porque havia muitos sacerdotes. Devia-se competir até para um posto de coadjutor numa paróquia. Se alguém era economicamente independente pelas circunstâncias familiares ou tinha outros meios de subsistência, seguramente vivia em sua própria casa, e empregava seu tempo como quisesse.

Dom Bosco, sempre muito cioso de sua autonomia, escolheu viver seu ministério sacerdotal fora das estruturas diocesanas e paroquiais. Segundo Cafasso, um sacerdote da têmpera de Dom Bosco não poderia ser perdido pela diocese nem simplesmente ser integrado nas estruturas paroquiais, pois era talhado para uma missão mais urgente e atual.

Após sua ordenação sacerdotal, foram-lhe oferecidas diversas possibilidades de ministério. Padre Cafasso as escutou e lhe disse simplesmente: "Tem que estudar teologia moral e pregação. Esqueça por agora estas ofertas e venha para o *Convitto Ecclesiastico*. Segui feliz seu conselho, e, no dia 3 de novembro de 1841, entrei no *Convitto Ecclesiastico*" (BOSCO, 2005, p. 117). O *Convitto Ecclesiastico* era uma residência para sacerdotes novos que precisavam de um acompanhamento em seus primeiros anos de ministério. Foi a primeira vez que Dom Bosco morou na cidade onde desenvolveria seu ministério sacerdotal e daí nunca mais saiu. Em suas *Memórias do Oratório*, ele escreve: "em nossos seminários se estuda apenas o dogma especulativo. De moral apenas se analisam as questões controvertidas. Aqui se aprende a ser sacerdote".

O certo é que após dois anos de convivência no *Convitto Ecclesiastico*, ele escolheu seu lugar na Igreja, sob a inspiração do Divino Espírito Santo. Seria padre para os jovens pobres e abandonados. Levantaria sua obra que seria: "casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio onde se reúne como amigos" (Const. 40). A obra de Dom Bosco, cada uma de suas unidades, será uma paróquia para os jovens sem paróquia. Dom Bosco é padre, sempre se sentiu

e trabalhou como membro ativo da Igreja do Senhor e "construiu" um monumento vivo de amor para com a Igreja: a Família Salesiana.

Paróquia para os jovens sem paróquia. Este é o grande ideal eclesial de Dom Bosco. Escolhendo trabalhar entre os jovens dos pobres os mais pobres, encontrou-se com situações extremas. A maioria desses jovens era constituída de migrantes em busca de trabalho, órfãos em busca de família, excluídos em busca de proteção de instituições de caridade pela completa inexistência de políticas públicas, errantes em busca de sentido para a vida... Por eles e com eles lutou enfrentando muitas adversidades, inclusive de sua própria Igreja. Sempre teve consciência de que faz mais pela Igreja uma postura crítica e empreendedora do que uma obediência cega e acomodada.

2. A Família Salesiana na Igreja

> *A Família Salesiana é um conjunto de cristãos e cristãs, de consagrados e consagradas que, com a originalidade do próprio carisma e do próprio espírito, colocam-se a serviço da missão da Igreja, especialmente no vasto mundo da juventude, dos ambientes populares, dos pobres e das populações ainda não evangelizadas.* (DICASTÉRIO DA FAMÍLIA SALESIANA, 2012, p. 19).

Dom Bosco é um padre da Igreja Católica que, fiel aos ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo, viveu um carisma, isto é, um dom, uma maneira de ser especial e peculiar. Procurou aproximar os jovens da Igreja e a Igreja aos jovens. Por isso, ele é considerado o Santo Pai e Mestre da Juventude.

Ele é um dos maiores pedagogos do século XIX (1815-1888). Sempre e em toda parte sentiu-se e viveu como Igreja. Ele é um santo da Igreja. Padre Viganò, sétimo sucessor de Dom Bosco, afirmou que "Dom Bosco não é simplesmente um Santo que também fez educação. Ele o é enquanto Fundador de uma escola de santidade para a educação. A sua espiritualidade, a sua operosidade e a sua metodologia testemunham uma peculiar originalidade educativa" (GIANATELLI, 1987, p. 12).

Quando a Igreja Católica declarou Dom Bosco como Santo (1934), o apresentou ao mundo como um ponto de referência válido e concreto para a práxis (trabalho) educativa, um pedagogo que iluminou e realizou a ação educativa, indicando regras próximas para a eficácia pedagógica. A Igreja toda, o Povo de Deus, sempre teve um carinho e um cuidado muito grande para com as novas gerações, isto é, as

crianças, os adolescentes e os jovens. No entanto, não basta querer fazer o bem. O importante é saber como fazer o bem. Neste sentido, Dom Bosco indicou caminhos novos para a Igreja e para o Povo de Deus na missão de educar e evangelizar a juventude. A sua vida, a sua espiritualidade, os seus escritos e a sua obra oferecem grandes luzes evangélicas e critérios metodológicos válidos para a formação da pessoa humana como "bom cristão e honesto cidadão".

> *A sua intuição da "preventividade" toda ela voltada para a promoção do bem, permanece válida também em outros contextos culturais. Partindo dos mais necessitados, carentes de mediações válidas e refletindo sobre as falências pedagógicas da sociedade, ele soube elaborar uma metodologia da bondade e do diálogo que promove com eficácia a transformação do coração e da mente. Condensou em três palavras, que exprimem poderosas ideias geradoras, o seu método educativo: razão, religião,* amorevolezza (GIANNATELLI, 1987, p. 17).

Os fatos são conhecidos: primeiro de abril de 1934, Papa Pio XI canoniza Dom Bosco, padre educador e fundador de uma numerosa família de educadores e educadoras. Vinte anos depois, 12 de junho de 1954, Papa Pio XII canonizava Domingos Sávio, aluno predileto de Dom Bosco, adolescente estudante de 15 anos. Duas coisas chamam a atenção nestes fatos. **Antes de tudo** é o acesso, pela primeira vez, à glória da canonização de um adolescente *só confessor* (de Santa Inês a São Tarcísio, chegando a Maria Goretti, numerosos eram os adolescentes mártires presentes no calendário da Igreja Católica). Nos livros litúrgicos, Domingos Sávio é chamado *adolescente*. Nem mártir, nem sacerdote, nem religioso: "adolescente", como a dizer que se tornou santo apenas com a adolescência, unicamente com a vida de estudante da educação básica. É um título novo, único, em todo o calendário da Igreja, inventado justamente por ele.

A segunda coisa que chama a atenção é a presença ativa, junto a este adolescente santo, de um educador santo que a liturgia chama de "pai e mestre da juventude", expressão alargada por uma fórmula precedente mais precisa que o chamava de "pai e mestre dos adolescentes". A história de santidade, portanto, nos oferece esta dupla original: o pai-mestre e o filho-aluno, todos os dois santos de altíssimo relevo. Aqui nos encontramos diante de uma maravilha única e inédita na Igreja.

Em relação aos adolescentes e jovens, Dom Bosco vivenciou o amor terno e compassivo de Jesus Cristo para com eles. Dom Bosco é a presença viva da Igreja personificando o Bom Pastor, o Bom Samaritano. Ele é a tematização da expressão evangélica: "colocou uma criança no meio deles" (Mc 9,16). Ele foi e é referência sig-

nificativa para adolescentes e jovens tal como Jesus Cristo o foi ao jovem da viúva de Naim: "Jovem, levanta-te!" (Lc 7,14).

P. Paulo Álbera (1844-1921), segundo sucessor de Dom Bosco, escreveu: "É preciso dizer que Dom Bosco nos amava de modo único, todo seu: tinha um fascínio irresistível; eu me sentia como prisioneiro de uma potência afetiva que me alimentava os pensamentos, as palavras e as ações; sentia que era amado de modo jamais provado, singularmente superior a qualquer outro afeto: envolvia-nos a todos e inteiramente como numa atmosfera de contentamento e de felicidade. Tudo nele tinha para nós uma poderosa atração: prendia profundamente os nossos corações juvenis de tal modo que era impossível escapar. Mesmo se o quiséssemos, não teríamos conseguido fazer por todo o ouro do mundo, tão felizes éramos por causa desta singularíssima ascendência sobre nós. Isto era a coisa mais natural nele, sem esforço e sem reflexão. E não poderia ser diferente, porque de cada uma de suas palavras e atos emanava a santidade da união com Deus, que é caridade perfeita. Ele nos atraia a si pela plenitude do seu amor sobrenatural que transbordava do coração. Desta singular atração brotava a obra conquistadora dos nossos corações; nele os múltiplos dons naturais tornavam-se sobrenaturais pela santidade da sua vida" (GIANNATELLI, 1987, p. 284).

3. Beber na fonte

Toda espiritualidade e toda mística alimenta-se numa fonte. Onde Dom Bosco encontrava força e luz para alimentar sua paixão apostólica pela salvação da juventude? Sua fonte primordial está no sentir-se Igreja. Dom Bosco é um educador e pastor na Igreja Católica. "A Igreja é, em Cristo, como que sacramento, isto é, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG 1). Ela é povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A igreja é sinal, ou seja, ela mostra com todo o seu ser o que é um povo salvo por Jesus Cristo. A Igreja é instrumento, isto é, com todo o seu agir ela constrói um povo que caminha rumo ao Pai, respeitando as diferenças e vivendo a unidade.

Jesus Cristo inaugurou o Reino de Deus que é a comunhão de tudo e de todos na mesma fé, no mesmo batismo e na mesma caridade. Ele inaugurou o Reino de Deus não só através de suas palavras e gestos, mas apresentando-se Ele próprio como manifestação do Reino através de suas palavras e suas obras. "Cumpriu-se o tempo, o Reino de Deus está próximo!" (Mc 1,15).

> *O Reino de Deus vem ao ser proclamado por Jesus; a sua palavra é anúncio que efetua o que diz. Ele vem pela proclamação de Jesus E vem por meio dos seus atos (Mc 1, 23-26; Lc 4,33-35; 11,20; 17,21); enfim, Ele se torna acontecimento em sua atitude para com os pecadores e os perdidos. Com efeito, Jesus veio para chamar pecadores e não para chamar justos (Mc 2,17). De modo semelhante, ele chama de bem-aventurados os pobres, os que estão de luto, os não violentos, os famintos, os pacificadores e os que são perseguidos por causa da justiça (Mt 5, 3-11; Lc 6, 20-26). Ele confere o Reino de Deus de modo especial e privilegiando os pobres, presos, doentes, oprimidos (Lc 4, 18s), às crianças e aos pequeninos (Mt 10, 14 par.). Ele será comemorado antecipadamente já agora nas ceias que Jesus celebra com os pecadores que se convertem (Mc 2,13 etc.). Assim sendo, o Reino de Deus chega de modo bem diferente do esperado pelas pessoas. Daí a validade disto: "Feliz quem não se escandaliza a meu respeito* (Mt 11,6; Lc 7,23); (KASPER, 2012, p. 125-126).

Beber na fonte para Dom Bosco significava entregar-se inteiramente ao seguimento de Jesus Cristo assumindo um carisma (missão) próprio na sua Igreja. Para isto, Deus o dotou de dons de natureza e de graça importantes para se tornar uma pessoa significativa a muitas pessoas e grupos em todas as partes do mundo. Ao visitar o povoado de Castelnuovo Don Bosco, nas proximidades de Turim, a gente é levado a se perguntar: "É daqui que saiu Dom Bosco? Deste pequeno povoado saiu um santo que conquistou corações pelo mundo afora?". Deus lhe deu o carisma da educação e da evangelização da juventude, sobretudo da mais pobre, excluída e abandonada. À medida que Dom Bosco ia se comprometendo com a educação, os próprios adolescentes e jovens se tornaram seus educadores numa espécie de educação circular. Várias vezes Dom Bosco disse que os jovens iam moldando seu coração, sua ação e sua reflexão. Este é o primeiro polo. O outro e mais significativo e importante é o próprio Espírito Santo de Deus. Ele foi educando, inspirando e moldando Dom Bosco para sua missão. Dom Bosco tinha consciência de que a missão não era sua, mas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Sua era a correspondência, o trabalho, o ardor, a entrega total. Estas duas fontes – Deus e os jovens – alimentaram sua espiritualidade.

Esta espiritualidade sempre foi alimentada por Dom Bosco em três grandes meios: a Eucaristia, Maria Auxiliadora e o Papa. De todos os sacramentos, a Eucaristia é o que está mais próximo da quotidianidade das pessoas. Todos os dias este sacramento se renova e a cada momento é possível encontrar-se com Jesus Cristo presente na Eucaristia. Dom Bosco tinha consciência da centralidade da eucaristia na vida das pessoas, porque é o sacramento que não só aponta para Jesus, mas é o próprio Jesus Cristo. Maria Auxiliadora também é fundamental na vida eclesial de Dom Bos-

co, porque ela foi a primeira cristã, a primeira educadora e a primeira seguidora de Jesus. Ela não só é seguidora, mas foi a grande educadora de Jesus. Como Dom Bosco dedicou sua vida à educação da juventude, a maneira de Maria educar Jesus também serve de parâmetro e de modelo para Dom Bosco. O Papa também foi e continua sendo importante para o carisma salesiano. Dom Bosco, perto de partir para o Céu – no dia 31 de janeiro de 1888 – disse, no leito no qual morreria, ao Cardeal Alimonda, Arcebispo de Turim: "*Tempos difíceis, Eminência! Atravessei tempos bem difíceis!...Mas a autoridade do Papa...Já o disse a Monsenhor Cagliero* [primeiro Bispo e Cardeal salesiano], *aqui presente, para que o transmita ao Santo Padre; os Salesianos existem para defender o Papa, onde quer que trabalhem". O Papa é chamado de* Pontífice que significa construtor de pontes. O Pontífice é quem constrói pontes de unidade, de diálogo, de aproximação das pessoas entre Deus e o seu Povo.

4. Carisma que coloca a criança, o adolescente e o jovem no centro

No Evangelho de Jesus, algumas vezes (poucas!) se usa a expressão "colocar no centro". Ao falar sobre as crianças, Jesus toma uma atitude: "colocou uma criança no meio deles" (Mc 9,36). Esta atitude de colocar no centro pode indicar-nos duas reflexões. A primeira delas é que Jesus realizou esta atitude numa sociedade que colocava como centro da vida a Torá, a Lei, a escritura. Para Jesus, o centro é a vida. Também a escritura está a serviço da vida, sobretudo dos que não contam, que vivem à margem, como a mulher, o estrangeiro e a criança. Não de um grupo de crianças específicas, mas de qualquer criança, incondicionalmente. A criança que está no centro é qualquer uma, são todas. Não há indício de que tenha sido uma criança especial que Jesus considerou digna de ser colocada no meio. A segunda, é que a centralidade da criança leva a uma mudança radical de ponto de vista e de perspectiva, que começa com o empenho dos adultos de ver a si mesmos e ao seu contexto com os olhos das crianças, portanto, "de baixo para cima".

A razão do privilégio das crianças fica muito clara nos textos evangélicos. As crianças não são privilegiadas e colocadas como exemplo em virtude de qualidades que teriam. O tema da inocência ou da pureza das crianças é um tema moderno que, por sinal, foi desmentido por estudos científicos objetivos.

O privilégio das crianças está na sua carência total de poder. O que constitui o modelo das crianças é a sua pequenez. Para entrar no Reino de Deus, é preciso ser pequeno ou tornar-se pequeno. É preciso esperar o Reino de Deus como as crianças, isto é, sem poder nenhum, de modo puramente receptivo. Ninguém pode entrar no

Reino se vem armado de poder. Somente quem se achar sem poder, poderá entrar.

O Reino de Deus não é a recompensa da sabedoria ou dos méritos dos velhos: não existe nenhum mérito diante do Reino de Deus. Tudo é graça, dom gratuito. As crianças esperam sem pretensão, sem capacidade de fazer alguma coisa pelo Reino. Por isso, elas são o modelo. Os bens doados por Deus não são fruto de nosso merecimento, mas de sua bondade e gratuidade. Por isso são graça, são dom.

Desta maneira, Jesus fez uma subversão total dos valores, das religiões, das filosofias. Diante do Reino de Deus, todos os trabalhos de uma vida inteira são como nada. É preciso deixar tudo isso e ficar pequeno e pobre e sem valor, sem pretensão, como uma criança que espera tudo porque não pode fazer nada por si mesma.

Jesus diz que é preciso esperar o Reino de Deus com a condição das crianças. As crianças esperam receber. Não podem salvar-se por si próprias. Esperam que a mãe, o pai ou qualquer outra pessoa venha resolver o seu problema e dar-lhes a satisfação que desejam. Esta é a disposição necessária para o Reino de Deus. Estamos na espera. Deus marca os tempos. Tempo para a etapa final, como para as etapas na vida presente. Não somos donos do Reino de Deus.

5. Dom Bosco aponta caminhos de inserção na Igreja

Ao fundar a Família Salesiana, Dom Bosco tinha a consciência de que estava entregando à Igreja um vasto movimento de pessoas a serviço da educação e evangelização da juventude, sobretudo dos mais pobres.

5.1. Bons cristãos e honestos cidadãos

A grande preocupação de Dom Bosco era trabalhar para e com os jovens. Eles eram seus destinatários preferenciais. "O Espírito formou nele um coração cheio de grande amor por Deus e pelos irmãos, sobretudo os pequenos e os pobres, fazendo dele Pai e Mestre de uma multidão de jovens e, também, Fundador de uma vasta família espiritual e apostólica" (DICASTÉRIO PARA A FAMÍLIA SALESIANA, 2012, p. 13). É um milagre que de meninos órfãos, abandonados, migrantes, excluídos tenham saído excelentes pais de família, cidadãos dignos e comprometidos com a cidadania ativa. Esta é a missão educativa da Igreja: oferecer à sociedade pessoas com espinha dorsal, com princípios e com valores pelos quais vale a pena viver.

Dom Bosco, nos inícios da sua vida sacerdotal, se ocupou dos rapazes encarcerados nos cárceres de Turim para os quais era difícil hipotizar uma esperança de recuperação. Foi buscá-los, escutou-os, sobretudo os animou a reencontrar dentro de si o desejo do bem e a força para realizá-lo, apesar das experiências negativas. Apostou na confiança, ousou falar de Deus e do seu amor, vivo e ativo também na sua situação de dificuldade.

Para ajudar os jovens a reencontrar a confiança em si, Dom Bosco estava convicto de que o caminho mais eficaz fosse a longa paciência do amor. O compromisso que ocupou todas as suas energias foi o de criar um ambiente educativo onde os jovens fossem acolhidos com amor. No Oratório de Valdocco, os jovens encontravam ocasião para crescer na autoestima, se orientavam para o desenvolvimento de habilidades sociais, descobriam razões de vida. A alegria e o otimismo que reina na casa de Dom Bosco constitui formidável reserva educativa que reforça o senso do próprio valor, abre aos outros e é pressuposto para enfrentar as dificuldades da vida.

A experiência nos cárceres de Turim o tinha persuadido sobre as possibilidades de recuperação também dos jovens mais difíceis. Ele constatou que era a falta de educação a causa do comportamento desviado e que, conscientizados da sua dignidade, eles se abriam à mudança, desejando o bem e uma nova qualidade de vida.

No entanto, Dom Bosco foi além. Os jovens não apenas são destinatários, mas, sobretudo, são protagonistas na sociedade e na Igreja. O volume de sacerdotes, religiosos e religiosas que Dom Bosco encaminhou para a Igreja é fantástico. Ao lado disso, muitos e muitos leigos aprenderam de Dom Bosco também a cuidar ativamente das novas gerações. O Sistema Preventivo de Dom Bosco alimentou uma multidão de educadores, profissionais liberais, pais e mães de família, catequistas, agentes de pastoral em sua missão educativo-pastoral.

5.2. Missionários e missionárias *ad gentes*

Muitos talvez não o saibam, mas a Família Salesiana é um dos maiores movimentos apostólicos e missionários na Igreja desde os tempos de Dom Bosco. Desde 1875, são enviados salesianos e salesianas, leigos e leigas às mais diversas partes do mundo para implantar a Igreja de Jesus Cristo.

O que leva um jovem e uma jovem, hoje, a abandonar tudo, consciente e voluntariamente e se encarnar numa nova cultura, entre um povo que não conhece e que não escolheu? É a mística e paixão espiritual pela vida e pelo Senhor da Vida. O lema de Dom Bosco é tirado do livro do Gênesis 14,21: "Dê-me as pessoas e fique com os

bens". Aliás, é impressionante a capacidade de inculturação do carisma salesiano em todas as partes do mundo. Ele se incultura tanto e tão bem que é capaz de suscitar pessoas a levar para frente o carisma salesiano na própria cultura, bem como colocar-se numa atitude de docilidade ao Senhor da Vida e também assumir a missão *ad gentes*.

Dom Bosco tem a capacidade de unir pessoas de diferentes nacionalidades, culturas, línguas e, na vivência fraterna, ser um sinal vivo e eficaz do amor de Deus em meio aos jovens, sobretudo aos mais pobres.

6. Os quatro pilares da Igreja

No livro dos Atos dos Apóstolos 2,42, afirma-se que os primeiros cristãos "eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações". Aqui estão os quatro pilares da construção da Igreja, templo vivo do Espírito Santo, povo de Deus. Sem estes quatro pilares a Igreja desmorona e não tem consistência.

O primeiro deles é **o ensinamento dos apóstolos**. É o querigma. A Família Salesiana é chamada a anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Para isto ela se alimenta profundamente na Palavra de Deus, no Magistério da Igreja e nos sinais dos tempos. O estudo é fundamental para o anúncio. Nós não nos anunciamos, mas anunciamos o Senhor da Vida. A catequese sempre ocupou grande parte da vida de Dom Bosco. Ele escreveu cerca de 200 livros, todos eles dirigidos à formação da juventude segundo os parâmetros do Evangelho de Jesus. Há um livro famoso de Dom Bosco chamado *Jovem Instruído*. Este livro, durante a vida de Dom Bosco, chegou à cifra de seis milhões de exemplares. É realmente impressionante! Os escritos de Dom Bosco construíram igreja.

O segundo pilar é **a comunhão fraterna**. Como educador, sempre se preocupou em criar um ambiente educativo. O ambiente educa. Por ambiente se entende as pessoas vivendo a fraternidade, a acolhida, o perdão, o respeito mútuo e o empenho pela justiça. Como Dom Bosco se envolveu com crianças, adolescentes e jovens com grandes carências, sobretudo materiais e afetivas, procurou envolvê-las e rodeá-las de pessoas com grande senso de comunidade, de grupo. Igreja antes de tudo são pessoas vivendo em paz e harmonia, como que antecipando o que será no Paraíso.

O terceiro pilar é **a fração do pão**. Com esta expressão pode-se e deve-se entender a Eucaristia, mas também se entende o compromisso social no empenho pela

justiça e paz no mundo. Dom Bosco sabe que a sociedade de seu tempo estava vivendo uma grande transformação social. A industrialização trouxe para as cidades levas e levas de pessoas, sobretudo de jovens. Esta realidade nova, da urbanização, da favelização, não encontrou as pessoas e as instituições preparadas para enfrentá-las. A primeira grande tarefa de Dom Bosco foi a de ir onde os jovens se encontravam, ouvir o que eles tinham a dizer e mobilizar-se e mobilizar para que esta nova realidade não excluísse e matasse as pessoas. Tal como no Êxodo quando Javé disse: "Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra que mana leite e mel" (Ex 3, 7-8).

Finalmente, há o pilar da **oração**. Quando se encontra um jovem ou uma jovem vocacionado(a) à vida salesiana, costuma-se perguntar: por que você deseja ser salesiano(a)? Três são as possíveis respostas. Uma delas diz: "Porque é bonito!". É uma boa resposta, mas insuficiente, porque muitas vezes ela se torna muito desafiadora, exigente, cansativa. Outra: "Porque quero trabalhar com os jovens!". É uma resposta convincente, mas também insuficiente, porque se pode trabalhar com os jovens sem motivações religiosas. Por fim, há quem responde: "Porque quero seguir Jesus Cristo assumindo seu carisma de predileção pelas crianças, adolescentes e jovens". O cerne da vocação salesiana é o seguimento de Jesus Cristo num carisma especial. Quem dá sentido às pessoas que assumem a vida salesiana é o Senhor da Vida. Sem paixão pela vida e pelo Senhor da vida, assume-se a missão, mas com probabilidade muito grande de esvair-se no nada e se esvaziar. A oração alimenta a vida e a paixão apostólica de todos os que, na Igreja, assumem uma missão especial.

7. A escola católica, espaço de evangelização e educação

Sem apelar para grandes teorias, podemos dizer que a escola, hoje, é um espaço de presença forte e marcante para crianças, adolescentes e jovens. Milhões e milhões deles vão todos os dias à escola. Não só. Milhões de educadores vão todos os dias encontrar-se com as novas gerações. A maioria deles está presente nas escolas mantidas pelo estado. No Brasil chegam a 87%. Há, também, os que vão às escolas mantidas pela iniciativa privada. No Brasil são 10%. As chamadas escolas confessionais, nas quais se incluem as escolas católicas, constituem 3% no Brasil.

Há documentos da Igreja em todos os níveis que apoiam, incentivam e defendem a presença da escola católica no mundo da educação escolar. As escolas católi-

cas estão espremidas entre dois tipos de escolas: as mantidas pelo poder estatal e as mantidas pelo poder privado. Por um lado, a presença da Igreja no mundo da educação vem dizer que não pode existir escola única. Os grupos organizados da sociedade também têm direito de se fazerem presentes e oferecerem seus serviços e sua visão educativa às famílias que procuram educação para seus filhos. Por outro lado, a presença da Igreja também vem dizer que educação não é pura e simplesmente um negócio visando lucros. É mais que isso. Daí se vê que duas tentações rondam a escola católica: a primeira, é igualar-se à escola do estado renunciando a ter uma filosofia de educação própria; a segunda, é igualar-se às escolas da assim chamada iniciativa privada visando exclusivamente ao lucro.

Da própria expressão "escola católica", podemos tirar dois desafios para as mesmas. O primeiro é que elas são **escola** e, como tal, devem primar pela profissionalidade em todos os seus âmbitos: gestão, metodologias, conteúdos, avaliação, formação de seus quadros, aprendizagem... Neste sentido, ela manifesta o desejo da Igreja de lutar contra o analfabetismo e contra a subeducação. A escola católica é um espaço de diálogo entre razão e fé. A fé católica não tem medo da razão, da ciência e da técnica. Ela as promove. Quanto mais a fé for esclarecida, mais humaniza e menos barbariza as pessoas. Crise de fé, ordinariamente é crise de razão. Uma fé adulta e madura floresce numa pessoa adulta e madura também racional e cientificamente. Além do mais, a Igreja sempre relutou em apoiar pedagogias que reduzem a educação a apenas uma única dimensão. Neste sentido, a pedagogia de Dom Bosco, realizada através do cultivo da religião, da razão e da amorabilidade, vem dizer que educação eficaz é a que vê a pessoa humana no seu todo: cabeça (razão), coração (amorabilidade), joelhos e mãos (religião). Tudo isto numa visão transdisciplinar: uma razão cheia de amor e de fé; uma fé racional e amorosa; uma amorosidade racional e impregnada de fé.

Outro desafio é que a escola é católica. Portanto, nesta escola se cultiva a catolicidade. A própria etimologia da palavra católico é muito significativa. Ela vem do termo grego "*katholikós*", o qual é a combinação de duas palavras: "*kata*" – concernente – e "*holos*" – totalidade; por consequência, "*concernente à totalidade*", "relativo à totalidade" ou "integral, abrangente". Papa Francisco, numa de suas catequeses, diz que a igreja é católica em três sentidos. Primeiro, porque é o espaço, a casa na qual vem anunciada toda a fé, por inteiro, na qual a salvação que nos trouxe Jesus é oferecida a todos. Segundo, a Igreja é católica porque é universal, está espalhada em toda parte do mundo e anuncia o Evangelho a todo homem e a toda mulher. A Igreja não é um grupo de elite, não diz respeito somente a alguns. A Igreja não tem trancas, é enviada à totalidade das pessoas, à totalidade do gênero humano. Terceiro, a Igreja é católica

porque é a "Casa da harmonia", onde unidade e diversidade combinam-se para ser uma riqueza. Pensemos na imagem da sinfonia, que quer dizer acordo, harmonia, diversos instrumentos tocando juntos; cada um mantém o seu timbre inconfundível e as suas características de som têm algo em comum.

Queremos nos ater a este terceiro sentido. A igreja é católica porque é a casa da hospitalidade. Nós não somos católicos, nós nos vamos tornando católicos. Para Boff (2005) a hospitalidade é utopia e prática, integra o sonho e a realidade em suas margens. Ou, como ele mesmo diz: A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia, representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática, cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas, por ser concreta, sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas. Nestes tempos complexos e frágeis em que vivemos, a hospitalidade aponta para um modelo de relação a ser resgatado, no qual se compartilha cuidados e conhecimentos, no qual se aguarda e atenta para o outro.

Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco cita um diálogo que teve com o Marquês de Cavour que era Prefeito da Cidade de Turim, onde Dom Bosco viveu e desenvolveu seu trabalho educativo e pastoral. O prefeito estava preocupado com a multidão de adolescentes que Dom Bosco reunia, porque os via como "canalhas e vagabundos". Portanto, eles eram um problema policial. Dom Bosco respondia ao Prefeito que seus jovens eram apenas "pobres filhos do povo, meninos pobres e abandonados". Portanto, não eram um problema policial, mas um desafio social. A visão é diferente. Uma é de exclusão e outra de inclusão e hospitalidade. E ambos eram católicos.

Conclusão

A Família Salesiana existe para evangelizar e educar os jovens, sobretudo os mais pobres e periclitantes. Tomemos consciência de que a Família Salesiana é constituída de diversos grupos organizados a serviço da Igreja. A maioria dos membros da Família Salesiana é constituída de batizados. Afirmamos a maioria porque também há grupos que podem ser constituídos de não batizados como os ex-alunos e as ex-alunas. Estes, mesmo que não em comunhão plena com a Igreja Católica, aprenderam de Dom Bosco que fazem parte do Reino de Deus e se empenham para que ele se torne realidade. Uma grande contribuição que podemos dar à Igreja de Jesus Cristo

é nossa coerência de vida. Dom Bosco falava que era "*Padre no altar, Padre no confessionário, Padre no meio de meus meninos, Padre em Florença* [então sede do governo], *Padre no casebre do pobre, como no palácio do Rei ou dos ministros. Quero ser sempre Padre!". A seu exemplo, também nós oferecemos à Igreja de Jesus Cristo o testemunho de nossa coerência de vida e o ardor de nossa caridade apostólica.*

Referências bibliográficas

BOFF, L. Virtudes para um outro mundo possível. Vol I: *Hospitalidade: direito e dever de todos.* Petrópolis: Vozes, 2005.

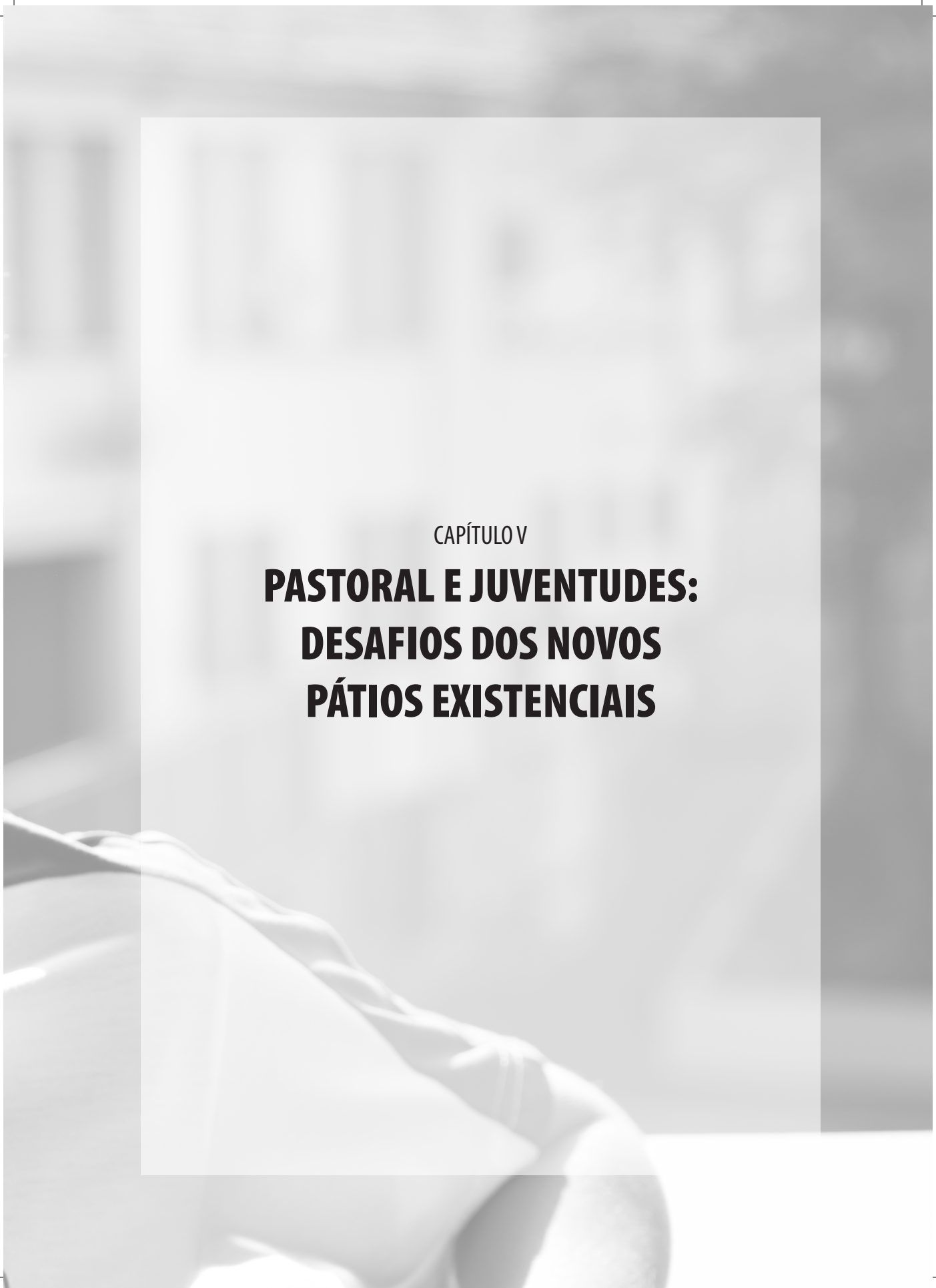
BOSCO, João. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. 3. ed. São Paulo: Salesiana, 2005.

DICASTÉRIO PARA A FAMILIA SALESIANA. *Carta de Identidade carismática da Família Salesiana de Dom Bosco.* Brasília: EDB, 2012.

GIANNATELLI, Roberto (a cura di). *Don Bosco: attualità di um magistero pedagógico***.** Roma: LAS, 1987.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica*: *essência, realidade, missão*. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

LENTI, Arthur J. *Dom Bosco: História e carisma***.** Vol I: Origem: Dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Brasília: 2013).



CAPÍTULO V

PASTORAL E JUVENTUDES: DESAFIOS DOS NOVOS PÁTIOS EXISTENCIAIS

PASTORAL E JUVENTUDES: DESAFIOS DOS NOVOS PÁTIOS EXISTENCIAIS

Maurício Perondi[1]

As visões sobre os jovens

> "*Não vejo esperança para o futuro do nosso povo se ele depender da frívola mocidade de hoje, pois todos os jovens são por certo, indizivelmente frívolos... Quando eu era menino, ensinavam-nos a sermos discretos e a respeitar os mais velhos, mas os moços de hoje são excessivamente sabidos e não toleram restrições*." (Hesíodo, séc. VIII a.C).
>
> "*Nossos jovens atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando pelas praças... São propensos a ofender seus pais, monopolizam a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas, comem com voracidade e tiranizam seus mestres*." (Sócrates, séc. V a.C).

As falas acima são de pensadores de muitos séculos atrás, contudo, se nos detivermos em prestar atenção aos discursos atuais sobre as juventudes, provavelmente, encontraremos expressões muitos semelhantes. Tal constatação remete à dificuldade que muitos olhares adultos e institucionais têm ao refletirem, se relacionarem e ao proporem projetos com jovens.

A visão que temos sobre os jovens depende do olhar que lançamos sobre eles, das conversas que temos com eles e daquilo que construímos na relação com eles (PERONDI, 2010); por isso, se faz necessário refletirmos sobre qual é o modo que olhamos e nos relacionamos com os jovens.

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Ex-assessor da Pastoral da Juventude Estudantil-PJE. Membro e coordenador do Observatório Juventudes PUCRS. E-mail: mauricioperondirs@gmail.com.

Este texto se propõe a contribuir com esta reflexão, a partir de uma divisão em duas partes, sendo que na primeira apontamos para a concepção de juventudes e de culturas juvenis, que tem pautado os olhares e as ações para/com os jovens. Na segunda parte, buscamos destacar alguns novos pátios existenciais que repercutem na atuação juntos aos jovens, tais como: a subjetividade, a vivência grupal, as culturas juvenis, a busca pelo sagrado, a revolução digital e as reinvenções da participação social.

Ao apontarmos os novos pátios existenciais também propomos algumas reflexões que têm implicações destes com a prática Pastoral. Aqui tomamos o conceito de Pastoral de modo amplo, considerando as diversas formas e locais de atuação, que tenham como finalidade o processo de evangelização de/com jovens, seja em escolas, em centros sociais, comunidades paroquiais, espaços urbanos, etc.

1. A construção do conceito de juventudes e de culturas juvenis

Nos últimos quinze anos, no Brasil, vem acontecendo uma mudança expressiva na teorização sobre juventude, desde a sua conceituação até a ênfase na dimensão cultural, como instância que produz as juventudes tais como elas são concebidas atualmente. Os jovens deixaram de ser apenas compreendidos como se estivessem em transição para a vida adulta, ou então como se fossem apenas um contingente de indivíduos abrangidos por determinada faixa etária.

Os jovens passaram a ser pensados a partir da construção histórica e cultural que lhes constitui. De um lado são considerados sujeitos de direitos, com atenção especial às políticas públicas para a juventude; de outro, é admitida uma cultura especificamente juvenil, com características próprias deste segmento de indivíduos.

Tornou-se quase um consenso conceber a juventude em sua diversidade, tanto que a denominação deixou de ser usada no singular e passou a ser adotada no plural (juventudes). Tal mutação é detalhadamente explorada pela literatura sobre o tema, especialmente por autores como Sposito (2002), Pais (2003), Dayrell (2003) e Abramo (2005).

A terminologia no plural reage ao fato de que, nas representações correntes sobre juventude, os jovens são designados como integrantes de uma cultura juvenil homogênea. Contudo,

> *já não é possível englobar numa mesma geração, e, por conseguinte num mesmo grupo, indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes"* (SEDAS NUNES apud PAIS, 2003, p. 29).

Isso implica em perceber a diversidade dos modos como os jovens experimentam a condição juvenil de um mesmo tempo/espaço/cultura.

Apesar da dificuldade de definição, algumas concepções estão ultrapassadas. Uma das ideias correntes sobre a juventude é de que a mesma constituiria um estágio temporário no movimento em direção à normalidade, que seria superado somente com a entrada na vida adulta (Green e Bigum, 1995, p. 212). Tal definição já não se sustenta mais, pois, como afirma Melucci (2004), o modo de ver a juventude como mera transição decorre de uma compreensão da ordem social adulta como estática e rígida em oposição a uma pretensa "instabilidade juvenil", sendo que aquilo que denominamos de condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade de toda a população e não apenas entre a juventude.

Outro aspecto superado é conceber os jovens apenas através do viés da escolarização, pois existem inúmeros outros fatores a eles relacionados. Conforme Green e Bigum (1995, p. 212), a construção social e discursiva da juventude envolve um complexo de forças que inclui a experiência da escolarização, mas que, de forma alguma, está limitada a ela.

Um dos aspectos centrais que geralmente se coloca no debate sobre juventude diz respeito à idade. Questões como: "Quando começa a juventude? Até que idade vai? Por que em outros lugares o período da juventude é maior?", são recorrentes nesta discussão. Segundo Regina Novaes,

> *Os limites de idade não são fixos. Para os que não tem direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho –, uma parte "deles" acaba por alargar o chamado "tempo da juventude" até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais* (2006, p. 105).

Mesmo com esta dificuldade de precisar a idade correspondente à juventude, é

importante tomar conhecimento das caracterizações que estão sendo adotadas em diversos âmbitos. Dentre estas, encontra-se a concepção adotada pela UNESCO, que define a juventude como aquelas pessoas que têm entre 15 e 25 anos.

No Brasil, outro enfoque tem sido abordado pelo CONJUVE (Conselho Nacional de Juventude) e pelo Estatuto da Juventude (Lei 12.854, de 05/08/2013), que apontam a faixa etária da juventude como sendo dos 15 aos 29 anos.

> *(...) trata-se de uma fase marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida. Essa fase do ciclo da vida não pode mais ser considerada, como em outros tempos, uma breve passagem da infância para a maturidade, de isolamento e suspensão da vida social, com a tarefa quase exclusiva de preparação para a vida adulta. Esse período se alongou e se transformou, ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas* (ABRAMO, 2005, p. 31).

Tal definição apresenta o conceito de juventude de uma forma ampla e aberta, considerando seu caráter dinâmico, histórico e cultural. Deste modo, há que se ter em mente que o mesmo está em contínuo processo de reconstrução.

Na mesma direção, o Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005) refere que "a condição juvenil se desenvolve em múltiplas dimensões", o que remete à diferenciação dos termos *condição juvenil* e *situação juvenil* (Abramo, 2005, p. 40-42). Segundo a autora, a noção de condição juvenil diz respeito a uma etapa específica do ciclo da vida, de ligação entre a infância, tempo da primeira fase do desenvolvimento corporal e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, que é caracterizada pela capacidade de exercer as dimensões de produção (sustento), reprodução (filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). Por sua vez, o termo situação juvenil expressa o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais, de classe, gênero, etnia, etc. Em outras palavras, poderíamos dizer que todos os jovens "passam" pela condição juvenil, porém, nem todos a vivenciam da mesma maneira, pois cada qual vive uma situação juvenil diferenciada.

Tais fatores remetem a pensarmos quais são as formas pelas quais os jovens estão situados na sociedade. Urteaga (2011, p. 36) destaca que existem duas formas principais de fazê-lo. A primeira corresponde a uma construção sociocultural do que é o juvenil, a partir das instituições hegemônicas (família, escola, trabalho, instituições religiosas, partidos políticos, associações intermediárias, exército, indústria cultural,

meios de comunicação de massa, órgãos de vigilância e controle social). Estas instituições, de modo geral, têm definido os jovens como sujeitos passivos, que devem preparar-se e qualificar-se para acessar, no futuro, a esfera adulta. Segundo a autora, esta projeção de lugar no futuro invisibiliza os jovens no presente. A segunda forma é a da "construção juvenil da cultura", que corresponde aos territórios ou espaços de sociabilidade juvenil, criados pelos próprios jovens nos interstícios dos espaços institucionais, como a escola, a indústria do entretenimento, o bairro, etc. e, sobretudo, em seus tempos livres (rua, cinema, música, festas, lugares de diversão, etc.). O diferencial desta segunda maneira é que os jovens, através da interação com seus pares, participam dos processos de criação e de circulação cultural e social como agentes ativos (IBID, p. 38).

Urteaga destaca que esta segunda maneira de compreender os jovens corresponde à noção das culturas juvenis, que teve grande impulso com os estudos do antropólogo catalão Carles Feixa, convertendo-se numa importante chave interpretativa da heterogeneidade cultural dos jovens e de sua participação na construção de novos espaços sociais que interagem com as culturas hegemônicas e com as próprias culturas geracionais. Segundo a autora:

> *Culturas juvenis foi uma noção vital para reintroduzir o sujeito jovem como ator e poder fazer ouvir as vozes dos segmentos juvenis marginalizados da investigação social. Feixa, Reguillo, Pere Islas, Valenzuela, Marcial, Urteaga (quem lhes escreve) e muitos outros investigadores enfatizamos a importância de ler as representações e práticas juvenis como metáforas da mudança social, rompendo com as interpretações lineares e "fazendo falar" o conjunto de elementos com os quais os jovens interagem – desde diferentes âmbitos e localizando-se em múltiplas dimensões como classe, gênero, geração, etnia, território, espaço urbano-rural – e com os quais constroem novas formas e concepções de política, de relações sociais e afetivas, de cultura, etc* (URTEAGA, 2011, p. 19). [grifos do original], [tradução nossa].

Tal apontamento enfatiza o uso de noção das culturas juvenis à compreensão das abordagens recentes sobre os jovens, em que os mesmos são situados de uma maneira diferenciada, com maior visibilidade e a partir do pressuposto de que produzem uma cultura diferenciada das culturas hegemônicas e parentais. Isso remete a novo olhar sobre os jovens, pois deste modo eles deixam de ser considerados como indivíduos passivos, que apenas recebem cultura. Eles passam a ser concebidos como sujeitos que produzem cultura e têm condições de participar de diferentes espaços sociais, manifestando suas contribuições.

Pensar os jovens a partir desta concepção plural e diversa provoca as diversas instituições, inclusive a Pastoral, a pensar quem são os jovens contemporâneos, como compreendê-los e como atuar junto a eles. Para isso, se faz necessário aprofundamento teórico e prático buscando opções para qualificar a presença e a atuação, principalmente diante dos novos pátios existenciais que nos provocam.

2. Os jovens e os novos pátios existenciais

Na Pedagogia Salesiana, o conceito de pátio remete ao espaço privilegiado para as relações interpessoais entre os integrantes da comunidade educativa. Se, por um lado, podemos falar dos espaços físicos onde estes encontros acontecem, por outro, também podemos falar de outros pátios na atualidade, inclusive os existenciais, os subjetivos, buscando pensar como eles se cruzam.

Nesta parte do texto, vamos abordar alguns dos pátios existenciais que repercutem cotidianamente na vida dos jovens. São muitos os que poderiam ser abordados, mas aqui nos centraremos em seis deles: o da subjetividade, o da amizade, o das novas tecnologias, o das culturas juvenis, o da busca do sagrado e o da participação social. Alguns destes certamente não são novos no sentido de que não existiam anteriormente, mas trazem novas questões pela forma como são configurados na sociedade contemporânea e pelo modo como afetam a vida dos jovens e a nossa relação com eles.

Subjetividade: o jogo do eu

Com o sugestivo título *O jogo do eu*, Alberto Melucci (2004) destaca que vivemos um tempo histórico em que cada vez é mais difícil para os sujeitos tomarem consciência de si mesmos diante da multiplicidade de opções e com a velocidade das transformações sociais que estão em curso. Segundo o autor, estamos vivendo um período de grande mobilidade, em que uma de nossas principais tarefas é nos darmos conta de nossa própria subjetividade e da construção da nossa identidade. Na sua visão,

> *Faltam os pontos de referência que permitiam aos indivíduos e aos grupos, no passado, construir a continuidade de suas experiências. Cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com segurança à pergunta "quem sou eu?" (...) O eu não está mais solidamente fixado em uma identificação estável: joga, oscila, se*

> *multiplica. Diante disso, o eu pode sentir medo e perder-se. Ou, então, aprender a jogar* (2004, p. 15).

Pode-se sugerir, em alguma medida, que tal aspecto justifica a crescente atenção à individualidade e à construção subjetiva do eu, de forma ainda mais incisiva para os jovens, que estão num período especial de afirmação identitária, por mais que saibamos que esta construção acompanha toda a vida.

Para perceber como isso impacta a vida dos jovens, recorremos a fala de uma jovem participante de um grupo de estudantes, em que ela afirma:

> *Antes de eu entrar no grupo de jovens, eu era uma adolescente muito tímida, muito centrada em mim mesma, eu tinha medo de conversar com as pessoas, quem eu não conhecia eu chegava a ficar assim, olhando de longe. Isso foram coisas que eu fui desenvolvendo no grupo, de ser mais extrovertida, de conversar com as pessoas, de ser comunicativa... Então isso para a minha vida foi algo que mudou completamente* (Lílian, jovem estudante, 18 anos. Participante de pesquisa desenvolvida por Perondi, 2008).

O depoimento da jovem aponta para um aspecto que é muito desafiador para os sujeitos, que consiste na expressão de si. Parece que qualquer opinião ou fala pode ser julgada e reverter em repreensões para os indivíduos.

O aspecto da expressividade não é algo simples ou secundário na construção da identidade. Para Larrosa (2004), nós somos aquilo que concebemos sobre nós mesmos e esta concepção depende da relação com outras concepções e dispositivos sociais em que se realiza a produção e a interpretação das ideias sobre identidade. Por isso, é tão importante a opinião dos outros sobre os jovens que estão construindo suas identidades. Também nesta perspectiva é que surge o receio de se expor, de falar diante do grupo e de expressar ideias próprias.

Este é um dos muitos aspectos que envolvem as subjetividades dos jovens, ao qual se pode somar as questões de autoestima; de autonomia, de saber lidar com as dificuldades pessoais, familiares e estudantis; as questões de gênero e de sexualidade; a corporeidade, os seus ideais, o seu projeto de vida, etc.

Talvez, um dos grandes desafios para a Pastoral na atualidade seja justamente ter adultos capacitados e com sensibilidade para ouvir os jovens e contribuir com os seus dilemas subjetivos. Os jovens precisam de um acompanhamento verdadeiro que os auxiliem na sua construção identitária e que contribuam para que eles possam "aprender a jogar com o seu eu".

Vivências grupais: o grupo como lugar de felicidade do jovem

Há pouco tempo, um amigo professor relatou que a associação de professores da qual ele faz parte colocou à venda a sua sede campestre pelo fato de ter sido utilizada apenas duas vezes em um ano. Destacou ainda que até anos atrás a mesma era utilizada todos os finais de semana para convívio e confraternização entre as famílias dos membros da associação. Este exemplo reflete uma realidade do mundo contemporâneo em que cada vez mais as relações se tornam individualizadas e os espaços de interação são reduzidos.

No entanto, se vários segmentos da sociedade em geral caminha nesta direção, existe outro que ainda privilegia muito os espaços coletivos, que é o segmento juvenil. De acordo com Hilário Dick,

> *O grupo é o lugar da felicidade do jovem; o grupo é uma necessidade biológica, psicológica, sociológica e teológica. Não exageramos dizendo que o jovem tem uma necessidade violenta de viver em grupo e que nunca na história humana houve tanta procura juvenil de vivências grupais. Nem todas boas, mas grupais"* (2006, p. 53-54).

Atualmente se pode dizer que existem vários tipos de grupos, desde os grupos clássicos como os grupos de jovens das igrejas e escolas, os movimentos estudantis, os movimentos sociais até os novos grupos articulados em torno da cultura, do esporte, da ecologia, da paz etc. Normalmente estes grupos são organizados e coordenados por alguma instituição educativa, cultural ou pública. Contudo, além destes, percebe-se o surgimento de uma infinidade de outras experiências grupais, mais espontâneas, mais flexíveis e coordenadas pelos próprios jovens. Estas experiências geram o que o autor Carles Feixa (2006) chama de culturas juvenis, em que os jovens são criadores de uma cultura específica, com características próprias dos sujeitos que fazem parte da mesma (sobre culturas juvenis, falaremos mais no próximo tópico).

Independente da forma, as experiências grupais são fundamentais para o exercício da alteridade e para a formação dos jovens; por isso, pode-se dizer que as mesmas constituem-se como um dos pátios existenciais importantes para os mesmos, como é possível perceber no relato desta jovem:

> *Pra mim é muito forte essa coisa de sentir junto, sofrer junto, se alegrar junto, rezar junto. No grupo a gente tem relações de comunidade mesmo, de pessoas que se enxergam um ao outro, por causa da partilha que existe, da partilha de vida, da partilha de histórias. Acho que são coisas que marcam a gente, eu tenho um pouco*

> *de cada um em mim até hoje, por tudo o que a gente viveu e dessa sensibilidade que a gente tinha um com o outro* (Taís, jovem estudante, 18 anos. Participante de pesquisa desenvolvida por Perondi, 2008).

Estas referências apontam que, diferentemente do que se ouve muitas vezes, os jovens não deixaram de querer participar de grupos de jovens ou de outras experiências coletivas. Cabe, portanto, à Pastoral se questionar sobre os modelos de grupo que tem oportunizado aos jovens: a metodologia utilizada corresponde às mudanças ocorridas nos últimos anos? As propostas desenvolvidas abrem espaços para as culturas juvenis? Os jovens têm espaço para contribuir no sentido de que os grupos tenham "a sua cara"? As instituições têm investido em estruturas para qualificar os grupos? Qual é o investimento na formação continuada de assessores adultos para o acompanhamento dos grupos? Existem produções e sistematizações dos conhecimentos produzidos a partir da prática?

Culturas juvenis

Conforme visualizamos na primeira parte deste texto, as culturas juvenis têm sido uma forma diferenciada de compreender como os jovens se reúnem e como eles produzem suas identidades a partir das relações que estabelecem neste âmbito. Segundo Feixa (2006), dois aspectos são fundamentais para a produção das culturas juvenis: o tempo livre e os encontros com os seus coetâneos, ou seja, com outros jovens que têm as mesmas idades e determinadas afinidades.

No entanto, uma das grandes dificuldades encontradas pelos jovens, com relação a este aspecto, pode estar relacionada a pelo menos três aspectos: a falta de reconhecimento, a invisibilização e a falta de condições socioeconômicas e culturais.

A falta de reconhecimento acontece quando as culturas hegemônicas (famílias, instituições educativas, igrejas, mundo do trabalho, etc.) sequer reconhecem que os jovens são produtores de culturas especificamente juvenis. Por isso, é muito comum ouvir expressões de adultos que dizem que os "jovens querem ficar sozinhos sem fazer nada" ou então "os jovens só querem ficar na internet e no celular". Ao afirmarem isso, na maioria das vezes se fecham à possibilidade de compreender o que estes sujeitos realmente estão fazendo e o que estão produzindo.

A segunda dificuldade, a invisibilização, acontece quando se percebe a existência das culturas juvenis, mas as mesmas são ignoradas . Se tomarmos como exemplo as escolas, percebe-se que as culturas juvenis estão separadas da cultura escolar

(SPOSITO, 2000). Isso porque as escolas e as demais instituições educativas tendem a buscar a homogeneização. Parte-se do princípio de que todos devem fazer a mesma coisa, ao mesmo tempo e do mesmo modo. Com isso se invisibiliza uma grande riqueza que os próprios jovens trazem das suas vivências, tanto desses espaços como também dos externos em que participam. Além disso, nestes espaços institucionalizados, a margem para o erro, ou para uma configuração diferente sofre muita resistência, conforme a constatação do jovem a seguir:

> *Talvez em outras instâncias, como escola e Igreja, tem um ser autoritário que define as regras. Aí, ou eu estou de acordo e participo ou eu não sou de acordo e estou fora. Talvez por isso o grupo seja um espaço de aceitação, suscetível ao erro, porque está com um pouco da identidade de cada um, com a cara de cada um. Aí não está errado, está diferente, está de acordo com o meu grupo, com a cara do meu grupo* (Gérson, jovem egresso de grupo de estudantes, 26 anos. Participante de pesquisa desenvolvida por Perondi, 2008).

Por outro lado, quando os jovens encontram espaços para uma atuação, eles tomam a iniciativa para construir alternativas que tenham as suas próprias "marcas", conforme vemos na fala desta outra jovem:

> *Pra mim, o grupo de jovens muda a realidade. Por exemplo, a gente fez várias coisas na escola, com a característica do jovem* (Juliana, jovem estudante. 17 anos. Participante de pesquisa desenvolvida por Perondi, 2008).

Quando a jovem Juliana destaca que ela, juntamente com seu grupo, teve oportunidade de fazer algo "com a característica do jovem", ela aponta para esta possibilidade de poder produzir algo diferente do instituído, ou seja, o jovem passa a ser um instituinte, visto que ele tem um papel ativo na produção da cultura.

Toda proposta pastoral de trabalho com jovens tem um projeto pedagógico subjacente, que reflete num planejamento de ações. Contudo, este planejamento precisa, necessariamente, contemplar a participação ativa dos jovens no processo. Quanto mais ele for uma via de mão dupla em que, de um lado, lança uma proposta, e de outro, está aberto às produções e proposições das culturas juvenis, mais ele terá probabilidade de êxito, visto que ele contemplará de um modo mais profundo aquilo que os jovens vivenciam nos diversos espaços onde transitam.

Novas tecnologias e juventudes: os impactos da Revolução Digital

O primeiro título da Biblioteca Latino-Americana de Infâncias e Juventudes, lançada em novembro de 2014, intitula-se "Da Geração @ à #Geração: a Juventude na era digital (FEIXA, 2014). Ora, não é um acaso o título desta obra, visto ser difícil refletir sobre as juventudes sem relacioná-las com o mundo digital, neste início de novo século.

Para as juventudes contemporâneas, as novas tecnologias e o mundo digital não são apenas instrumentos ou ferramentas, mas são também elementos que configuram novas culturas juvenis. De acordo com Tapscott (1998) e Feixa (2006), a geração de crianças do final dos anos 90 e início dos anos 2000 foi a primeira a ser educada na sociedade digital, por isso foi chamada de Geração @. As crianças daqueles períodos são os jovens de hoje; portanto, são jovens que tiveram uma educação diferenciada e que vivem culturas diferentes. Mesmo sabendo que muitos jovens são excluídos do mundo digital (WAISELFISZ, 2007), ainda assim acabam sendo influenciados por estes elementos, visto que eles fazem parte de culturas juvenis mais amplas, que estão presentes em toda a sociedade e que, portanto, também são subjetivados por estas realidades.

Mark Prenski (2001) cunhou a expressão "nativos digitais" para referir-se à geração de jovens do final dos anos 90 e início dos anos 2000, que cresceram cercados por tecnologias digitais, diferente das gerações anteriores marcadas pela tecnologia analógica. Para os nativos digitais quase não há diferenças entre o "*virtual*" e "real", sendo que estas expressões têm sido substituídas por "*online*" e o "*off-line*", visto que aquilo que está na *web* (*online*) também é real.

Pode-se afirmar que o mundo digital talvez seja um dos pátios existenciais mais desafiadores para este contexto de início do século XXI, sobretudo no trabalho pastoral com jovens. É um processo irreversível, não há como fugir dele. O que precisamos é compreendê-lo e buscar trabalhar de modo que o mesmo possa ser potencializado a partir de suas oportunidades.

A busca juvenil pelo sagrado

É revelador o dado da Pesquisa Agenda Jovem Brasil 2013 de que apenas 1% dos jovens brasileiros se diz ateu ou agnóstico (SNJ, 2013). Tal dado aponta para o fato de que, diferente do que muitas vezes se percebe no senso comum, os jovens não deixaram de ter interesse pelas questões relacionadas ao transcendente. Esta cons-

tatação também é possível de ser verificada em diversas outras pesquisas segundo o levantamento da socióloga Solange Rodrigues (2012) ou mesmo das conversas e atividades desenvolvidas com os jovens.

Por outro lado, é visível que as formas de se relacionar com o sagrado modificaram-se significativamente nos últimos anos. Na mesma pesquisa, Agenda Jovem Brasil 2013, 15% dos participantes afirmaram acreditar em Deus, mas não seguir nenhuma religião, ou seja, há um evidente distanciamento das instituições religiosas. Isso fica visível inclusive para a religião Católica, em que 56% dos jovens se dizem pertencentes, contudo, quando questionados se são praticantes, apenas 29% acenou positivamente.

Este é um tema que demanda análise em profundidade, dada a complexidade que o envolve. Em vista disso, aqui destacaremos pelo menos um ponto que consideramos importante nesta reflexão. Trata-se de recuperar o sentido que a espiritualidade tem para a vida dos jovens, ou seja, atualmente, os jovens não seguem uma determinada religião por causa da sua tradição ou porque seus pais a praticam; eles aderirão a uma religião por opção e pelo sentido que ela confere à sua vida.

Para ilustrar esta questão trago o depoimento de dois jovens:

> *Sobre a questão da espiritualidade, a pastoral ressignifica as nossas ideias de Igreja e de espiritualidade. Com certeza, se não fosse a pastoral eu, talvez, teria me revoltado contra a minha fé, contra a Igreja Católica* (Cristian, jovem egresso de um grupo de jovens, 22 anos. Participante de pesquisa desenvolvida por Perondi, 2008).

> *Acho que falando em religiosidade, na família ou até mesmo no culto católico, tu aprende muito aquilo que não pode "Não pode isso, não pode aquilo outro, não pode assim, não pode assado". E na pastoral tu aprende mais o que pode, mesmo que seja romântico, tu fica mais em cima daquilo, da fé, daquilo que é pra ser. Então tu transita por um círculo mais aceitável pro adolescente, em que tu pensa "que legal ser assim". Dá esse conflito inicial, porque tu chega em casa e as pessoas dizem "Não pode mastigar a hóstia guri!" (risos). Então acho que é muito mais aceitável a espiritualidade dentro do grupo porque tem isso, acho que a gente transita por um caminho mais histórico primeiro pra depois ver o regimento da coisa. E em casa, primeiro é o regimento e depois é o porquê do regimento, se é que chega no porquê* (Gerson, jovem egresso de um grupo de jovens, 26 anos. Participante de pesquisa desenvolvida por Perondi, 2008).

Ambos os relatos apontam para conflitos pessoais dos jovens com a dimensão dos ritos da religião e como eles tiveram a oportunidade de ressignificar as suas vivências a partir da experiência pastoral, que é onde eles afirmam ter encontrado uma experiência com o transcendente que trouxe maior sentido para a sua fé.

Neste aspecto, situa-se um grande desafio para a atuação Pastoral no processo de evangelização das juventudes: como ressignificar a fé cristã de modo que a mesma possa plenificar-se de sentido para os jovens? Talvez um bom ponto de partida seja a resposta do jovem Gérson em que ele afirma que quando o regimento e as regras vêm antes do que o sentido, as chances de uma proposta encontrar eco junto aos jovens se tornam mais restritas.

As reinvenções da participação social

Desde o início da modernidade se acentuou no mundo ocidental a ideia do indivíduo ter um pensamento autônomo, baseado na máxima Kantiana "*sapere aude*" (atreva-se a pensar por si mesmo). Esta concepção extrapolou a esfera do saber em direção à prática e, atualmente, se enfatiza também a ideia do agir autônomo. Deste modo, em pleno início do século XXI, os sujeitos tendem a não desejar repetir ideias ou repetir ações de outros, sem que eles tenham espaço de participação, tanto na esfera da concepção quanto na execução.

Isso repercute de maneira intensa na vida dos jovens, pois há um grande desejo de participação, de inserção nos processos, de não repetir o que já está dado. No entanto, assim como na dimensão do transcendente, os jovens tendem a interessar-se por temas e práticas que produzem sentindo para o seu cotidiano e para as suas vidas.

Em vista disso, ainda que não tenham deixado de participar de espaços tradicionais (movimento estudantil, sindicatos, partidos políticos, igrejas, etc.), os jovens têm diminuído a participação nos mesmos. Contudo, têm criado e participado de inúmeros outros espaços e experiências, reinventando a sua participação social (PERONDI, 2013; NOVAES e VIDAL, 2005). Surgem a todo instante inúmeras experiências nas áreas das artes, da cultura, da ecologia, do voluntariado, do ativismo político, das petições *online*, das campanhas em prol da defesa de grupos minoritários, da defesa da diversidade étnica, sexual, de gênero, de território, etc.

Um momento que ilustra bem este desejo de participar e de se envolver são as manifestações, ocorridas em junho de 2013, que se espalharam pelo país, consti-

tuindo-se como as maiores desde o "Fora Collor" em 1992. Inicialmente, as mesmas tiveram como tema principal a questão do transporte público e foram protagonizadas essencialmente pelos jovens. Posteriormente, outros segmentos e outras pautas entraram na agenda e as manifestações tomaram diferentes rumos.

Deste modo, o desejo de participação parece continuar latente, apesar de haverem mudado as formas, as pautas e os modos de convocar. Dentre as muitas características que estas participações apresentam, talvez a principal seja a esperança que elas expressam. Tal aspecto é confirmado através da pesquisa Agende Jovem Brasil 2013 (SNJ, 2013), em que 91% dos jovens participantes acha que pode contribuir para mudar o mundo. Além disso, quando perguntados se acreditavam que o mundo poderia mudar, nos próximos cinco anos, as respostas foram: 94% para a vida pessoal, 53% para o bairro, 44% para o país e 36% para o mundo. Esses dados apontam que quanto mais próximo é o âmbito de ação, mais os jovens acreditam que é possível mudá-lo.

Esta reflexão indica caminhos possíveis para que a Pastoral possa pensar nas suas propostas pedagógicas, considerando o desejo de participação de autonomia dos jovens. Também pode contribuir, oferecendo espaço para o protagonismo dos jovens em espaços coletivos, visto que, se não for trabalhada a autonomia, tão importante no mundo contemporâneo, pode se transformar em individualismo ou em narcisismo. O mundo da publicidade e do consumo já percebeu isso e atua muito fortemente nesta perspectiva. Cabe à Pastoral pensar em estratégicas que estejam em contraposição a estas ideias.

Considerações finais

Propor um texto que reflita sobre os novos pátios existenciais na área das juventudes deveria ser algo em que não houvesse "considerações finais", visto que são muitas as demandas que surgem, devido à pluralidade e à complexidade quando falamos sobre jovens, conforme vimos na primeira parte. Portanto, este texto pretende ser uma reflexão à qual se pode e se deve complementar com outras situações e ideias que remetam àquilo que os jovens vivenciam cotidianamente.

Entre as muitas possibilidades não tratadas neste texto, podemos destacar alguns pátios existenciais que necessitam de maior aprofundamento, tais como: o mundo da cultura e das artes, os espaços de solidariedade, o preconceito e a discriminação, o fenômeno das violências, a autoestima e a corporeidade, as vicissitudes do mundo do trabalho, as crises com a educação, as dificuldades de elaboração e

acompanhamento de projetos de vida. São demandas que merecem ser retomadas e aprofundadas pela Pastoral, à luz das práticas que são desenvolvidas com os próprios jovens.

Ao mesmo tempo em que o trabalho com os jovens apresenta-se como desafiador, também se pode dizer que é algo empolgante, visto que, através do contato e do acompanhamento que se realiza com eles, se descortinam inúmeras possibilidades e esperanças, pois, como afirma Hannah Arendt, eles são os portadores de novidade e de renovação.

Muitas vezes a resposta que buscamos para o trabalho com jovens está neles próprios e nós, geralmente, queremos chegar a eles com os projetos prontos. Cabe, portanto, um olhar e uma presença sensível que acolha o que eles estão vivenciando, contribuindo para que façam as suas experiências e as suas opções. Por isso, diante dos novos pátios existenciais, que mexem com as diversas situações dos jovens, a presença do adulto, que acompanha o seu processo de formação e de crescimento, é fundamental. Este acompanhamento não pode ser realizado com a postura de alguém que diz o que e como fazer, mas como uma presença que escuta, compreende e ajuda que o próprio jovem faça as suas opções.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: Freitas, Maria Virgínia (org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.* São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ARENDT, Hannah. *A condição humana.* 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Tradução de Roberto Raposo; Posfácio de Celso Lafer.

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. *Alienígenas na sala de aula*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Alienígenas na sala de aula*: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 24, set/dez, 2003. p. 40-52.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus.* 3ª ed. Barcelona: Ariel, 2006.

FEIXA, Crles. *De #Generación a la Generación @***:** la juventud en la era digital. Barcelona: Ned Ediciones, 2014.

DICK, Hilário. *O Divino no jovem*: elementos teologais para a evangelização da juventude. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAÃO, Maria H. M. Barreto (Org.). *A aventura (auto) biográfica*: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu*: A mudança de si em uma sociedade global. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NOVAES, Regina; VIDAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In. THOMPSON, Andrés A. (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro.* São Paulo, Peirópolis, 2005.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PERONDI, Maurício. *Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil*: aprendizados na ex-

periência. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. Dissertação de Mestrado.

PERONDI, Maurício. Aproximando-se das juventudes de fora do meio eclesial. In. MOTA, Rubens Nunes (org). *Juventudes*: o exercício da escuta no processo de aproximação. Brasília: CRB Nacional, 2010.

PERONDI, Maurício. *Narrativas de jovens*: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013. Tese de Doutorado.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, M. *On the Horizon*. NCB University Press, v. 9 No. 5, October, 2001. Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/>

RODRIGUES, S. dos S. Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso: um olhar sobre a literatura. In. OLIVEIRA, P. A. R.; DE MORI, G. *Mobilidade religiosa*: linguagens, juventude e política. São Paulo: Paulinas, 2012.

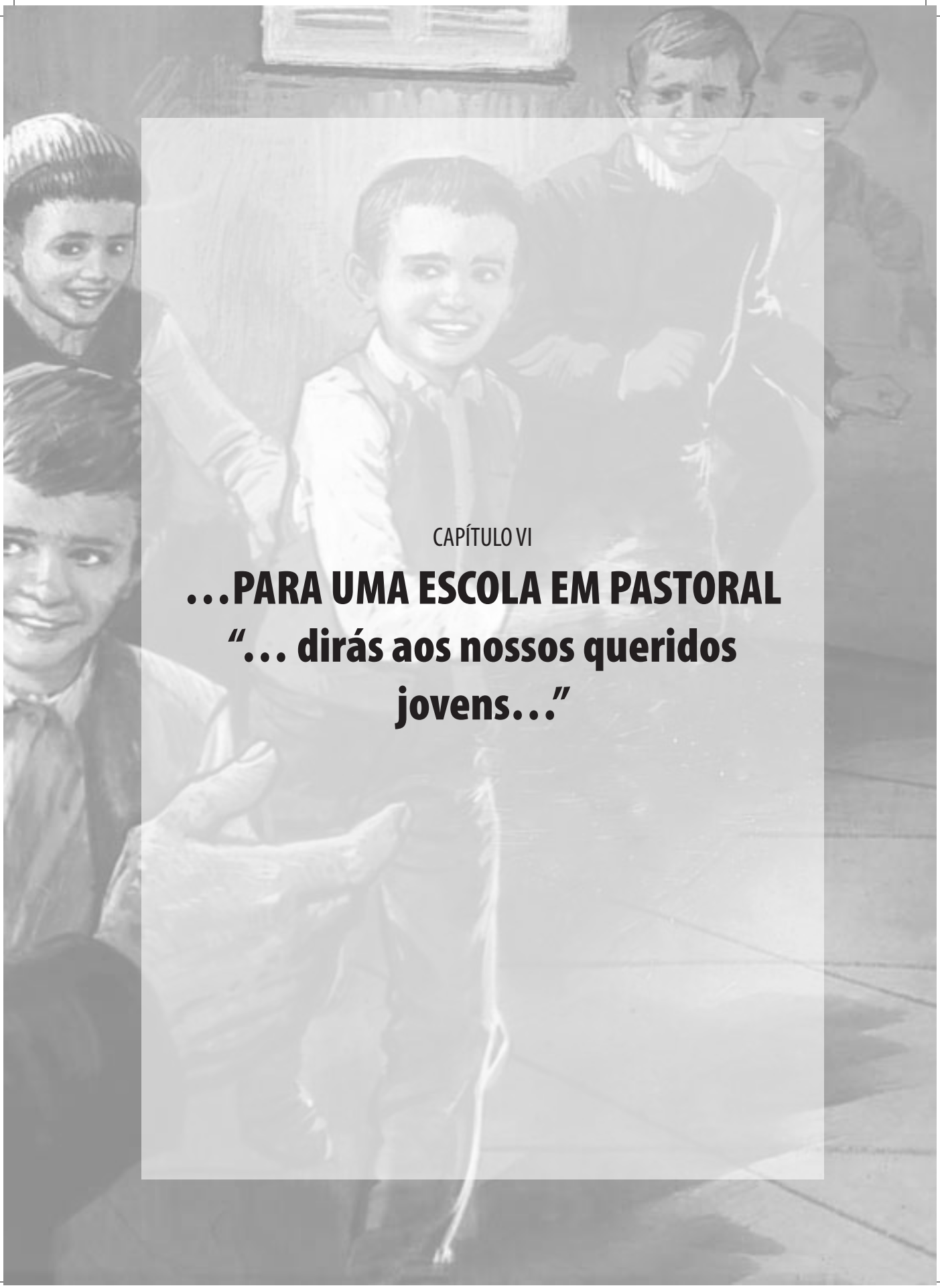
SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE-SNJ. *Pesquisa Agenda Jovem Brasil*. Brasília: 2013.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: *Revista Brasileira de Educação.* Rio de Janeiro: ANPED, n. 13, 2000.

SPÓSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPÓSITO, Marilia Pontes (Coord). *Juventude e Escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

URTEAGA, Maritza. *La construcción juvenil de la realidad*: jóvenes mexicanos contemporâneos. México D.F. Casa Abierta al Tiempo; Juan Pablos Editor, 2011.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa das desigualdades digitais no Brasil.* Brasília: RITLA; Instituto Sangari; MEC, 2007.



CAPÍTULO VI

…PARA UMA ESCOLA EM PASTORAL

"… dirás aos nossos queridos jovens…"

...PARA UMA ESCOLA EM PASTORAL
"...dirás aos nossos queridos jovens..."

Ir. Maria del Carmen Canales, FMA

Mestre, que meus olhos aprendam a ver,

a minha alma a sentir.

Faz explodir a beleza

do que existe ao meu redor

e faz-me senti-la.

- anônimo –

É uma grande alegria para mim poder encontrar-me com aqueles que no dia a dia fazem a realidade da Rede Salesianas de Escolas do Brasil. Saúdo a todos com muito afeto e compartilho com vocês a satisfação que senti quando ouvi o Papa Francisco, no local onde se engedrou o Carisma, em Valdocco e aos pés de Maria Auxiliadora, *"Seu Carisma é de uma grandíssima atualidade"*. Esta afirmação fez vibrar a corda do coração dos SDB, das FMA, dos SS. CC. e de todos os que, na Família Salesiana ou nos ambientes educativos, creem na força profética do Sistema Preventivo.

Estamos celebrando um Seminário que a partir de várias óticas está nos fazendo adentrar na beleza de orientar e gerir as escolas/formação profissional Salesianas na Pastoral, isto é, em uma presença educativa (comunidades educativas) que privilegiam o anúncio do Evangelho como uma boa notícia para que os jovens se encontrem com Jesus.[1]

Recuperar a pedagogia de um a um, fundada na relação interpessoal, sem distância entre adulto e jovem, orientada para dar prioridade às pessoas antes das coi-

1 Cf. INSTITUTO HIJAS DE MARIA AUXILIADORA, *Ampliad la mirada. Com los jóvenes misionaras de esperanza y de alegría,* Actas del Capítuo General XXIII, Roma, 22 de septiembre – 15 de noviembre 2014, n. 59 y CONGREGACIÓN DE SAN FRANCISCO DE SALES, *Testigos de la radicalidad evangélica*. Documento del Capitulo general XXVII de los Salesianos de San Francisco de Sales, Roma, 22 de febrero – 12 de abril de 2014. n. 54.

sas, uma pedagogia que valoriza o outro assim como é, e que, estando a seu lado, crê nas energias positivas que tem e se situa na perspectiva do contínuo crescimento, orientando a todos e a cada um, e realizando a missão de educar e de educar-se ao mesmo tempo. Recuperando e reforçando esta proposta pedagógica, garantimos que nossas presenças realizem uma "educação pela crise"[2].

Com esta reflexão, espero suscitar o despertar nos educadores e educadoras para o que é correto ao ofertar o critério oratoriano em todo tipo de presença, o que significa oferecer espaços, lugares, relações onde se aprende a fazer a síntese entre a gratuidade e a funcionalidade, entre a obrigatoriedade e a espontaneidade, a partir de um projeto que tem como finalidade promover a qualidade de vida. Estes ambientes oratorianos são lugares concretos, nos quais os jovens e adultos amadurecem progressivamente a experiência religiosa e o compromisso civil.[3]

Estamos enclausurados há alguns dias no evento do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco, mas em todos os países, e especialmente aqui no Brasil, estão se abrindo portas para a conversão pastoral[4]; o resultado será ver a sociedade brasileira invadida de jovens que não temem ir "contracorrente", como muitas vezes foram convidados, pelo Papa Francisco.

Transmitir valores duradouros

Educar nunca foi fácil e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. É uma tarefa árdua percorrer novos caminhos para *evangelizar educando e educar evangelizando* em um contexto caracterizado pela complexidade e pelo pluralismo. O papa Francisco voltando do Rio, na celebração de boas-vindas, usou uma palavra "atenção", referindo-se também ao campo educativo: "Atenção! A juventude é a janela através da qual o futuro entra no mundo. É a janela e, portanto, nos impõe grandes desafios. A nossa geração se mostrará à altura da promessa que existe em cada jovem quando souber oferecer espaço a eles. Isto significa: assegurar-lhe as condições materiais e espirituais para o pleno desenvolvimento; dar-lhe sólidos fundamentos sobre os quais possa construir a vida; garantir-lhe a segurança e a educação para que se transforme no que pode vir a ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais vale a pena viver; assegurar-lhe um horizonte transcendente para sua sede de felicidade autêntica e a sua criatividade no bem; consignar-lhe a herança de um mundo que correspon-

2 PAPA FRANCISCO, Discurso improvisado a la Familia Salesiana en la Basilica de María Auxiliadora, Turim, 21 de junho 2015.
3 Cf. AMBITO PARA LA PASTORAL JUVENIL e INSTITUTO HIJAS DE MARÍA AUXILIADORA, *Oratorio cantera abierta,* Madrid, CCS, 2015, p. 137-157.
4 *Documento Aparecida,* n. 362.

da à medida da vida humana; despertar nele as melhores potencialidades para ser protagonista do próprio amanhã e corresponsável no destino de todos. Com estas atitudes, antecipamos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens."[5]

Em nível mundial, fala-se de uma particular e delicada emergência educativa, considerando a escola como um lugar privilegiado da formação e promoção integral, através do conhecimento e do aprofundamento sistemático e crítico da cultura. Isto exige que a ação educativa se insira nos problemas da vida, do quotidiano, no qual se desenvolve e cresce a vida da criança, do adolescente e de quem educa. Por isso a escola não é chamada hoje a dar noções e informações, mas sim a educar aos valores e à busca da verdade que permitem a cada pessoa crescer, colocando-se as grandes questões de sentido. Esta missão educativa deve olhar para novas direções e afrontar conteúdos e métodos, algumas vezes inéditos, para orientar os filhos da sociedade hodierna a procurarem respostas com sentido.

Os jovens e as jovens que vocês encontram têm novas necessidades e estão profundamente inseridos nas mudanças socioculturais da América e do mundo, que influenciam o modo de pensar, de escolher e de agir. Vocês estão se esforçando para ter um diálogo permanente com outras instituições da sociedade e da região em contextos multirreligiosos, multiculturais e de grande desenvolvimento no mundo midiático. Frequentemente vocês precisam afrontar o desafio do diálogo inteligente e construivo com pessoas de boa vontade sobre grandes temas da vida, da família, da pobreza, da liberdade, da paz.[6]

Sobre a internet – o negócio dos sites...

A mundialização das imagens culturais, através da cultura massimidial, tem contribuído de modo relevante para difundir a mentalidade relativista que com um agudo diagnóstico o papa Bento XVI assim descreveu: "maciça presença, em nossa sociedade e cultura, do relativismo que, não reconhecendo nada como definitivo, deixa como última referência apenas o próprio eu com suas vontades e, sob a aparência de liberdade, transforma-se para cada um em uma prisão".[7]

---

5 Papa Francisco, *Discurso da Cerimônia de boas-vindas. Viagem apostólica por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude,* Jardim do palácio Guanabara do Rio de Janeiro, 22 de julho de 2013, http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130722_gmg-cerimonia-benvenuto-rio_it.html

6 Cf. Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa das FMA,* Leumann (Torino), Elledici 2005, n. 9.

7 Papa Bento XVI, *Discurso de abertura do Congresso eclesial da Diocese de Roma sobre Família e Comunidade cristã,* Basílica de São João de Latrão, 6 junho de 2005, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia_it.html .

É ainda o papa Bento que encorajou a outros educadores como vocês, dizendo: "Não hesiteis em promover uma verdadeira e própria "pastoral da inteligência", e mais amplamente, da pessoa, que leve a sério as perguntas dos jovens – como as existenciais, que nascem do confronto com as formas de racionalidade hoje difusas – para ajudá-los a encontrar válidas e pertinentes respostas cristãs e, finalmente, para tornar pessoal a resposta decisiva que é o Cristo Senhor".[8]

Algumas vezes a proposta pastoral da Escola e da Formação Profissional não consegue ser suficientemente incisiva e eficaz. A dificuldade do caminho não pode fechar a estrada do anúncio do Senhor Jesus. Por isso, esta nova convocatória formativa da RSE Brasil é um espaço para encontrar, a partir da reflexão pastoral atual do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, claros pontos de referência para hoje.

Escola/Formação profissional, lugar privilegiado de pastoral

A escola é um lugar privilegiado para a pastoral, onde é possível viver e atuar qualquer dimensão da pastoral. Por exemplo, é importante dar maior relevância à dimensão cultural da proposta religiosa, isto é, sustentar a pesquisa por uma comunicação do Evangelho nas linguagens e nas culturas juvenis. Isso supõe um conhecimento muito atento da situação juvenil, junto com uma compreensão mais apaixonada e afetuosa dos jovens concretos e de sua existência.

Gostaria que, através deste encontro, se reforçassem os caminhos que já há algum tempo vocês estão percorrendo, de ajudar a elaborar uma verdadeira e correta cultura educativa "convergente", através de uma metodologia mais participativa, atenta às sensibilidades de cada realidade. Existem diferenças, certamente, mas não é possível trabalhar fechados na própria sala de aula, escola ou mesmo na própria inspetoria.

Somos desafiados pela Escola 2.0! É esta a escola onde se atua o movimento da multiculturalidade à interculturalidade, da multirreligiosidade à interreligiosidade, da aprendizagem com ação apenas dos alunos, à circularidade de uma aprendizagem entre as gerações, entre os jovens e os adultos, que gera novas potencialidades de diálogo, de confrontos, de mútuo conhecimento e descobertas. São estas as *comunidades de aprendizagem 2.0* que juntas aprendem como educar e como educar-

8 Papa Bento XVI, *Discurso aos participantes do Congresso eclesial da Diocese de Roma*, Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2005 e 2006, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20060605_convegno-diocesano_it.html

se, como pensar e trabalhar juntas. É esta a única metodologia que permite estarem presentes em contextos de forte complexidade. É este o pressuposto de uma *séria coordenação* em diversos níveis na rede constituída pelas inspetorias.

Estas temáticas não se referem apenas à Escola/Formação profissional: são *temáticas educativas no horizonte da pastoral juvenil* que promovem e inspiram uma pedagogia do ambiente para ser vivida em qualquer tipo de obra tipicamente salesiana.

Cada ambiente é chamado a caracterizar-se pela qualidade de sua proposta, pela flexibilidade com que afronta os desafios formativos das jovens gerações. Isso exige empenho para realizar a integração entre *educação formal e não formal* a partir da atenção à família, do trabalho inteligente para favorecer a inculturação da proposta educativa com atenção ao diálogo ecumênico e interreligioso; a partir da capacidade de trabalhar em rede, em cuidadosa escuta das novas pobrezas juvenis. [9]

Reafirmar como educadres a *escolha preferencial pelos mais pobres*, de fato, não é a opção "por uma categoria de destinatários que se contrapõe a outros", mas a indicação de *um único caminho carismático a se percorrer para se chegar verdadeiramente a todos*. É *para eles* que se renovam os ambientes educativos, são *eles* que encontramos no quotidiano, é *para eles* o mundo que nos empenhamos em conhecer, *com eles* afrontamos com audácia os desafios da cultura e damos respostas às crises de educação do nosso tempo.

Tudo isso exige empenho para cuidar bem da preparação pedagógica que permite uma compreensão antropológica e educativa do mundo das mídias e das novas tecnologias da comunicação para afrontar com paixão e dedicação a evangelização das várias gerações da nossa sociedade.

Sublinho, nessa trilha, a importância de continuar a *pensar e agir na ótica dos processos*, como indica o modelo de Pastoral Juvenil das FMA e também o dos SDB. Isso nos permitirá evitar a preparação de atividades episódicas e de iniciativas desligadas de uma visão de conjunto, de um Projeto educativo elaborado junto. *Os processos* nos permitem concretizar o Projeto através de passos que respeitam o projeto pessoal de vida de cada um e das comunidades educativas e através *das estratégias* possamos constantemente reunir informações, avaliá-las e modificar as ações de acordo com as necessidades dos jovens no contexto.

9 Cf. *Para que tenham vida e vida em abundância,* n. 49.

Uma Escola/Formação profissional em pastoral

É necessário questionar modelos redutivos e dirigir um olhar, uma alma pastoral a toda a escola. Por exemplo, podemos considerar a escola como território colônia. Podemos utilizá-la para dar formação religiosa sem respeitar a sua autonomia e a sua função sociocultural, não respeitando os tempos disciplinares, por exemplo. Não podemos reduzi-la a intervenções complementares ao resto das atividades da escola: práticas religiosas, atividades extracurriculares, momentos fortes. Nem mesmo podemos chegar ao extremo de propor uma "escola neutra" que não precisa da pastoral como se a educação não tivesse nada a ver com a sociedade e com cada um de seus membros.

A pastoral deve confrontar-se com a realidade da escola na sua integridade, e a escola deve ser pastoral em todos os aspectos. Servimo-nos das palavras ditas pelo Papa Francisco que devemos estar vigilantes e saber interpretar os novos cenários do nosso tempo, do nosso mundo.[10]

- Pastoral da escola – instituição
- Pastoral da formação cultural e do currículo
- Pastoral da vida escolar e da convivência
- Pastoral de toda a comunidade eclesial – não apenas da hierarquia, nem mesmo dos dirigentes. Envolve o diálogo com a sociedade civil, com a economia e a política.

A escola no seu conjunto é lugar pastoral. Pode-se fazer pastoral na escola e efetivamente se faz, mas é necessário dar um passo adiante, converter as nossas escolas em escolas em pastoral. Escola em Pastoral em todas as suas facetas, presenças, processos, em todas as dinâmicas relacionais e de aprendizagem: pastoral dos alunos, dos educadores, do pessoal dirigente, administrativos, dos pais, das relações com o entorno.

A educabilidade da fé convida a pensá-la não como um tema, mas como um modo de ser que, através de relações positivas, acompanha o crescimento pessoal e de grupo.

Pastoral do fazer, do ter escola, do currículo. É por isso necessário repensar as disciplinas, os saberes, as competências à luz da "*paidea* de Cristo" (Ef. 6,4). Neste

10 Cf. *Evangelii gaudium* se apresentam "Alguns desafios do mundo atual" (52-75).

processo, os estudantes são protagonistas e são chamados a responsabilizar-se pela própria visão do mundo, da vida, da própria hierarquia de valores. A opção está entre fazer pastoral na escola ou conseguir uma *escola em pastoral*. Não é qualquer coisa a mais, mas uma busca para que a vida, o fazer da escola estejam animados por uma alma pastoral, impregnados por uma sensibilidade pastoral. Isto dá a capacidade de ser Boa Notícia (Evangelho), plataforma de evangelização para todos os membros da comunidade educativa e para o entorno em que se desenvolve a missão.

É necessário falar da estrutura organizativa e das opções fundamentais que se realizam. É o resultado de repensar o Projeto educativo da escola como uma ação de caráter pastoral.

Os projetos educativos são pastorais se explicitam a única intencionalidade de tudo o que fazemos na escola. Ela é pastoral porque se autocompreende e vive como uma comunidade educativa a serviço da evangelização das culturas. Se a escola não é antes escola, isto é, produtora de cultura, nem ao menos podemos dizer que possa se dizer pastoral.

Se a sua razão de ser é a constituição de um espaço privilegiado para a transmissão e recriação dos saberes culturais, a sua identidade surge do olhar para estes saberes e para estes conhecimentos em chave evangélica e evangelizadora. Isto leva a compreender a chave evangelizadora através da totalidade da organização curricular e não apenas da área do ensino da religião ou da catequese.

Gostaria de retomar uma expressão do Padre Braido que me parece muito significativa para compreender uma *escola em pastoral* a partir de uma visão pedagógica carismática: "A ação de Dom Bosco não é, todavia, expressão de um ativismo puramente temperamental; é 'consagração', consciente e voluntária, é 'missão' com uma finalidade precisa, a 'salvação' plena dos jovens. Eles – como dizem – realmente podem 'apostar' nele; 'todo consagrado aos seus educandos', como escreverá para cada educador nas páginas de 1877 sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude. Precisamente por este motivo, sua dedicação tem um ritmo que é completamente diferente do ritmo de sua vida física: parece crescer ainda mais com o declinar e o enfraquecer-se ou exaurir-se da mesma vida."[11]

Eis então, novamente, de capital importância a proposta do Papa Francisco: "Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento não nos serve uma 'simples admi-

11 Braido Pietro, *Prevenir não reprimir. O sistema educativo de Dom Bosco,* LAS, Roma 1988, 179.

nistração'. " [21] Constituamo-nos em 'estado permanente de missão' em todas as regiões da terra."[22] [12]

A pedagogia de Dom Bosco antes de ser teoria, sistema, é vida vivida, é amor demonstrado. Ela "se identifica com toda a sua ação; e toda a ação com a sua personalidade; e todo Dom Bosco é entendido no seu coração".[13]

Até o último instante da vida o coração de Dom Bosco nunca cessou de amar. Um coração, o seu, totalmente consagrado à felicidade dos jovens, aquela felicidade que provém da amizade com o Senhor da vida.

Nas páginas das *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, descobrimos Dom Bosco pastor que dá a vida por suas ovelhas a exemplo de Jesus. Ele mesmo declara: "A festa era toda consagrada a assistir os meus jovenzinhos; durante a semana ia visitá-los nas oficinas, nas fábricas".[14]

Diante de uma realidade na qual os jovens têm a sensação de estar abandonados a si mesmos, e parece não encontrarem pontos de referência, os adultos são chamados a "perder tempo" com eles, cuidando também da ausência da família que, nos contextos atuais, apresenta, algumas vezes, certa fragilidade no acompanhamento e no cuidado direto das filhas / dos filhos. O documento das *Linhas Orientadoras* nos chama a criar em cada contexto educativo um ambiente que favoreça o espírito de família. Como consequência, isso exige do adulto educador algumas atitudes indispensáveis: *a escuta*, sabendo escutar também os apelos não expressos e, em relação com a escuta, a exigência de *comunicação* em todo lugar onde os jovens estão, eliminando as distâncias dos 'lugares' onde as jovens e os jovens se encontram.

Estas atitudes permitem ao adulto educador motivar as jovens, os jovens e orientar suas vidas na *busca de sentido*, caminho não fácil para as novas gerações. Somente a presença de educadores que possuem a paixão pelas jovens e pelos jovens, que cultivam a arte de confiar e de amar o que as jovens, os jovens amam, que realizam um processo de crescimento junto com outros educadores, é o sinal evidente que a educação transforma a pessoa e a sociedade, e favorece o desenvolvimento integral de cada um, jovens e educadores. [15]

A Escola/Formação profissional, nas várias realidades inspetoriais, é uma resposta à delegação carismática da missão educativa. É escolha que coloca no centro da

12 PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium,* ed, Vaticana, 2013, n. 25.
13 Braido Pietro, *A experiência pedagógica de dom Bosco,* LAS, Roma 1996, 88.
14 Bosco Giovanni, *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855*, Introdução, notas e texto crítico (aos cuidados de) Antonio da Silva Ferreira = Fontes-série primeira, 4, Roma, LAS 1991, 125.
15 Cf. Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa da FMA,* Elledici, Torino 2005, n. 24-27.

educação a evangelização. O Sistema Preventivo entendido como metodologia carismática da educação se caracteriza por ser um método educativo e uma espiritualidade capaz de encarnar-se nos mais diversos contextos culturais e suscitar simpatia também daqueles que não vivem a experiência cristã.[16]

A educação que popomos nas nossas escolas é sustentada pelo critério da Encarnação que nos ajuda a compreender o mistério de Deus e da pessoa humana na sua unidade e reciprocidade. "No âmbito pedagógico isto significa reconhecer que o processo educativo e o processo pastoral devem assumir a integralidade da realidade humana. A plenitude de tal relação exige termos presentes algumas prospectivas pedagógicas para permitir a maturação integral da pessoa segundo a proposta educativa típica do Sistema Preventivo. Tais finalidades se conseguem integrando prospectivas entre si entrelaçadas: a prospectiva cultural, a evangelizadora, a social e a comunicativa. Elas são pontos de vista parciais que permitem ter presente a complexidade e a totalidade da realidade humana".[17] É uma leitura nova do Sistema Preventivo que educa a partir de uma clara visão antropológica.

Esta visão integral...

... motiva a ação das ***comunidades educadoras***

... guia a elaboração do ***projeto educativo***

... orienta os processos, as estratégias e o estilo das relações vividas na ***comunidade educativa***

... valoriza as *trocas socioculturais*.[18]

Brevemente delineio cada uma:

A **Prospectiva cultural** orienta a ler e interpretar a realidade na percepção da promoção da cultura *da e para a vida*. Esta prospectiva evidencia uma concepção da pessoa e da sociedade que se inspira nos valores evangélicos e se coloca em diálogo respeitoso e construtivo com as outras concepções de vida. A prospectiva cultural pressupõe um itinerário educativo que oriente os jovens ao conhecimento e ao respeito de si mesmos; ao desenvolvimento da autonomia pessoal e do senso crítico; à aquisição da capacidade de escolhas diante de situações diversas e contrastantes; a assumir as próprias responsabilidades; à maturação de uma mentalidade aberta e flexível disposta à formação contínua. Quando se educa promovendo a cultura, in-

16 Cf. *Ivi,* n. 30-31.
17 *Ivi*, n. 42.
18 Cf. *Ivi,* n. 41.

veste-se corajosamente na preventividade em todos os níveis e isto pressupõe o conhecimento qualificado do Sistema Preventivo que favorece a formação de homens e mulheres com uma fé adulta.[19]

A **Prospectiva evangelizadora** promove uma harmoniosa e fecunda integração entre fé e experiência quotidiana. No binômio "evangelizar educando e educar evangelizando", colocamos a originalidade da nossa pastoral juvenil. Trata-se de um anúncio, como se diz nas *Linhas*, "que deve poder abrir todos, de modo especial as jovens gerações, à experiência do amor de Cristo para que possam chegar gradualmente a conhecê-lo como o sentido da vida". [20]

Não podemos esquecer que encontramos uma realidade sempre mais pluricultural e plurirreligiosa. Em tal horizonte foram elaboradas as Linhas Orientadoras e é também por isso que a prospectiva evangelizadora convida a renovar a paixão pelo primeiro anúncio, pela catequese, pela missão *ad gentes*, e isto supõe, naturalmente, o testemunho dos adultos e dos próprios jovens. [21]

A comunidade educativa, em contínuo crescimento e evolução, é chamada a criar o ambiente para que a vida que se transmite aos jovens seja abundante. Orientar as novas gerações ao encontro com Jesus de Nazaré é o objetivo prioritário da pastoral juvenil. "Fazer crescer Cristo no coração dos jovens" é o empenho constante de cada realidade educativa."[22]

Em uma sociedade que está procurando novas propostas, acompanhando as jovens, os jovens a descobrir a novidade de Cristo: n'Ele se pode encontrar a vida abundante e só Ele pode doar a abundância da vida. Nos números 78 a 86 das *Linhas Orientadoras da missão educativa* são indicados os elementos fundamentais da Pastoral Juvenil: o anúncio do Evangelho como boa notícia para a vida dos jovens, a urgência de oferecer caminhos diferenciados, assumindo a mentalidade de itinerário e criando novas fórmulas para chegar aos jovens ali onde eles se encontram.

A **Prospectiva social** favorece nas jovens e nos jovens a aquisição de comportamentos que exprimem cidadania ativa e solidária. Esta prospectiva, em estreita relação com as outras três, favorece percursos de educação à paz, à democracia, à participação política, ao respeito pela vida e pelo ambiente natural, à interculturalidade, à inserção responsável e ativa no mundo do trabalho.[23] A finalidade educativa

19 Cf. Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa da FMA,* Elledici, Torino 2005, n. 44-45.
20 *Ivi*, n. 47.
21 Cf. *Ivi,* n. 47–49.
22 *Constituções das FMA,* art. 7.
23 Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa da FMA,* Elledici, Torino 2005, n. 52.

da prospectiva social empenha os educadores a defender o valor absoluto da pessoa acima dos bens materiais e de cada instituição social e política. Além disso, ela conduz a fazer opções pelos mais pobres, superando o assistencialismo. Concretizar a prospectiva social no campo educativo implica ativar, nos lugares de maior pobreza, formas de autogerenciamento na linha das microeconomias, na promoção de bancos éticos e fundos de solidariedade.[24]

"O Sistema Preventivo considera o trabalho em rede como a modalidade mais apta e útil para incidir nas situações sociais, porque permite a coordenação das forças, o intercâmbio de valores e a maturação da mentalidade de comunhão, a mudança da realidade, partindo dos segmentos sociais mais prejudicados, através de uma maior visibilidade e um mais inciso impacto social."[25]

No que se refere à prospectiva comunicativa, as Linhas, na sua globalidade, transmitem a ideia que a comunicação não é um setor estanque, mas é transversal e intrínseco a toda ação educativo-evangelizadora. Educar é comunicar. Esta convicção encontra amplo espaço no Sistema Preventivo. "Na práxis salesiana, a comunicação educativa é criação de relações recíprocas e inergeracionais, abertas e profundas, colocadas em um amplo sistema no qual agem forças sociais, culturais, institucionais e econômicas. Responde às necessidades tais como o conhecimento, o confronto com a diversidade, a troca e a colaboração."[26]

"Segundo a lógica do comunicar, cada ambiente educativo deveria configurar-se como ecossistema onde é possível encontrar espaço adequado para o próprio crescimento."[27]

A prospectiva comunicativa é particularmente importante para favorecer a relação e o encontro; para orientar a superar barreiras e conflitos interpessoais.[28] Na atualidade, a comunicação deve estar em dia com o *novum* das tecnologias, que não se reduzem apenas a instrumentos, mas influem sobre a mentalidade e sobre a vida cotidiana.

No CG XXII das FMA, encontramos o seguinte: "assumiu os percursos da Educomunicação como prática transversal à missão e à atualização do carisma".[29] A educomunicação foi assumida também pelas Inspetorias da América no Congresso da Escola Salesiana América em Brasília (maio de 2008), como linha de ação que orienta as

24 Cf. *Ivi*, n. 50-51.
25 *Ivi*, n. 50.
26 *Ivi*, n. 53.
27 *Ivi*, n 53.
28 Cf. *Ivi*, n. 54.
29 Cf. *Ivi*, n. 55.

comunidades educativas a assumir com maior consciência os aspectos comunicativos do Sistema Preventivo, a entrar com inteligência e competência nas novas culturas digitais, oferecendo uma contribuição em relação à qualidade da comunicação.[30]

Na evangelização, a tarefa da comunicação é de importância decisiva. Os contextos culturais de hoje exigem uma fé robusta, uma adesão convicta ao Evangelho, mas também uma especial capacidade comunicativa.[31]

Algumas mediações para a organização de uma escola em pastoral

Comunidade Educativa

A escola será autenticamente "escola em pastoral" se construir a comunidade educativa; a escola realiza a sua missão em comunidade, a partir da comunidade e para a comunidade.

A comunidade educativa não pode reduzir-se às estruturas de gestão, de direção da escola. É um corpo vital, orgânico e articulado, onde existe diversidade de serviços, animados pela unidade no que é fundamental. É certamente indispensável a presença de uma comunidade educativa, que cuida da convergência das intervenções educativas, assegura a tradução operativa das prospectivas pedagógicas de referência e dá respostas concretas às necessidades das jovens gerações.

É a comunidade educativa que deve orientar as jovens e os jovens ao encontro com Jesus e a viver experiências como escola de vida. Potenciar o *núcleo animador* na comunidade educativa favorecerá e sustentará esta proposta. O mesmo ambiente educativo que se cria deve propor metodologias ativas e promover uma cultura vocacional em que "o testemunho dos adultos crentes qualifica a proposta da *sequela Christi* baseada sobre o *vem e vê* e oferece oportunidades de confronto com as diversas vocações presentes na Igreja".[32]

Alguns elementos podem indicar o grau de vitalidade de uma comunidade empenhada em criar uma escola em pastoral: *a qualidade das relações humanas* que ocorrem em seu interior; *o sentido de pertença* que se manifesta na participação consciente e na qualidade dos processos comunicativos; *a identidade da educação evangelizadora*.

30 Cf. *Ivi*, n. 56.
31 Cf. *Ivi*, n. 57.
32 *Ivi*, n. 100.

A função fundamental da comunidade educativa é a animação, o que significa cuidar para que todos participem do mesmo projeto educativo, oferecendo cada um a própria contribuição original, acompanhando-se mutuamente no próprio crescimento como pessoas, como cristãos, como cidadãos.

O Projeto Educativo

Mediação indispensável para crescer como comunidade e para a realização da missão é um projeto pensado, elaborado, animado e avaliado com a participação de todos. Mais que um texto, deve ser a expressão de um processo comunitário que busca, esclarece e identifica a proposta educativa.

O Projeto educativo é a proposta construída por todos, que manifesta e explicita a visão de pessoa, o modelo histórico e o modelo pedagógico com o qual se quer responder à análise da realidade em que se vive. Isto faz com que o Centro educativo seja:

- *Aberto à mudança*, à inovação cultural, pedagógica para responder e adaptar-se criticamente e criativamente aos desafios atuais.

- *Criador, defensor, transmissor da cultura local e universal*, que ajude a comunidade a compreender e reconhecer a própria identidade e a abrir-se à valorização e ao diálogo com outras culturas.

- *Aberto a todos*, especialmente aos imigrados, aos mais pobres, lugar em que se sintam efetivamente valorizados e aceitos como pessoas e onde possam expressar-se livremente em um clima de fraternidade, alegria e confiança.

- *Excelente e cuidado* nos conteúdos disciplinares da proposta curricular, na sua pedagogia, metodologia e nas experiências educativas. Um centro que tenha sempre como horizonte a formação integral de seus membros.

- *Espaço propício para a formação no e com o trabalho*, para a produtividade e a criatividade, inclusive para a geração de emprego.

- *Lugar que motive a educação da vida interior*, a comunicação com Deus, o encontro com Maria como mãe; espaço que propicie igualmente experiências que ensinem a ver e amar Deus em toda a criação, a respeitá-la com consciência ecológica.

- *Comunidade em missão,* em serviço, em permanente formação humana, civil, espiritual, onde todos os agentes participam e condividem com espírito democrático e fraterno nos processos, nos problemas, nos êxitos e nas realizações.

A formação, juntos

Entre as estratégias prioritárias da missão educativa a privilegiar, encontra-se o *formar-se e trabalhar juntos*, como oportunidade concreta de intercâmbio recíproco entre pessoas com vocações diferentes que projetam juntas o futuro, apostando na própria identidade e na qualidade da proposta para uma vida rica de sentido.

Juntos, religiosos e leigos ajudam a conquistar e a reforçar as competências necessárias para a missão condividida, sobretudo a *assimilação do carisma salesiano*, de modo particular *os elementos do Sistema Preventivo*. Além disso, é importante crescer na capacidade e na arte da escuta ativa das novas gerações, no diálogo, no discernimento e no trabalhar juntos.[33]

É, portanto, necessário construir ativos e dinâmicos contextos de formação *permanente,* como espaços que favoreçam processos de *autoformação* capazes de desenvolver as potencialidades de todos, gerar criatividade, afastar o perigo da rotina e da repetição para projetar novos horizontes de qualidade.

Evangelização do Currículo

O currículo é a expressão e concretização operativa do Projeto Educativo da escola. Orientá-lo pastoralmente implica em que o educador assuma nos conteúdos, na pedagogia, na didática, as finalidades próprias da proposta educativa não como algo acrescentado, mas como parte constituitiva normal da tarefa educativa. Isto supõe ser testemunhas dos valores do Reino que se fazem presentes na história quotidiana, na ciência, na tecnologia e nas áreas disciplinares.

É importante, para isso, favorecer um caminho de evangelização em quem coordena a escola e mais concretamente, em todo o corpo docente. Se existe um conhecimento vital da mensagem cristã, se poderá evangelizar a partir do currículo e estabelecer o diálogo fé-vida a partir do coração das próprias disciplinas.

A pastoral faz da escola um espaço de encontro vivido como expressão de alguns ícones do fazer educativo: *casa, escola de comunhão e experiência de Igreja*. Estas três metáforas que em parte se inspiram em um documento programático de João Paulo II [34] evocam a identidade e a função da comunidade educativa, pois nela se

33 Cf. *Ivi,* n. 105-108.
34 Cf. João Paulo II, Carta apostólica no término do Grande Jubileu do ano Dois Mil: *Novo Millennio Ineunte* n. 43 (6 de janeiro de 2001), in *Enchiridion Vaticanum*/20, Bologna, Dehoniane 2004, 85.

faz presente a aprendizagem de capacidades relacionais positivas e de doação de si, condições necessárias para a realização da maturação integral da pessoa humana.

Algumas propostas concretas na experiência salesiana fazem com que a Escola/ Formação profissional seja sempre mais *em pastoral*.

1. *O BOM DIA* como proposta quotidiana.

2. *CELEBRAÇÃO DAS FESTAS com a participação organizativa da comunidade educativa*

3. *Oferta de um ITINERÁRIO DE EDUCAÇÃO À FÉ para os crentes, em um horário extraclasse.*

4. *A PROPOSTA DO ORATÓRIO-CENTRO JUVENIL para o tempo livre das crianças, pré-adolescentes, adolescentes e jovens, em projetos não curriculares.*

5. *ATIVIDADES ESPORTIVAS, TEATRAIS, MUSICAIS... em horário extraclasse como educação não formal.*

6. *A ARTICULAÇÃO JUVENIL SALESIANA de abertura mundial, como proposta associativa que favorece o voluntariado e o viver a Espiritualidade juvenil salesiana.*

7. ...

Uma *escola em pastoral* não pode esquecer *Aparecida* que quis ser uma nova proposta de evangelização: "A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia a sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Não pode dobrar-se àqueles que apenas veem confusão, perigos e ameaças, ou àqueles que pretendem cobrir a verdade e complexidade de situações com uma capa de ideologismos ultrapassados ou agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho com raízes na nossa história, de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo que suscite discípulos e missionários. Isto não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem a tradição com a novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de vida nova para uma América Latina que queira reconhecer-se com a luz e a força do Espírito".[35]

35 *Aparecida,* n 11.

Conclusão

Concluo com algumas recentes palavras do papa Francisco como encorajamento no caminho: "Não tenhamos medo de sair de nós mesmos, não tenhamos medo de sair de nossas comunidades cristãs para ir encontrar as 99 que estão em casa. E ir dialogar com elas, e dizer a elas o que pensamos, ir para mostrar o nosso amor que é amor de Deus. Caros irmãos e irmãs: não tenhamos medo! Vamos adiante para dizer a nossos irmãos e a nossas irmãs que nós estamos cobertos de graça, que Jesus nos dá a graça e isso não custa nada: somente recebê-la. Avante!".[36]

Para tornar realidade estas palavras em nossa escola e escutar as provocações da cultura contemporânea e as necessidades dos jovens, convido-os a deixarem-se conduzir pela Auxiliadora e a continuar a aprender na sua escola, a anunciar a salvação que seu Filho nos doa, tendo no coração e na mente os novos cenários em que vivem as alunas e os alunos que todos os dias vocês acolhem nos pátios e nas aulas.

Obrigada pela escuta e espero os seus esclarecimentos, perguntas ou propostas.

Aparecida, 22 de agosto de 2015[37].

36 Papa Francisco, *Discurso aos participantes do Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Sala Paulo VI* – Vaticano, *17 de junho de 2013*.

37 *Tradução: Ir. Ivanette Duncan* de Miranda FMA, Diretora Executiva da RSE.

Referências bibliográficas

AMBITO PARA LA PASTORAL JUVENIL e INSTITUTO HIJAS DE MARÍA AUXILIADORA, *Oratorio cantera abierta,* Madrid, CCS, 2015, p. 137-157.

BRAIDO PIETRO, *Prevenir, não reprimir. O sistema educativo de Dom Bosco,* LAS, Roma 1988, 179.

BRAIDO PIETRO, *A experiência pedagógica de dom Bosco***,** LAS, Roma 1996, 88.

BOSCO GIOVANNI, *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855.* Introdução, notas e texto crítico (aos cuidados de) Antonio da Silva Ferreira = Fontes-série primeira, 4, Roma, LAS 1991, 125.

CONGREGACIÓN DE SAN FRANCISCO DE SALES**,** *Testigos de la radicalidad evangélica.* Documento del Capitulo general XXVII de los Salesianos de San Francisco de Sales, Roma, 22 de fevereiro – 12 de abril de 2014. n. 54.

INSTITUTO DAS HIJAS DE MARIA AUXILIADORA, *Ampliad la mirada. Com los jóvenes misionaras de esperanza y de alegría,* Actas del Capítuo General XXIII, Roma, 22 de setembro – 15 de novembro 2014, n. 59

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa da FMA,* Elledici, Torino 2005, n. 9-44-45-52.

JOÃO PAULO II, Carta apostólica no término do Grande Jubileu do ano Dois Mil: *Novo Millennio Ineunte* n. 43 (6 janeiro 2001), in *Enchiridion Vaticanum*/20, Bologna, Dehoniane 2004, 85.

PAPA BENTO XVI, *Discurso de abertura do Congresso eclesial da Diocese de Roma sobre Família e Comunidade cristã,* Basílica de São João de Latrão, 6 de junho de 2005, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia_it.html .

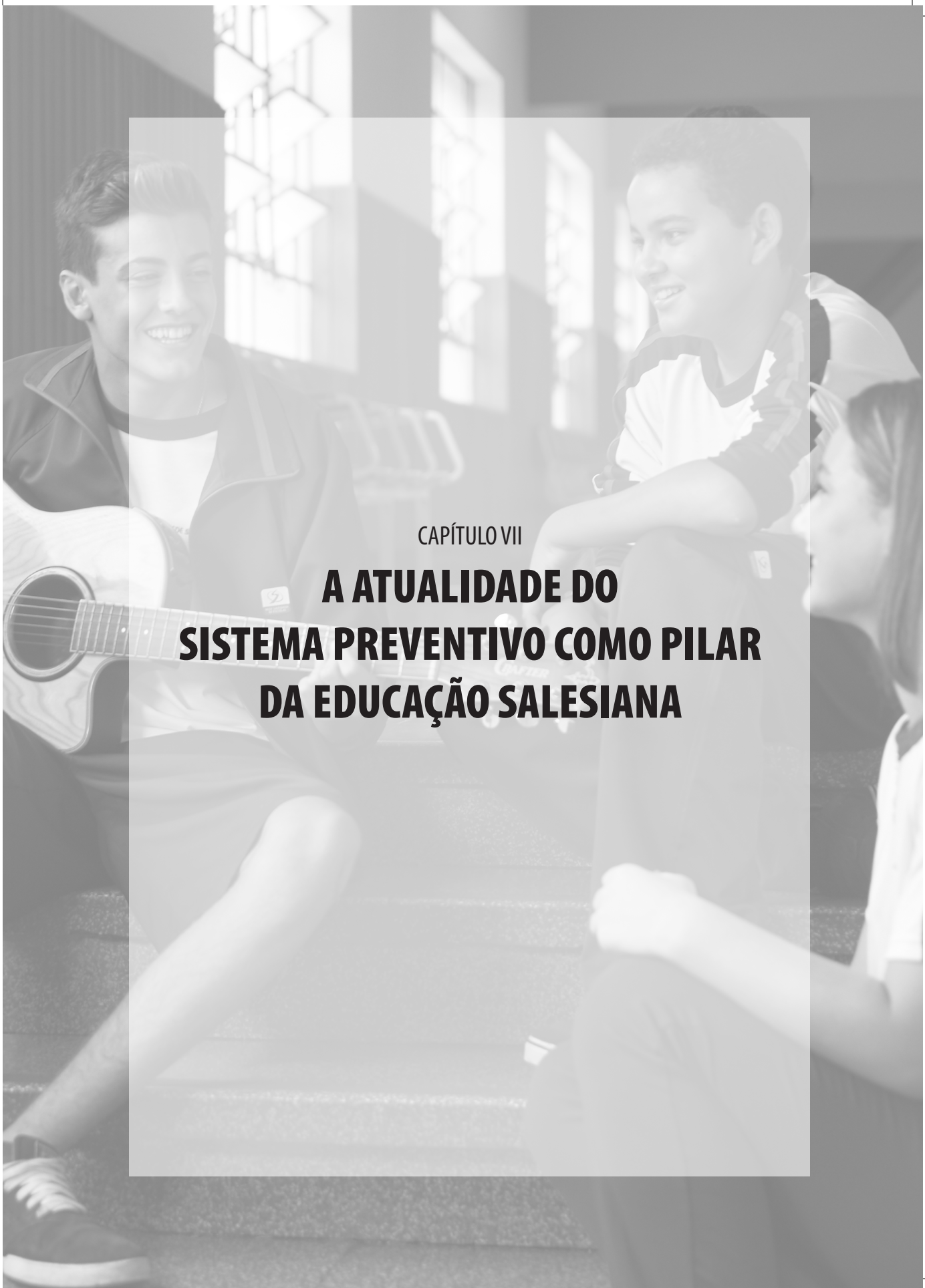
PAPA BENTO XVI, *Discurso aos participantes do Congresso eclesial da Diocese de Roma,* Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2005, 2006, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20060605_convegno-diocesano_it.html

PAPA FRANCISCO, *Discurso improvisado a la Familia Salesiana en la Basilica de María Auxiliadora,* Turín, 21 de junho 2015.

PAPA FRANCISCO, *Discurso da Cerimônia de boas vindas. Viagem apostólica por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude,* Jardim do palácio Guanabara do Rio de Janeiro, 22 de julho de 2013, http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130722_gmg-cerimonia-benvenuto-rio_it.html

PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium,* ed, Vaticana, 2013, n. 25.

PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes do Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Sala Paulo VI* – Vaticano, *17 de junho de 2013.*



CAPÍTULO VII

A ATUALIDADE DO SISTEMA PREVENTIVO COMO PILAR DA EDUCAÇÃO SALESIANA

A ATUALIDADE DO SISTEMA PREVENTIVO COMO PILAR DA EDUCAÇÃO SALESIANA

Bicentenário do nascimento de Dom Bosco

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB

Introdução

A analogia dos pilares é interessante para a reflexão sobre educação. Ela se refere ao campo da construção e da arquitetura. Antes de construir, é preciso saber para que servirá a obra, e estudar bem as características do terreno, para determinar o tipo de construção e a definição do tipo de pilares que sustentarão a obra, tudo isso bem definido num projeto concreto.

Perguntar sobre a atualidade do Sistema Preventivo como pilar da educação salesiana significa perguntar se a educação continua sendo um pilar da vida humana nessa mudança de época, e se a prevenção continua sendo um tipo de pilar válido para a educação. Na comemoração do bicentenário do nascimento de Dom Bosco, a pergunta surge naturalmente, não só como oportunidade de comemoração dos grandes feitos salesianos nestes dois séculos passados, mas principalmente como busca de resposta sobre as condições de validade do sistema preventivo de Dom Bosco como resposta adequada e válida para a educação no século XXI.

Por isso, queremos perscrutar os desafios deste século para a educação, e aprofundar o Sistema Preventivo em seus valores, para discernir como pode continuar sendo um pilar de sustentação da educação salesiana.

1. A educação é necessária para o desenvolvimento das pessoas e da sociedade

O ser humano não nasce pronto, mas vai se construindo durante a sua vida. A educação tem um papel fundamental nesta construção. Mas também a sociedade está em processo constante de construção e de mudanças, e a educação é funda-

mental também neste sentido. Não existe desenvolvimento econômico e social sem educação. Estas duas vertentes da educação nem sempre recebem a mesma atenção. Não raro as necessidades econômicas e de progresso tecnológico determinam as prioridades educacionais, criando um fosso entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento humano. Milhares de pessoas vão sendo despejadas pelo caminho, num processo educacional seletivo que parece não interessar-se pelo futuro das pessoas, e que vai marginalizando os mais pobres.

A experiência inicial do trabalho educativo de Dom Bosco é paradigmático desta necessidade de base. Ele percebeu, em meio às transformações da revolução industrial que acontecia na Itália na metade do século XIX, que o progresso econômico estava sufocando as pessoas, de modo particular os jovens. Ele afirma que "tocou com as mãos" esta realidade, constatando as várias situações de marginalização e abandono de grande parte dos jovens, e das consequências desta situação em suas vidas pessoais e com relação ao futuro. Os mais atingidos são os que se encontram em situações de vulnerabilidade psicológica e social. Acreditando nas pessoas e acreditando na força da educação, Dom Bosco empreendeu inúmeras iniciativas que foram ao encontro das necessidades dos jovens de seu tempo, principalmente dos mais pobres, e que se revelaram também de grande alcance para a sociedade. Os efeitos de sua ação perduram até os dias de hoje.

Podemos lembrar o que disse em discurso, por ocasião de sua viagem a Paris, em 1883: "O bem da sociedade e da Igreja está na boa educação da juventude... "Não hesiteis em dedicar-vos aos jovens, do contrário eles não hesitarão em ocupar-se de vós". Na visita a Lion, disse de forma ainda mais contundente: "Se vós agora cruzais os braços, permitindo que estes jovens se tornem vítimas das teorias comunistas, todos os benefícios que hoje lhes negais, eles virão um dia exigi-los, não já de chapéu na mão, mas apontando-vos a faca ao pescoço; e juntamente com os vossos haveres quererão, talvez, também a vossa vida"[1].

2. Fenômenos juvenis que interrogam particularmente a Educação

Constata-se hoje, por muitos estudos e reflexões, que vivemos uma situação de "emergência educativa", devido à complexidade da cultura atual e aos fenômenos dela decorrentes, como também à necessidade de uma nova educação capaz de responder às expectativas da juventude.

1 Cf. DESRAMAUT, F., in "Cahiers Salésiens", n. 8-9, abril-outubro 1983, p. 112-115.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco continua sendo um pilar válido para a educação? A resposta a esta pergunta passa pela investigação da condição juvenil no bojo das mudanças que acontecem em nosso tempo, e pela identificação do tipo de educação necessária para responder adequadamente a esta realidade.

O final do século XX e início do século XXI foi um período rico de estudos e de pesquisas sobre as condições de atualidade do Sistema Preventivo de Dom Bosco, pois houve uma grande expansão de universidades salesianas em todo o mundo, e grande investimento em estudos, reflexões históricas e pedagógicas, e em formação específica de educadores salesianos e leigos. Esses estudos e práticas têm contribuído não apenas para uma nova compreensão global do Sistema Preventivo, como também para investigar e pesquisar novas formas de inculturação do mesmo nas realidades locais, utilizando os aportes que as várias teorias podem trazer para o mesmo.

Naturalmente, neste século XXI, novas questões se apresentam e não podem ser deixadas à margem, começando com o conhecimento da nova situação da juventude, as características da sociedade da informação e do conhecimento e suas consequências nas práticas educativas, a educação em contexto de mudança de época, a inclusão digital, a competência ecossocial como compreensão dos problemas ecológicos, sociais e culturais.

Para realizar este confronto, é necessário compreender a realidade da juventude atual, numa análise de contexto que ajude a interpretar os fenômenos percebidos, tendo como referência os elementos essenciais do Sistema Preventivo. Vamos procurar fazê-lo de forma muito sintética, esboçando algumas características e desafios mais evidentes para a educação, considerando os eixos da religião, da razão e do amor (*amorevolezza*).

a) Com relação à dimensão da religião, a juventude atual se apresenta mutante e em intensa busca de sentido. Entre os fenômenos que nos interpelam podemos citar positivamente a procura bastante intensa de experiências e de práticas religiosas. O diferencial deste momento é que se verifica um distanciamento da religião institucional, e se selecionam práticas que satisfazem mais a necessidade e o gosto do momento. Essas práticas se assemelham a outras encontradas no mercado de consumo que podem satisfazer momentaneamente, sem maior interiorização de fé e, especialmente, sem comprometimento vivencial e eclesial. Merece atenção também o crescimento estatístico de manifestações de indiferentismo ou de niquilismo.

Fenômeno significativo que mencionamos aqui, mas que tem a ver com as outras dimensões da razão e do amor, é o aumento do consumo de drogas e do abuso do álcool, e dos danos assustadores que provoca. A sociedade parece não ter remédios adequados e eficazes para lidar com isso. É preciso entender os motivos mais profundos do fenômeno no contexto das mudanças culturais dos últimos anos, pois revela desilusão e falta de perspectiva com relação ao futuro, e ainda vazio emotivo e existencial, reforçado pela idolatria da busca do prazer imediato.

b) Na dimensão relacionada à razão, muitos fenômenos revelam a busca de nova identidade, que se afirma e cresce no encontro com os outros, no confronto com a alteridade, e que é reforçada pelo reconhecimento que se recebe dos outros. Nem sempre pais e educadores percebem as grandes mudanças que acontecem no mundo juvenil, e conseguem ajudar o adolescente e o jovem a encontrar sua identidade pessoal. Isso explica em parte porque os jovens buscam reconhecimento fora dos limites da família e da escola. Rua, bares, discotecas, sexo e droga começam a aparecer como formas exasperadas de reconhecimento, porque não teriam sido oferecidas formas mais adequadas. Estes espaços tomam força também porque o adolescente quer afirmar sua autonomia com relação à família, e está iniciando seu percurso pessoal de construção de novas relações e expressões de liberdade. São também expressões deste processo de remoção da realidade as "distrações", a "diversão", conhecida pelos jovens como "divertimento". Os jovens necessitam de alegria, e esta é antes de tudo alegria de estar bem consigo mesmo, de ser reconhecido, de ser amado, enfim.

Outro fenômeno atual muito marcante é a neutralização da diferença entre a interioridade e a exterioridade. Programas tipo "*reality show*" e os inúmeros vídeos colocados na Internet exibem sem pudor os sentimentos mais profundos e os segredos mais escondidos da própria intimidade, e até a intimidade dos outros. Isso é muito triste, porque rompe com as paredes que permitem distinguir entre o íntimo e privado, e a exterioridade. É como trocar a identidade real com a divulgação de uma imagem. Já não se é o que é, mas a imagem que se cria de si. A tecnologia e os recursos da Internet favorecem o crescimento das formas de exposição do corpo e do sexo, juntamente com outras, como a tatuagem, que pode ser também expressão de um ser mutante.

Nesta busca de identidade, num contexto de globalização, as tribos juvenis podem ser vistas como uma forma de homologação planetária. Este é um fenômeno sociológico que tende a suplantar as identidades e culturas locais e pessoais por padrões de comportamento e estilos de vida impostos por uma cultura de massa a serviço do mercado. A tribo responde também à carência de identidade e de reconhecimento pessoal com a segurança de pertencer a um grupo e de ter assim um

reconhecimento social e fugir do anonimato. O apoiar-se em um grupo faz parte da psicologia juvenil, e não é um fenômeno só dos nossos dias. O que merece atenção especial, no entanto, é o tipo de grupo ou de "tribo" que se escolhe ou se privilegia, e que se torna um fenômeno cultural próprio do nosso tempo.

c) Na dimensão relacionada ao amor, incluimos toda a questão afetiva no desenvolvimento da pessoa, e também como esta é vivenciada no relacionamento entre adultos e jovens, e destes entre si. A geração atual tem um desenvolvimento marcado mais pela emocionalidade que pela racionalidade. É muito sensível e afetuosa, mais disposta à aceitação dos outros como são, mas parece apresentar mais problemas emotivos que as precedentes. Isto se manifesta no fechamento individualista sobre si mesmo, na dificuldade de autoconsciência e autocontrole, no distanciamento com relação aos adultos e na rebeldia com relação à autoridade, e nas muitas formas de agressividade e impulsividade, que alguns chamam de analfabetismo emocional.

Muito ligado a este fenômeno, está o da violência, que merece também atenção particular. É muito grande o índice de autores e vítimas jovens da violência, que se manifesta na forma de homicídios, suicídios, acidentes, *bullying*. A agressividade contra os outros ou contra si e os excessos acima da medida permitida revelam uma confusão irresponsável de códigos, onde o código da vida se confunde com o da morte. É o que se percebe, por exemplo, no fenômeno da violência "sem motivo" nos estádios ou nas brigas de gangues nas ruas. Trata-se de uma violência sem escopo, que se inicia sem motivo e interesse, como um ritual niquilista.

3. Para entender melhor os fenômenos

Os fenômenos que descrevemos, talvez muito carregados em seu aspecto negativo, que é o que mais chama a atenção, são indicativos de uma "mudança de época", que modifica os paradigmas tradicionais que sustentavam uma determinada visão de mundo. As novas gerações têm uma nova compreensão do mundo e não aceitam as orientações tradicionais da cultura, especialmente no ocidente. Esta nova fase da história tem sido definida como de "modernidade líquida"[2] Ao referir-se a esta rea-

2 O sociólogo polonês Zygmunt Bauman usa a expressão "modernidade líquida" para interpretar a realidade de desenraizamento das tradições que davam solidez e referência de valores à sociedade. Na modernidade líquida, as normas e os objetivos partilhados que tinham consistência e permanência no tempo se desfazem, dando origem a uma situação de liberdade caracterizada pela fluidez e mobilidade constantes. Como num processo de liquefação, as comunidades éticas se desfazem, dando origem a comunidades estéticas nas quais cabe a cada indivíduo buscar por si próprio a melhor forma de sobreviver na mudança constante. Assim, questões de identidade cultural como gênero, classe, etnia, raça, nacionalidade, religiosidade do sujeito, se deslocam constantemente com a introdução de novas formas de vida social e cultural à escolha de cada indivíduo, numa sensação constante de provisoriedade.

lidade, os bispos, na Conferência de Aparecida, ressaltaram que "vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural e antropológico. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus"[3]. Esta realidade de tranformação constante incide profundamente nas pessoas, transtornando seus critérios de julgamento e suas opções de valor, dando origem a uma crise de identidade. "Dessa forma, onde outrora existiam valores e critérios que definiam dada realidade ou o modo de proceder, agora há uma diversidade de propostas aceitas como válidas, num contexto de abertura a experimentações"[4].

Se é possível constatar hoje uma realidade de crise no homem moderno, com reflexos extremados na vida dos jovens, ela é reflexo da cultura atual que tirou Deus da dimensão da vida, e frustrou as pessoas com as promessas não cumpridas das ciências (razão iluminista), mergulhando-as no provisório e no niquilismo.

Pesquisando o motivo que estaria por trás dos sintomas que percebem em seus consultórios, Miguel Benasayag e Gérard Schmit[5] chegaram à conclusão de que a grande maioria das pessoas que os procuram não apresentam sofrimentos de origem propriamente psicológica, mas refletem a tristeza difusa que caracteriza a nossa sociedade contemporânea, atingida por um sentimento permanente de insegurança e de precariedade.

Eles localizam o foco da crise na mudança com relação à perspectiva de futuro: do futuro-promessa para o futuro-ameaça. Enquanto a psique deprimida está toda voltada para o passado, e a maníaca toda concentrada no presente, a psique sadia está aberta para o futuro. Quando o futuro fecha as suas portas, então se instaura a crise.

Para eles, tudo começou com a "morte de Deus", anunciada por Nietzsche que tinha assinado o fim do otimismo teológico que visualizava o passado como mal, o presente como redenção, o futuro como salvação. A ciência, a utopia e a revolução prosseguiram, em forma laica, esta visão otimista da história, reformulando a compreensão da tríade culpa, redenção, salvação. O passado continua como mal, a ciência ou a revolução como redenção, o progresso (científico ou sociológico) como salvação.

Esta visão otimista da história ruiu completamente. Deus foi morto e os seus herdeiros (ciência, utopia e revolução) falharam em suas promessas. A negatividade de nosso tempo aparece nas grandes mazelas que atormentam a humanidade:

3 CELAM. Documento de Aparecida, n. 44.
4 CNBB. Cf. 2013, n. 7.
5 Miguel Benasayag é filósofo e psicanalista argentino, e vive há muitos anos em Paris. Gérard Schmit é professor de psiquiatria infantil e da adolescência, na Universidade de Reims. Cf. M. Benasayag e G. Schmit, L'epoca delle passioni tristi. Milano: Feltrinelli, 2004. O estudo é citado por GALIMBERTI, Umberto. L'ospite inquietante: il nichilismo e i giovani. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2007.

poluições e destruição da natureza, desigualdades sociais, desastres econômicos, aparecimento de novas doenças, explosões de violência, formas de intolerância, só para citar algumas. Sem promessa de futuro, o desejo se agarra ao presente. É preciso aproveitar hoje, porque não há perspectiva para amanhã.

Os pais ficam privados da autoridade de indicar a estrada. Instaura-se então uma simetria nas relações, uma relação igualitária que condiciona pais e educadores a justificar continuamente as suas escolhas em confronto com o jovem, que aceita ou não o que lhe é proposto. Como a relação entre jovens e adultos não é simétrica, tratar o adolescente como um igual a si mesmo significa não contê-lo, e sobretudo, deixá-lo sozinho diante de suas próprias pulsões e da ânsia que daí deriva.

Quando os sintomas do desajuste se tornam evidentes, a atitude dos pais e dos educadores oscila entre a coerção dura – que pode ter sentido quando as promessas do futuro são garantidas – e a sedução do tipo comercial muito difundido na cultura consumística atual.

A emancipação do jovem com relação aos pais é um processo psicológico importante para a afirmação de sua personalidade. Como não existe a autoridade na família, o adolescente não pode matar simbolicamente o pai. Eles tendem então a superar o seu complexo de Édipo transferindo esses sentimentos para outras instâncias. A violência contida em família se volta então contra a sociedade, a polícia, os professores, em formas de agressões diretas, pichações, quebradeiras, arruaças, confusões nos estádios, nas ruas, etc.

Com palavras semelhantes, Franco Volpi resume o desencanto que tende a prevalecer em nosso tempo: "Hoje as referências tradicionais – os mitos, os deuses, as transcendências, os valores – foram erodidos pelo desencanto do mundo. A racionalização técnico-científica produziu a impossibilidade de afirmação das escolhas últimas no plano da razão pura. O resultado é o politeísmo dos valores e a equivalência das decisões, a mesma estudipez das prescrições e a mesma inutilidade das proibições. No mundo governado pela ciência e a técnica, a eficácia dos imperativos morais parece igual à dos freios de bicicleta colocadas em um jumbo. Sob a calota de gelo do niquilismo não há mais virtude ou moral possível"[6].

A esta análise devemos acrescentar a leitura a respeito da força das novas tecnologias como fator novo do nosso tempo que pode aprofundar a crise existencial, especialmente dos jovens, enquanto pode apresentar também novas possibilidades de enfrentamento da realidade.

6 VOLPI, F. *Il nichilismo*. Bari: Laterza, 2004, p. 175-176.

Uma tese fundamental de McLuhan era justamente que o mais determinante para mudar as culturas e as civilizações não são mais as ideologias, as guerras ou as religiões, mas uma nova tecnologia de comunicação. As novas tecnologias da comunicação, mais do que instrumentos, são fatores de transformação cultural e geram ambientes que envolvem a todos como um novo ecossistema, condicionando os vários âmbitos da vida humana, com profundas repercussões antropológicas e religiosas.

O nascimento de uma nova tecnologia fornece uma nova linguagem de interpretação da vida. Enquanto o livro enfatiza a racionalidade e favorece a individualidade, a televisão e as tecnologias correlatas enfatizam mais a emocionalidade (o encantamento) e favorecem o modelo cultural do consumismo de massa. O computador, mais particularmente a Internet, é um lugar sem confins, interativo, mutante, flutuante (realidade virtual) que leva a uma nova cultura que alguns chamam de "cultura digital ou midiática", e que dá origem às redes sociais como ambiente.

Os novos elementos para consideração nesta análise da realidade seriam então as características próprias da cultura digital que marcam a maneira de ser e de agir, tais como a velocidade, a interface, a polifonia, o nomadismo, a crise de autoridade. Todos eles acabam por acelerar e até exacerbar os problemas que relatamos anteriormente.

Testes com ressonância magnética e eletroencefalograma de alta densidade vêm demonstrando que o uso frequente de telas e da web está provocando mudanças nos circuitos neurais dos seres humanos. Em consequência, já se percebem alterações nas aptidões cerebrais dos nascidos na era digital. Eles desenvolvem raciocínio rápido e flexível, aprendem mais rapidamente, são mais independentes, autônomos e autodidatas e são superinformados. Por outro lado, retêm menos conhecimento em profundidade, manifestando-se mais superficiais, e são mais ansiosos e apressados. A substituição do contato pessoal pelo virtual empobrece o desenvolvimento da pessoa, provocando carências básicas no campo de relacionamento, como a capacidade de ler as expressões faciais e a linguagem do corpo, de reconhecer os estímulos táteis e olfativos, de desenvolver a capacidade da empatia, da compaixão, da sensibilidade para com os outros. O desafio para os nativos digitais é manter os ganhos em velocidade e automatismo, sem perder em reflexão, autocontrole e habilidades sociais[7].

7 Cf. MESQUITA, Renata Valério. Cérebros Digitais. *Revista Planeta*, São Paulo, p.36-41, abr. 2015.

Não podemos também deixar de considerar ainda a condição psicológica e social dos adolescentes e jovens, e de sua diferença e distanciamento com relação aos adultos. Enquanto os adultos tendem primeiro a compreender o que se lhes apresenta como novo, para depois fazer suas escolhas, os adolescentes, ao contrário, buscam, primeiro, experimentar o que se apresenta como novo. Com base nas sensações proporcionadas, eles tendem a aderir ou não àquilo. Ou seja, eles decidem com base no que sentem. Só depois é que eles vão tentar compreender racionalmente, isto é, produzir explicações para justificar a decisão que tomaram.

Estas diferenças podem contribuir para o fato de os adolescentes se tornarem mais expostos às situações de risco hoje, como descrevemos anteriormente: drogas ilegais (maconha, cocaína, crack e outras); drogas legais (bebidas e cigarros); doenças sexualmente transmissíveis (principalmente a Aids); gravidez na adolescência; violência entre grupos (galeras, gangues); infrações à Lei; violência no trânsito; depredações de patrimônio público e privado; trabalho abusivo e explorador, inclusive exploração sexual (prostituição e pornografia); suicídio (violência contra si próprio)... Por outro lado, estas diferenças podem sugerir-nos metodologias participativas que proporcionem experiências positivas de educação.

Além da tendência natural de experimentar, outros fatores são muito importantes na relação dos adolescentes com os fatores de risco. O primeiro é a grande disponibilidade de tempo livre, considerando também o atual fenômeno dos jovens "nem-nem"[8]. O segundo é o intenso relacionamento grupal com seus pares. Acrescente-se a isso o fato de o adolescente estar vivendo seu segundo nascimento, ou seja, está rompendo o "cordão umbilical". Esses fatores são positivos e fundamentais para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens. O problema é que nem sempre são disponibilizadas oportunidades para todos, ou então nem sempre são feitas as melhores escolhas pelos adolescentes.

Não podemos deixar de mencionar também o grande desafio da profissionalização, esta ferramenta importantíssima para a formação da pessoa. As transformações atuais na sociedade industrial e pós-industrial estão provocando mudanças profundas nos mercados de trabalho e, como consequência, desenvolve-se hoje uma nova mentalidade e cultura do trabalho. A crescente introdução da tecnologia avançada na indústria e nos serviços requer sempre mais pessoas capazes de inovação e pesquisa, com uma boa preparação profissional e atualização constante. Ao mesmo

8 Expressão para indicar os jovens que nem estudam, nem trabalham. Pesquisa realizada em 2010 pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro indica que são 5,3 milhões de jovens, ou seja, um em cada cinco jovens brasileiros, entre 18 e 25 anos, que desistiram de procurar trabalho por falta de qualificação, e não querem voltar para a escola porque não se sentem atraídos por ela. Se acrescentar os que procuram emprego, o número chega a 7,2 milhões de jovens.

tempo, vemos desenvolver-se mercados informais do trabalho, sem reconhecimento legal, caracterizados prevalentemente por pequenas empresas de tipo familiar, ou que exploram uma mão de obra barata e informal. A educação profissional deve dar suporte para que o jovem se insira no mundo do trabalho que se tornou muito competitivo, complexo e exigente. "A globalização colocou, na ordem do dia, a premente necessidade de elevação dramática dos níveis de produtividade e qualidade como condição para a busca da competitividade no mercado externo. O ingresso no mundo do trabalho, na era pós-industrial, por sua vez, coloca no centro das discussões a questão da empregabilidade. O trabalhador deve estar preparado para "aprender a aprender", qualificando-se e requalificando-se de maneira contínua, como condição para permanecer trabalhando e assim ascender em sua vida profissional"[9].

4. Qual educação para o século XXI?

A educação deve responder às exigências das mudanças que acontecem no mundo. É muito natural, portanto, a pergunta sobre qual educação para o século XXI. Vejamos o que dizem os estudos da Igreja Católica e da UNESCO.

A visão da Igreja Católica

A visão da Igreja Católica sobre a educação está fundada no decreto *Gravissimum Educationis* (1965), do Concílio Vaticano II. Este decreto, que está completando 50 anos, colocou os pilares para a educação católica. Em síntese, são os seguintes: a educação católica é uma educação centrada na pessoa humana na sua integralidade, servida por uma comunidade educativa, aberta à sociedade no seu conjunto. Este decreto serviu como fonte e como dinamizador para a ação da Igreja no campo da educação, dando origem a inúmeras iniciativas de reflexão e de ação neste sentido, acompanhando as rápidas transformações que foram ocorrendo no mundo. Após o concílio, o Papa Paulo VI instituiu uma comissão pós-conciliar para a educação cristã, que confluiu na criação do setor das escolas católicas da Congregação para a Educação Católica (1967).

Desde então, a Congregação para a Educação Católica publicou alguns documentos que se podem agrupar em torno dos quatro campos do aprofundamento do conteúdo da *Gravissimum Educationis*: a identidade da escola católica e da sua missão; os educadores da escola; a dimensão religiosa da escola católica e o papel do ensino da religião; a educação sexual.

9 GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. Educação, uma perspectiva para o século XXI. São Paulo: Ed. Canção Nova, 2008, p. 100.

Por ocasião do 50º aniversário da Declaração *Gravissimum educationis* e do 25º aniversário da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, que ocorrem em 2015, a Congregação para a Educação Católica preparou um Instrumento de Trabalho intitulado "Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova". Neste texto são recordados os pontos de referência essenciais dos dois documentos, as características fundamentais das escolas e das universidades católicas, e são esboçados os desafios que as instituições educativas católicas são chamadas a responder, através do seu projeto específico, no contexto da nova evangelização.

O texto aponta os principais desafios para a educação hoje e propõe uma reformulação da visão da Igreja sobre a educação, partindo de uma reflexão profunda sobre o homem moderno e sobre o nosso mundo atual, com uma "antropologia filosófica que deve ser uma antropologia da verdade. Uma antropologia social, isto é, onde se concebe o homem nas suas relações e no seu modo de existir. Uma antropologia da memória e da promessa. Uma antropologia que faz referência ao cosmos e que leva a sério o desenvolvimento sustentável. E ainda mais, uma antropologia que faz referência a Deus"[10].

Em consequência desta visão, ressalta alguns desafios[11]:

- superar a visão funcionalista da educação, colocada em função da economia de mercado e do trabalho, e reforçar o sentido da educação integral, centralizada na pessoa que aprende, levando em conta o pluralismo e a diversidade de valores, e da história de vida de cada um;

- redefinir a identidade da escola católica, a partir da experiência acumulada desde o Concílio, com base nos três pilares da tradição do Evangelho, da autoridade e da liberdade;

- entender a educação não apenas como conhecimento, mas também como experiência;

- desenvolver comunidades educativas, com uma visão de circularidade nos relacionamentos, qualificando as relações entre educadores e educandos, pais e educadores, restaurando o sentido de autoridade a partir do testemunho de coerência na vivência dos valores e de serviço;

- formar ao diálogo entre fé e cultura e ao diálogo interreligioso, em contexto de multiculturalismo e multirreligiosidade;

10 CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova – Instrumento de Trabalho, 2014, p. 8.
11 Cf. idem, pp. 9ss.

- formar os professores, os dirigentes e todo o pessoal envolvido na escola e na universidade para que "tenham a capacidade de criar, de inventar e de gerir ambientes de aprendizagem ricos de oportunidades; deseja-se que sejam capazes de respeitar as diversidades das 'inteligências' dos estudantes e de guiá-los numa aprendizagem significativa e profunda; exige-se que saibam acompanhar os alunos rumo a objetivos elevados e desafiantes, demonstrar elevadas expectativas em relação a eles, envolver e relacionar os estudantes entre eles e com o mundo.

A visão da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

A UNESCO tem reunido especialistas de todo o mundo para avaliar a educação e visualizar que tipo de educação é necessária para o contexto no qual a humanidade se desenvolverá no século XXI. Nesta linha, tem sido promovida uma perspectiva humanista da educação, baseada nos princípios do respeito à vida, da dignidade humana e da diversidade cultural, assim como da justiça social e da solidariedade internacional. Esta visão ficou bem definida em duas publicações marcantes: *Aprender a ser – A educação do futuro* (1972) e *A educação encerra um tesouro* (1996).

"A educação encerra um tesouro", ou o *"Informe Delors* (1996), do Grupo de consultores da UNESCO, propõe uma visão holística e integrada da educação, baseada nos paradigmas da aprendizagem constante por toda a vida, e dos quatro pilares pedagógicos: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver.

No momento, a UNESCO está promovendo novos estudos com especialistas e realizando laboratórios de ideias, para avaliar e relançar as estratégias de ensino e aprendizagem mais adequadas para o contexto atual de mudança e de globalização, de complexidade e de incertezas.

Tomando como base a visão da educação exposta nos estudos anteriores da UNESCO (*Aprender a ser* (1972) e *A educação encerra um tesouro* (1996), busca-se agora "examinar as consequências da transformação social multiforme na educação e de que maneira o conhecimento, as competências e os valores são criados, reproduzidos, transmitidos, validados, assimilados e utilizados. Amplia-se o debate mundial sobre a educação após 2015, ampliando o horizonte da visão sobre a educação, reafirmando que a educação é muito mais que um simples agente de promoção de crescimento econômico. Ainda que a educação tenha uma função importante para a economia, é necessário transcender a visão utilitarista que caracteriza o discurso

internacional sobre o desenvolvimento, e ressaltar a importância dos valores na educação.

Percebe-se uma ênfase na superação da visão eficientista e pragmática da educação, concentrada em programas escolares de conhecimento (com ênfase na tecnologia), para assumir uma visão de educação humanizadora, e continuada por toda a vida. Assim, conclui-se que as situações de mudança no mundo de hoje exigem uma transformação dos esquemas tradicionais em todos os âmbitos do ser, do saber e do fazer humanos. São necessárias novas atitudes e tomada de consciência para não perder os fins últimos de toda educação, ou seja, a humanização das pessoas e de suas circunstâncias, para uma melhor convivência humana. Acrescente-se a isso a necessidade de promover processos educativos inclusivos, capazes de eliminar as desigualdades sociais, econômicas e culturais que afetam o gênero humano.

O estudo da Comissão da UNESCO fala de uma nova compreensão de ser humano, diante da crise da ciência, que pretendia atuar sobre o universo segundo modelos mecanicistas, e reforça a convicção de que a educação é fundamental para construir o ser humano como indivíduo e como tecido social, e para uma transformação das estruturas econômicas, jurídicas, sociais e culturais em vista de construir cada dia um mundo mais humano. Enfim, é necessária uma educação que supere os desníveis sociais que separam ricos e pobres, como pessoas e como grupos humanos, países, regiões mundiais.

Síntese conclusiva

Fica bem evidenciada a proximidade entre a visão da Igreja e da UNESCO no que diz respeito à emergência educativa, à visão de uma educação humanista, fundada sobre uma nova antropologia, à necessidade de superar a racionalidade científico-tecnológica como uma camisa de força, e à percepção da função social da educação, necessária para o desenvolvimento dos povos, para o progresso e para o desenvolvimento cultural e social. As diferenças se manifestam com relação a alguns aspectos da antropologia, e, particularmente, em questões de gênero e outras relacionadas à dimensão religiosa, sem contar que a reflexão eclesial está mais voltada, especificamente, à educação católica.

Em síntese, podemos colher que a educação é um processo através do qual a pessoa adquire domínio e compreensão de determinados conteúdos considerados valiosos. Não basta, portanto, a preparação técnica. Toda educação se fundamenta num determinado projeto de pessoa humana e de sociedade. Este projeto vai se construindo nas conquistas e fracassos de cada dia.

Os conteúdos e métodos de um projeto educativo devem responder às exigências relativas ao pleno desenvolvimento da pessoa (que tipo de cidadão queremos formar) e às exigências relativas ao tipo de sociedade que queremos construir (para que tipo de sociedade). Tanto os conteúdos como os métodos devem contribuir para a formação de uma pessoa autônoma, solidária e competente. Que tipo de homem queremos formar? Qual educação é adequada para um projeto de homem solidário e autônomo, capaz de equilibrar a transformação produtiva e a equidade social?

Os conteúdos curriculares da educação formal e profissional com suas diversas disciplinas são muito importantes, mas não bastam para suprir as necessidades básicas de aprendizagem vital que os novos tempos estão exigindo de nossos jovens. É preciso, portanto, reforçar nas escolas técnico-profissionais os processos de personalização. Não é suficiente hoje uma boa preparação técnica e profissional, mas requer-se sempre mais pessoas capazes de pensar de maneira autônoma, intelectualmente curiosas e dotadas de senso crítico, responsabilidade e disciplina. Pessoas em condições de estabelecer relações positivas, estáveis e eficazes, de promover a colaboração em projetos comuns. Capazes de gerenciar e resolver os conflitos através do diálogo, e de enfrentar as mudanças com fantasia e criatividade.

5. O Sistema Preventivo de Dom Bosco e a educação no século XXI

Chegamos então ao centro da nossa questão: o Sistema Preventivo de Dom Bosco constitui um pilar válido para a educação no século XXI? Esta pergunta não é tão nova, pois é possível reunir farta documentação sobre reflexões e estudos, pesquisas e publicações acadêmicas neste sentido há vários anos.

A dinâmica deste processo é a mesma que se verifica no âmbito da Igreja e da UNESCO que citamos, como representativos também de outros âmbitos que tratam da educação, como o das ciências da educação e o da pedagogia, em particular.

Aprofundando os desafios advindos das mudanças, especialmente como são verificadas na juventude, busca-se explorar na fonte do Sistema Preventivo as riquezas de crenças e valores que respondam melhor a esta realidade. Este aprofundamento tem sido feito permanentemente, seja em nível institucional da Congregação e de outros ramos da Família Salesiana, seja em nível das instituições de pesquisa e de ensino superior e também em outras instâncias da vida e da missão salesiana. Alguns temas novos têm sido aprofundados nesta dinâmica, entre os quais podemos citar como mais significativos: direitos humanos e sistema preventivo; a inculturação do sistema preventivo; desafios da pós-modernidade e o sistema preventivo; as novas

periferias existenciais e o sistema preventivo; a cultura digital e o sistema preventivo; educomunicação e sistema preventivo; e a expressão já clássica "educar evangelizando e evangelizar educando"[12].

O período final do século XX e início do século XXI foi rico de estudos e de pesquisas sobre as condições de atualidade do Sistema Preventivo de Dom Bosco, pois houve uma grande expansão de universidades salesianas em todo o mundo, e grande investimento em estudos, reflexões históricas e pedagógicas, e em formação específica de educadores salesianos e leigos. Esses estudos e práticas têm contribuído não apenas para uma nova compreensão global do Sistema Preventivo, como também para investigar e pesquisar novas formas de inculturação do mesmo nas realidades locais, utilizando os aportes que as várias teorias podem trazer para o mesmo.

A preventividade é atual

Dom Bosco compartilhava a concepção de que a educação é uma forma de prevenção da marginalização e de melhoria da sociedade, como outras obras de promoção social, de beneficência ou de assistência. Relida no contexto atual, portanto, a preventividade deve ser entendida em sentido macro como uma intervenção antes de tudo de tipo sociopolítico: a política da juventude, da família, do tempo livre, da cultura, da saúde, da instrução, da segurança social. Depois também de tipo educativo, e não só no plano individual, mas, sobretudo, no social, coletivo, isto é, influenciando todo o ambiente, em suas expressões socioculturais, não prescindindo dos meios de comunicação de massa. As intervenções educativas devem golpear a raiz da marginalização em suas causas.

Num sentido mais estrito, no interior da prática pedagógica, a prevenção era entendida em contraposição à repressão. No entanto, a concepção meramente disciplinar de prevenção como ação externa à pessoa, no sentido de vigiar, defender, impedir, isolar, preservar, porque "prevenir é melhor que remediar", não alcança o verdadeiro significado contido no Sistema Preventivo. A proatividade do Sistema Preventivo direciona-se para a consciência e as energias interiores da pessoa, e compreende todos os elementos educativos de razão, religião e amor, com práticas de assistência-presença que a ajudem a construir-se positivamente como sujeito, capacitando-se para um posicionamento crítico e para atuar com liberdade.

12 Destaque para o Congresso sobre Sistema Preventivo e Direitos Humanos, in Dicastero della Pastorale Giovanile Della Congregazione Salesiana, Atti del Congresso Internazionale Sistema Preventivo i Diritti Umani, Vis Volontariato Internazionale per lo Sviluppo, Roma 2009.

Releitura das Crenças e Valores do SP de Dom Bosco

Dom Bosco tinha sensibilidade e visão para perceber as necessidades das pessoas e as mudanças na sociedade de seu tempo. Era movido, sobretudo, por uma grande paixão pela educação da juventude. Tinha clareza do que queria como educador, embora não fosse um teórico da educação. Segundo Pietro Braido, quando falava em Sistema Preventivo, tinha em mente "um modo de agir, um complexo de procedimentos educativos, que implicavam todo um organismo de convicções, de ideias, de razão e de fé, que constituíam o seu modo de tratar educativamente os jovens, sem ulteriores preocupações científicas e epistemológicas"[13].

Sua visão lhe permitiu captar ideias e práticas educativas comuns à mentalidade pedagógica de seu tempo, dando-lhe um arranjo próprio e original, rearticulando-as e adaptando-as de acordo com as necessidades dos educandos e dos seus colaboradores, e consolidando-as de acordo com a reflexão que fazia de sua prática educativa.

Tendo em vista os desafios apontados para a educação nos dias atuais, e os pilares colocados para a educação no século XXI pela Igreja e pela UNESCO, e o sentido amplo do termo preventividade, creio que podemos afirmar tranquilamente que o Sistema Preventivo é oportuno e necessário. De fato, seu sentido de envolvimento dinâmico do educando como protagonista de seu crescimento, e da forma de assistência-presença dialógica, propositiva e respeitadora da liberdade, por parte do educador, podem responder tanto à concepção atual de protagonismo do educando, quanto à necessidade de participação do adulto como elemento dialético de orientação, confronto e de confirmação assertiva neste processo.

6. Confrontando a realidade da juventude atual, quais seriam os aspectos mais relevantes do Sistema Preventivo como pilar da educação salesiana?

Podemos identificar alguns aspectos do Sistema Preventivo que podem reforçar uma educação que leve em conta o conhecimento da nova situação da juventude, as características da sociedade da informação e do conhecimento e suas consequências nas práticas educativas e a educação em contexto de mudança de época.

13 BRAIDO, Pietro. Il Sistema Preventivo di Don Bosco, 2ª ed. Zurich, Pas-Verlag, 1964, p. 66.

Visão integral e unificadora da pessoa

A fragmentação e a complexidade da cultura atual, a modernidade líquida, a tendência ao individualismo e ao relativismo exigem uma boa fundamentação antropológica (uma antropologia integral), para escapar das armadilhas da parcialidade e das ideologias.

O Sistema Preventivo apresenta-se como um referencial holístico, que integra o processo educativo em todas as suas dimensões. Fundamenta-se numa visão integral e unificadora da pessoa, em suas estruturas biológica, psíquica e espiritual, e em suas relações com o mundo, com os outros, com o Transcendente.

Por isso, "na mente de Dom Bosco e na tradição salesiana, o Sistema Preventivo tende sempre mais a identificar-se com o espírito salesiano: é, ao mesmo tempo, pedagogia, pastoral, espiritualidade, que associam numa única experiência dinâmica, educadores (como indivíduos e como comunidade) e destinatários, conteúdos e métodos, com atitudes e comportamento nitidamente caracterizados"[14].

O Sistema Preventivo fundamenta-se numa visão positiva da pessoa humana, inspirada no humanismo otimista de São Francisco de Sales (daí o nome salesiano). Toda pessoa é dotada de racionalidade, de recursos, naturais e sobrenaturais, e tem um potencial inesgotável de desenvolvimento, apesar de suas fraquezas.

O Sistema Preventivo é propositivo, no sentido de possibilitar aos educandos conhecimentos e experiências que respondem às necessidades estruturais e de relações dos jovens nas diversas dimensões de sua vida (Saúde, Sabedoria, Santidade), e um programa de vida em torno de três elementos simples e cativantes: alegria, estudo-trabalho, piedade.

Permanece, portanto, a tarefa permanente de estudo, de confronto e de novas práticas, para que o Sistema Preventivo possa ser expresso em sua integralidade, numa nova linguagem, mais adequada às mudanças da antropologia, da teologia, das ciências da educação, e que supere as deficiências de uma proposta educativa fragmentada.

14 Capítulo Geral 2l, n. 96.

Humanismo otimista, alimentador da esperança

A esperança com relação ao futuro é fundamental para que o educando se coloque na dinâmica de construir um projeto de vida. É preciso vacinar-se contra o pessimismo e o niquilismo de nosso tempo.

A visão positiva com relação à história e aos tempos atuais é um valor que sustenta o sistema preventivo, pois essa crença permite acreditar no jovem e investir nas forças positivas que possui como protagonista de seu crescimento. A parábola evangélica da semente que carrega em sua pequenez a força para se tornar uma grande árvore é inspiradora neste sentido. O educador que é movido por esta convicção não se cansa de semear e de preparar o terreno para que ela possa germinar e se desenvolver.

O cultivo da dimensão religiosa e a proposta de santidade, bem entendida na linguagem atual, é outra força do sistema preventivo que alimenta a esperança. Este é um aspecto essencial do Sistema Preventivo de Dom Bosco, que procurava iniciar os jovens na vida de fé, levando-os ao encontro com Jesus Cristo e à prática da oração, dos sacramentos, do apostolado, inserindo-se numa comunidade de fé que passa a ser uma referência importante para a vida.

A meta de formar "bons cristãos e honestos cidadãos" é incrementada com a prática muito atual e necessária do voluntariado, excelente forma de superação do individualismo, e de construção de um projeto de vida solidário. "Acompanhamos nestes anos o desenvolvimento de um sadio protagonismo dos jovens, especialmente no interior do Movimento Juvenil Salesiano. Esta realidade permite-nos experimentar com alegria e satisfação a verdade regeneradora do carisma salesiano: evangelizar e educar os jovens com os jovens. Percebemos sempre mais que o voluntariado ajuda os jovens a amadurecerem integralmente, também na dimensão vocacional (Cf. EG, n. 106) e missionária. Para que possa ser uma experiência autêntica do encontro com Cristo nos pobres, falta um adequado acompanhamento espiritual e pedagógico no interior do voluntariado juvenil salesiano"[15].

A beleza, a estética, a arte, a natureza são valores que sempre enlevam as pessoas e devem ser apreciados como fontes de crescimento e de humanização. A educação "estética" é um caminho que favorece a autoestima e o fortalecimento de um projeto de vida e de sentido. Por isso, Dom Bosco dava tanto valor às expressões artísticas, à música de modo particular, ao esporte e a outros meios de expressão

15 Capítulo Geral 27, n. 17.

livre do educando, num ambiente onde se respira a alegria. O clima de alegria é um componente essencial do sistema preventivo.

Como proporcionar esta experiência, na dinâmica da sociedade do pragmatismo que condiciona a educação ao aspecto "profissional", e na dinâmica do envolvimento dos jovens com as novas tecnologias digitais que podem interferir de forma condicionante e limitadora de sua liberdade e expressão pessoal? De fato, o progresso tecnológico é um valor indispensável para o crescimento da humanidade, mas se apresenta como uma faca de dois gumes, pois pode se tornar fator de injustiças, marginalizações, dominação e destruição de vários tipos, seja de culturas, de pessoas e da própria natureza! O processo educativo deverá favorecer condições para que o educando faça um discernimento crítico dos benefícios e dos riscos de dominação que o progresso apresenta, para que possa apreciar sua beleza e defender-se de seus tentáculos. Basta lembrar a dependência com relação às mídias digitais para perceber a necessidade desta tarefa educativa.

Um aspecto que precisa ser levado em consideração em nosso tempo é a realidade da insegurança, tanto social quanto psicológica. Os jovens que estão em situação de pobreza e de maior dificuldade são os que mais se ressentem dessa realidade, que interfere fortemente sobre o seu futuro e os condiciona sempre mais ao presente.

Dar segurança significa criar ambientes de "proteção", com a adoção de hábitos e comportamentos que previnam experiências negativas, mas significa sobretudo investir nas forças positivas que reforçam a confiança em si mesmo. Se a instituição reforça apenas o aspecto do fracasso do jovem, ele perde a confiança necessária para reagir às dificuldades e às limitações, seja pessoais seja do ambiente e condição em que vive. Como não sentir o drama de tantos jovens que abandonam a escola, e da postura da escola que só lhe recorda seu fracasso! Por isso, o sistema preventivo de Dom Bosco propõe experiências de sucesso, a partir do que ele sabe fazer, convidando-o a progredir e a dar sempre novos passos. Nesta mesma direção se colocam as experiências que exercitam o sentido de responsabilidade, e que proporcionam também o sentimento de ser útil à sociedade. "O que mais tem necessidade um grande número de jovens não é tanto encontrar adultos que lhe ofereçam ajuda, quanto adultos capazes de dizer: "tenho necessidade de você"[16].

"Ver no jovem a criança que é agora ou o adulto que é chamado a ser, este é o olhar que João Bosco tem sobre os jovens, esta é a única maneira de respeitar o

16 PETITCLERC, Jean Marie. Valenze significative del Sistema Preventivo. In DICASTERO DELLA PASTORALE GIOVANILE DELLA CONGREGAZIONE SALESIANA. Atti del Congresso Internazionale Sitema Preventivo & Diritti Umani. Roma, 2-6 gennaio 2009, p. 55.

direito da criança de crescer. Não se trata nem de mantê-lo para sempre no estado infantil, nem de considerá-lo um adulto em miniatura. Desenvolver um projeto que leve em conta a criança, a sua realidade de hoje e a sua potencialidade de adulto de amanhã, significa tanto dar-lhe segurança quanto responsabilizá-lo. A arte do pedagogo salesiano reside na sadia articulação entre estas duas linhas de força"[17].

Assistência-presença que resgate a confiança e diminua a distância adulto-jovem

A relação adulto-jovem é uma chave importante para entender o Sistema Preventivo de Dom Bosco.

A distância entre jovens e adultos parece ter se aprofundado, e as consequências deste distanciamento nem sempre são boas para os jovens e para a sociedade. Com a relação de confiança entre o jovem e o adulto é possível incidir sobre sua personalidade e comportamento. Somente através da recuperação do sentido de autoridade, não baseado no poder de mando, mas na reconquista da credibilidade diante dos educandos, é possível abrir caminho para libertar o jovem de um passado de experiências negativas.

Mas como mudar esta relação? É preciso conquistar a confiança, indica Dom Bosco em seu Sistema Preventivo. E esta confiança se consegue através do afeto demonstrado. "Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança![18]"

Não se trata de privilegiar a dimensão afetiva, excluindo outras dimensões. Acontece que esta compreensão da realidade humana é também racional, pois o educador sabe que o educando é capaz de compreender a razão das coisas, e de reconhecer-se na situação em que se encontra. Somente decifrando as razões pelas quais o jovem pensa ou age de determinada forma, e conquistando sua confiança, o educador pode persuadi-lo a mudar, pode incidir positivamente em sua vida.

Para agir desta forma, o educador precisa acreditar nas pessoas e agir proativamente. A frase emblemática de Dom Bosco a esse respeito é: "Em todo jovem, mesmo no mais infeliz, há um ponto acessível ao bem e a primeira obrigação do educador é buscar esse ponto, essa corda sensível do coração, e tirar bom proveito"[19].

17 Idem, p. 55.
18 Cf. *Carta de Roma*, in BRAIDO, P. Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze. Roma, LAS, 1997, p. 377-390.
19 *Memorie Biografiche* 7, 367.

A assistência-presença, característica do Sistema Preventivo de Dom Bosco, é a chave para a concretização de uma nova aliança de pais e educadores com os jovens, restabelecendo o papel da autoridade mediante a elaboração de uma relação educativa baseada na confiança. Esta aliança leva em consideração a psicologia do jovem que prefere a convivência e a proximidade com os seus pares, tendência esta reforçada pela cultura atual e pelas novas linguagens partilhadas nas mídias sociais.

Por isso, a assistência-presença que pode facilitar esta aproximação orientar-se-á por critérios e práticas condizentes com esta realidade, entre as quais citamos, a título de exemplo:

- Não considerar o jovem apenas como destinatário, mas como sujeito da ação educativa. Isso supõe uma dinâmica de diálogo e de participação, baseada na confiança e no respeito ao educando.

- Assistência como presença gratuita: o êxito da comunicação educativa não depende tanto de habilidades técnicas de abordagem, mas principalmente das motivações e intenções que transparecem na relação que se estabelece. Encontrar o equilíbrio entre a proximidade e a distância: "ser suficientemente próximo para não ser indiferente, e suficientemente distante para não ser considerado indiferenciado"[20]. Para Dom Bosco, o determinante neste ponto não é a intenção que colocamos nesta relação, mas a percepção que o jovem tem da mesma: "Não basta amar os jovens, é importante que esses se sintam amados"[21]. Este equilíbrio permite ao educador saber dizer sim e também dizer não, apoiar e ao mesmo tempo responsabilizar.

- Assistência individualizada: centrada nas situações particulares dos jovens, especialmente em suas necessidades. É diferenciada de acordo com a idade e as características pessoais de cada um. É personalizadora.

- Assistência como presença ativa: a presença do educador não deve ser centralizadora, impositiva e controladora. Também não pode ser de mero espectador da atividade do jovem. Presença ativa significa atuar junto com o educando, intervindo de forma discreta, envolvente, amorosa, estimulando e facilitando seu protagonismo.

- Valorizar o grupo do jovem, e favorecer a socialização e a colaboração que o agir em grupo oferece. Para possibilitar aos jovens exprimirem-se na sua riqueza de comunicação, de expressão, de movimento, de criatividade e, porque não, de barulho e inquietação, é preciso incrementar múltiplas práticas e vivências, como associações, grupos, música, teatro, celebrações, passeios, esportes, festas.

20 Peticlerc, p. 55.
21 *Carta de Roma*, in BRAIDO, P. Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze. Roma, LAS, 1997, p. 377-390.

- Cuidar do ambiente de relações e de convivência, considerando também o envolvimento da família no processo (ecossistema educativo). A educação não é obra apenas de indivíduos agindo sobre indivíduos. É, sobretudo, obra da convivência que se cria, do ambiente que se vive. O Sistema Preventivo só pode ser vivido quando todos estão empenhados na criação de uma comunidade educativa, com sentido de pertença e participação, num clima de família e alegria. A familiaridade se expressa na amizade, na aproximação, na simplicidade e diálogo cordial entre todos.

Conclusão

O Sistema Preventivo de Dom Bosco continua sendo um pilar válido para a educação salesiana, e uma forma de responder às necessidades educativas como se manifestam no início deste século XXI.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco em seus fundamentos, crenças e valores pode e deve ser reinterpretado continuamente, frente às mudanças da realidade, confrontando-se também com outros sistemas de educação, num processo de fidelidade dinâmica, para continuar respondendo às necessidades da educação em cada tempo e lugar.

A eficácia do Sistema Preventivo de Dom Bosco, na resposta aos desafios do tempo presente, exige a formação de educadores com visão e compreensão das mudanças culturais, e com conhecimento das crenças e dos valores próprios do sistema preventivo, com práticas e vivências coerentes com o mesmo no jeito de educar. Da mesma forma, é necessário cuidar constantemente da comunidade educativa como expressão de um ambiente educativo familiar e envolvente.

Referências bibliográficas

BRAIDO, P. *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze.* Roma, LAS, 1997.

BRAIDO, Pietro. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco,* 2ª ed. Zurich, Pas-Verlag, 1964.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova* – Instrumento de Trabalho, 2014, p. 8.

DESRAMAUT, F., in *Cahiers Salésiens*, n. 8-9, abril-outubro 1983, p. 112-115.

GOMES DA COSTA, Antônio Carlos**.** *Educação, uma perspectiva para o século XXI*. São Paulo: Ed. Canção Nova, 2008, p. 100.

MESQUITA, Renata Valério. Cérebros Digitais**.** *Revista Planeta*, São Paulo, p.36-41, abr. 2015.

PETITCLERC, Jean Marie. Valenze significative del Sistema Preventivo. In DICASTERO DELLA PASTORALE GIOVANILE DELLA CONGREGAZIONE SALESIANA. *Atti del Congresso Internazionale Sitema Preventivo & Diritti Umani.* Roma, 2-6 janeiro de 2009, p. 55.

GRUPOS TEMÁTICOS

1. O SISTEMA PREVENTIVO NA PERSPECTIVA FEMININA

Ir. Adair Aparecida Sberga, FMA

O Sistema Preventivo concebido por diversos educadores do século XIX como uma das linhas mestras para a educação da época, praticado e difundido pelo sacerdote Dom Bosco com uma especificidade toda particular, devido ao conhecimento abrangente que tinha do contexto social e suas mudanças, assim como da realidade complexa do mundo juvenil, também tem uma história original e peculiar concebida na vertente feminina.

Quando, no dia 07 de outubro de 1864, Dom Bosco esteve em Mornese, região do Piemonte, norte da Itália, ele se deparou com Maria Domingas Mazzarello, que, voluntariamente, junto com Petronila Mazzarello, desenvolvia uma obra educativa em favor das meninas pobres e desprotegidas do local. Conhecendo um pouco de seus trabalhos, o sacerdote logo intuiu que aquelas jovens, sobretudo Maria Domingas, realizavam uma atividade em autêntica sintonia com seu método e, com a especificidade própria da mulher, praticavam os mesmos princípios do seu sistema educativo.

Maria Domingas desde pequena era dotada para o trabalho, tendo uma inclinação natural para ajudar e servir a todos que precisassem. São muitos os relatos que narram sua disponibilidade em favor da sua família e dos necessitados da sua vizinhança. Depois da doença do tifo, contraída no atendimento às vítimas de uma grande epidemia, não cessou em Maria Domingas o desejo de se doar ao outro. Por um sinal do céu, intui a possibilidade de ensinar costura para as meninas e, junto com a prima Petronila, construiu um *atelier* de costura, com a pretensão de entretê-las e de dar-lhes uma educação humana e espiritual.

Durante as atividades no *atelier*, Maria Domingas e Petronila, com grande espírito de fraternidade, bondade e amor, proporcionavam àquele ambiente um clima de alegria, atenção, respeito, simplicidade e escuta, fazendo com que as meninas se sentissem acolhidas, protegidas e amadas. Instaurava-se assim, uma proximidade entre elas, que envolvia a todas no calor da familiaridade, o que permitia que as me-

ninas se expressassem com desinibição, espontaneidade e liberdade. Esse clima se tornou notório e apreciado pelo vigário Pe. Pestarino e por aqueles que conheceram o *atelier* e as atividades ali desenvolvidas.

Assim, aquela visita de Dom Bosco a Mornese, logo o fez perceber que ali acontecia uma experiência inédita para um contexto de época, no qual as casas de educação preocupavam-se em primeira instância com a disciplina, com o cumprimento dos padrões de comportamento e, consequentemente, a seriedade e rigidez eram normas de conduta.

Como relatam as fontes históricas, Maria Domingas também sentiu, naquele primeiro encontro com o sacerdote, algo de muito extraordinário: as palavras dele despertaram em seu íntimo "o eco de uma linguagem que ouvia no coração, sem todavia saber exprimi-la. Era como uma coisa que esperava e que finalmente acontece" (*Cronistória* I, p. 133). Instalou-se, então, uma profunda sintonia entre eles, no sentido de duas partes separadas de um inteiro que se encontram e se encaixam. Isso mostra que, quando duas pessoas buscam a verdade em suas ações, seus caminhos se encontram. Para ela esse foi o sinal de que sua ação educativa não era outra coisa que a confirmação do chamado que Deus lhe fazia para realizar uma específica missão em favor das meninas, do mesmo modo que chamou Dom Bosco para cuidar dos meninos.

Essa confirmação lhe deu mais entusiasmo e vigor para continuar o trabalho no *atelier*, no oratório festivo e em outras atividades que Maria Mazzarello desempenhava por também fazer parte da associação das *Filhas de Maria Imaculada*[1]. Na implantação do *atelier* de costura, disse Maria Domingas à Pretronila: "Aceitaremos alguma menina que queira aprender a costurar. Vamos ensinar, mas é preciso ficar bem claro que o fim principal é afastá-las dos perigos, ensinar-lhes o bem e, principalmente, a conhecer e amar o Senhor" (*Cronistória* I, p. 89). Eram também esses os objetivos das obras de Bosco, atestando que mesmo antes que Maria Domingas o tivesse conhecido, já havia uma conformidade entre o Sistema Preventivo praticado por Dom Bosco e aquele praticado em Mornese. Isso atesta que o carisma salesiano foi suscitado por Deus tanto na vertente masculina quanto na feminina.

1 Associação composta por algumas jovens de Mornese, com decreto aprovado pelo bispo, que afirma: "Estando nós inclinadas para tudo o que diz respeito ao bem espiritual das almas aos nossos cuidados confiadas, para a maior glória de Deus e a devoção a M. V. Santíssima, atendendo ao piedoso desejo das Filhas de Mornese de unirem-se em Pia Associação, sob o título de N. S. Imaculada, concedemos nossa plena aquiescência e aprovamos os capítulos relativos a nós apresentados, devidamente por nós visados, Acqui, 20 de maio de 1857. Assinado Fr. Modesto Bispo" (*Cronistória* I, p. 68).

Dom Bosco valorizou o protagonismo feminino de Mornese

Narram as fontes biográficas que Dom Bosco conhecia muitas religiosas e congregações femininas da sua época, mas nenhuma lhe causou tanto interesse como aquele grupo das *Filhas de Maria Imaculada* de Mornese. Desde que as encontrou, reconheceu suas potencialidades e riquezas, valorizou as atividades educativas que desenvolviam e incentivou o protagonismo feminino que praticavam com dinamismo e alegria.

Sentindo o apelo forte que pulsava em seu coração: "elas também são minhas filhas", logo compreendeu que aquele seria o grupo ideal para ele fundar uma congregação que cuidasse das meninas.

Assim, junto com Maria Domingas, em 1872, ele funda o *Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*, o qual acompanhou de perto, porém sempre com discrição e respeito, sem lhes impor uma modalidade de formação para religiosas segundo modelos predeterminados. Ele confiava na competência daquele grupo e lhes deu autonomia para que, elas mesmas, delineassem uma fisionomia própria para a nova Congregação. Elas foram, então, traduzindo o carisma salesiano ao feminino em fidelidade ao fundador e, ao mesmo tempo, constituindo uma identidade própria, mas era – como definem os estudiosos da história do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora – uma "fidelidade criativa", com um perfil original de religiosas, pois diferente do padrão da época.

Essa liberdade moral dada às religiosas não significa que Dom Bosco não se preocupasse em dar uma concepção definida ao novo Instituto. Desejava, sim, que as suas irmãs fossem desinibidas, seguras, simples, alegres e que tivessem um verdadeiro espírito religioso, capaz de impactar as jovens. Mas, acima de tudo, queria que elas tivessem uma identidade religiosa reconhecida perante a igreja Católica e a sociedade, sendo mulheres inseridas no contexto social e cultural.

No entanto, não foi ele quem formatou a nova estrutura religiosa para o Instituto que surgia e nem foi ele quem projetou como seriam suas instituições educativas. Ele acompanhou e possibilitou mediações para que as próprias Irmãs chegassem a essas definições, a partir da versão feminina do carisma salesiano.

Em vista disso, para ajudar as novas religiosas a viver segundo uma modalidade específica daquilo que compete à vida religiosa, convidou duas Irmãs da

congregação de Sant'Anna[2], para passarem um tempo com elas e enviou também para Mornese a professora de francês Emília Mosca e Angela Baccialoni, ex-diretora do instituto de educação de Turim, que ora estava aposentada e tinha uma grande experiência em campo educativo, para prepará-las para a missão educativa. Essas últimas tinham a tarefa de ajudar as Irmãs na orientação didática e de preparar para o exame do magistério aquelas que tinham aptidão para o estudo. Por isso, relata Piera Ruffinatto, "o estilo educativo das primeiras FMA não é só fruto de intuição, mas também de contatos e de comparações com experiências de pedagogia feminina de clara impostação preventiva" (p. 40).

Como as meninas moravam junto com as Irmãs no início do Instituto, a comunidade religiosa e educativa se unificavam, e o modo de ser das religiosas era a fonte mais significativa de ensinamentos para as meninas, sendo que com essas as irmãs também aprendiam e podiam moldar o próprio temperamento e caráter.

Ruffinatto constata, ainda, que na concepção de Dom Bosco, "o Instituto teria garantia de futuro se as Irmãs conquistassem progressivamente a identidade de educadoras, se manifestassem o entusiasmo e a dedicação no fazer o bem às jovens" (p. 42). É por isso que, para o fundador das FMA, é prioritariamente importante que as Irmãs estejam sempre em contato com a juventude e, ao mesmo tempo, se preparem adequadamente para a atividade pedagógica[3]. Para ele, há uma simbiose entre a identidade da religiosa e da educadora e é na harmonia entre essas características que se forma o ser da salesiana. Por isso que Alberto Caviglia define Madre Mazzarello como a "salesiana por instinto": mais que uma interpretação ou tradução passiva do carisma ao feminino, há uma conaturalidade entre a sua vocação de religiosa e de educadora. Maria Mazzarello concebia o lugar da missão educativa como o lugar da experiência com Deus. Resumindo, não dá para ser salesiana se não for educadora.

No entanto, só depois da canonização de Madre Mazzarello, pelo papa Pio XII, em 1951, é que o Instituto começou a reconhecê-la como educadora e modelo educativo para as Irmãs Salesianas.

2 "Conhecidas também como as Irmãs da Marquesa de Barolo" (*Cronistória* II, p. 16). Essas passaram duas ou três semanas em Mornese e depois voltaram para Turim. "Em Turim apresentam-se a D. Bosco, e, sendo interrogadas sobre Mornese, respondem com deferência, sem fazer aceno algum sobre a grande pobreza da casa. 'Oh, Ir. Mazzarello pode fazer tudo sozinha. Pode crer, D. Bosco: na sua humildade, ela é uma santa" (Idem, p. 16).

3 "Nota-se que em 1874 já tinham o diploma de magistério Ir. Emília Mosca e Rosália Pestarino; em 1876-77, Irmãs Caterina e Rosina Daghero, Carolina e Angiolina Sorbone, Giovana Borgna, e a postulante Angiolina Buzzetti" (Ruffinatto, nota 198, p. 42).

O Espírito de Mornese em sintonia com o Sistema Preventivo

Madre Mazzarello, com capacidade comunicativa e postura educativa próprias, institui um clima de serena familiaridade e sincera confiança entre as educadoras e educandas. Por meio de um estilo condensado de sabedoria prática na arte de educar, ela possibilita a criação de um ambiente rico de alegria, espontaneidade, simplicidade, verdade, escuta, paciência, bondade, fraternidade, amizade, serviço ao outro, amor, etc., que aos poucos vai fazendo desabrochar nas educadoras e nas meninas as qualidades tipicamente femininas, da qual toda mulher é potencialmente dotada, que, no entanto, precisam ser atualizadas. Esse clima relacional, expresso com maternidade, gera proximidade, sentido de pertença e bem-estar.

As meninas sentem que Madre Mazzarello, mais que uma superiora que impõe regras e disciplinas, é uma religiosa bondosa, que acolhe com amor materno cada educanda com suas necessidades, imperfeições e qualidades. O que está em primeiro lugar não é uma determinação a ser cumprida, mas é, antes, a pessoa a ser acolhida, amada, respeitada e valorizada segundo suas próprias características.

O clássico princípio do Sistema Preventivo "fazer-se amar mais que temer" é que vai se consolidando naquela comunidade mornesina e se enraizado na identidade feminina das educadoras. "Madre Marina Coppa, conselheira geral para os estudos nos anos de 1900 a 1928, recomendava às educadoras: 'Não temos que ter medo de nos aproximar das meninas, [...] devemos lhes fazer atos de bondade e de interesse materno'" [Ruffinatto, p. 11-12). Devido a isso, as Irmãs deixavam transparecer, em suas atitudes, a identidade da mulher solidária, o que também se pode constatar por meio da expressão de Ir. Maria Teresa Papa, dita pouco antes da sua morte: "Sejam boas para as meninas! Para nós a dor, para as nossas educandas a alegria" (Idem, p. 12). Por meio dessas atitudes é que vão se construindo as relações pessoais autênticas e saudáveis, as quais são motivadas por uma forte paixão educativa e pelo desejo de ter os mesmos sentimentos e atitudes de Jesus.

Esse clima da casa das FMA era tão forte que começou a ser percebido pelas pessoas de Mornese e região, sendo que de todas as partes começaram a chegar muitas meninas para que pudessem usufruir dessa formação. O Jornal turinense *L'Unità Cattolica* noticiou "o Colégio de Mornese se configura, de fato, como a 'casa de educação' (Menegusi – Ruffinato, p. 139). Também se dizia do Colégio:

> *"é um bom Instituto para jovens [...] como tal, possui um projeto educativo, cujo objetivo é educar a mulher das camadas populares, através de uma equilibrada síntese de elementos humanos e cristãos. A meta última da formação integral das*

> *jovens é perseguida com responsabilidade e unidade de intenções, por parte de todas as FMA e das outras presenças adultas que colaboram na mesma missão, segundo a peculiaridade própria da tarefa. A Superiora Maria Mazzarello recebe as educandas e as segue pessoalmente, mantendo também contanto com as suas famílias"* (Menegusi – Ruffinato, p. 139).

A maternidade educativa de Madre Mazzarello, que possui o segredo de "fazer-se amar, amando a todos", se expressa como uma maternidade atenta às pessoas e ao seu crescimento. É uma maternidade do cuidado, que sabe conjugar amor com firmeza, para formar a identidade humana e cristã da jovem mulher. Assim como Madre Mazzarello, reconhecida como aquela que possui a fineza de trato, a transparência límpida e a ternura materna, também outras Irmãs, que aos poucos foram se integrando ao Instituto, se destacaram por suas virtudes maternas e dotes educativos. Dentre essas, destacam-se:

– *Ir. Emília Mosca* (1851-1900), que mediante a riqueza de sua personalidade, competência pedagógica e cultura se tornou a diretora do Colégio e a responsável pela formação das educadoras. Com muita habilidade, fazia emergir as qualidades pessoais de cada educadora novata;

– *Ir. Enrichetta Sorbone* (1854-1942), apresentada pela própria Madre Mazzarello como o exemplo da educadora bondosa na relação com as meninas e pessoa de amabilidade alegre;

– Ir. *Madalena Morano* (1847-1908), educadora que traduziu o sistema preventivo nas relações de profunda humanidade, sobretudo com as meninas mais difíceis, e se tornou o exemplo luminoso do carisma educativo na Sicília;

– *Madre Elisa Roncallo* (1856-1919), superiora inesquecível e modelo de religiosa educadora, que é recordada como a mãe bondosa. Foi nos oratórios festivos que expressou com mais preponderância seus dons femininos na acolhida às meninas. Também Dom Bosco percebeu as qualidades educativas de Madre Elisa, pela sua capacidade de fazer-se amar, pela sua doçura, humildade e paciência. Em suas circulares fala bastante sobre o espírito de família para reforçar as relações comunitárias. O exemplo dessa superiora permanece como um fecundo patrimônio do Instituto para evitar que as obras educativas se enredem sobre esquemas rígidos, perdendo o frescor e a flexibilidade que caracterizam as origens do Instituto;

– *Madre Caterina Daghero* (1856-1924), superiora geral por 43 anos, viveu numa época de processos históricos de secularização e industrialização. Em seu governo, o

Instituto deixou de estar agregado à Sociedade Salesiana e, em 1911, obteve a aprovação pontifícia com o relativo *Decretum Laudis*. No mesmo ano, ela deu impulso para o processo diocesano de beatificação de Madre Mazzarello.

– *Madre Angela Vespa* (1887-1969), superiora que apresentou com maior incisividade o sistema educativo de Dom Bosco para o Instituto e aprimorou a formação pedagógica salesiana das educadoras. Foi uma mulher de muita sensibilidade e competência. Graças as suas breves, mas significativas contribuições é que Madre Mazzarello, depois de sua canonização, começou a ser reconhecida como modelo de educadora para as FMA (Cf. Ruffinatto).

Marcou, ainda, profundamente o Instituto nas suas origens, o sacerdote e 3º sucessor de Dom Bosco, *Dom Filippo Rinaldi* (1856-1931), que muito contribuiu com as FMA na implantação do Sistema Preventivo na educação da mulher. Ele deu ênfase na sua ação educativa, sobretudo, na criação de estratégias para animar as relações na comunidade feminina e na elaboração da identidade da FMA a partir da relação educativa. Dom Rinaldi era um sacerdote paterno e possuía dotes particulares para compreender a personalidade feminina. Em vista disso, foi ele quem deu a mais original contribuição para a interpretação do método salesiano não como meio disciplinar, mas como o "espírito" que deve animar a missão das FMA. Deixou um importante legado com a Estreia para o ano de 1929, na qual abordou a peculiaridade da "espiritualidade educativa" das FMA, na intenção de evitar uma interpretação reduzida do Sistema Preventivo. Além do mais, ele contribuiu de forma notável no "processo de beatificação de Madre Mazzarello para animar o Instituto a tomar maior consciência da fecundidade do carisma por ela vivido e traduzido ao feminino e deu impulso ao espírito missionário das FMA, desenvolvendo o irrenunciável protagonismo da mulher nas missões" (Ruffinatto, p. 92). Também foi ele que "aconselhou a transferência da Casa geral de Nizza Monferrato para Turim" (Ruffinatto, p. 92).

Com esses exemplos, fica evidente como foi sendo implantada, na perspectiva feminina, uma concepção do Sistema Preventivo, mesmo sem utilizar essa terminologia. Usava-se mais a definição de "espírito de Mornese" por revelar aquele ambiente e clima permeado de valores humanos e cristãos.

Se os objetivos e os conteúdos são valores a serem empreendidos, a modalidade, os meios e o estilo de relação são criações originais de Madre Mazzarello e das primeiras Irmãs de Mornese, confirmando não só "a novidade de conteúdo, mas a arte da síntese e da integração harmônica dos elementos que compõem esse sistema".

Portanto, o "espírito de Mornese" se identifica com o ambiente em que a caridade educativa e o protagonismo das FMA se enraizaram e fizeram das terras de Mornese um terreno sólido e consistente da mais genuína tradição católica e salesiana. Esse "espírito" se apresenta como a "síntese criativa", que entrelaça a tradição e a novidade, a fidelidade e a criatividade, a missão e a inculturação, numa contínua adequação às pessoas e às circunstâncias.

O Sistema Preventivo na história do Instituto das FMA

O Sistema Preventivo interpretado na versão feminina do carisma, como abordado acima, foi concebido mais como uma experiência prática do que propriamente como uma abordagem teórica de fundamentação para a ação educativa. Nas origens da congregação, não se usava o nome Sistema Preventivo para designar o método usado. Segundo Ruffinatto,

> *Só tardiamente se falou, no Instituto das FMA, em modo explícito e sistematizado, de Sistema Preventivo. Também nos textos constitucionais aparece pela primeira vez em 1969, segundo as indicações do Concílio Vaticano II. Antes de 1895, no Instituto das FMA, não se encontra alguma ressonância escrita do notável opúsculo sobre o Sistema Preventivo na Educação da Juventude, publicado em 1877. Devia, sem dúvida, ser conhecido, mas não é nunca citado! Talvez também para as FMA se pode dizer – como afirma Dom Francesia a propósito de Valdocco – que o Sistema Preventivo nas origens 'se praticava sem chamá-lo pelo nome'* (p. 7).

Do mesmo modo, só depois de muitos anos de trabalho junto aos jovens é que Dom Bosco, por insistência de outras pessoas, escreveu o opúsculo acima citado, definindo os princípios fundamentais do método a ser utilizado nas casas salesianas. Supostamente, não é uma sistematização teórica que garante as normas procedimentais e os valores de uma instituição, mas sem a mesma sempre se torna mais complicado preservar uma ação orgânica, que assegure a identidade carismática das instituições. Ruffinatto lembra que, em 1916, Madre Caterina Daghero percebeu que "em muitas comunidades das FMA não se praticavam as normas, altamente qualificadas, dadas por Dom Bosco, sobre a recreação com as educandas, que eram negligenciadas por muitas educadoras" (p. 7).

Em vista disso, em 1917, a mesma superiora geral convida Dom Filippo Rinaldi para dar algumas palestras para as Irmãs na comunidade de Nizza Monferrato e ali ele mesmo averiguou que elas não tinham recebido muito das orientações peda-

gógicas, necessárias para preservar o carisma. Também Dom Bosco escreve a Carta de 1884[4] para expressar o seu descontentamento no modo com que os salesianos estavam tratando seus meninos. Então, quando ficou constatado o distanciamento do modelo que deveria ser paradigmático, advertiu-se a necessidade de construir, de forma explícita, a fundamentação teórica do Sistema Preventivo. Documentos, textos e orientações tornam-se referências e indicações de inestimável valor no intuito de perpetuar não só um método educativo, mas também uma espiritualidade, que, conjugados, fazem a diferença na formação dos jovens.

No início do Instituto das FMA, a força carismática da ação educativa é cultivada não devido à força dos conceitos teóricos, mas do testemunho e da prática de Madre Mazzarello e das primeiras Irmãs. Lembra Ruffinatto que o Instituto das FMA, como surgiu agregado à Sociedade Salesiana, "não desenvolveu uma explícita e ampla contribuição sobre o seu método na abordagem teórica"(p. 6).

No período do pós-Concílio, dá-se um retorno inteligente às fontes por parte do Instituto, que "descobre e se apropria sábia e criativamente do carisma educativo de Dom Bosco vivido por Madre Mazzarello e pelas primeiras Irmãs de Mornese" (Ruffinatto, p.). Sobretudo nos anos oitenta, começou um estudo sobre o modo peculiar com que as Irmãs, e especialmente a cofundadora, traduziram para o feminino o Sistema Preventivo, em que, como Dom Bosco, viveram a mesma experiência da caridade apostólica, pelo bem das meninas.

Isso se consolida no texto das Constituições de 1982, no qual a recompreensão do Sistema Preventivo é assumido na ótica da caridade pastoral[5], como método e espiritualidade, numa típica caracterização mornesina.

Esse Sistema continua sendo referendado, ainda hoje, em todos os contextos e lugares salesianos, porque é condizente com a estrutura do ser humano e suas necessidades de formação.

4 A fórmula mais expressiva dessa carta: "Que os jovens não só sejam amados, mas que eles mesmos sintam que são amados" (BRAIDO, 1989, 141).

5 O Reitor-Mor Dom Egídio Viganò é quem faz o aprofundamento do valor e do significado da caridade pastoral ao interno do Sistema Preventivo. "Ao termo caridade é acrescentado o adjetivo pastoral para indicar a fonte e o modelo do amor educativo, isto é, Jesus Bom Pastor" (Ruffinatto, p. 122). O mesmo Reitor afirma que "vivendo a caridade pastoral a FMA 'reveste de simpatia a sua santidade', porque é este o modo salesiano de 'demonstrar' amor" (Idem, p. 123).

Considerações Finais

O Sistema Preventivo vigorava na época de Dom Bosco como um método de educação e ele lhe infundiu uma "alma", um jeito todo particular de compreendê-lo, que ao longo da história foi sendo ressignificado, não só como método – como era compreendido pelos pedagogistas do século XIX –, mas também como espiritualidade, na ótica da caridade pastoral. Essa concepção resgata o que estava no coração de Dom Bosco e Madre Mazzarello, quando viviam e orientavam a todo(a) salesiano(a) a "fazer-se amar, mais que temer", ou a "fazer-se amar, amando a todos", ou ainda a "estudar-se para se fazer amar". Expressões que remandam a concepção do que Dom Bosco dizia: "educação é assunto do coração e do coração só Deus é o senhor. Não podemos obter qualquer êxito, se Deus não nos ensina a arte de tocá-lo e não nos dá as chaves dele [...] Procuremos fazer-nos amar" (Circular aos Diretores, 1883).

A partir disso, se confirma a convicção fundamental apresentada por Dom Bosco em seu opúsculo de 1877: sem religião não se pode fazer uma autêntica educação. Só Deus pode entrar no coração de quem quiser e a hora que quiser, o que não é possível a nenhum educador, por não ser o dono da chave. No entanto, há uma condição para o educador chegar ao coração do educando, que não é outra possibilidade senão "ganhar" o coração dele, assim como ganhou Dom Bosco e Madre Mazzarello.

Além disso, fica evidente que o Sistema Preventivo se enrique demasiadamente com a colaboração da presença feminina, pelas características e qualidades próprias da mulher. Basta pensar na presença e no papel de uma mãe na família. Sem ela, o lar fica vazio, apagado e empobrecido. Dom Bosco reconheceu essa importância e, por isso, trouxe sua própria mãe para ajudar na educação dos meninos e depois da morte dela, veio a mãe de Dom Miguel Rua.

Portanto, as FMA não são só outras seguidoras do carisma, antes são chamadas por Deus para complementar o carisma com a especificidade singular da mulher, que se expressa em gestos de maternidade, doçura, fineza, bondade, flexibilidade, sensibilidade, acolhida incondicional, delicadeza nas pequenas coisas, cuidado, percepção do belo, atenção às particularidades, sendo capazes até mesmo de perceber os detalhes ou a frieira no pé da educanda, que vai dormir de sapatos para não mostrar seus ferimentos.

Referências bibliográficas

BRAIDO, P. *La experiencia pedagógica de Don Bosco.* LAS, Roma: 1989.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Cronistória I*, Trad. Inspetoria Santa Catarina de Sena, São Paulo: 1981.

MENEGUSI, M. – RUFFINATTO, P. *Contigo, Main, pelos caminhos da vida*. Subsídio Projeto Mornese, FMA, 2007.

RUFFINATTO, P. *Il Sistema Preventivo nell'Istituto dele FMA*, monografia.

2. SISTEMA PREVENTIVO E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: POSSIBILIDADES PARA A ESCOLA SALESIANA

P. Geraldo Adair da Silva, SDB[6]

> *"grande desafio da missão salesiana, o de tornar visível, crível e eficaz o amor de Deus pelos jovens negros, e para desenvolver um processo educativo que respeite e promova as diferenças culturais, e nos ensine a acolher os negros na Congregação Salesiana".* Pascual Chavez.

O presente artigo discorre sobre o Sistema Preventivo de Dom Bosco na perspectiva das relações étnico-raciais no cotidiano da comunidade educativo-pastoral. Ele será norteado pela seguinte questão:

a experiência educativa desenvolvida por Dom Bosco[7] junto aos jovens, no norte da Itália, no séc. XIX, pode dar hoje contribuições significativas ao enfrentamento ao racismo e à promoção da igualdade étnico-racial no interior dos estabelecimentos educacionais salesianos?

Pretendemos demonstrar que o Sistema Preventivo é um dispositivo pedagógico capaz de engendrar processos de promoção da educação das relações étnico-raciais, favorecendo a apropriação democrática do território escolar pelos sujeitos envolvidos na prática educativo-pastoral salesiana.

A escola "salesiana"[8], alternativa de educação cristã, surge como resposta tempestiva e eficiente às necessidades das juventudes, especialmente das mais vulneráveis, no contexto educacional e sociocultural secularizado do conturbado século XIX italiano. Tal modelo de escola, em sua configuração mais elementar, encontra

6 Salesiano Padre, psicólogo, especialista em coordenação pedagógica, docente em salesianidade pelo Centro Regional do Formação Salesiana de Quito-Equador, Membro da ACSSA – Associação de cultores da História Salesiana, Membro da Comissão Inspetorial de Inculturação do Carisma e Missão Salesiana - BBH.

7 Dom Bosco, sem dúvida um dos mais importantes educadores católicos de todos os tempos, viveu no século XIX (1815-1888). Completada sua formação eclesiástica de 1841 ao fim de seus dias, colocou no centro de seu ministério a educação cristã da juventude, com atenção especial ao cuidado dos mais necessitados.

8 O Tema da escola é poliédrico na história salesiana. Consiste num processo amplo e complexo que se inicia com as escolas noturna e dominical, na casa Moreta (1845) e Valdocco (1846) até estruturas escolares mais complexas como Lanzo (1864) Alassio e Cherasco (1869), dando contornos ao que se chamará na história da educação salesiana de processo de colegialização na Congregação. Cf.: BELLERATE, Bruno. Don Bosco y la escuela humanista. In: Don Bosco en la historia. LAS, editorial CCS Madri, p. 296.

sua gênese na atividade oratoriana de Dom Bosco[9]. Portanto, enraizado na experiência carismática de Valdocco, configura-se como estrutura educativa e evangelizadora norteada pelos princípios oratorianos[10], cujo núcleo central é o Sistema Preventivo. A identidade da escola salesiana é garantida pela vivência do Sistema Preventivo.

O Sistema Preventivo condensa os elementos centrais que demarcam a originalidade educativa e integralmente humana do projeto bosquiano de educação da juventude, especialmente a mais empobrecida.

Os princípios pedagógicos fundamentais desse Sistema Educativo são apresentados pelo próprio Dom Bosco em uma conferência em Nice, França, em 1877: " Este sistema se apoia totalmente na religião, na razão e, sobretudo, no amor educativo".[11] De fato, o encontro de Dom Bosco com a juventude empobrecida e periclitante da cidade de Turim se dá num movimento de fé, de intencionalidade educativa e capacidade de comunicar-se com os jovens, criando com eles laços invisíveis de confiança e de amor capaz de fazê-los acreditarem em si mesmos "*sentindo em si a dignidade de ser pessoa*".[12]

Os jovens com os quais Dom Bosco se encontrou corriam o risco de ter suas vidas interrompidas pela orfandade e pela pobreza multiforme – econômica, cultural, afetiva e espiritual – reforçadas por inúmeros mecanismos de exclusão e discriminação social. [13]

No encontro, pessoa a pessoa, nas relações educativas estabelecidas com jovens em tamanho desamparo existencial e debilidade identitária, a primeira oferta do "Santo Social" será o endereçamento de amor[14], de modo que aqueles jovens, aviltados em sua dignidade, pudessem recuperar o sentimento de continuidade na existência, mediante o fortalecimento de seus recursos interiores e da relação de con-

9 PERAZA, Fernando. La escuela en el "proyeto operativo de Dom Bosco: y la mision animadora de la familia salesiana in: ACTAS Encuentro Latinoamericano de estudio. Proceso Educativo salesiano y culturas emergentes. CSR . Quito-Equador, 1995. p. 293.

10 Tal afirmação se baseia sobretudo na perspectiva carismática e pastoral. Efetivamente se sabe que o processo de colegialização exigiu estruturas e relações diferentes das do Oratório de Valdocco, provocando a atualização do Sistema Preventivo para as escolas. Mais que limite, significou a ampliação do Sistema Preventivo para metodologias preventivas.

11 Opúsculo publicado em Francês, por ocasião da inauguração do Patronage Saint Pierre de Nice, França, em 1877. CF.: BOSCO, João. *O Sistema Preventivo na educação da juventude*. In: FERREIRA, Antônio da Silva. *Não basta amar: a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. Editora Salesiana, São Paulo, 2009.

12 BOSCO, João. *Dados históricos a respeito do Oratório de S. Francisco de Sales*. In: FERREIRA, Antônio da Silva. *Não basta amar: a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. Editora Salesiana, São Paulo, 2009.

13 RODRIGUEZ, Jaime. *Sabedoria do Coração*. São Paulo, Editora Salesiana, 2003, p. 132

14 Avanzini chega a afirmar que a originalidade do modo de educar de Dom Bosco está exatamente na valorização de um afeto "expressado de modo compreensível" para os jovens, estabelecendo com eles uma relação de amizade. Cf: AVANZINI, Guy. *La pedagogía de San Juan Bosco em su siglo.* In: Don Bosco en la historia. LAS, editorial CCS Madri, p. 296.

fiança com adultos e, posteriormente, instituições capazes de sustentá-los no seu processo de formação integral.

A pedagogia do amor nasce, portanto, da experiência de encontro com os jovens, da sensibilidade às suas necessidades e do desejo de educá-los integralmente. O amor purificado e sustentado pela fé é a energia e a síntese metodológica do Sistema Educativo de Dom Bosco e constitui o dispositivo que supera toda e quaisquer discriminações: "Basta que sejais jovens para que eu vos ame muito"[15]. Não é amor que homogeneíza, mas amor que alcança e inclui a partir das diferenças inerentes a cada educando[16].

A vivência do Sistema Preventivo visa **ganhar o coração do jovem** reconhecendo-o como centro do processo educativo-pastoral. Para Dom Bosco, a educação, mais que ciência é uma arte, e cabe ao educador, mediante a intencionalidade educativa e presença amorosa, "descobrir nos meninos germes de suas boas disposições, e em aplicar-se a desenvolvê-los"[17] O Educador é a principal mediação do Sistema Preventivo quando é capaz de compartilhar com os educandos experiências humanizantes e integradoras, ajudando-os no processo de expansão do seu ser em todas as dimensões da própria vida, (inclusive na dimensão étnico-racial!).

Na carta de Roma de 1884[18], Dom Bosco ensina que "não basta amar os jovens; é preciso que eles se sintam amados". O texto, redigido depois de 40 anos de experiência no mundo juvenil e do trabalho de animação/gestão de pessoas e instituições no campo da educação, consiste num dos textos basilares sobre o Sistema Preventivo e reveladores de sua originalidade. Cada jovem, no processo de amadurecimento em que se encontra[19], com seus sonhos, pertencimento étnico-racial, de gênero, com suas limitações humanas, deve sentir-se amado, reconhecido, e potencializado em seus recursos pessoais e no processo de construção e assunção de sua identidade. Trata-se

15 São João Bosco. *O jovem instruído na prática de seus deveres religiosos*. Barbacena, Centro de documentação e pesquisa, 2003.

16 O Sistema Preventivo é, em sua constituição, aberto à inculturação nos diversos contextos e demandas específicas do educando. De tal modo que Braido utiliza a expressão metodologias preventivas para ressaltar a diversidade de situações, intervenções e instituições educativas e evangelizadoras nas quais se materializou o estilo de educar de Dom Bosco. Cf. BRAIDO, Pedro. *Prevenir, não reprimir. O método educativo de Dom Bosco* Roma. Roma: LAS, 1999.

17 Jornal de Rome, 25 de abril de 1884, citado por MB XVII, p. 85 apud: FERREIRA, Antônio da Silva. *Não basta amar: a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. Editora Salesiana, São Paulo, 2009, p. 15.

18 Carta ditada por Dom Bosco ao secretário João Batista Lemoyne, no dia 10 de maio de 1884, em Roma. Dom Bosco, enfraquecido e cansado, estava findando um longa viagem de volta da França em direção à sua querida Valdocco, seus salesianos e jovens. CF.: BIANCO, Enzo, BRAIDO, Pietro. *Não basta amar*: *Carta de Roma*, de 1884. *Cadernos Salesianos*. Editora Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1984.

19 Sobre esse ponto, escreve Dom Bosco: " De ordinário os professores tendem a dar maior atenção aos alunos que sobressaem por estudo e inteligência e explicam atendendo somente a esses (...). Eu, ao contrário, sou do parecer diferente. Creio que todo professor deve atender aos mais fracos da classe e adaptar os deveres e lições à sua capacidade". Cf. MB XI, 2018 apud: BELLERATE, Bruno. Don Bosco y la escuela humanista. In: *Don Bosco en la historia*. LAS, editorial CCS Madri, p. 298.

de uma relação no qual o jovem é confirmado em sua existência pelo olhar e presença educativa de adultos que, porque o amam, defendem e lutam pelos seus Direitos[20].

Nessa carta, encontramos a compreensão de que a educação envolve todo o ambiente, implicando todos os sujeitos envolvidos no processo educativo-pastoral, ou seja, a Comunidade Educativo-Pastoral. O ambiente educativo pode ser compreendido como espaços e tempos de convivência educativa privilegiada, amalgamados pela familiaridade, afetividade e confiança. Na *carta de Roma*, Dom Bosco afirma: "a familiariedade gera o afeto e o afeto produz confiança" e, ainda: "sem familiariedade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança". Trata-se de ofertar e construir com os educandos uma *ambiência* comunitária, comunicante, circulante, humanizante e producente de novos sujeitos aptos a estabelecer relações sadias, a partir de novos códigos de sociabilidade, não discriminatórios.[21]

Quer se fazer notar que o Sistema Educativo de Dom Bosco é um dispositivo pedagógico capaz de gerar nichos de relacionamentos humanizantes, desencadear metodologias preventivas, produzir instituições educativas visando a formação integral dos jovens. Por tudo que foi dito, pode-se afirmar que a energia do Sistema Preventivo está concentrada nas relações educativas geradoras de vida e de uma convivialidade solidária e fraterna na Comunidade Educativo-Pastoral. Ele é, portanto, essencialmente antirracista, aberto a acolher e promover as diferenças e a diversidade que marcam o mundo juvenil.

Desse modo, na Escola Salesiana, cuja identidade é garantida pela prática do Sistema Preventivo de Dom Bosco, a educação da relações étnico-raciais, antes de ser uma lei, marcada pela obrigatoriedade, é um príncípio orientador e opção carismática[22]. Destarte, a sanção da Lei 10.639/2003[23], a elaboração do parecer CNE/CP 03/2004 e a resolução CNE/CP 01/2004 subsidiaram a criação do Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional e nos oferecendo um dispositivo legal para materializarmos nossas convicções carismáticas no ambiente escolar. Encontramos no caput do art. 3, da Resolução supracitada o seguinte imperativo:

---

20 Sobre o tema do Sistema Preventivo e Direitos Humanos ver: FISTAROL, P. Orestes Carlinhos (Org.). *Sistema Preventivo e Direitos Humanos*. Brasília: CISBRASIL-CIC, 2011.

21 Inspetoria São João Bosco. Política Institucional de Igualdade Étnico-Racial e de Gênero.

22 Por ocasião do 20º encontro de inculturação do Carisma salesiano acontecido na inspetoria São João Bosco, nos dias 29 e 30 de junho de 2012, o então Reitor-Mor dos Salesianos, Dom Pascual Chavez Villanueva enviou uma carta de saudação aos participantes do encontro, na qual afirmava que a promoção étnico-racial e o trabalho com jovens negros estão no horizonte do Carisma e Missão salesiana. Cf. VILLANUEVA. Pascual Chavez. Mensagem do Reitor-Mor. Inspetoria São João Bosco. *Revista de Inculturação*. Ano 1 – n. 1 – outubro de 2014, p. 7.

23 Foi modificada pela Lei 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígenas.

> *A educação às relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-brasileira e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e a supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 01/2004* (BRASIL, 2004, p. 32)[24].

Ações afirmativas voltadas para o trato da questão étnico-racial no ambiente escolar tornam-se significativas no horizonte da existência do racismo enquanto paradigma estruturante das relações raciais no Brasil e no seu perverso atravessamento nas instituições sociais, incluindo a escola. De fato, as estatíticas[25] são lacônicas ao patentear a desigualdade entre negros e brancos no Brasil. A título de exemplo, lembramos que jovens negros morrem mais que jovens brancos e crianças negras são privadas de estímulos afetivos em relação a crianças brancas da mesma idade, na escola. O racismo engendrado no cotidiano escolar e modulado nas subjetividades instaura relações que desqualificam crianças e jovens negros condicionando, quando não interrompendo, seu sentimento de continuidade na existência e privando-os de Direitos fundamentais.

Numa sociedade pluricultural e pluriétnica como a brasileira, uma educação para as relações étnico-raciais torna-se imprescindível na formação de sujeitos aptos ao exercício da cidadania plena e hábeis na convivência dialógica e respeitosa com a alteridade. Ademais, o conhecimento teórico conceitual mais aprofundado sobre a África e a cultura afro-brasileira poderá contribuir para romper com o epistemicídio[26] ao qual são subjugados os saberes afrodescendentes, levando ao fortalecimento da identidade da comunidade negra e, por consequência, à efetivação da democracia e do desenvolvimento humano, econômico, cultural e político da nação.

Trata-se de um proposta de educação que considera a produção de conhecimento, a formação de atitudes, comportamentos, valores, rituais pedagógicos que eduquem para a convivialidade solidária e para a promoção, valorização e o trato da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar[27]. Nesse sentido, o Sistema Preventivo atua na elaboração de relações interpessoais marcadas pelo afeto, pela confiança e promoção da vida. Se o racismo contribui para a negação da identidade e a despon-

24 CNEP/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.
25 ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V.R (ORGS,). Afirmando as diferenças: montando o quebra-cabeças da diversidade na escola. Campinas, SP: Papirus, 2005, p. 13.
26 BRITO, Benilda Regina Paiva. Inculturando a Religiosidade Africana. In: Inspetoria São João Bosco. Revista de Inculturação. Ano 1 – n. 1 – outubro de 2014, p. 24.
27 ROCHA. Rosa Margarida Carvalho. Caminhando para o futuro: educação necessária para o Século XXI. In: Sistema Salesiano de Educação em Escolas (SSEE). Guia do Gestor. Inspetoria São João Bosco, CESAP. 2010, p. 30.

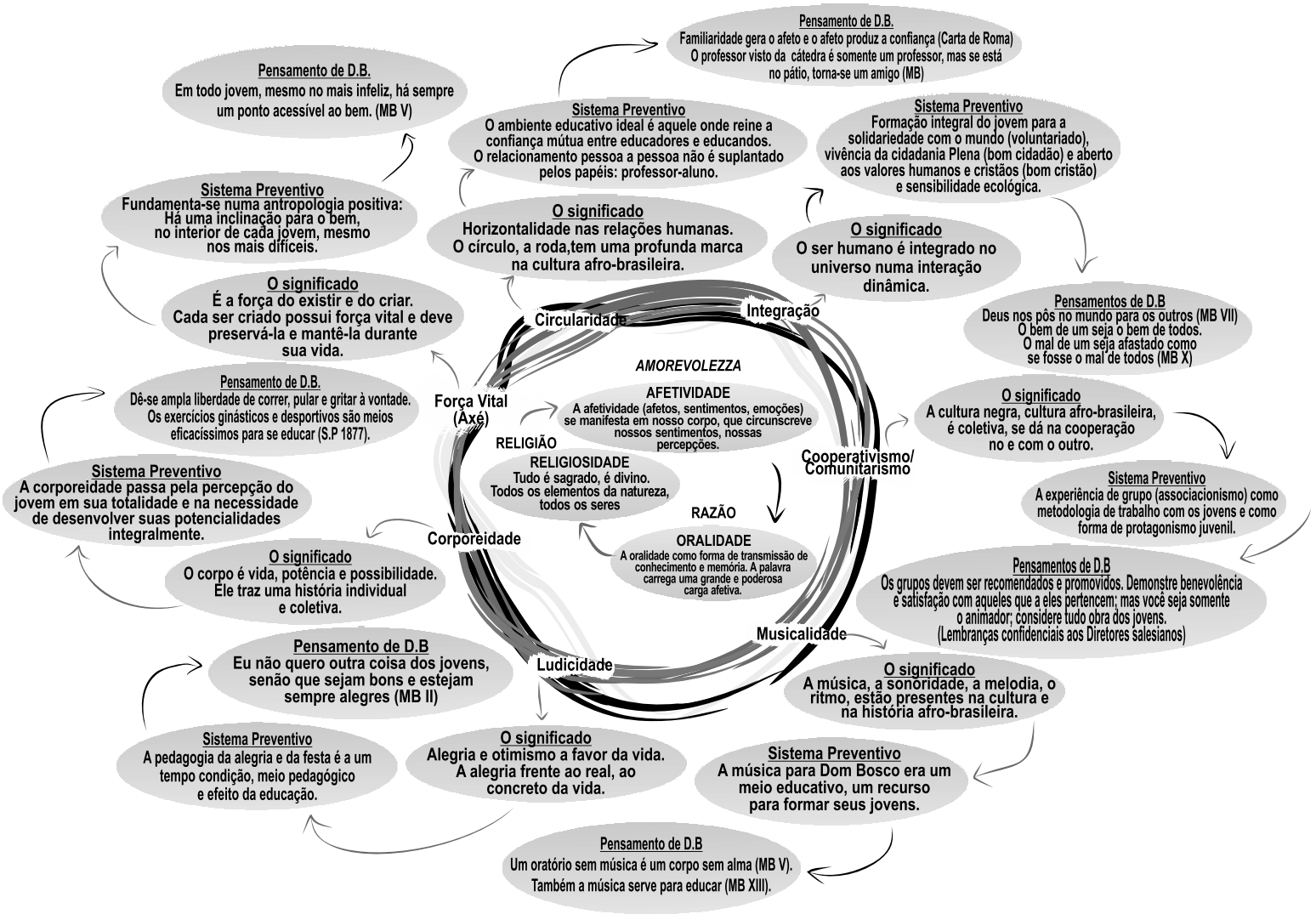
tencialização de outrem, o Sistema Preventivo engendra relações humanizadoras capazes de fortalecer os recursos pessoais, criando um ambiente favorável à afirmação de si e ao respeito e fraternidade para com outro, no seu processo, diversidade étnico-racial e cultural.

Dentre outros pontos importantes aos quais a escola salesiana deve atentar no processo de educação das relações étnico-raciais, é importante lembrar que se trata de uma escolha carismática e política. Exatamente por isso, deve ser contemplada no Projeto Pedagógico Pastoral e, consequentemente, também no material didático que deve estimular o conhecimento e o respeito à diversidade étnico-racial, à história da África e à cultura afro-brasileira.

Nesse sentido, o material didático da Rede Salesiana de Escolas tem feito esforços significativos, aos quais se acrescentam outras demandas como a formação de professores, animadores e gestores voltadas para o gerenciamento das políticas e ações institucionais quanto ao trato da questão étnico-racial no cotidiano das ações educativas e pastorais; o cuidado com o ambiente semântico, garantindo um clima educativo que valorize a diversidade (diversidade étnica e de gênero nos murais das escolas, peças de *marketing*, etc.); as ações de valorização de jovens negros; itinerários de como enfrentar o racismo de modo a fortalecer a vítima e reeducar o agressor na perspectiva da educação das relações étnico-raciais.

A meta da educação salesiana é a formação integral dos educandos, ajudando-os a se tornarem "bons cristãos e honestos cidadãos". A dimensão étnico-racial, com frequência condiciona, quando não determina o desenvolvimento de outras áreas da subjetividade dos educandos. Desse modo, qualquer proposta pedagógica que negligencie a dimensão étnico-racial será precária e não cumprirá o fim a que se propõe: formar integralmente os educandos e contribuir para a transformação da sociedade. Terminamos apresentando uma possibilidade de releitura do Sistema Preventivo a partir dos príncípios da Cosmovisão afro-brasileira.

RELEITURA DO SISTEMA PREVENTIVO DE DOM BOSCO A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA COSMOVISÃO AFRO-BRASILEIRA



Referências bibliográficas

BRASIL. *Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: SECAD; SEPPIR, jun.2009

ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V.R (ORGS,). *Afirmando as diferenças: montando o quebra-cabeças da diversidade na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

FERREIRA, Antônio da Silva Ferreira. *Não Basta amar*: A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos. Editora Salesiana, São Paulo, 2009.

PERAZA, Fernando. *La escuela en el "proyeto operativo de Dom Bosco*: y la mision animadora de la familia salesiana in: ACTAS Encuentro Latinoamericano de estudio. Proceso Educativo salesiano y culturas emergentes. CSR . Quito-Equador, 1995. p. 293.

BRAIDO, Pedro. *Prevenir, não reprimir*. O método educativo de Dom Bosco Roma. Roma: LAS, 1999.

3. MÍSTICA E COMPETÊNCIA NO PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL

Ir. Ivone Yared, FMA[28]

– O que significa e o que envolve: mística?

– O que significa e o que envolve: competência?

– O que significa e o que envolve: pastoral?

– Como estes três conceitos se amalgamam? Num projeto educativo pastoral é necessário a mística e a competência?

É um tema questionador do qual muito se fala, mas de difícil integração na prática educativa. Somos tentados, embora saibamos que no cotidiano são integrados, a "viver" as categorias de forma fragmentada.

O que se espera de um místico competente?

Como atualizar o Projeto educativo pastoral com mística e competência?

Competência tem muitas vertentes, mas tomemos a perspectiva como conjunto de conhecimento, habilidades e atitudes, ou seja, o conjunto de capacidades humanas que justifica um alto desempenho, acreditando-se que os melhores desempenhos estão fundamentados na inteligência e na personalidade das pessoas: a competência é percebida como estoque de recursos, o que o indivíduo detém para determinados cargos, trabalhos, tarefas existentes nas organizações.

Le Boterf (1995) [29]

28 * Ir. Ivone Yared – doutora em Educação – PUC/SP – 2009 – Diretora do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora – Lins/SP – Inspetoria de Campo Grande/MS.

29 LE BOTERF, G. De la compétence – essai sur um attracteur étrange. In: *Les éditions d'organisations***.** Paris: Quatrième Tirage, 1995.in Fleury Maria Tereza Leme, Fleury Afonso - *Construindo o conceito de competência* – RAC, Edição Especial: 183-196 http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdfhttp://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdf.

situa a competência numa encruzilhada, com três eixos formados pela pessoa (sua biografia, socialização), pela sua formação educacional e pela sua experiência profissional. A competência é o conjunto de aprendizagens sociais e comunicacionais nutridas a montante pela aprendizagem e formação e a jusante pelo sistema de avaliações. Competência é um ***saber agir*** *responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num contexto profissional determinado. A competência individual encontra seus limites, mas não sua negação no nível dos saberes alcançados pela sociedade, ou pela profissão do indivíduo, numa época determinada. As competências são sempre contextualizadas. Os conhecimentos e o* know how *não adquirem* status *de competência a não ser que sejam comunicados e utilizados. A rede de conhecimento em que se insere o indivíduo é fundamental para que a comunicação seja eficiente e gere a competência. A noção de competência aparece assim associada a verbos como: saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber engajar-se, assumir responsabilidades, ter visão estratégica. Do lado da organização, as competências devem agregar* ***valor econômico*** *para a organização e* ***valor social*** *para o indivíduo.*

Competências como Fonte de Valor para o Indivíduo e para a Organização

Mística - A **mística** (do grego *mystikòs* = misterioso, e este da *myein* = fechar, calar) é a contemplação da dimensão do sacro e envolve uma experiência direta, "além" do pensamento lógico-discursivo e, portanto, dificilmente comunicável.

O termo mística deriva do verbo grego "muw", que engloba em si um duplo significado: **a)** sou fechado dentro*;* **b)** estou calmo**,** me calo, estou silencioso, me retiro.

Portanto, podemos considerar a mística como uma espécie de introdução no mistério divino, um colocar-se dentro, um fazer, em sua essência, uma coisa só com Ele. Mas de que maneira? E aqui nos ajuda uma outra parte do significado, ou seja, nos convida a fazer silêncio dentro de nós, despojando-nos da frenesia e das urgências cotidianas, para criar em nós uma parada de mar calmo, que nos emerge no fascinante mundo do silêncio interior. O místico é o homem ou a mulher que experimenta uma comunhão unificante com o mundo do divino, no qual se encontra o pleno desapego de si, extinguindo a sede de infinito que o inquieta. Neste sentido, S. Agostinho afirmava nas suas confissões que "*inquietum est cor nostrum, Domine, donec requiescat in te*" (Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar no Senhor). Nesta entrega espiritual o místico experimenta um estado de felicidade completa, de paz e de grande calma interior, porque entrou no mundo de Deus. Envolve, portanto, uma relação dialógica entre amado e amante, entre Deus e o homem, evocada na metáfora da união nupcial.

PASTORAL não é outro que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, acompanha, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão (Cf. Papa Francisco no Brasil).

É a dimensão do 'pastoreio' – daquele que conhece suas 'ovelhas', as chama pelo nome e por elas é conhecido, porque intrinsicamente existe a dimensão do cuidado, do conduzir, do reconhecimento recíproco.

Hoje é válida uma Igreja que é capaz de:

> *redescobrir as vísceras maternas da misericórdia. Sem misericórdia não há nada a fazer hoje para inserir-se num mundo dos 'feridos', que precisam de compreensão, de perdão, de amor.*

O exercício da maternidade da Igreja é consequência da 'revolução da ternura provocada pela encarnação do Verbo'.

No Documento de Aparecida foram evidenciadas duas categorias pastorais que surgem da mesma originalidade do Evangelho: a proximidade e o encontro, que constituem a modalidade na qual Deus se revelou na história. É o 'Deus vizinho' ao seu povo, proximidade que atinge o ponto máximo na encarnação. É Deus que vai ao encontro do seu povo. A proximidade cria comunhão e pertença, torna possível o encontro; adquire forma de diálogo e cria uma cultura do encontro.

A ternura, portanto, exatamente porque conectada à encarnação do Verbo, constitui a distinção entre pastoral verdadeira e falsa, isto é, entre pastoral que vive do encontro com Cristo e com os irmãos e, portanto, orientada ao inserimento e à pertença.

O que nos pede a Igreja e nossa Congregação (SDB e FMA)?

Para ser competente e vivenciar um projeto educativo pastoral a Igreja, a Congregação Salesiana, o Instituto das FMA precisam ***de homens e mulheres que encarnam os valores que creem***; que vão contracorrente; pessoas transgressivas, alternativas, que não cedem facilmente às tentações de adequar-se ao imposto pelo sistema ou às modas do mercado; pessoas apaixonadas por Deus, "ex-cêntricas", desde o momento em que sua existência é guiada por um Outro; homens e mulheres que demostram, com a vida, que as coisas possam ser contempladas, entendidas e transformadas segundo o Espírito de Deus.

"Os místicos no Espírito" são homens e mulheres que, de modo excelente, conseguem traduzir e encarnar a dimensão escatológica da espiritualidade nas diversas circunstâncias da vida cotidiana: trabalho, educação, corporeidade, política, cultura virtual...

O Papa na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* fala da **mística do viver juntos** (EG 87) e de **fraternidade mística** (EG 92).

Os **Salesianos**, nos ATOS do CG 27, apropriando-se da Exortação apóstolica, afirmam: "A nossa *mística* se expressa como humanização profunda da vida pessoal e comunitária. Dom Bosco viveu e nos transmitiu um estilo original de vida de *união com Deus* sempre (cfr. C 12, 21, 95) e em todos os lugares segundo o critério oratoriano (cfr. C 40). O salesiano, portanto, testemunha Deus quando se "gasta" pelos jovens e está com eles com dedicação sacrificada 'até o último suspiro', vive o '*cetera tolle*', sabe partilhar com eles a própria experiência de Deus". E no n. 34, retomando a *Deus caritas est,1* de Bento XVI, afirmam que "ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo".

No nº 64 e depois 66, sempre nos ATOS, indicam que "para ser místicos no Espírito é necessário passar: de uma espiritualidade fragmentada a uma espiritualidade unificante, fruto da contemplação de Deus em Jesus Cristo e nos jovens; da atitude de quem se sente já formado à humilde e permanente escuta da Palavra de Deus, dos

irmãos e dos jovens; de um testemunho fraco dos conselhos evangélicos a uma vida cheia de paixão no seguimento de Jesus capaz de despertar o mundo, convocando-o para os valores essenciais da existência; de uma visão pessimista do mundo a uma visão de fé que descobre o Deus da alegria nos acontecimentos da vida e na história da humanidade". (Cf. Congresso de Roma).

Também as **FMA**, no Capítulo Geral XXIII, evidenciam o coração da vida das comunidades educativas (Cf. nº 36, 37, 38, 55, 56, 57). No caminho de transformação é necessário aprender a descobrir a ação e a presença de Deus nas pregas da história e a libertar-nos de um olhar pessimista. Quem tem Deus, quem se encontra com Ele, não pode olhar o futuro desanimado. Por isso cremos ser necessário **transformar** as nossas comunidades **em comunidade de esperança, comunidades alegres,** que vivem as **dificuldades como oportunidades**, reconhecem a atual situação como tempo de graça. Comunidade na qual cada uma se empenha em viver em profundidade a espiritualidade do Sistema Preventivo**,** sentindo-se corresponsável pela mudança e pelo reflorescer do carisma. Os jovens e o leigos, como nós, têm sede de Deus, isso requer uma **contínua conversão** para avançar juntas na fé como Comunidade educativa na qual cada um se deixa evangelizar e evangeliza com o seu testemunho de vida (Cf. nº 36).

Estar com os jovens, partilhar, contar com eles e não só trabalhar por eles, faz crescer uma relação educativa e corresponsável diante da missão. É preciso que se cultive, na Comunidade educativa, uma **mentalidade empreendedora e projetual,** em rede com outros, capazes de colocar em jogo todos recursos para escolhas educativas inéditas. Para concretizar o nosso estar com os jovens é necessário assumir uma mentalidade mais aberta para acolhê-los, de forma a vencer o medo de estar com eles. Se consideramos os jovens como protagonistas da evangelização de outros jovens, não os olharemos mais só como destinatários, mas seremos envolvidas juntas no processo formativo evangelizador de qualidade. Isso facilita quando nos empenhamos a passar do simples comunicar os conteúdos da fé a propor a experiência de encontro com Jesus encarnado na vida cotidiana, presente na Palavra e nos outros; a passar de uma mentalidade de ações pastorais a uma de processos, promovidos e partilhados por todos os agentes de pastoral da comunidade educativa (Cf. nº 37,38).

"A primeira motivação para **evangelizar** é o amor de **Jesus** que recebemos, a experiência de ser salvas por Ele que nos impulsiona a amá-Lo sempre mais. Porém, que amor é esse que não sente a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida?"[30] Os jovens poderão crer no amor de Jesus se nós

30 *Evangelii Gaudium*, n. 264.

conseguirmos amá-los gratuitamente como Ele os ama, se partilharmos com eles a nossa experiência de encontro com Deus, se conseguirmos, numa sociedade sempre mais líquida[31], testemunhar o nosso permanecer fiel, como Maria aos pés da Cruz na espera da Ressurreição. "No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e com isso a direção decisiva"[32]. Vivendo como **discípulas**, podemos favorecer o encontro pessoal dos jovens com Jesus que os transforma e os torna missionários (Cf. nº55).

A espiritualidade salesiana expressa no cotidiano não se fecha no intimismo, mas alimenta uma **cultura do encontro** que nos torna próximas dos jovens e dos leigos e solícitas no estilo de **Maria** (Cf. nº 56 - Atos do XXIII CG).

Um homem ou uma mulher assim é um(a) místico(a) competente!

Dos nossos Fundadores – Dom Bosco e Madre Mazzarello – podemos afirmar que, de fato, conhecemos muitas vezes só a ponta emergente do *iceberg* – as suas múltiplas atividades e as suas grandes realizações – mas corremos o risco de esquecermo-nos da parte submersa – ou seja, a sua vida interior, que é a parte mais valorosa e escondida, mas que sustenta tudo! Portanto, entrar no mundo interior de Dom Bosco e de Madre Mazzarello permanece para nós um mistério de graça e de santidade. Também por isso nem sempre somos capazes de entender aquilo que movia nossos fundadores, de chegar em profundidade na sua paixão por Deus e pelas almas. Devemos admitir: permanecemos, muitas vezes, como seus filhos e filhas, seus imitadores, superficialmente, e **não sabemos atingir o coração místico de D. Bosco e de Madre Mazzarello.**

A mística que envolve nosso trabalho educativo pastoral é imbuída eminentemente de uma mística mariana, a primeira discípula que com competência soube acolher primeiramente no seu coração a palavra de Deus e depois atualizá-la com o seu sim, sendo "berço" do Verbo Encarnado. Só o conhecimento da Sagrada Escritura permitiu o silêncio unificante com o Espírito, gerando VIDA e Vida para o outro.

Se a Competência é saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber engajar-se, assumir responsabilidades como já foi citado, o místico competente é capaz de integrar estes saberes, sintonizar-se com o mundo do divino e tornar-se disponível a se deixar absorver por ele. Uma meta esta irrealizável se Deus mesmo não nos tivesse tornado capazes de tal união e não nos

31 Baumann Zygmund, *Modernità liquida,* Roma-Bari, Laterza 2006.
32 Benedetto XVI, Esortazione apostolica *Deus caritas est* (25 dicembre 2005), n.1.

elevasse até Ele. É necessário libertar-nos de todos os pesos materialistas e egoístas que nos tornam estranhos ao UM. Trata-se, portanto, de realizar a passagem do Eu ao TU, do egoísmo ao amor, do fechamento sobre si mesmo e as coisas, à abertura, à Totalidade que nos transcende. E quando falamos de amor, neste sentido, não se deve entender como um sentimento, mas como um modo de ser, caracterizado por um comportamento de total abertura ao outro, total doação de si ao outro, total acolhida do outro em si. Tudo isso nos eleva a um nível superior de vida, da qual transparecem claramente os traços do divino em nós, colocando-nos em sintonia com Ele.

Portanto, um projeto educativo pastoral sem mística e competência é um projeto vazio. A competência e a mística favorecem o desabrochar de um projeto educativo pastoral unificante.

Referências Bibliográficas

Atos do XXVII Capítulo Geral, SDB – *Testemunhas da radicalidade evangélica – Trabalho e temperança* – 2014.

Atos do XXIII Capítulo Geral, FMA– *Alargai o olhar com os jovens, missionárias de esperança e de alegria* – 2014.

BAUMAN, Zygmund – *Modernidade líquida* – tradução Plinio Dentzien – Rio de Janeiro – Jorge Zahar ed. 2001.

Carta Encíclica – Deus caritas est – do sumo Pontífice Bento XVI – sobre o amor cristão – Edições Paulinas – SP – 2006.

CONVEGNO INTERNAZIONALE DI PEDAGOGIA SALESIANA, 19-21 MARZO 2015, ROMA SALESIANUM / UPS - "*Con Don Bosco educatori dei giovani del nostro tempo*" acessado https://www.unisal.it/notizie/convegni-e-incontri/1084-si-apre-il-convegno-di-pedagogia-per-i-duecento-anni-dalla-nascita-di-don-bosco-diretta-streaming.

Documento de Aparecida **–** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – 13 a 31 de maio 2007.

Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – do sumo pontífice Papa Francisco.

FLEURY, Maria Tereza Leme; Fleury Afonso – *Construindo o conceito de competência* – RAC, Edição Especial 2001: 183-196, acessado em http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdfhttp://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdf.

GIOVANONI, Marco i, *La conversione Pastorale della Chiesa come ricezione del Concilio Vaticano II nel ministero e nel magistero di papa Francesco,* acessado em http://www.academia.edu/9351289/La_conversione_pastorale_della_chiesa_come_ricezione_del_Concilio_Vaticano_II_nel_ministero_e_nel_magistero_di_papa_Francesco.

Palavras do Papa Francisco no Brasil – Edições Paulinas – SP – 2013.

4. EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO

Prof. Amarildo Vieira de Souza, UNISAL

> *Caríssimos, a educação é um grande canteiro aberto, no qual a Igreja sempre esteve presente com suas próprias instituições e projetos. Hoje precisamos novamente incentivar esse empenho em todos os níveis e renovar a tarefa de todos os sujeitos que aí estão empenhados, na perspectiva da nova evangelização* (Papa Francisco).

A palavra "desafio" tem sido uma acompanhante inseparável em qualquer reflexão que se faça no ambiente da Igreja ou da Educação. Num perfil de sociedade difícil de se caracterizar pela sua pluralidade, seja pela pulverização de classes (econômico), diversidade de crenças (religioso), multiplicidade de ideologias (político), liberdade de expressão (comportamento), é natural que não tenhamos a certeza dos caminhos. No entanto, é preciso que alguns parâmetros nos ajudem a não perder de vista o ponto de partida e o ponto de chegada.

No que se refere à Educação, vivemos momentos em que o mercado tem exigido, cada vez mais, uma postura perigosa em relação ao objetivo primeiro, que deve alimentar qualquer instituição educativa e, por conseguinte, o educador: *formar o sujeito na sua integralidade para a vida*. No campo da Igreja, que não está fora deste contexto, trava-se uma luta em firmar sua identidade sem distanciar-se da realidade. Realidade esta que em muitos momentos apresenta uma sociedade tendendo a secularizar a religiosidade e a relativizar valores. O ser humano, seja pela Educação e/ou pela Evangelização, deve ser entendido como alguém que anseia em 'não ser só', e nem ser 'por um momento'.

A escola (Educação) é um espaço onde temos o privilégio de possuir uma amostra da(s) nossa(s) sociedade(s). É nesta 'seara' que a evangelização acontece, na presença do diferente, dos grupos que mudam de forma sistemática, questionadora e contestadora.

Para que possamos descortinar novas possibilidades neste binômio **Educação** e **Evangelização**, buscaremos algumas orientações nas reflexões provocativas de Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco.

No discurso feito à Congregação para a Educação Católica, Papa Francisco ressalta três pontos que, de certa forma, nos alertam para o cuidado da **educação**, para que seja **evangelizadora**, e a **evangelização** seja **educativa**.

1. O valor do DIÁLOGO na Educação.

Partindo do princípio que Jesus Cristo é o mestre no acolhimento do outro, independentemente de sua nacionalidade ou crença, temos por obrigação evangélica, portanto, valorizar o encontro e o diálogo. Nesse processo de abertura ao outro não está implícito a falta de autenticidade ou revogação da identidade da escola católica, que por missão evangeliza. Assim, acentua papa Francisco:

> *Na verdade, as escolas e as Universidades católicas são frequentadas por muitos estudantes não cristãos ou mesmo os não crentes. As instituições educativas católicas oferecem para todos uma proposta educativa que visa o desenvolvimento integral da pessoa e que responde ao direito de todos a ter acesso ao saber e ao conhecimento. Mas também são chamadas a oferecer a todos, com pleno respeito à liberdade de cada indivíduo e aos métodos próprios do ambiente escolar, a proposta cristã, isto é, Jesus Cristo como sentido da vida, do cosmos e da história* (Papa Francisco: congregação para a educação católica).

Assim sendo, as diversas linguagens científicas devem ser respeitadas e aproveitadas para o *crescimento* do ser humano, o *entendimento* de sua missão no mundo, e a sua disposição para o *serviço* em favor do outro na sua formação específica. Devemos sempre nos lembrar que "*neste diálogo, sempre amável e cordial, nunca se deve descuidar o vínculo essencial entre diálogo e anúncio*" (EG 251. 2013). O diálogo não deve ser uma disputa por teorias ou 'territórios' [poder], mas antes de tudo um alinhamento de práticas [serviço] rumo à justiça que resgata a dignidade humana.

2. PREPARAÇÃO qualificada dos educadores

Para atender aos apelos da modernidade que exercem grande influência, principalmente entre crianças e jovens, se faz necessário que os educadores estejam cada vez mais preparados na sua formação intelectual, nas metodologias de ensino, no

conhecimento do perfil do seu 'público' e na disposição permanente de aprender e a se desafiar ao novo. Os avanços científicos, principalmente na área de tecnologia da informação, fazem do mundo um espaço permanente de contato com a informação. Temos então uma sociedade do conhecimento, não podemos negá-la e nem renegá-la. Ainda falando para a Congregação para a Educação Católica, Papa Francisco diz:

> *Gostaria de limitar-me a fazer referência aos traços do perfil do educador e da sua tarefa específica. A educação é um ato de amor, é dar vida. E o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos, despertar a paixão e colocar-se a caminho junto com os jovens, com paciência. O educador, nas escolas católicas, deve ser, antes de tudo, muito competente, qualificado, e ao mesmo tempo rico em humanidade, capaz de estar entre os jovens com estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual.*

O Papa Francisco apela, neste item, para uma formação que não se limite ao academismo, mas também e, sobretudo, ao humanismo de quem tem a missão de ensinar. Ele ressalta que a juventude precisa de testemunhos, isso obriga cada educador ser um prático de suas palavras. Aquilo que o educando enxergar (prática) referendará aquilo que ele ouviu (discurso).

Na exortação, *Evangelii Gaudium*, podemos ler "*é o encontro entre a fé, a razão e as ciências, que visa a desenvolver um novo discurso sobre a credibilidade, uma apologética original que ajude a criar as predisposições para que o evangelho seja escutado por todos*" (EG 132). Isso reforça a necessidade de que aquele que educa pela instrução (educação) seja também convidado a desenvolver a sua fé, para que esta faça parte do seu ofício (evangelização).

3. INSTITUIÇÕES Religiosas

O Papa Francisco, ainda neste discurso, chama a atenção para a importância das instituições religiosas que trabalham no campo da Educação, seja em que nível for, educação básica, universitária ou eclesiástica. As instituições de maneira geral têm perdido a capacidade de ser referência, característica muito peculiar na pós-modernidade. Com isso, pulveriza-se, junto à sociedade, as possibilidades de orientação. Do ponto da evangelização, a instituição católica precisa resgatar, por meio de sua proposta educativa (com fidelidade a seu carisma), a opção de ser uma referência forte, autêntica e profética para este momento social.

> *[...] as numerosas instituições de ensino espalhadas em todo o mundo e sobre a sua responsabilidade de exprimir uma presença viva do Evangelho no campo da educação, da ciência e da cultura. É necessário que as instituições acadêmicas católicas não se isolem do mundo, mas saibam entrar com coragem no areópago das culturas atuais e colocarem-se em diálogo, conscientes do dom que têm para oferecer a todos* (Papa Francisco: congregação para a educação católica).

Este apelo do Papa Francisco precisa ser entendido como condição *evangélica* de existência; condição *pastoral* de sobrevivência e condição *social* de referência. Num mundo de referências difusas, permissivas, fugazes, as instituições precisam buscar sua 'construção na rocha' não abrindo mão, portanto, de seus princípios originais. Isto implicará em suportar críticas, superar desafios (internos e externos) e oferecer propostas proféticas. Para isso se faz necessário uma articulação que leve em conta a grandeza numérica que é a instituição religiosa, presente em todos os cantos do mundo. A diferença de carismas não deve ser o empecilho, mas sim a marca da riqueza de expressões que nascem e convergem em Jesus Cristo.

Concluindo

Quando tratamos da Educação escolar, em qualquer nível, devemos procurar atualizar sistematicamente a metodologia, didática, currículo e conteúdo. Na Evangelização não pode ser diferente. Por isso, dentro da escola, precisamos fazer a atualização do 'como' evangelizar na especificidade deste 'público'. A forma de atingir, com a boa nova, dentro do ambiente escolar, é diferente da maneira utilizada na comunidade eclesial. No entanto, o elemento motivador que inicia e acompanha o processo é o mesmo, Jesus Cristo, a partir daquilo que nos orienta o evangelho.

> *[...] Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. Ele torna os seus fiéis sempre novos; ainda que sejam idosos, "renovam as suas forças. Têm asas como a águia, correm sem se cansar, marcham sem desfalecer" (Is 40,31). Cristo é a "Boa-Nova de valor eterno" (Ap 14,6), sendo "o mesmo ontem, hoje e pelos séculos" (Heb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade [...]* (EG 11).

O Papa Francisco, na exortação *Evangelii Gaudium (2013)*, chama a atenção de todos para que o evangelho seja vivido com alegria, como uma eterna novidade. A Evangelização precisa, portanto, estabelecer sintonia com o presente, anunciar não

como uma obrigação, mas como prazer. Isso resgatará a identidade da Educação e da Evangelização católicas.

A marca que a Educação e a Evangelização deve fortalecer é a de formar o 'ser humano' novo, para que este reestabeleça o mundo sonhado por Deus.

Referências bibliográficas

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Educação, igreja e sociedade.* São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil (2011-2015).* São Paulo: Paulinas, 2011.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica*, *Evangelii Gaudium***.** A alegria do Evangelho. Loyola. São Paulo. 2014.

5. ENSINO RELIGIOSO E CONFESSIONALIDADE

Sonia de Itoz[33]

De onde partimos

A discussão a respeito do componente curricular ensino religioso passa atualmente por uma recolocação que leva a uma crítica, antes de tudo ao próprio ato de educar na escola. De acordo com as diretrizes da educação básica brasileira, a escola é o espaço de preparar o cidadão para constituir-se gente, inseri-lo no percurso da história humana e numa realidade local que, atualmente, é global.

Entendemos que é necessário fazer uma revisão, principalmente em tempo de mudança de época, de alguns conceitos como: de ser humano; de educar na escola; de transcendência; de currículo; de componente curricular; de ensino religioso. Enfim, é preciso rever e recolocar as finalidades de educar, de formar e de preparar a criança e o jovem para a inserção no mundo a fim de que cada um vislumbre na própria vida um sentido principal ou maior de ser e existir.

Ao evocarmos um sentido maior para a vida, nos remetemos à dimensão de significados que se adentram ao universo da transcendência. Sabemos que vivemos hoje numa "aldeia global", o que nos coloca sob a condição de uma realidade que é virtual, o que traz presente também uma outra ou nova dimensão de transcendência do próprio ser humano. É exatamente essa experiência humana concreta que os indivíduos e grupos fazem hoje que incita a sentir, pensar e constatar que há algo maior e que é possível almejar e querer sempre ir além, transpor barreiras, galgar outros horizontes.

A questão que fica para quem exerce seu múnus na educação básica de pessoas é como a escola apresenta, trata e confere a relação com o sentido maior da vida? Onde e como é possível, a partir das experiências da atual geração de crianças e

33 Mestre em Psicologia da Educação, PUC/SP; graduação em Filosofia e Teologia; coordenadora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar do Colégio Emilie de Villeneuve/SP; autora do 6º ao 9º ano EF e do Ensino Médio do Ensino Religioso da Rede Salesiana de escolas. Autora de artigos e livros de Ensino Religioso; Adolescência e Sexualidade; Filhos de Pais Separados. Email: soniadeitoz@hotmail.com.

jovens, fazer o encontro das transcendências pessoais com a dimensão do Transcendente-Imanente? De onde parte a educação básica e no que fundamenta o trabalho com a religiosidade do universo infanto-juvenil?

A escola pode ajudar a buscar o sentido da vida?

Os componentes curriculares de uma matriz escolar se colocam como um marco estruturado de leitura e de interpretação da realidade. Os órgãos que pensam e propõem a educação básica, assessorados por especialistas, consideram que quando um componente é destacado para o trabalho em sala de aula é porque é essencial para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma livre, consciente e autônoma.

Considerando a perspectiva de uma matriz escolar, o ensino religioso como componente curricular deve também se articular a partir do objeto de pesquisa que o constitui. Ou seja, no currículo escolar o ensino religioso é um dos espaços de estudo que deve ajudar o educando a fazer uma leitura da religiosidade do ser humano e a decodificar o fenômeno religioso[34]. Sabemos que a base de sustentação para o trabalho de um componente da matriz curricular, e aqui do ensino religioso, se ancora sempre na estrutura cognitiva do educando e nas diretrizes para a educação básica brasileira. E a proposta brasileira nas diretrizes educacionais visa especialmente contemplar a pluralidade e a complexidade dos indivíduos no contexto histórico-cultural, onde também se coloca e entra a contribuição do ensino religioso.

Assim, para que o educando tenha acesso, estude, pesquise e dê conta de fazer a leitura da religiosidade, sua e do outro, o ensino religioso precisa se utilizar de conteúdos que sejam de referência e tenham a especificidade deste componente. Além disso, é necessário propor atividades intencionalmente elaboradas e que levem a uma certa experimentação/concretude dos conteúdos ensinados. Coloca-se aqui a exigência de fazer um trabalho, no componente ensino religioso, que tenha um olhar cuidadoso para horizontes de concepção e de fundamentação que contemplem o fenômeno religioso como algo que pertence à vida, já que a mesma se dá e está na própria formação primeira do indivíduo e do cidadão.

No nosso caso, fazer ensino religioso tem um agravante e que, ao mesmo tempo, é atenuante. Já temos uma Identidade própria e um Carisma específico. Somos uma escola cristã-católica detentora de um patrimônio cultural-religioso do Carisma de Dom Bosco e de Madre Mazzarello. É agravante, pois somos os depositários e preci-

34 GRUEN, W. Ensino religioso em movimento, p.132.

samos dar continuidade àquilo que nos identifica e nos especifica. É atenuante, pois já sabemos o quê queremos e como devemos fazer.

Temos presente, assim, que estamos numa instituição, uma organização social que nasceu e pauta suas ações sempre numa identidade, ou seja, em algo que acredita, defende e quer que permeie a vida e a história humana, como um benefício para a humanidade. Por isso que a educação católica tem consciência que, por meio de suas instituições educativas, dá um contributo relevante e contribui para que as pessoas e a cultura assimilem valores antropológicos e éticos necessários para construir uma sociedade mais solidária e fraterna. Diz a Congregação para a Educação Católica que

> *"A escola e a universidade são lugares de educação à vida, ao desenvolvimento cultural, à formação profissional, ao empenho pelo bem comum; representam uma ocasião e uma oportunidade para compreender o presente e para imaginar o futuro da sociedade e da humanidade. A raiz da proposta formativa é o patrimônio espiritual cristão, em constante diálogo com o patrimônio cultural e as conquistas da ciência. Escolas e universidades católicas são comunidades educativas nas quais a experiência de aprendizagem se alimenta da integração entre pesquisa, pensamento e vida."* [35]

Portanto, o componente curricular ensino religioso deve contribuir para a construção de visão de mundo, de ser humano e de sociedade e auxiliar o indivíduo a interagir na realidade de forma responsável com a vida e com a realidade. E para o ensino religioso escolar de uma instituição confessional católica a referência que se coloca é antes e primeiro de tudo o próprio projeto de vida proposto e vivenciado por Jesus Cristo.

Ensino religioso confessional em um contexto escolar/social pluralista

O pluralismo é uma das características da sociedade atual e da qual a escola é parte. Presenciamos a coexistência de diversos sistemas de valores e de sentido que competem entre si, bem como a multiplicidade de denominações religiosas. O indivíduo pode escolher entre viver sem religião até vivenciar múltiplas e variadas ideologias desta sociedade plural (BERGER; LUCKMANN, 1996).

Dentro de um contexto plural, o componente curricular ensino religioso escolar, em sua nova configuração legal e em sua atual proposta curricular, reflete a dimen-

35 CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar hoje e manhã. Uma paixão que se renova. Instrumentum laboris*, introdução ao capítulo II, 2014.

são religiosa que precisa ser educada e cultivada, o que demanda um processo de aprender *a crer*. Conforme já postulava Ferrière, 1930:152:

> *"Assim temos tido a satisfação de educar nossos filhos para a plenitude de seu ser, de inspirar-lhes um espírito reto e puro e de prepará-los para que sejam na vida homens completos e almas religiosas, no sentido mais elevado da palavra."*

Neste aspecto entende ainda a Congregação para a Educação Católica que educar na escola é uma ocasião para abrir o coração e a mente ao mistério e à maravilha do mundo e da natureza, à consciência e ao conhecimento de si, à responsabilidade pela criação, à imensidão do Criador. E uma escola, que se baseia em valores da fé católica, traduz na sua organização e no seu currículo a visão personalista própria da tradição humanista cristã, não em contraposição, mas em diálogo com as outras culturas e crenças religiosas.[36]

E o cerne da educação na escola católica é sempre apresentar o projeto de Jesus. Aqui entra especificamente o trabalho do componente curricular ensino religioso com um tipo de conhecimento pautado em conteúdos intencionalmente elegidos e em atividades didático-pedagógicas que postulem ir ao encontro do projeto cristão de vida, da pessoa de Jesus e de um Deus que se faz gente na história humana.

É fundamental que, para isso, se fundamente o trabalho do componente curricular ensino religioso numa *antropologia filosófica* que deve ser uma antropologia da verdade; numa *antropologia social*, isto é, onde se concebe o ser humano nas suas relações e no seu modo de existir; numa *antropologia da memória e da promessa*; numa *antropologia que faz referência ao cosmos* e que leva a sério o desenvolvimento sustentável; e uma *antropologia que faz referência a Deus*.[37]

Logo, o ensino religioso é o componente da matriz curricular que deliberadamente direciona o olhar para a realidade e leva a perceber, descobrir e nela encontrar o projeto e os mistérios de Deus. Assim,

> *"Cada ser humano é chamado à comunhão por causa da natureza criada, à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gen 1,26-27). Porém, na perspectiva da antropologia bíblica, o ser humano não é um indivíduo isolado, mas uma pessoa essencialmente relacional."* [38]

Quando tratamos da educação básica, colocamos em primeiro lugar a formação

36 *Instrumentum Laboris*. *Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*, 2014.
37 *Instrumentum Laboris*. *Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*, no. III, 2014.
38 Congregación Para La Educación Católica. *Educar Al Diálogo Intercultural En La Escuela Católica*. Vivir juntos para una civilización del amor, cap. IV.

da vida, na qual a experiência de aprendizagem se alimenta do desenvolvimento cultural e de um modelo de aprendizado que visa o bem comum. E o ensino religioso, como um espaço e uma ocasião de aprendizado, deve levar a abrir o coração e a mente ao mistério e à maravilha do mundo e da natureza, à consciência e ao conhecimento de si, à responsabilidade pela criação e à imensidão do Criador.

Onde podemos chegar

O ensino religioso, na perspectiva confessional católica, apresenta assim, primordialmente, a mensagem e o evento do cristão e trata da mensagem da salvação para todos, de modo que o conhecimento do mundo, da vida e do ser humano é feito à dimensão da luz do próprio Evangelho de Jesus. Por isso, o ensino religioso é o componente que se coloca no espaço/tempo histórico da relação com o Transcendente, numa busca de ir tirando o véu para compreender o mistério da vida.

O princípio norteador é a dignidade humana no valor da vida e de seu Criador, tendo como eixos norteadores a identidade, a diversidade, a cidadania, o humanismo e o ser religioso criado e com capacidade para reinventar e ressignificar continuamente a própria história humana.

Na perspectiva cristã, a catolicidade no trabalho do componente curricular ensino religioso se dá na formação de um indivíduo/cidadão comprometido com a democracia e com a dignidade humana. Enfim, o ensino religioso componente da matriz curricular participa no exercício de educar e formar para a capacidade de perceber e respeitar as diversidades e as diferenças socioculturais, buscando formar a capacidade de optar e de interferir na construção de uma sociedade humana, justa e plena de dignidade para todos.

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GRUEN, W. *Ensino religioso em movimento*. In: BOEING, A. e ITOZ, S.de (Orgs). *O ensino religioso no projeto pedagógico pastoral salesiano II*, Brasília: CISBRASIL, 2013, p. 127-147.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9394/96, de 20/12/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, ano 134, n. 248, p. 27833-27841, dez.1996.

_____. Presidência da República. Lei n. 9475/97, de 22 de julho de 1997. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, Congresso Nacional, 1997.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Carta Circular N. 520/2009 *Aos Presidentes Das Conferências Episcopais Sobre O Ensino Da Religião Na Escola*, Roma, 5 de maio de 2009.

CONGREGACIÓN PARA LA EDUCACIÓN CATÓLICA. *Educar Al Diálogo Intercultural En La Escuela Católica. Vivir juntos para una civilización del amor*, 2013.

CONGREGACIÓN PARA LA EDUCACIÓN CATÓLICA. *Instrumentum Laboris. Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*, 2014.

FERRIÈRE, Adolfo. *Problemas de la Educación*. Madri, Francisco Beltran, 1930.

6. A ERA DA INTERATIVIDADE: RELAÇÕES NOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Cristina Matiele Alves Rego[39]
Renan Luís Demeterko Silva[40]

1. Introdução

O padre José Fernandes de Oliveira (2012), scj, conhecido como padre Zezinho, escreve em *Jesus e meu laptop* indagações sobre o acesso ao conhecimento. Como se deduz pelo título do texto, o autor pergunta a si mesmo se Jesus Cristo e o apóstolo Paulo, no cenário atual, fariam uso das tecnologias e redes sociais. Padre Zezinho acredita que sim, e acrescenta que usariam com responsabilidade e sabedoria.

A partir da reflexão de Padre Zezinho surgem questões sobre o quão a sociedade foi e ainda é impactada pela revolução digital no final do último século e início do atual. Para os indivíduos e as instituições que trabalham com educação o contexto é desafiador. Como cativar os jovens, criando para eles experiências significativas nos processos de educação e evangelização? Como os educadores devem exercer o seu papel, tendo em conta as mudanças na sociedade?

2. Culturas juvenis

Estes questionamentos estão presentes no livro *Culturas juvenis na ótica da educomunicação*, produzido pelas Filhas de Maria Auxiliadora – Brasil (2014). É notória a necessidade de formação para os acompanhantes de jovens. Entretanto, para atingir este fim, é necessário o esclarecimento de fatos e conceitos que permeiam a realidade juvenil.

Primeiramente, não devemos cometer o erro de reduzir a juventude a apenas um período de transição para a vida adulta, projetando-a apenas no futuro e esquecendo das suas necessidades no presente. Conforme o texto das FMA: *os jovens são*

39 Vice-coordenadora do Conselho Nacional da Articulação da Juventude Salesiana (CNAJS).
40 Coordenador do Conselho Nacional da Articulação da Juventude Salesiana (CNAJS).

sujeitos, possuem identidade própria e, portanto, não é possível reduzi-los a um 'vir a ser'; eles são atores sociais com suas dificuldades, incertezas, angústias, mas são. (FILHAS DE MARIA AUXILIADORA – BRASIL, 2014, p. 14).

Outra concepção considerada equivocada é o uso da palavra "juventude" no singular. O ideal é nos referirmos a "juventudes", no plural, ou "culturas juvenis". Estes termos reconhecem a pluralidade e a diversidade. Não tentam conceber os jovens como um bloco uniforme de pessoas, sendo que eles estão em constante mutação, conectados todo o tempo, observando as tendências e os acontecimentos. Um grande exemplo observável nas redes sociais são os *memes*: conteúdos que se espalham de forma extremamente rápida e "viral", geralmente relacionados com o cotidiano. Na mesma velocidade que um *meme* se populariza, ele cai em desuso. As redes sociais são o lugar de excelência do protagonismo juvenil. Os jovens possuem domínio das tecnologias e as usam de maneira criativa, como sua ferramenta de expressão, exercendo a sua capacidade de criticidade.

Pode-se pensar também no contexto socioeconômico. O fenômeno da globalização, que rompeu barreiras geográficas e aproximou os seres humanos através da informação em massa, gerou profundas transformações na vida juvenil, conforme indica o padre Antônio Ramos do Prado, sdb (2014, p. 38): *A globalização é um fenômeno que cresce, abarcando todos os aspectos constitutivos da sociedade. Isso para alguns representa progresso e realização, mas para a maioria é exclusão, lucro, poder, mercado, manipulação de informação e ampliação das desigualdades*.

As dificuldades existem, mas ainda assim há meios de se alcançar as juventudes. Por parte dos educadores e acompanhantes de grupos juvenis é necessário possuir, principalmente, empatia e flexibilidade. Deve-se buscar entender a problemática na perspectiva do jovem, aceitar as mudanças e mudar junto com eles. Em suma, estar atento aos sinais dos tempos, assim como o fizeram Dom Bosco e São Francisco de Sales, cada um em sua época.

3. Exemplos de Dom Bosco e São Francisco de Sales

Pode-se entender São João Bosco como um visionário em muitos sentidos de sua vasta obra. Ressalta-se aqui, entretanto, um trabalho específico: as *Leituras Católicas*. O próprio Santo conta nas *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales* como percebeu a necessidade: *Acrescente-se que os protestantes estavam preparados e fornecidos de todos os meios materiais e morais, ao passo que os católicos, confiados nas leis civis que até então os haviam protegido e defendido, dispunham apenas de alguns*

jornais, de algumas obras clássicas ou de erudição; mas não tinham um só jornal ou livro que estivesse propriamente ao alcance do povo simples. (JOÃO BOSCO, 2012)

A partir da situação do relato, Dom Bosco escreveu folhetos e livretos com o objetivo de instruir os mais humildes na fé católica. As *Leituras Católicas* se tornaram publicação periódica, alcançando um número considerável de leitores, impactando em toda a sociedade italiana. Ficam em evidência características de Dom Bosco que servem de exemplo para atualidade. A expansão do protestantismo e os questionamentos à fé católica eram um problema novo. O Santo não buscou soluções antigas, como por exemplo, recorrer aos livros eruditos. Ele percebeu a necessidade, lendo os sinais dos tempos, e concebeu um projeto novo, de acordo com aquilo que os fiéis necessitavam. São Francisco de Sales, o santo que Dom Bosco apontou como modelo a ser seguido, também apresentou solução criativa para evangelizar no seu tempo (BIANCO, 2011).

Recém-ordenado bispo de Genebra, Francisco de Sales tinha como missão pregar o evangelho em um território hostil para ele. A religião majoritária nesta região era o calvinismo. Por conta deste desencontro, era chamado de "mensageiro do diabo", "hipócrita", "idólatra" e "falso profeta". Suas pregações não conseguiam atingir as pessoas, seja por pura intolerância ou por pressão da sociedade, além de que se temia por sua integridade física, visto os ânimos acirrados na época.

Mesmo com o cenário totalmente desfavorável, Francisco não perdeu a sua mansidão e humildade característica. Entendeu que se ele não se fazia ouvido pelo povo, poderia ser lido. Passou então a escrever folhetos de linguagem simples e acessível, trazendo como conteúdo o ponto de vista católico sobre as questões da fé. Espalhou o material por baixo das portas das residências e afixou-os na cidade em forma de mural. A estratégia funcionou e aos poucos a mensagem evangelizadora católica foi sendo apreciada pela população.

É notória a similaridade dos casos, e fica evidente a eficácia de ambos. Cabe aos educadores se inspirarem nestes exemplos para possuírem a flexibilidade e a empatia necessária no processo educativo com os jovens.

4. Considerações finais

As figuras dos santos apresentadas neste texto não dão respostas concretas de como agir para educar e evangelizar a juventude nas dificuldades de hoje. Contudo, são modelo de como se portar diante das adversidades que surgem conforme as mudanças na sociedade vão ocorrendo.

A indústria do entretenimento, principalmente de vídeos, filmes, séries, músicas, livros e jogos eletrônicos, já precisou se reinventar para atingir seu público: fornecem seus serviços na internet por meio de *streaming* (*download* seletivo). O conteúdo é gratuito (gerando receita via anunciantes) ou por assinatura. O impacto dos conteúdos disponíveis na internet sem respeitar os direitos autorais era caminho sem volta, pois a forma de consumir entretenimento estava mudada. Sendo assim, para reverter os prejuízos, seria necessária uma mudança, que atraísse novamente o público.

A solução encontrada foi mostrar para os potenciais clientes que poderiam obter vantagens assinando ou pagando o serviço ao invés do *download* ilegal. Por exemplo, poder baixar sem correr o risco de infectar o computador com um *software* malicioso (*malware)*, garantindo a qualidade e o acesso em diversos dispositivos simultaneamente (televisão, computador, *tablet*, celular). A estratégia funcionou, visto a grande popularidade de alguns destes serviços.

Este exemplo atesta que na era digital também é necessário fazer mudanças conforme os tempos para atingir os fins desejados. Que estas situações apresentadas no texto sirvam como inspiração para a busca do entendimento da situação do jovem hoje e ainda ampliem a disponibilidade de mudança por parte dos educadores.

Referências Bibliográficas

BIANCO, Enzo. *São Francisco de Sales: O Santo da Mansidão*. São Paulo: Salesiana, 2011. Tradução de: Dom Hilário Moser.

FILHAS DE MARIA AUXILIADORA - BRASIL. *Culturas juvenis na ótica da educomunicação.* Brasília: Editora Dom Bosco, 2014. Disponível em: <http://edbbrasil.org.br/gratuitos/culturas-juvenis.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2015.

JOÃO BOSCO. *Memórias do oratório de São Francisco de Sales.* Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

OLIVEIRA, José Fernandes de. *Jesus e meu laptop*. In: OLIVEIRA, José Fernandes de. *Juventude: crises, cruzes, luzes*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 41-42.

PRADO, Antônio Ramos do. Realidade juvenil - 3ª parte. In: PASTORAL JUVENIL - CNBB. *Capacitação de acompanhantes de adolescentes e jovens.* [S.i.: S.n.], 2014. p. 37-40.

7. PASTORAL ESCOLAR E GESTÃO DE GRUPO: MEDICAÇÃO CURRICULAR E EVANGELIZADORA

P. Osvaldo Bisewski, SDB[41]

O mundo contemporâneo constantemente incentiva a busca por resultados imediatos, muitos acreditam somente no que é palpável, visível e provável. Temos uma geração que busca viver e sentir o hoje, e a busca de um projeto de vida e da utopia perderam um pouco seu valor. Para entender melhor esse contexto, Libânio (2011) o caracteriza da seguinte forma:

> *Na atualidade encontramos uma realidade social complexa, com valores e contradições, onde a grande maioria das coisas são descartáveis. A modernidade revelou: uma sociedade - do conhecimento - da fluidez, - da liquidez, - da informação vertiginosa, - do prazer imediato, - do* fastfood*, - do 3D, - da tecnologia, - da fome, - da ignorância, - do analfabetismo, - do subemprego, - do desemprego, - da falta de tempo para os filhos, - da violência, chegando às vezes a raiz da barbárie. Com tantas mudanças o ser humano moderno caiu no esvaziamento* (LIBÂNIO, 2011, p. 25).

Perante essa conjuntura, temos uma realidade muito complexa e de imposição de uma situação de vida muitas vezes distinta daquela proposta em nosso projeto educativo e pastoral. Muitos educandos perderam a capacidade de sonhar com o futuro que há de vir. Alguns têm grandes dificuldades de organizar-se e pensar um projeto de vida em longo prazo, de viver o hoje, mas um hoje pautado de esperanças num amanhã que há de vir, fundamentado em um projeto que transcenda os valores pregados pelas mídias sociais.

Frente a um mundo complexo e de situações tão contraditórias, busca-se neste projeto "Pastoral Escolar e Gestão de Grupo: mediação curricular e evangelizadora" dar respostas aos seguintes questionamentos: A gestão de grupo pode fazer a diferença, propondo uma forma coletiva de aprendizagem? O Plano Pessoal de Estu-

41 Salesiano de Dom Bosco e Sacerdote. Diretor do Colégio Salesiano Itajaí (Itajaí//SC). Mestre em Educação pela UNIJUÍ (Ijuí/RS). E-mail: posvaldo@dombosco.net.

do pode ajudar na organização individual no ato de estudar? A vivência de uma fé encarnada pode ajudar a superar as dificuldades e a construir o projeto pessoal de vida? Como as "Manhãs e Tardes de Formação" ajudam no processo de aprendizagem? Como a autorregulação auxilia no crescimento pessoal e espiritual da juventude? Como os educandos colocam seus dons que receberam de Deus a serviço da comunidade de aprendizagem?

O protagonismo juvenil

O protagonismo juvenil é a atuação de adolescentes e jovens através da sua participação na construção de uma sociedade mais digna e correta. Nesse sentido, as ações da gestão de grupo são organizadas e pensadas dentro dessa perspectiva, pensando junto com os educandos as atividades e responsabilizando-os pelo processo.

A participação autêntica dos educandos pressupõe sempre um compromisso pessoal, uma oportunidade de vivência concreta. Por isso, conforme COSTA E VIEIRA (2006, p. 176), participar é "[...] influir através de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a vida de todos aqueles em relação aos quais assumiu uma atitude de não indiferença, uma atitude de valoração positiva". O envolvimento e a participação vão aos poucos desenvolvendo a autonomia e a autodeterminação e por consequência a motivação para fazer algo.

Desafiar os jovens e adolescentes a comprometer-se com causas coletivas, superando as situações-problema, não é apenas uma ação preventiva das práticas divergentes, mas, acima de tudo, um processo de construção de cidadãos autônomos e críticos de uma sociedade solidária e aberta.

A "Comunidade de Aprendizagem"

Nossos grupos são chamados de "Comunidades de Aprendizagem". Dessa forma o saber é um processo individual onde todos buscam de forma pessoal construir-se como seres que produzem o conhecimento. Porém, acima de tudo, valorizamos a partilha e a coletividade, como grande riqueza para o processo de ensino e de aprendizagem.

Na aprendizagem coletiva os alunos interagem e criam as próprias condições de aprendizagem. Trabalhar de forma colaborativa com parceiros mais capazes resulta em desenvolvimento cognitivo e em crescimento intelectual.

Cabe aqui o conceito de comunidade de aprendizagem ou organizações que aprendem. O educador precisa assegurar que cada educando perceba que está ligado ao outro e que ninguém terá sucesso se todos não tiverem sucesso. O pensar autônomo "necessita da cooperação na medida em que pensar aponta para a relação crescente entre o individual e o universal". (CUNHA, 2003, p.65). Entendemos, por este princípio, que os educandos trabalham juntos e consequentemente criam as próprias condições de aprendizado.

Todos, em sua diversidade e com papéis distintos, são responsáveis pelo grupo. É necessário distribuir papéis de liderança vinculando-os à tarefa e esta, por sua vez, necessita circular entre os membros. Liderar é ser coautor da produção grupal e perceber que minha participação pode acelerar o aprendizado do grupo, e a participação das outras pessoas contribui para o meu aprendizado. Não se trata de liderança concedida por um superior. Trata-se da importância de tomar decisão no grupo, exercício da partilha do poder.

Pastoral Escolar e Gestão de Grupo: mediação curricular e evangelizadora

A Pastoral Escolar, num esforço sempre crescente de ir construindo o Reino de Deus na e através da educação, seguindo os passos de Dom Bosco, busca ser parceira no processo pedagógico do ensino e da aprendizagem. O intuito é uma educação centrada na formação integral do sujeito, propondo uma educação evangelizadora com os educandos, envolvendo toda a comunidade educativa e pastoral nesse processo. Só assim garantiremos a nossa identidade de educadores salesianos e poderemos desempenhar bem a nossa missão de educar na sociedade.

Nesse sentido, no Colégio Salesiano de Itajaí/SC utilizamos a metodologia "Ver, Julgar, Agir e Celebrar". Procuramos nos momentos de gestão de grupo conversar e discutir os problemas que o grupo vem enfrentando, com a finalidade de resolver as pendências que impedem o crescimento do grupo, isto é, buscar soluções para tudo o que no grupo atrapalha a aprendizagem. As ações realizadas são: acompanhamento individual de cada educando pela pastoral escolar e pelo professor regente; definição do itinerário de temas trabalhados pela Pastoral Escolar nas manhãs de formação; estabelecimento de metas e objetivos de cada turma conhecida como "Comunidade de Aprendizagem"; o "fazer a roda" através da autorregulação e heterorregulação para trabalhar as dificuldades do grupo; escolha de 10 lideranças de cada grupo (líder de classe, gincana, esporte, comunicador e tesoureiro); auxílio na construção do Projeto Pessoal de Vida (PPV) e no Plano Pessoal de Estudo (PPE); or-

ganização de momentos de oração e de celebrações; estabelecimento de momentos de lazer e de convivência.

Portanto, acreditamos que a Pastoral Escolar e Gestão de Grupo, como mediação curricular e evangelizadora, é eficaz e eficiente a todos os grupos, mas especialmente para aqueles que precisam de ajuda, que precisam refletir e mudar sobre suas posturas diante do grupo. Nesse sentido, reportamos a autorregulação e ao transcendente como elementos indispensáveis para promover melhorias significativas na vida dos educandos.

Referências Bibliográficas

COLÉGIO SALESIANO ITAJAÍ. *Plano Educativo Pastoral Salesiano Itajaí (PEPSI)*. Itajaí: Gráfica do Parque Dom Bosco, 2008.

CUNHA, Eugênio. *Práticas Pedagógicas para inclusão e diversidade*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2005.

Dicastério para a Família Salesiana. *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana de Dom Bosco*. Trad.: P. José Antenor Velho. Brasília: EDB, 2012.

LIBANIO, J. B. *Para onde vai a juventude*. Coleção juventude e libertação. São Paulo: Paulus, 2011.

GOMES DA COSTA, Antônio Carlos & VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo Juvenil.* Adolescência, Educação e Participação Democrática. São Paulo: FTD, 2006.

8. O FUTURO DA ESCOLA SALESIANA: DESAFIOS E CAMINHOS NA ATUALIDADE

Cristina Matiele Alves Rego[42]
Renan Luís Demeterko Silva[43]

1. Introdução

O sociólogo Max Weber, em sua obra *Ciência e política: duas vocações*, traça vários comparativos entre o ambiente acadêmico de sua época na Alemanha, seu país de origem, e os Estados Unidos da América, país que visitou e ministrou aulas por um período. O papel do professor e a visão dos alunos sobre esta atividade são temas destas comparações.

Na visão de Weber, o jovem alemão busca na figura do professor, além de obter conhecimento, um líder, alguém que lhe dará lições sobre as visões de mundo e maneiras de agir. Já o jovem estadunidense possui uma visão mercadológica: *é quem lhe vende conhecimentos e métodos em troca de dinheiro pago pelo pai, exatamente como o merceeiro vende repolhos à mãe* (p. 53).

As diferenças entre o tempo de Weber e a atualidade são muitas e a comparação do modo descrito apresenta limitações se trazida literalmente para o tempo atual. A principal mudança está no acesso aos meios de informação, hoje difundidos em uma sociedade em rede. Mesmo com a limitação, a discussão que ele traz serve de base para pensarmos os rumos que o sistema educativo brasileiro vem tomando e qual modelo, alemão ou estadunidense, se aproxima mais da necessidade do jovem do século XXI.

2. Panorama educativo e profissional

O padre Antônio Ramos do Prado (2014) alerta para os perigos de uma educação voltada somente para a produção no mercado de trabalho, que pode esquecer os

42 Vice-coordenadora do Conselho Nacional da Articulação da Juventude Salesiana (CNAJS).
43 Coordenador do Conselho Nacional da Articulação da Juventude Salesiana (CNAJS).

valores humanos. É necessário, então, que o processo educativo seja formador em termos integrais, conforme ele atesta: *Há o clamor de que a educação corresponda às necessidades da nova situação atual, que alimente nos jovens uma maior consciência crítica, expressão de suas necessidades tendo uma formação integral e que busquem coletivamente a defesa da cidadania, dos direitos humanos, da paz e da vida.* (PRADO, 2014, p. 41).

Vivemos na sociedade do conhecimento, conectados e interagindo através das tecnologias digitais, chegando a uma era de interatividade. O uso da internet no processo de ensino e aprendizagem se tornou algo desafiador, como adaptar a educação tradicional às tecnologias cada vez mais sofisticadas?

Apenas o uso desta via ainda não seria capaz de modificar profundamente as relações pedagógicas, porém facilitaria a dinâmica relacional grupal entre coordenadores, educadores e alunos de forma a favorecer uma comunicação imediata e precisa. Auxiliaria o educador a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação com o aluno.

Segundo Elisa Wolynec (2007), nas atividades de trabalho, o ambiente digital é enriquecido com troca de mensagens instantâneas, cuja utilização já ultrapassa o uso de e-mail. Tais mudanças nos relacionamentos, tanto no ambiente de trabalho quanto no ambiente social, têm profundo impacto sobre a Educação, uma vez que a aprendizagem só ocorre quando há motivação e interação.

3. Panorama evangelizador

O site Rede Nacional RCC Brasil traz, em uma de suas publicações, que desde o ano de 2009 a DMC (Dia Mundial das Comunicações) aborda a temática centrada na Mídia Digital voltada para a evangelização. O Papa Emérito Bento XVI acreditava que as redes sociais contribuiriam para o surgimento de novos espaços que poderiam gerar comunidade e comunhão. "As redes sociais tornam-se cada vez mais parte do próprio tecido da sociedade enquanto unem as pessoas na base destas necessidades fundamentais [relacionamentos, entretenimento e conhecimento]" (§ 03), afirma Bento XVI. Portanto, não se pode pensar em sociedade no século XXI sem referir-se ao poder agregativo das redes sociais.

A utilidade desses ambientes também é revelada no que diz respeito à integração universal da comunidade de fiéis. Nos lugares onde o cristianismo ainda é nascente ou até mesmo perseguido, esses espaços oferecem subsídios para o fortalecimento da fé (Cf. § 09).

Em uma publicação do jornal eletrônico Argentino ND Globo, o Papa Francisco diz aos fiéis "sejam cidadãos digitais construtivos ao usarem a Internet". Nesta mensagem, que aborda o fenômeno das redes sociais, afirma que "a Internet pode oferecer mais possibilidades de reencontro e de solidariedade entre todos, o que é uma coisa boa, um dom de Deus".

4. Considerações

O Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana nos lembra da indissociabilidade entre as dimensões educativa e evangelizadora: *A verdadeira e real conversão missionária pede à Pastoral Juvenil Salesiana para descobrir e viver a profunda e inseparável relação da ação educativa com a ação evangelizadora.* (DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, 2014, p. 59).

Diante das necessidades técnicas do mundo globalizado, o processo formativo neste sentido precisa ser bem executado para não ocorrer problemas na inserção laboral. Entretanto, diante da fluidez dos tempos atuais, marcados pela constante mutação das identidades, principalmente das juventudes, necessitamos de educadores e evangelizadores que consigam também fazer com que os jovens se desenvolvam no plano humano-cristão. Sendo assim, respondendo ao questionamento inicial envolvendo o texto de Max Weber, o professor ideal para o século XXI é um equilíbrio entre o modelo alemão e estadunidense.

Referências Bibliográficas

PRADO, Antônio Ramos do. Realidade juvenil - 4ª parte. In: PASTORAL JUVENIL - CNBB. *Capacitação de acompanhantes de adolescentes e jovens.* [S.i.: S.n.], 2014. p. 41-43.

DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *A Pastoral Juvenil Salesiana:* Quadro Referencial. 3. ed. Brasília: S.d.b., 2014.

WOLYNEC, Elisa. *A Educação na Era da Interatividade*, 2007, disponível em: < http://www.techne.com.br/artigo>.

MORAN, José. *Novos Desafios na Educação: A Internet na Educação Presencial e Virtual*. 2001.UFPel.

SALVADOR, Suzana. *Diário de Notícias*. Papa diz que Internet é "um dom de Deus". 2014 (Reportagem).

VELOSO, João. *O uso das redes sociais na Nova Evangelização*. 2013.

DOCUMENTOS DA CNBB – 85.

WEBER, Max. *Ciência e Política*: Duas Vocações. São Paulo: Cultrix, 2012.

9. JUVENTUDES E PROTAGONISMO

Ir. Cláudia Regina Correia Ribeiro, FMA

Premissas

Refletir, conversar e discutir a temática do protagonismo juvenil, com e como educadores salesianos, é, com certeza, motivo de grande satisfação e entusiasmo, pois é falar de uma das características fundamentais da maneira que Dom Bosco e Madre Mazzarello educavam os e as jovens, é repensar uma das vertentes do Sistema Preventivo.

Como nos propõe a estreia de 2015: "COMO Dom Bosco, COM os jovens, PARA os jovens". Nosso querido Reitor-Mor Don Ángel Artime nos diz:

> *dizemos COM OS JOVENS! Porque o ponto de partida do nosso fazer carne e sangue do carisma salesiano é viver com os jovens, estar com eles e entre eles, encontrá-los na sua vida cotidiana, conhecer o seu mundo, amar o seu mundo, animá-los a serem protagonistas da própria vida, despertar o sentido de Deus, incentivá-los a viverem com metas elevadas.*[44]

Ao aprofundarmos a temática do Capítulo Geral das Filhas de Maria Auxiliadora: "Ser COM os jovens, casa que evangeliza", nos deparamos com a mesma proposta de proporcionar à juventude este espaço privilegiado de protagonismo, no qual cada um cresce na autonomia, na criticidade e capacidade de pensar, agir e sonhar por si mesmo.

Contudo, detenhamo-nos primeiramente nos termos propostos, **juventudes e protagonismo,** para entendermos que falar de juventude hoje é algo plural, com inúmeras facetas.

44 ARTIME, P. Ángel F. *Estreia 2015 – Como Dom Bosco, Com os Jovens, Para os jovens!* p. 19.

Juventudes

Alguns teóricos nos dizem que o conceito juventude tem mudado ao longo do tempo, das diversas culturas e dos espaços sociais, além de ser construído histórica e culturalmente. [45]

Desta maneira, podemos entender que o conceito juventude não é homogêneo, depende de todo um contexto cultural, social e econômico em que está inserido. Neste sentido, há uma mudança do próprio conceito, que passa do singular "juventude", para o plural "juventudes". Pesquisadores como: Marília Sposito (2002), Juarez Dayrell (2003), José Machado Pais (2003), Helena Abramo (2005) retratam estas mudanças.

Esta mudança no conceito pode ser visualizada quando Pais (2003) afirma que

> *Não é possível englobar numa mesma geração, e, por conseguinte num mesmo grupo, indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes.*[46]

Outro aspecto muito lembrado, quando se fala de juventude, diz respeito à questão da idade. Pode-se afirmar que não é possível definir o que é juventude apenas pela sua faixa etária, pois se faz necessário considerar aspectos sociais, históricos e culturais para uma maior aproximação.

Contudo,

> *podemos apontar algumas idades que são usadas como referências, principalmente para as políticas públicas e para as pesquisas. A Unesco considera jovem todo o indivíduo que tem entre 15 e 25 anos; o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) do Brasil amplia esta margem, colocando como jovens as pessoas que têm entre 15 e 29 anos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no senso de 2010, utilizou os mesmos dados do Conjuve. Com este alargamento da faixa etária pode-se subdividir esta fase em três estágios: 15 a 18 anos: jovem adolescente; 19 a 25 anos: jovem; 26 a 29 anos: jovem adulto.* Entendendo o significado de juventudes, também se faz necessário conceituar o termo protagonismo, para que possamos colocar os dois em diálogo.[47]

45 Cf. UCB. Conteúdo da UEA. Texto da aula 01 – Conceito de Juventudes. *Identidade da Juventude, Linguagem e Comunicação*. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB Virtual. Curso Pastoral Escolar, 2012.
46 Cf. UCB. Conteúdo da UEA. Texto da aula 01 – Conceito de Juventudes. *Identidade da Juventude, Linguagem e Comunicação*. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB Virtual. Curso Pastoral Escolar, 2012.
47 Ibid

Protagonismo

Protagonismo do latim "protos" – principal, primeiro, e de "agonistes" – lutador, competidor, ou seja, aquele que está em destaque, no papel principal, aquele capaz de protagonizar algo, lutar pelo primeiro lugar.[48]

Protagonismo Juvenil

Agora podemos fazer um exercício no qual os dois termos conversem. Quando falamos em protagonismo juvenil, podemos entender que o jovem é capaz de ser o/a ator/atriz principal da sua própria história, pensar e agir segundo os seus critérios de justiça, moral, ética e ser responsável pelas consequências dos mesmos.

Um aspecto importante de destacarmos em nossa reflexão é o protagonismo que Deus convida os jovens a viverem. Ao nos depararmos com a Sagrada Escritura, percebemos com clareza o convite de Deus aos jovens a contribuir com o Plano da Salvação. Pensemos em Isaac como o filho da promessa (Cf. Gn. 22, 1-18); Samuel, capaz de obedecer a Deus, que o chamava em seu íntimo (Cf. 1Sm. 3, 1-21); Jeremias em plena idade juvenil, chamado a ser profeta em tempos difíceis. As jovens também ganham espaço de protagonistas, quando nos lembramos de Rute, Judite e Ester. "A presença de Deus no discípulo o leva ao protagonismo; Ele não nos quer estáticos; quer-nos construtores e construtoras de Vida".[49]

Destacamos as palavras de São João Paulo II, favorecendo as juventudes para serem reconhecidas na história:

> *Numerosos jovens de hoje desejam ser protagonistas da evangelização e artífices da renovação social [...] É preciso orientar suas qualidades e sua capacidade criativa rumo ao objetivo mais elevado, que pode atraí-los e entusiasmá-los: o bem da sociedade, a solidariedade com todos os irmãos, a difusão do ideal evangélico de vida e de compromisso concreto para o bem do próximo nos esforços da Igreja para favorecer a construção de um mundo melhor.*[50]

Há que se considerar que o protagonismo das juventudes não é obra do acaso, como percebemos pelas palavras de São João Paulo II, mas sim resultado de um processo em que o jovem aprofunda o seu compromisso de construção da sociedade

48 Cf. http://www.significados.com.br/protagonismo/.
49 Cf. CELAM. *Civilização do Amor. Projeto e Missão*. Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana. Brasília: Edições CNBB. p. 14.
50 JOÃO PAULO II. *A Igreja dos Jovens*, Catequese durante a audiência Geral de 31 de agosto de 1994.

como alguém capaz de pensar, questionar, propor e atuar significativamente na realidade em que se vive. O desenvolvimento da autonomia, da consciência crítica, da autoconfiança, da capacidade de liderança é imprescindível na construção **do projeto de vida** dessas juventudes, para que contemplem também o engajamento social, enquanto dimensão da própria existência. [51]

Diante da realidade juvenil é fundamental que se preste atenção, para que o jovem não apenas "faça" coisas, mas tenha a possibilidade de pensar as situações, que possua visão de conjunto, discernimento e criticidade, para não se tornar um instrumento nas mãos de quem realmente tem poder de decisão.[52]

A partir do entendimento de protagonismo juvenil, é necessário percebermos que pensar o protagonismo de uma tribo de roqueiros de 26 a 29 anos é diferente da concepção do protagonismo de estudantes de escolas particulares salesianas de 15 a 18 anos. Desta forma, discorrer sobre este assunto é sempre muito limitado, pela sua amplidão tanto em relação às idades juvenis, quanto aos aspectos sociais, econômicos, religiosos e culturais que o abrangem.

Protagonismo Juvenil Salesiano

Por isso, nesta outra parte do texto, somos obrigadas a fazer escolhas, a fim de delimitar o tema, para sermos mais coerentes e precisas com a nossa proposta.

Falemos do protagonismo juvenil à **luz do carisma salesiano**, como nos propomos no início de nossa reflexão; tendo como ponto de referência os adolescentes a partir de 15 anos até o início da fase propriamente juvenil, entre seus 18 e 19 anos. Acreditando que esta seja uma faixa etária de estudantes que buscam traçar o próprio projeto de vida e para isso precisam se deparar com questões como: autoconhecimento, autoafirmação.

Pensando particularmente em nossos adolescentes do Ensino Médio, com os quais diariamente estamos em contato, questionemo-nos: De que forma eu, educador salesiano, conhecedor do carisma e da proposta salesiana, educo meus alunos a serem protagonistas? Na função em que exerço, dentro de uma escola salesiana, quais são minhas ações junto ao corpo docente; aos funcionários dos diversos setores, para que cada jovem que entre numa casa salesiana tenha uma clara noção de que ele é responsável por suas escolhas e que estas devem conter os valores transmitidos numa escola salesiana?

51 Cf. FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Culturas Juvenis na ótica da Educomunicação*. Brasília: EDB. p. 104
52 Ibid.

Muitos outros questionamentos podemos nos fazer, porém, é importante termos alguns fundamentos embasados nos pilares da UNESCO em relação à educação: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a crer e agora o aprender a empreender são um dos grandes desafios assumidos pela RSE, que nos embasam a educar jovens protagonistas da própria história, capazes de fazer a diferença nos ambientes em que estiverem.

Outro grande alicerce em nossa caminhada é o **Sistema Preventivo**, que nos possibilita estar com os jovens, ajudando-os a serem protagonistas. Uma das características do Sistema Educativo de Dom Bosco é o associacionismo, que Dom Bosco quis que fosse guiado por uma verdadeira instituição educativa, as "companhias". Seus membros atuam como os "anjos da guarda" de seus colegas. Dom Bosco nos narra isto, na vida de Miguel Magone: *"É costume, nesta casa, que, quando se recebe algum aluno de moralidade duvidosa ou não suficientemente conhecida, seja ele confiado a um aluno mais antigo da casa e de bom comportamento, para que o assista e oriente de acordo com a necessidade"*.[53]

Associacionismo Salesiano Hoje

Hoje, muitas outras propostas permitem aos jovens aprender a tomar as suas vidas pelas mãos e serem artífices da própria história. Atualmente, este associacionismo no Brasil é chamado de AJS (Articulação da Juventude Salesiana).

A AJS é uma rede de apoio mútuo e articulação entre os variados grupos de jovens, que se identificam com a espiritualidade juvenil salesiana e querem vivê-la. Aos grupos da AJS se busca proporcionar:

– oportunidade de inserção do jovem como membro ativo e atuante em seu ambiente, engajando-se em ações sociais, religiosas, de cidadania, dedicando parte de seu tempo à vivência de um ideal, em favor do bem comum;

– desenvolvimento de suas potencialidades pessoais, suas convicções e valores;

– um itinerário de formação desenvolvido dentro do grupo, que é ambiente onde se desenvolve e experimenta o protagonismo.

– Um processo de crescimento humano e de formação da fé cristã com caráter educativo e missionário. [54]

53 PERINI, João Carlos. *Dom Bosco e os jogos: a fascinante pedagogia do santo dos jovens*. Brasília: RSB. p. 122.
54 SILVA FILHO, Genésio (Org.). *Articulação da Juventude Salesiana. Princípios Norteadores*. MG: CESAP, 2003.

Tendo a AJS como exemplo das nossas realidades, o que nos resta é buscarmos conhecê-la e proporcionarmos cada vez mais espaço para que ela cresça em nossas comunidades e gere jovens protagonistas, capazes de construírem, como nos convida a Pastoral Juvenil do Brasil, a Civilização do Amor, onde reina a justiça, a paz, o bem comum, a solidariedade. E com certeza, as questões propostas neste texto, para reflexão, terão respostas muito positivas, proativas, e educadores que não só "vestem a camisa", mas a "suam", na alegria de construir diariamente uma escola em pastoral, que tem como meta a educação de jovens protagonistas.

Referências bibliográficas

ARTIME, P. Ángel F. *Estreia 2015 – Como Dom Bosco, Com os Jovens, Para os jovens!*

CELAM. *Civilização do Amor. Projeto e Missão.* Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Culturas Juvenis na ótica da Educomunicação.* Brasília: EDB. p.104. http://www.significados.com.br/protagonismo/.

JOÃO PAULO II. *"A Igreja dos Jovens"*, Catequese durante a audiência Geral de 31 de agosto de 1994.

PERINI, João Carlos. *Dom Bosco e os jogos: a fascinante pedagogia do santo dos jovens*. Brasília: RSB, 2012.

SILVA FILHO, Genésio (Org.). *Articulação da Juventude Salesiana. Princípios Norteadores.* MG: CESAP, 2003.

UCB. Conteúdo da UEA. Texto das aulas de *Identidade da Juventude, Linguagem e Comunicação*. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB Virtual. Curso Pastoral Escolar, 2012.

10. JUVENTUDES E REDES SOCIAIS

P. Gilson Marcos da Silva, SDB[55] e P. Osvaldo Bisewski, SDB[56]

Dom Bosco se distinguia no seu tempo por não fazer oposição às novidades e por procurar integrá-las no contexto educativo. Não se lamuriava diante das mudanças que as novidades vinham provocando. Tinha sempre uma atitude de observação atenta e crítica, procurando tirar das novidades o que elas tinham de bom para a educação dos seus jovens, com a certeza de que os jovens fariam parte das mudanças. Quando uma parte do mundo se fascinava pela revolução industrial e pelo projeto liberal da época, outra parte se lamentava pelas perdas, pelas mudanças que vinham ocorrendo. Ao ver a juventude desorientada, gastou toda sua vida e todas suas energias em encontrar com os jovens um norte para suas vidas.

As mudanças verdadeiras trazem consigo também a permanência. O que deve permanecer, o que deve mudar nas nossas famílias, nas nossas escolas, enfim, em todos os âmbitos da vida humana com a chegada das novas tecnologias, com suas múltiplas linguagens e a velocidade que chega a causar vertigem é o ponto de partida. As perguntas decorrentes dessa reflexão é como vamos preparar nossas crianças, adolescentes e jovens – a geração nativa digital – para dar conta da vida; como vamos prepará-los para terem postura crítica diante da enxurrada de informações e dos apelos consumistas; como vamos prepará-los para se relacionarem de forma mais humana que nossa geração foi preparada e se relacionou, sobretudo através das redes sociais, que "tanto podem promover interações pela via de semelhanças como por pontos de atritos e rivalidades"[57].

Partindo do princípio de que a rede social é uma "teia de conexões que espalham informações, dão voz às pessoas, constroem valores diferentes e dão acesso a este tipo de valor"[58], o objetivo geral desta reflexão é compreender, orientar e educar

55 Salesiano de Dom Bosco e Sacerdote. Vice-Inspetor Salesiano do sul do Brasil. Mestre em Teologia Espiritual pela *Università Pontificia Salesiana* (Roma/Itália). E-mail: gilson@dombosco.net.

56 Salesiano de Dom Bosco e Sacerdote. Diretor do Colégio Salesiano Itajaí (Itajaí/SC). Mestre em Educação pela UNIJUÍ (Ijuí/RS). E-mail: posvaldo@dombosco.net.

57 GLÓRIA, Diógenes, *Redes sociais e juventude: uma etnografia virtual*, in: Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura, http://www.anpocs.org/portal/arquivos/35_Encontro/GTs/GT01/gloria_diogenes.pdf, acessado em 31/05/2015.

58 RECUERO, Raquel, *Redes Sociais na internet*, Porto Alegre, Sulina, 2009, p. 25.

os educandos para serem cidadãos competentes e honestos no uso das tecnologias, a partir do projeto "EducAção Digital" desenvolvido no Colégio Salesiano Itajaí, de Itajaí/SC.

O acesso às redes sociais e o uso delas pelos jovens: o Projeto "EducAção Digital"

Ao apresentar um breve aceno histórico das redes sociais virtuais, Ruleandson[59] indica a "Classmates" como a primeira delas, lançada em 1995 nos EUA, com o objetivo de se encontrar antigos amigos de escola; em seguida, surge em 1997 o "Six-Degrees", precursor da visualização que mostra quem é amigo de quem; em 2002 é lançado o "Friendster", responsável por popularizar as comunidades virtuais; tendencialmente musicial, surge em 2003 o "My Space"; em 2004, ainda restrito somente a convidados, surgiu o "Orkut" e o "Facebook" (inicialmente somente para estudantes, se abriu para todos os tipos de usuários em 2006). Para um blog do Jornal Le Monde[60], os sites de redes sociais, os jogos *online*, os sites de compartilhamento de vídeo, os *gadgets* como os *iPods* e os telefones celulares são agora os acessórios da cultura de boa parte dos jovens: eles atingem a idade da luta pela autonomia e identidade por meio de novos modos de comunicação e novas formas de amizade, de jogar, de autoexpressão e de aprendizagem.

Para entender melhor seus educandos dentro do mundo digital, o Colégio Salesiano Itajaí (CSI) criou o Projeto "EducAção Digital", com estes objetivos específicos: envolver toda a Comunidade Educativa-Pastoral nas reflexões do Projeto; realizar trabalho específico, por ano, de acordo com as dificuldades/necessidades com relação ao uso de tecnologias; envolver o grupo de estudos de mães e pais no aprofundamento da temática; definir as regras do CSI a respeito da postura no uso das tecnologias a partir de pesquisas de campo; lançar o site "EducAção Digital"; publicar a revista "EducAção Digital"; atualizar o regimento escolar com relação ao uso de tecnologias; aprofundar os estudos com os professores; aprimorar a utilização pedagógica dos recursos tecnológicos.

59 Cf. DO CARMO CRUZ, Ruleandson, *Juventude e Redes Sociais: além da internet*, 27/08/2011, http://pt.slideshare.net/ruleandson/juventude-e-redes-sociais-alm-da-internet, acessado em 31/05/2015.

60 Cf. *Como os jovens vivem e aprendem com as novas mídias*, in: "Jornal Le Monde", traduzido por Ana Elisa Prates, 21/11/2011, http://www.proppi.uff.br/leeccc/como-os-jovens-vivem-e-aprendem-com-novas-m%C3%ADdias, acessado em 31/05/2015.

A interferência das redes sociais na vida dos jovens

A dinâmica da comunicação na internet é diferente em diversos sentidos, pois o usuário tem a possibilidade de produzir informação (textos, músicas, vídeos, *software*, entre outros) e divulgá-la: ela abre a possibilidade de troca de informações sem intermediários[61]. E como uma das manifestações mais recentes da revolução tecnológica, quando configurada em rede ela é "um caminho novo para se formar grupo de amigos, de colegas de profissão, de pessoas com afinidades semelhantes ou até mesmo de manifestar ideologias políticas e religiosas"[62].

Para S. Mattos, com o advento das novas tecnologias digitais, a juventude brasileira, nascida a partir de 1990, passou a ter acesso a uma nova forma de interpretar a realidade, como também mudou a forma de consumir a mídia. As tecnologias de informação e comunicação, além de seduzirem os jovens, transformaram-se em verdadeiro laboratório de criação, que já nasceram plugados e estão a desafiar os modelos tradicionais[63]. Elas também – quando usadas de modo equilibrado – podem criar até novas formas de generosidade e solidariedade[64] e, até mesmo, ser espaço de vivência espiritual[65]. Por outro lado, seu uso excessivo e sem limites pode causar tristeza, solidão[66] e depressão[67], se tornar veículo de manifestações de desrespeito[68], além de sacralizarem seus objetos como sonhos de consumo[69].

Ainda em 1991, L. Benedetti já alertava que o peso da modernidade incide cada vez mais sobre os jovens, mais especificamente a valorização da subjetividade[70]. Na pesquisa realizada pelo Colégio Salesiano Itajaí se percebeu que os educandos não possuem postura crítica diante das redes sociais e nem noções claras sobre

61 Cf. PIRES, Tatiane, *Juventude, comunicação e redes sociais*, http://tatianepires.com.br/2012/07/juventude-comunicacao-e-redes-sociais/, acessado em 31/05/2015.

62 VIEIRA, Pe. Rafael, *Juventude e redes sociais*, http://arquidiocesedebrasilia.org.br/ba/4286juventude_e_redes_sociais.pdf, acessado em 31/05/2015.

63 Cf. MATTOS, Sérgio, *A dependência da juventude nas tecnologias digitais*, 04/04/2011, http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3752&secao=356, acessado em 31/05/2015.

64 Cf. SAYURI, Juliana, *Retrato de uma juventude*, 17/05/2014, http://www.estadao.com.br/noticias/geral,retrato-de-uma-juventude,1167792, acessado em 31/05/2015.

65 Cf. *Sagradas interwebs! O espiritual é social*, 10/11/2014, http://www.ihu.unisinos.br/noticias/537224-sagradas-interwebs-o-espiritual-e-social, acessado em 31/01/2015.

66 Cf. NASCIMENTO, Charles, *Tristeza, solidão, juventude e redes sociais*, 02/05/2015, http://charlesletrando.blogspot.com.br/2015/03/tristeza-solidao-juventude-e-redes.html, acessado em 31/05/2015.

67 Cf. MACIEL, Camila, *Redes Sociais: pesquisas apontam que uso em excesso pode causar depressão*, 26/09,2011, http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=37&cod_noticia=19340, acessado em 31/05/2015.

68 Cf. MARQUES, Sílvia, *Os "Jasons" da net*, http://obviousmag.org/cinema_pensante/2015/05/-os-jasons-da-net.html, acessado em 31/05/2015.

69 Cf. JOAQUIM, João, *O amor da juventude pelos bens de mídia e redes sociais*, in "Jornal Diário da Manhã", 10/12/2014, acessado em 31/01/2015.

70 Cf. BENDETTI, Luiz Roberto, *Os jovens na sociedade brasileira*, in "Revista Vida Pastoral", jan/fev 1992, http://vidapastoral.com.br/artigos/temas-sociais/os-jovens-na-sociedade-brasileira/, acessado em 31/05/2015.

o uso saudável (*versus* vício) da internet, e daí a necessidade de se refletir sobre as atitudes positivas com o uso da internet e a compreensão de todos das possibilidades, das habilidades e competências que podem ser desenvolvidas através da linguagem das redes sociais digitais e do uso da internet como um todo.

Uma possibilidade: o uso transformador e engajado das redes sociais digitias

Nas redes digitais, os jovens publicam fotos, reconfiguram arquivos multimídia, criam laços afetivos, participam de grupos. Neste território é possível vivenciar experiências dos mais variados níveis, seja criando montagens divertidas ou participando ativamente de campanhas em prol de uma causa cidadã[71]. É por isso que em tempos de ciberespaço, e também se pode falar de ciberativismo ou netativismo, onde os sujeitos protagonistas da cidadania e as instituições que os defendem avancem no sentido de impedir todas as formas de dominação que interditam a voz dos oprimidos e buscam cessar a liberdade de expressão e o exercício da democracia plena[72]. Infelizmente, nas redes sociais digitais existe muita troca de opiniões e afetos, mas para Z. Ventura essas manifestações no Brasil ainda não foram canalizadas para a política: "Os jovens brasileiros, diferentemente de outros países, estão desperdiçando uma oportunidade histórica ao deixar de aproveitar a internet para abraçar bandeiras como a luta contra a corrupção, o aperfeiçoamento da democracia e o combate às desigualdades sociais"[73].

Cabe também à juventude, sempre tão conectada e imersa na interatividade que a internet lhe proporciona, levar ainda mais a mensagem cristã ao mundo e com isso conectar o mundo a Cristo. É claro que o meio eletrônico não substitui o presencial (pois o jovem cristão necessita de uma vida em Comunidade), mas ao compartilhar Cristo nas redes sociais, que a juventude de hoje – deseja o atual Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro – tenha a alegria da fé e a anuncie à sua maneira para os seus coetâneos[74].

---

71 Cf. DE SOUZA VIEIRA, Kalyne & DE PAIVA, Claudio Cardoso, *Netativismo e juventude nas redes sociais digitais*, p. 10, http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/kalyne_de_souza_vieira_149.pdf, acessado em 31/05/2015.

72 Cf. IDEM, p. 14, http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/kalyne_de_souza_vieira_149.pdf, acessado em 31/05/2015.

73 WELLTON, Máximo, *Juventude brasileira perde oportunidade de usar redes sociais para se mobilizar, diz Zuenir Ventura*, in "Agência Brasil", 14/04/2012, http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-04-14/juventude-brasileira-perde-oportunidade-de-usar-redes-sociais-para-se-mobilizar-diz-zuenir-ventura, acessado em 31/01/2015.

74 Cf. TEMPESTA, Dom João Orani, *Os jovens e os meios de comunicação social*, http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/orani/09.htm, acesso em 31/05/2015.

Entendendo as redes sociais como "elemento mediador de uma possível construção de políticas públicas, realizadas em teias coletivas, solidárias e interativas"[75], elas mudaram a forma como os jovens socializam e aprendem, o que implica também em mudanças na educação[76]: entender as mídias sociais e de entretenimento como locais de aprendizagem; reconhecer as distinções importantes na cultura e alfabetização da juventude; perceber as conotações sociais nas participações *online* baseadas na amizade e centradas em interesses; potencializar a aprendizagem entre pares.

Para o Papa Bento XVI, as redes sociais digitais, quando bem e equilibradamente valorizadas, "contribuem para favorecer formas de diálogo e debate que, se realizadas com respeito e cuidado pela privacidade, com responsabilidade e empenho pela verdade, podem reforçar os laços de unidade entre as pessoas e promover eficazmente a harmonia da família humana. A troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão"[77].

As redes sociais digitais são um ambiente comunicativo e formativo/informativo que pode determinar um modo de pensar e criar novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um modo novo de estimular as inteligências e de construir o conhecimento e as relações. É por isso que as palavras-chave para o uso da internet como rede social são: "participação, interatividade, compartilhamento de conteúdos, associação e plataforma de troca"[78].

75 UDE MARQUES, Walter Ernesto, *Juventude, redes sociais e políticas públicas*, in "Revista Veredas do Direito, v. 2, n. 3, 2005, p. 68, http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/117/98, acessado em 31/01/2015.

76 Cf. *Como os jovens vivem e aprendem com as novas mídias*, in "Jornal Le Monde", traduzido por Ana Elisa Prates, 21/11/2011, http://www.proppi.uff.br/leeccc/como-os-jovens-vivem-e-aprendem-com-novas-m%C3%ADdias, acessado em 31/05/2015.

77 BENTO XVI, *Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*, in: "Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais", 24/01/2013, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html, acessado em 31/05/2015.

78 SPADARO, Antonio, *Web 2.0: Redes Sociais*, São Paulo , Paulinas, 2013, p. 9.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel, *A Sociedade em rede*, São Paulo, Paz e Terra, 2009.

GABRIEL, Martha, *Educ@r – A (r)evolução digital na educação*, São Paulo, Saraiva, 2013.

MATTAR, João, *Web 2.0 e redes sociais na educação*, São Paulo, Artesanato Educacional, 2013.

RECUERO, Raquel, *Redes Sociais na internet*, Porto Alegre, Sulina, 2009.

SPADARO, Antonio, *Web 2.0: Redes Sociais*, São Paulo, Paulinas, 2013.

11. JUVENTUDE E ESPIRITUALIDADE

Ir. Maria Aparecida Lopes de Souza, FMA

Segundo o documento de Aparecida, nos é apresentado o termo juventudes para designar as várias experiências concretas de jovens existentes em nossa sociedade. Hilário Dick dirá que assim como há "juventudes", há "espiritualidades". Isso é verdade, existem muitos tipos de espiritualidades: a infantil, adolescente e adulta. Porém elas são diferentes entre si. Uma espiritualidade adolescente é diferente da de um adulto de 50 anos. E aqui se pode falar que há uma espiritualidade juvenil, no estilo e jeito de ser do jovem. Mas a espiritualidade sempre será uma busca pessoal que perpassa toda vida para encontrar o Senhor, e esta se fortalece com os sinais da espiritualidade.

A espiritualidade é a expressão do agir humano. Ainda dirá Hilario Dick: "Um santo é alguém que, na prática, viveu a liberdade. Jesus é Caminho porque viveu a liberdade e se libertava, sempre. Aquilo que constitui a verdadeira personalidade é a espiritualidade. Uma pessoa espiritual não é vazia. Ela é plena de Deus e por isso sua espiritualidade a leva por caminhos com motivos inesgotáveis de viver o cotidiano". Desta forma como se é livre no processo de libertar-se, a espiritualidade se faz no caminho de lançar-se nas mãos de um Deus que caminha sempre ao lado do ser que o busca. Assim o jovem pode viver intensamente dessa certeza que o faz livre cada dia que se deixa conduzir pelo Espírito. A espiritualidade é um constante enamorar-se de seu interior. E isso exige uma prática, ou seja, uma rotina para se deixar estar na presença de um Deus que ama.

A espiritualidade está relacionada com a idade, local, espaço e formas. Vemos tantos jovens e adultos procurando os espaços sagrados, os objetos que possam dar-lhes uma experiência do sagrado. A Pastoral Juvenil, especialmente na América Latina, deve levar em consideração esta realidade, pois uma vida de oração vazia de gestos e significados não atrai as juventudes de hoje. É por isso que talvez as nossas celebrações eucarísticas estejam tão vazias dos jovens, pois não são realidades conhecidas por eles, e, consequentemente, a igreja não conhecendo as juventudes,

não se adapta para melhor atendê-los. Eles procuram celebrações que são portadoras de um dinamismo que é próprio de sua fase de vida, elemento fundamental que abarca o processo de amadurecimento humano e cristão.

É verdade que toda espiritualidade se refere ao seguimento de Jesus. Porém, o jovem tem uma busca diferente da do adulto. Um adulto busca lançar-se mais e mais em sua fé, e um jovem busca respostas imediatas que satisfaçam suas necessidades básicas, porque a espiritualidade tem algo a ver com a idade em que a pessoa se encontra. Como diz no número 784 da Civilização do Amor: "dizer que há no homem uma capacidade para Deus, é, talvez, dizer que há no jovem e na jovem novidades a serem descobertas não somente porque são pessoas, mas porque são jovens". Com isso percebemos o grande risco que os jovens enfrentam: o da massificação para satisfazer desejos de grupos e entidades religiosas em detrimento da vida espiritual das juventudes.

Com o avanço da Pós-modernidade, deparamo-nos com a necessidade e a busca de preencher um vazio existencial que pouco a pouco toma conta das pessoas. Imersos num mundo de ritmos em que a competência é o fator maior, a incerteza e dúvidas acompanhadas da exclusão, os jovens e os adultos tentam sobreviver a pressão do mundo pós-moderno, onde o ser aceito, reconhecido e incluído é a lei máxima de cada dia.

Neste emaranhado de confusões sociais, quem mais sofre são os jovens, porque estão na fase do ser e aparecer. Consequentemente, buscam apoio nas religiões existentes, e quem melhor atender a essa necessidade de preencher o vazio e oferecer o que eles buscam terá maior sucesso. As juventudes de hoje estão imersas num mundo em mudança e sofrem a influência do desemprego, dos avanços da tecnologia. Ao seu dispor estão as igrejas que se multiplicam e tentam fazer diferentes combinações.

Ao mesmo tempo a pós-modernidade trouxe um aspecto importante que é a volta ao sagrado, ao místico e ao transcendente.

Esta "sedução do sagrado" pode ser lida de várias formas, mas queremos chamar a atenção para o que diz Frei Prudente Nery, falando da Cristologia como Antropologia. Diz ele que "essa mútua imanência entre sagrado e profano, essa inseparabilidade entre valores religiosos e humanos, essa unidade inconfusa entre Deus e o homem [...] pensá-las e mantê-las continua sendo, ainda hoje, a tarefa mais ingente e urgente de uma teologia que se quer cristã. Pois esta é a coluna mestra do cristianismo: se Deus se fez homem é porque há em Deus algo de humano, e se o homem

pode ser assumido por Deus, em sua encarnação, é porque há, no homem, uma capacidade para Deus". Por natureza o jovem busca o ser divino e está apto para se deixar encontrar por este Deus que caminha lado a lado com eles. Embora a busca do sagrado seja de todos, essa busca pode ter e tem um jeito de vestir-se de forma juvenil, porque o sagrado também responde a necessidades específicas de cada idade.

Ao falar de espiritualidade juvenil, afirmamos a presença do divino nas experiências do dia a dia dos jovens. Com isso são destacadas cinco características típicas carregadas de valores na vida das Juventudes.

Amizade – é próprio dessa fase a busca de estabelecer vínculos de amizade, sinal de doação e de gratuidade. Nenhum jovem deseja estar só ou ser considerado coisa, ele procura ser útil e abraça o chamado de ser amigo como Deus: fiel, verdadeiro e generoso. Jesus presou a amizade e em três momentos apresenta seus amigos: na traição se dirige ao que lhe entrega como amigo, sua amizade é verdadeira; quando sabe que Lázaro está morto, diz: nosso amigo...ele é fiel; ao se despedir dos discípulos, diz: vós sois meus amigos, seu relacionamento é de amizade.

A festa – o jovem tem por natureza um caráter festivo que se encontra com o sagrado. Eles buscam as festas porque estão em busca de algo que preencha o vazio e que possibilite vínculos e partilha de experiências. A festa tem a capacidade generativa e portanto exige organização, responsabilidade e expressão coletiva. Toda festa se dá em grupo, não há festa sozinho. Quando vemos as juventudes, a dança e o ritmo, os vemos num conjunto que compõe a festa. Ela por si é celebração do corpo, a explosão do descobrimento, o ritmo da alegria e revela-nos um sinal da manifestação do criador – prova que Jesus realizou seu primeiro milagre numa festa, em Caná, numa festa de jovens. Podemos afirmar que a festa, para as juventudes, é, em sua beleza, a manifestação do sagrado.

O grupo ou comunidade – em um mundo que valoriza o individualismo, as juventudes respondem de forma positiva, organizando-se em grupos com o lugar do encontro, da descoberta da identidade, da amizade e do próprio crescimento. O grupo vem conferir ao jovem o sentido de pertencer em sociedade.

A fidelidade – parece contraditório, pois que diante de tantas injustiças e infidelidades, os jovens buscam a fidelidade e afirmam com suas atitudes que querem a verdade. Aqui está uma força que é preciso cultivar no jovem. A fidelidade para os jovens é sinal de segurança e confiança, é felicidade, é coerência. Por isso que eles defendem a fidelidade como uma coluna de resistência a tudo que é contrário à vida.

A doação – o jovem é pura gratuidade, por isso que uma das suas características é a doação. Ele é aberto a descobertas e assim o sagrado se mostra em gestos de doação. O jovem tem necessidade de sair de si e dar-se, e a doação não é uma ideia e sim concreticidade. Ele olha para Jesus que se entregou não em intenções, mas deu seu corpo e sangue e, por isso, é capaz de fazer o mesmo. O jovem é por natureza gratuidade.

No ano do bicentenário vale a pena recordar alguns conselhos para que os jovens cresçam na espiritualidade como caminho de liberdade humana e cristã. *Fomos criados para Deus* – eleve o olhar e observe tudo o que existe dentro e fora de você. Deus criou tudo por você.

Gosto pela vida espiritual – Dom Bosco fala de como sua mãe foi influência em sua vida espiritual, ela sempre o fazia ter consciência do que fazia e do sentimento de culpa. Em casa ela o fazia rezar, ler bons livros, e dava conselhos úteis. Ele dirá mais tarde: "antes agia materialmente, fazia qualquer coisa sem saber a razão dela. Passei de uma fé infantil à vida espiritual, fazia regularmente a confissão, um pouco de tempo de meditação".

Necessidade de um guia – Dom Bosco reconhece que sem direção espiritual não teria realizado nada de bom, todo santo precisa de um equilíbrio entre interioridade e vida ativa. Isso ele pôde exercer com o uso da escuta da Palavra de Deus, humildade, entrega, docilidade, obediência que permitem ao Espírito Santo atuar com eficácia.

Condições necessárias – uma das condições é dar espaço para Deus agir no coração e mamãe Margarida lhe dirá: "Estou certa de que Deus tomou posse do seu coração". Somente quando se libera a alma e se faz uma purificação, o Senhor pode entrar e tomar posse.

Partir da conversão do coração – Qualquer espiritualidade exige caminhada e esta conta com uma parcela de conversão que consiste numa resposta do dom de amor ao próximo – dois movimentos: conversão e dom de si a Deus. *Entregar-se totalmente a Deus* – Aqui a busca de colocar Deus no centro, amá-lo acima de tudo e com todo o nosso ser. É uma necessidade do nosso eu profundo, acompanhada de uma graça eficaz.

Transfiguração do cotidiano – Na espiritualidade salesiana, a vida encontra em Jesus o seu centro unificador e uma finalidade de existir, alimentada pelo fogo interior do amor de Deus.

Um cuidadoso trabalho sobre si mesmo – O coração deve ser purificado, a vontade reforçada. Se não quiser se iludir, você deve ser muito exigente em relação a

si mesmo – deve abraçar sua cruz e segui-Lo. Lutar bastante para vencer a natureza irrequieta. Devia libertar o seu coração, purificando-o do que o importuna e orientá-lo para Deus, jogo, esportes, música, teatro, passeios, companhias alegres, festas, artes, ciências, literatura... Quando são vividos num horizonte interior, quanto bem podem fazer...

Amizade e diálogo com Deus – Rezar é elevar o próprio coração a Deus e se entreter com Ele por meio de pensamentos santos e sentimentos devotos. Trata-se de se sentir em Deus, isto é, de ver a si mesmos, a própria vida, o próprio destino, o próprio trabalho, os afetos, as relações, os desejos e os problemas, mas também a própria miséria e o próprio pecado, sob os olhares amorosos de Deus. A oração brota e nos leva a olhar para Deus, a senti-lo próximo, a fazer tudo por Ele, a ver tudo em relação a Ele e a viver conscientemente na sua presença.

A ajuda de Maria – Maria é o modelo de vida como gente de fé, mestra da arte de escutar e pôr em prática a Palavra de Deus. Convida-nos a abrir o nosso espírito à ação santificadora do Espírito Santo, a aderir plenamente à nossa vocação de pessoas de fé e de testemunho do Evangelho.

Eucaristia, adoração e serviço – Participe da Eucaristia com atenção, fé e amor. Abra-se à presença de Jesus, mestre e servo obediente por amor. Dom Bosco insistia com seus jovens antes da comunhão: "Parem um pouco para considerar quem vocês estão para receber".

12. JUVENTUDES E O CARISMA SALESIANO

Ir. Solange Sanches, FMA e P. José Ricardo Mole, SDB

Quando se pensa em juventudes nos dias de hoje é imprenscindível tomarmos como ponto de partida a realidade em que estas se inserem e ter presente as mudanças e transformações pelas quais a sociedade vem passando.

O trabalho com juventudes é sempre desafiador e dinâmico, pois traz em si algo de encantador e questionador. Em tempos de pós-modernidade, quando as mudanças se dão em um ritmo muito acelerado e as referências não possuem a solidez e a estrutura de outros tempos, faz-se necessário apontar o carisma salesiano como um horizonte a ser perseguido.

Um pouco da realidade

Nos últimos anos os jovens têm sido uma pauta de grande ênfase e relevância no Brasil. Podem-se apontar diversos motivos para esta atenção: a densidade demográfica, as situações violentas, o impacto das novas tecnologias, os jovens como sujeitos de direitos e as buscas de participação cidadã.

Atualmente temos no país um contingente de aproximadamente 51,3 milhões de sujeitos jovens (IBGE, 2010), na faixa de 15 a 29 anos, correspondendo a 25% da população. Desde que se iniciou a realizar os censos no Brasil (1872), o momento atual é o período histórico em que temos o maior número de jovens já contabilizados. Este dado remete à necessidade de pautas e políticas específicas para atender tamanha demanda. Outro fator que confere grande visibilidade aos jovens é a sua associação com as situações de violência que são geradas em diversos âmbitos sociais. No momento presente, os jovens constituem o segmento populacional em que há o maior índice de mortalidade (WAISELFISZ, 2011), ultrapassando inclusive os índices de mortalidade infantil. Tal situação acaba criminalizando-os em muitas situações, colocando-os como "emblema dos problemas sociais", com grande repercussão midiática e na opinião pública. O impacto das novas tecnologias também apresenta

grande relevância na caracterização dos jovens atuais, visto que eles são fortemente permeados por esta nova realidade, configurando-os diferentemente dos sujeitos de outras gerações. A partir destas situações passou-se a perceber os jovens com características, necessidades e anseios próprios, caracterizando-os como sujeitos de direitos e não como se fossem apenas adolescentes em fase de transição para a vida adulta. Tal fenômeno está demandando a criação de políticas públicas de juventude e a efetivação do Estatuto da Juventude a fim de que suas demandas sejam garantidas. Outro aspecto que visibiliza os jovens de uma maneira mais incisiva na sociedade são as suas formas de expressão em busca de cidadania e de uma democracia mais participativa.

As juventudes

As juventudes são um cenário que apresentam multiplicidades. Constroem-se nos diversos movimentos culturais, sociais e econômicos. Elas imprimem sua singularidade pelas posturas éticas, pela criatividade de suas músicas, de sua arte, pelas diversidades de expressão, pela construção de redes comunicacionais.

Segundo Regina Novaes, desde os anos 1990, em áreas pobres e violentas, começaram a proliferar grupos culturais em torno de estilos musicais (tais como *rock*, *punk*, *heavy metal*, *reggae*, *hip-hop*, *funk*), artes cênicas, grafite, danças (*street dance*, *break*) e grupos esportivos (entre eles, futebol, basquete de rua e *skate*) a partir dos quais são levadas demandas juvenis ao espaço público.

Para compreender a importância desses grupos, é preciso lembrar a inédita conjugação histórica entre a proliferação de armas de fogo (submetida aos interesses da indústria bélica), a corrupção e a violência das polícias despreparadas para lidar com a juventude (que exigem dinheiro dos mais ricos e sujeitam os mais pobres a vários tipos de humilhações) e a existência de territórios pobres dominados pelo comércio de drogas ilícitas (que nada mais são do que a parte mais visível de uma rede bem mais ampla e complexa que cobre o mundo e gera lucros). Nesses espaços, os chamados grupos culturais funcionam como antídotos à "discriminação por endereço", pois ampliam espaços de experimentação e de criação estética, recriam laços de pertencimento e afirmam identidades territoriais.

Suas invenções, reconhecidas no conjunto como "cultura de periferia", têm tido grande importância no processo de conscientização e mobilização por direitos de jovens dessa geração. Por exemplo, em entrevistas, jovens de vários movimentos sempre acabam lembrando letras de *rap* que foram importantes para seu próprio engajamento.

Do ponto de vista das mobilizações juvenis, é interessante notar um rico movimento de circulação e reapropriação de ideias por meio do qual se cria a possibilidade de comunicação e articulação política entre diferentes segmentos da juventude brasileira espalhados por diferentes territórios vulneráveis e marginalizados. Não por acaso os formuladores de políticas públicas de juventude se reconhecem desafiados a encontrar mecanismos de integração territorial dos programas e ações voltadas para a juventude que levem em conta a sustentabilidade socioambiental, a dimensão cultural, os elos de pertencimento e as diferentes dimensões da subjetividade das "juventudes locais".

Às questões de gênero, raça e etnia (herdadas dos anos 1970 e 1980), mais recentemente se somaram demandas voltadas às distintas orientações sexuais e aos "jovens com deficiência", configurando-se, assim, um dinâmico mapa da diversidade da juventude brasileira. Ao mesmo tempo, o tema da diversidade nos leva à controversa questão da "identidade". Pesquisas recentes têm demonstrado que, em suas atuações no espaço público, os jovens somam "causas", sobrepondo diferentes identidades. Múltiplas causas e experiências de discriminação podem se somar na vida de um mesmo jovem (ser jovem, ser negro, ser favelado, ser homossexual, ser mulher, ser lésbica e "ser cristã"...). A predominância de uma identidade sobre outra ou a combinação de identidades e causas não acontecem em abstrato, mas em processos sociais e trajetórias individuais concretas, sendo acionadas de acordo com os conflitos em jogo. Daí a necessidade de evitar esquemas empobrecedores que acabam por substantivar identidades como se fossem únicas, fixas, excludentes. *(Regina Novaes – Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ)*

O Carisma Salesiano

Diante deste cenário, surge o grande desafio para o Carisma salesiano, olhar este cenário como terra de missão. Portanto, faz-se necessário apropriar-se das novas linguagens, dos novos espaços e dos não espaços. A velocidade e a constante mutação geram novos conceitos antropológicos, sociais, novas visões de mundo, novas necessidades, exigindo dos educadores uma maior flexibilidade e lucidez diante deste cenário. É importante habitar e ressignificar os novos areópagos para que a missão educativo-pastoral seja cada vez mais eficaz às necessidades das juventudes contemporâneas.

Em Dom Bosco, a expressão que foi seu programa de vida 'Basta que sejais jovens para que eu vos ame' é a opção fundamental por excelência. Esta predileção

pelos jovens era o que o levava a fazer o impossível, a romper com qualquer molde, qualquer estereótipo, para aproximar-se deles. Ele possuía uma capacidade especial para ler os sinais dos tempos. Soube apropriar-se de muitos valores oferecidos por seu tempo no campo da espiritualidade, da vida social e da educação. Foi capaz de dar a tudo isso uma marca tão pessoal que o distinguiu e diferenciou de outros grandes do seu tempo.

A sociedade moderna, com suas transformações rápidas e profundas, exige um novo tipo de pessoa, capaz de superar a ansiedade provocada por estas mudanças; capaz de procurar, sem se acomodar em soluções, capaz de distinguir o permanente do mutável, sem extremismos; e nesse desejo de atualizar o Carisma, o caminho que nos resta é justamente buscar o coração pastoral de Dom Bosco, unido à capacidade de mobilidade, de adaptação, de leitura crente do aqui e agora.

O Carisma salesiano tem sua expressão concreta na educação da juventude, educação que coloca a pessoa do jovem no centro das ações e dos projetos, ouvindo sua voz, identificando seus sonhos e suas expectativas, desejos, desilusões e esperanças, acompanhando-os na busca do conhecimento e das própria capacidades, aumentando sua confiança nas possibilidades de desenvolvê-las e serem protagonistas do projeto pessoal de vida. Colocar os jovens no centro da ação educativa e evangelizadora é um dos elementos mais específicos do patrimônio espiritual que Dom Bosco nos deixou. Somos herdeiros e portadores de um Carisma educativo que tende à promoção de uma cultura da vida e à mudança das estruturas. Por isso, temos a tarefa de promover a vida e defendê-la especialmente onde ela está ameaçada.

Dom Bosco sentiu-se enviado por Deus para responder ao clamor dos jovens pobres e intuiu que, se era importante dar respostas imediatas 'já' ao seu sofrimento, era ainda mais importante prevenir suas causas. Como seus filhos e filhas, precisamos nos empenhar na defesa dos direitos das juventudes, precisamos escutar seus gritos, seus desejos de aprender, de estudar, de sair da pobreza e da marginalização, de assumir o próprio futuro.

Referências bibliográficas:

Regina Novaes – Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

Sistema Preventivo de Dom Bosco Hoje – Carlo Nanni – tradução Dom Hilário Moser.

Sistema Preventivo e Direitos Humanos – Pe. Orestes Carlinhos Fistarol.

Culturas Juvenis na ótica da educomunicação – FMA – Brasil.

13. JUVENTUDES E FAMÍLIA

Ir. Cecília de Castro Gomes, FMA

"A vida é uma oportunidade. Aproveite-a.
A vida é uma beleza. Admire-a.
A vida é um sonho. Faça que se torne realidade.
A vida é um desafio. Enfrente-o.
A vida é um dever. Cumpra-o.
A vida é preciosa. Cuide dela.
A vida é riqueza. Conserve-a.
A vida é um mistério. Explore-o.
A vida é promessa. Tenha esperança.
A vida é tristeza. Supere.
A vida é um hino. Cante-o.
A vida é um combate. Vença.
A vida é uma aventura. Conduza-a.
A vida é felicidade. Mereça-a.
A vida é vida. Defenda-a". (Madre Teresa de Calcutá)

Dom Bosco dizia que "a nossa vida é um presente de Deus para nós e o que fazemos dela é o nosso presente para Ele". Deus nos criou e quer que sejamos criadores com Ele. Há em nós uma força intrínseca que nos impulsiona a buscar o aperfeiçoamento da própria vida (Pinheiro, 2014). Conscientes ou não, vivemos no empenho de alcançarmos o nosso melhor, de respondermos da melhor maneira possível ao chamado a "ser mais"!

A juventude é uma fase do ciclo da vida que possui suas peculiaridades e caracteriza-se por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. A princípio, o jovem se torna capaz de refletir e de se ver como indivíduo que participa da sociedade, influenciando e sendo influenciado em suas diferentes interações. Tal momento funciona como um exercício, conduzido pelo próprio sujeito, de inserção social. Como afirmam especialistas, "esse período pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem experimentar e desenvolver suas potencialidades" (Dayrell *et al*, 2010). Nele, o jovem se depara com questões que o atingem

social, psicológica e espiritualmente: "Quem sou eu?", "Para onde vou?", "Que rumo vou dar à minha vida?". É chegada, pois, a hora de fazer escolhas essenciais.

Nesse processo, a presença da família é muito importante, porém pode acontecer de ela ocupar-se apenas em incentivar o jovem na construção de sua trajetória no mundo do trabalho, uma vez que a escolha de uma profissão é uma das ações de discernimento difíceis da vida de uma pessoa[79]. Como instituição católica, é nossa tarefa acompanhar as famílias na descoberta também de sua missão de "comunidade evangelizadora", lugar onde o jovem alimenta o sonho de vida em plenitude, para que se tornem verdadeiras *escolas de humanidade*, que abrem ao mistério do outro e ao sentido da vida (Pastoral Juvenil, 2014). É papel da família acompanhar o jovem no processo de diferenciação entre o que é essencial e o que é fundamental em seu caminho de amadurecimento. Segundo Cortella (2007),

> *Essencial é tudo aquilo que você não pode deixar de ter: felicidade, amorosidade, lealdade, amizade, sexualidade, religiosidade. Fundamental é tudo aquilo que o ajuda a chegar ao essencial. Fundamental é o que lhe permite conquistar algo. Por exemplo, o trabalho não é essencial, é fundamental. Você não trabalha para trabalhar, você trabalha porque o trabalho lhe permite atingir a amizade, a felicidade, a solidariedade* (p. 63-64).

A família contemporânea é parte de uma sociedade marcada por mudanças significativas que põem fim aos padrões de estabilidade, segurança e certezas, o que afeta, consequentemente, as relações dentro e fora do círculo familiar. Acionando termos de Lipovetsky, Bauman e Donati, as atuais configurações familiares podem ser compreendidas como sendo, respectivamente, "fluidas", "líquidas" ou "flutuantes" (Donati, 2008, p. 29). Isso não quer dizer, no entanto, que inexistam laços entre os membros que constituem o grupo familiar (estendido ou mais restrito). Os estudiosos apontam, sim, para conformações familiares que se adaptam às dinâmicas que atravessam, inevitavelmente, o mundo social que já não nega o lugar e poder das mutações e readaptações.

Algumas teorias afirmam que quanto mais a sociedade se torna complexa, mais a família desaparece; no entanto, a experiência cotidiana atesta o contrário. Especialmente para os jovens, a família ainda conta muito.

> *A família é a primeira e fundamental escola de sociabilidade: enquanto sociedade de amor, ela encontra no dom de si a lei que guia e a faz crescer. O dom de si, que*

79 Estudos comprovam que o momento da escolha profissional é visto como essencial na percepção de adolescentes e jovens, da família e da sociedade, tanto para jovens de escolas particulares como para jovens de escolas públicas. No momento da escolha, a participação da família é fundamental, mesmo quando esta última não o influencia diretamente.

> *inspira o amor mútuo dos cônjuges, deve pôr-se como modelo e norma daquele que deve existir nas relações entre irmãos e irmãs e entre as diversas gerações que convivem na família. E a comunhão e a participação diariamente vividas em casa, nos momentos de alegria e de dificuldade, representam a mais concreta e eficaz pedagogia para a inserção ativa, responsável e fecunda dos filhos no mais amplo horizonte da sociedade* (João Paulo II, nº 37, 2012).

Em família, o jovem aprende a fazer escolhas baseadas nas três perguntas essenciais: "Quero? Devo? Posso?". Junto de seus familiares, o jovem aprende a ética: aprende e apreende os princípios e valores de conduta que lhe permitem cuidar de sua própria vida e da coletividade. A família é ainda "o primeiro lugar onde se aprende o alfabeto da comunicação e da relação: nela se oferece e se recebe amor" (LOME, nº 88). Nela se educa para o amor, a partir da experiência do encontro com Deus, na pessoa de Jesus Cristo, que abre o jovem a uma relação serena e positiva consigo mesmo e o predispõe a assumir a vida como dom e tarefa, à escuta ao Espírito e à descoberta da própria vocação, única e que não se repete (LOME, nº 82).

No livro *Qual é a tua obra?*, Cortella cita esta frase de Benjamin Disraeli, primeiro ministro do Reino Unido durante o reinado da Rainha Vitória: "A vida é muito curta para ser pequena" (2007), para apresentar a integridade como princípio ético para não apequenar a vida. Aqui, nós a retomamos para expressar a importância de uma educação integral que tenha seus primeiros passos na família. O que torna a vida de uma pessoa pequena ou grande é a intencionalidade que se põe naquilo que se realiza e a nobreza do nosso fazer está na compreensão de que "ser humano é ser junto" (Cortella, 2007). No convívio familiar, nas relações tecidas no cotidiano, o jovem aprende a ver o outro como outro, não como estranho, daí nasce a visão de alteridade, característica essencial no processo de construção de uma globalização benfazeja.

Ao lado da família, a comunidade educativa[80] compartilha a missão de apoiar o jovem na elaboração de um projeto de vida que contemple o seu desenvolvimento integral e que vise o bem da coletividade. Como referenciais, ambas assumem o desafio de se tornarem "escola de vida", "laboratório vocacional", a fim de que o jovem descubra-se importante, no sentido de ser único, de poder fazer a diferença e alcançar o seu "melhor".

> *A pessoa adulta que quer ser uma presença significativa cultiva em si mesma um olhar confiante e positivo em relação aos membros em crescimento. Ama e faz sen-*

80 Nos diversos contextos, a comunidade educativa é formada pela comunidade FMA, pelas educadoras e educadores, pelos jovens, pelos pais e outros membros da Família Salesiana que, em vários níveis, compartilham a missão de todos, através de papéis diferentes e complementares (LOME, nº 60).

> *tir tal amor, quer bem de modo maduro. Promove dinamismos de envolvimento e de autêntico crescimento; não se detém no que aparece, mas sabe ir além para permitir que, pouco a pouco, o outro se revele como é; ajuda a manifestar o melhor de si mesmo, segundo o projeto de Deus* (LOME, nº 74).

Narra o Evangelho de Lucas que, depois da festa da Páscoa, "Jesus desceu então com seus pais para Nazaré, e permaneceu obediente a eles. [...] Crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2, 51a-52). Também as juventudes de hoje desejam crescer. Como educadoras/es salesianas/os, somos interpeladas/os a fortalecer vínculos com as famílias, no intuito de construirmos, juntos, uma cultura vocacional, em espaços favoráveis ao desenvolvimento integral. Para tanto, é urgente que nossa educação seja, de fato, pastoral e que envolva as famílias na missão de "educar evangelizando e evangelizar educando".

Referências bibliográficas

CORTELLA, Mário Sérgio. *Qual é a tua obra?* Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2007.

DONATI, Pierpaolo. *Família no século XXI*: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Família, estamos a escutar-te!* Pastoral Juvenil com a família. Roma, 2014.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Linhas Orientadoras da Missão educativa das FMA: para que tenham vida em abundância*. Turim: Elledici, 2006.

JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica. A missão da família cristã no mundo de hoje*. 24. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

LEÃO, Geraldo. DAYRELL, Juarez Tarcísio. REIS, Juliana. Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 fev. 2015.

NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira. WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n.1, p. 15-22, jan.-jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a02.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015.

PINHEIRO, Eduardo da Silva. *Vida: um projeto em construção*. São Paulo: Canção Nova. Loyola, 2014.

SARTI, Cynthia Andersen. *O jovem na família: o outro necessário*. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=0WQD93QAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 25 fev. 2015.

14. JUVENTUDES e VOLUNTARIADO

P. Antônio de Assis Ribeiro, SDB (Pe. Bira)

Introdução

Este breve texto se propõe à reflexão sobre a relação entre juventudes e a experiência do voluntariado. Mais do que descrever sociologicamente como acontece essa relação, queremos aprofundar o significado da experiência do voluntariado para os jovens, certos de que, hoje, essa proposta tem atraído profundamente os jovens.

Perguntamo-nos: Por que os jovens sentem-se tão atraídos pela experiência do voluntariado? Essa realidade foi sempre assim? O que tem a ver o espírito juvenil com a experiência do voluntariado? Há condições necessárias para alguém ser voluntário? Como se configura a proposta de voluntariado salesiano? São essas e outras questões que iremos aprofundar nestas breves páginas.

O voluntariado é um dos fortes e positivos fenômenos humanos emergentes atualmente; está presente e é crescente em todos os continentes. Mas, antes dessa evidência social e universalização, o mesmo era visto como atividade típica do estilo de vida daqueles que abraçavam a vida religiosa e sacerdotal.

Dessa forma, o voluntariado era voltado para adultos, estava profundamente ligado à esfera do serviço caritativo, humanista e, em geral, acontecia dentro e era promovido por instituições de caráter religioso e filantrópico: instituições eclesiais e religiosas da Igreja Católica, fundações, associações, movimentos sociais, etc.

Em geral os voluntários atuavam em circunstâncias extremas em diversos setores: na educação, na saúde, na instrução religiosa (catequese, evangelização de povos não evangelizados), nas situações pobrezas e de calamidades, etc. Enfim, ser voluntário era sinônimo de sacerdócio, vida religiosa e missionária.

1. Processo de mudança cultural

Essa realidade mudou profundamente. O fenômeno do voluntariado em nossos dias ultrapassou as fronteiras religiosas, eclesiais, filantrópicas e institucionais. A mudança aconteceu em diversos âmbitos:

– em relação aos **sujeitos:** era anteriormente espaço privilegiado para a atuação de pessoas adultas e, em geral, religiosas; hoje essa experiência está aberta a todas as idades e categorias profissionais; há pelo mundo afora movimentos e instituições que se dedicam com afinco na formação da cultura do voluntariado voltado para crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos (terapia);

– em relação aos **promotores:** não só mais as instituições religiosas e filantrópicas, mas também pessoas físicas, grupos, empresas, ONGs, Igrejas, governos (política pública e de governo), escolas, universidades, movimentos sociais e político-partidários e até bélicos (movimentos separatistas, subversivos, terroristas, etc.). Todos são promotores e recrutadores de voluntários;

– em relação ao ***status* jurídico:** hoje temos leis regulamentadoras do serviço voluntário, direitos e deveres estabelecidos por lei, declarações e convenções internacionais; antes só bastava o aspecto afetivo e a decisão pessoal;

– em relação à **natureza da ação voluntária:** passamos da área personalista e humanitária que tinha como foco o ser humano necessitado, para a esfera comunitária, social, ecológica, política, cultural, científica, econômica, lúcida, cultural, artística, bélica, etc.; portanto, mais que estar voltado diretamente para o ser humano como foco central e direto beneficiário das ações, passou-se para dar atenção a causas mais amplas;

– em relação à **cultura:** o voluntariado rompeu os limites da intimidade pessoal e tornou-se tema de estudo e debates nas escolas, nas universidades, nas empresas, nos movimentos sociais, em fóruns, conferências e congressos, chegando à promoção de eventos internacionais.

2. A complexa e contraditória realidade juvenil

A beleza desse fenômeno em nossos dias, sobretudo no mundo juvenil, não significa o desaparecimento de alguns dramas como o impacto do egoísmo e da violência juvenil. Percebemos criticamente duas realidades contraditórias: tanto o impacto do egoísmo e do comodismo juvenil que geram todo tipo de violência (negligên-

cias), como também o aumento da sensibilidade juvenil promotora e defensora da dignidade humana.

O **impacto do egoísmo** é causado pela radical defesa dos interesses pessoais, alicerçado na "egolatria". Quando alguém pauta sua vida tendo como única referência a defesa dos próprios interesses, seu comportamento gera graves consequências em relação aos outros: a hostilidade, a agressividade, a corrupção, o aliciamento, a criminalidade organizada, etc; o critério de decisão é o bem-estar pessoal, o prazer, acolhido como direito absoluto. Essa postura gera efeitos dramáticos: a negação do outro, o conflito, a competição, a intransigência, a morte... Não podemos negar que, no mundo juvenil, uma parte dos jovens eleva as estatísticas desse quadro sombrio tanto como sujeitos quanto como vítimas desse fenômeno. Por exemplo, as prisões estão cheias de jovens!

Mas há outro fenômeno humano, objeto desta nossa reflexão, que é o crescimento da sensibilidade humana entre os jovens, que nos parece um maravilhoso fruto convergente de outros fortes fenômenos positivos dos nossos tempos, tais como: o aumento da consciência sobre a importância da dignidade humana, a expansão da compreensão e assimilação dos direitos humanos, a melhoria da qualidade da educação que sensibiliza a pessoa, o crescimento do número de associações e organizações sem fins econômicos, o fortalecimento da consciência ética social, etc.

O voluntariado é um fenômeno que se insere dentro do universo dessa nova cultura das relações humanas mais respeitosas, justas e fraternas, onde os jovens emergem como fortes sujeitos, independente da origem, classe social, formação profissional, condição econômica e religião.

3. A definição do voluntariado e seus pressupostos

Segundo a Lei 9.608, de 18/02/1998, "o serviço voluntário é o trabalho **não remunerado** realizado por **pessoas físicas**, sem gerar nenhum tipo de **vínculo empregatício**, **obrigações trabalhistas ou previdenciárias**". Essa definição não precisa as causas, motivações, modalidades e nem mesmo o objeto do trabalho; trata-se de uma definição genérica, ampla e que simplesmente realça a característica essencial do voluntariado que é a experiência da gratuidade.

Todavia, isso não nos basta! Somos chamados, então, a explorar com mais reflexão a significatividade dessa experiência, uma vez que, apesar de ser um fenômeno universalmente reconhecido, não significa que seja uma opção de todas as pessoas e mesmo bem-entendida.

O voluntariado é uma experiência unicamente humana, pois diz respeito à vontade, livre-arbítrio e liberdade de uma pessoa. Somente nós, seres humanos, somos capazes de fazer escolhas. Os animais irracionais são determinados pelos instintos.

Portanto, para que alguém possa fazer uma experiência de voluntariado se pressupõe algumas condições ou pressupostos essenciais: a subjetividade pessoal, a capacidade de dispor de si mesmo, a capacidade de discernimento e de fazer escolhas livres e responsáveis, autonomia e maturidade, reconhecimento e sensibilidade diante das necessidades humanas e do ecossistema onde se está inserido (ecologia), capacidade de partilhar dons, competências técnicas e recursos próprios, etc.

4. A significatividade do voluntariado e o dinamismo juvenil

A experiência do voluntariado, tipicamente humana, é rica de dinamismo, possibilidades e nos revela uma profunda sintonia com o espírito juvenil. O voluntário é, sobretudo, alguém que se revela ser "capaz de querer" e de "sair de si", indo além das meras exigências da própria automanutenção; assim também se manifesta o jovem, natural explorador de si mesmo, de suas possibilidades e da realidade onde vive.

A superação da infância e da adolescência se completa na tomada de consciência de ser sujeito em profunda interação com os outros, com a sociedade em que vive e com a natureza. Sendo assim, é densa a significatividade do voluntariado juvenil.

Essa experiência ultrapassa as fronteiras da dimensão técnica e econômica e se manifesta como profunda atitude de maturidade, alteridade, solidariedade e compaixão, corresponsabilidade, experiência educativa, crescimento espiritual, projeto de vida!

4.1. O voluntariado como manifestação de maturidade juvenil

A experiência de maturidade é naturalmente reivindicada pelos jovens no confronto com seus pais, educadores e líderes. Ela se revela como capacidade de gerir com liberdade e responsabilidade os próprios recursos naturais: a vontade, a inteligência, a afetividade, a sexualidade, etc.

Os jovens, através da opção pela experiência do voluntariado, nos dizem que chegaram à compreensão de que a gestão dos próprios recursos naturais não está determinada à satisfação dos próprios interesses, paixões e instintos. São capazes de dar outro significado e finalidade a seus recursos! Isto é maravilhoso!

Com a experiência do voluntariado, os jovens dão prova eloquente de profunda e ampla maturidade interior. Chegaram à compreensão de que "ser livre" não significa a satisfação ou retenção egoísta dos próprios recursos; a liberdade emerge com seu sentido mais profundo quando se torna o "dom de si" para ser partilhado com os outros, através do próprio viver servindo e com gratuidade.

4.2. O voluntariado como descoberta da alteridade

O voluntário é alguém que está voltado para "o outro". Neste sentido, o jovem voluntariado faz experiência de "excentricidade" (deixando de ser o centro: experiência natural da infância) e da "alteridade" (entrando em interação com os outros), que se revela a seu modo, em seu ambiente, e é acolhido e respeitado como sujeito.

É típico da juventude madura a abertura ao diferente, a admiração, a tolerância, a acolhida, o encontro, a experiência da interlocução, da amizade, do grupo. É no encontro com os outros que, em geral, os jovens buscam respostas para os próprios anseios e segurança.

A "excentricidade" e a "alteridade" não significam, *a priori*, uma experiência de serviço a um grupo humano, mas militância em prol de uma causa nobre, idealista, por exemplo: ecológica (direito dos animais, preservação ambiental...), política, científica, religiosa, etc.; nem todos os jovens voluntários estão envolvidos em causas humanitárias.

4.3. O voluntariado como compaixão e solidariedade

Os evangelistas nos descrevem a pessoa de Jesus Cristo, perfeito voluntário, como sujeito humano profundamente sensível. Assim narra Mateus: "Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor" (Mt 9,36). O voluntariado é uma experiência profundamente afetiva que brota das profundezas da sensibilidade humana. O voluntariado é coisa do coração!

Muitos jovens partem em missão ou se decidem ao voluntariado com grande entusiasmo após terem sentido, como Jesus e Moisés, uma profunda comoção por uma realidade humana, em geral dramática: como a miséria, a pobreza, a fome, o analfabetismo, o abandono, a drogadição, a indigência, o sofrimento humano, etc.

A experiência de comoção gera a decisão pela solidariedade, pela luta, pelo comprometimento. O voluntariado é compaixão e solidariedade. Essa experiência

está muito próxima da sensibilidade dos jovens e, por isso, se envolvem com grande paixão e generosidade.

4.4. O voluntariado como senso de corresponsabilidade social

A experiência de compaixão que leva à solidariedade, quando amadurecida, se firma no senso de corresponsabilidade. O jovem voluntário é alguém que amadureceu a consciência de ser para os outros sem assumir uma atitude messiânica; por isso, para ele, seu serviço é manifestação de senso de "corresponsabilidade social".

Os jovens são profundamente desejosos de um mundo melhor; mas têm consciência de que são chamados a dar a própria parcela de contribuição, conscientes de que o desenvolvimento humano não é meramente fruto da ação de governos, mas da participação ativa de todos os cidadãos. Por isso, gostam de agir em rede e revelam grande poder de articulação e envolvimento social.

O voluntariado juvenil é transbordamento da consciência de corresponsabilidade social. É "corresponsabilidade social" porque os jovens que fazem essa experiência, em geral, não saem de um contexto humanamente árido, mas já sensibilizado e, por isso, são, de certa forma, frutos maduros de uma nova cultura social que devem continuar e expandir.

4.5. O voluntariado como experiência educativa

O voluntariado é uma experiência, por si mesma, profundamente educativa. É "pedagógica" no sentido de conduzir o voluntário ao encontro com as exigências das necessidades alheias que, para ser feliz, é preciso que se exercite na prática da acolhida incondicional do outro que se expressa na escuta, no respeito, no uso dos meios possíveis de acordo com os contextos para melhor servir, etc.

O voluntariado seriamente experimentado é formativo, porque proporciona ao sujeito, apesar da sua paixão e decisão pessoal, não ser o centro de tudo; mas para que seja acolhido e respeitado como tal, deverá ser o primeiro a fazer a experiência da obediência a procedimentos normativos e a estar interagindo com outros sujeitos que atuam na mesma causa. Assim é a vida profissional.

O jovem, por estar vivenciando um processo de formação em diversas dimensões, sobretudo acadêmica, está profundamente comprometido na busca de valo-

res, atitudes e experiências, como treinamento, em vista de melhorar cada vez mais sua formação humana e profissional para que no futuro possa servir eticamente. Jovens que fazem ou fizerem experiência de voluntariado, em geral, tendem a se tornar profissionais com um forte e grande diferencial humano.

4.6. O voluntariado como experiência espiritual

Como já afirmamos anteriormente, por muito tempo o voluntariado foi considerado uma experiência voltada para quem era religioso(a) ou sacerdote. Na verdade, por sua essência excêntrica, o voluntariado tem muito a ver com a espiritualidade e a religiosidade que estimulam o ser humano a estar num contínuo movimento de saída de si mesmo para poder se encontrar, estar em comunhão com o outro e ser feliz.

Falar do voluntariado como experiência espiritual juvenil significa admiti-lo como caminho para o sentido da vida. O ser humano se encontra na medida em que sai de si mesmo, se plenifica na medida em que se doa e experimenta o infinito, na medida em que vai ao encontro das limitações humanas.

De fato, atualmente, há uma grande afluência de jovens europeus assolados pelo materialismo e ateísmo, para outros continentes em busca da experiência do voluntariado; tais jovens, vivendo em dramáticos contextos humanos, marcados pela miséria e pobreza, servindo como podem, retomam o sentido da vida, recuperam a fé em Deus, passam a compreender a importância da religião para o ser humano e a perceber o que significa viver com o essencial.

4.7. O voluntariado como projeto de vida

Apesar de tantos aspectos significativos, na perspectiva da radicalidade evangélica, somos todos chamados a fazer da nossa vida uma contínua experiência de voluntariado, ou seja, de serviço gratuito e generoso ao próximo como sinal da vivência do amor. Somos vocacionalmente, a exemplo de Jesus Cristo, convocados a amar com atitudes concretas servindo a quem necessita (Cf. 1Jo 3,17-18).

Após a narração da parábola do Bom Samaritano (Cf. Lc 10,25-36), na qual Jesus enfatiza as atitudes de gratuidade do benfeitor da parábola, o mestre do Amor ao próximo declara ao seu interlocutor: "Vá, e faça a mesma coisa" (Lc 10,37). O que significa esta "mesma coisa"? São as atitudes de gratuito e generoso serviço ao próximo desconhecido, humilhado, violentado e jogado às margens da estrada:

> "*Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele,* ***viu,*** *e teve* ***compaixão***. ***Aproximou-se*** *dele e* ***fez curativos****, derramando óleo e vinho* ***nas feridas****. Depois* ***colocou o homem em seu próprio animal****, e o* ***levou a uma pensão****, onde* ***cuidou dele****. No* ***dia seguinte****,* ***pegou duas moedas*** *de prata, e as* ***entregou ao dono*** *da pensão, recomendando: 'Tome conta dele.* ***Quando eu voltar****,* ***vou pagar*** *o que ele tiver gasto a mais*" (Lc 10,33-35).

É abundante a sequência dos verbos e das atitudes do voluntário samaritano. Sua percepção do mundo com suas necessidades e urgência são totalmente diferentes daquela dos seus predecessores profundamente centrados em seus afazeres e, quem sabe, já acostumados com aquela cena a ponto de não mais lhes causar incômodo – por isso, "todos passam pelo outro lado" e, apesar de verem um caído, não enxergam o problema (Cf. Lc 10,31-32).

Ser voluntário é deixar-se responsabilizar movido pela compaixão e zelo pela dignidade humana. O jovem voluntário é, em geral, aquele que chegou a amadurecer um projeto de Vida e deseja fazer a experiência de mudança da dinâmica da agenda existencial, passando a dar prioridade ao ser humano; estando pronto, em todas as circunstâncias, a descer do próprio *status*, a estender-lhe a mão, a suavizar suas dores, a tratar suas feridas, assumindo as exigências que disso derivam. Na parábola, a questão "tempo" é fundamental, mas não só, também aparece a dimensão econômica: o desembolso do necessário para o pagamento das despesas assumidas pelo próprio benfeitor voluntário.

Enfim, para concluirmos, recordemos outra passagem dos evangelhos que nos é apresentada num contexto de prestação de contas final de nossas vidas. Trata-se do discurso do juízo final proferido por Jesus Cristo; vejamos o que ele diz aos seus interlocutores:

> "*Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar'". (Mt 25, 34-37...) 'Eu garanto a vocês: "todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram*" (Mt 25,40).

5. Condições fundamentais para a experiência do voluntariado

Não basta querer para se fazer uma significativa e prolongada experiência de voluntariado. Quanto mais refletida, amadurecida e programada for, mais profunda e serena poderá ser. Há uma série de condições que se devem levar em conta, sem fantasias, para que uma experiência de "trabalho de graça" não se torne depois um prejuízo cobrado. Sobre isso, há muitos fatos dolorosos entre pessoas físicas e jurídicas que, com alegria, acolheram supostos voluntários generosos, mas depois exigiram, pelo próprio serviço prestado, até o último centavo, e desgastando quem os acolheu em tribunais trabalhistas! É preciso atenção! Não basta a empolgação!

São diversos os campos de exigências a serem considerados, tais como: a maturidade do candidato, a legalidade da experiência, o projeto da experiência com suas atividades específicas, o processo de acompanhamento e formação do voluntário, etc. Organizamos essas questões todas em três blocos: da parte do candidato, de quem envia e de quem acolhe.

5.1. Necessidades requeridas do candidato

– **Maturidade humana:** sendo o voluntariado uma experiência de "adultos", a relativa maturidade humana é a primeira condição para tal. Isso diz respeito à idade, capacidade de manifestação de equilíbrio psico-afetivo-emocional e sexual, capacidade de socialização, capacidade de gestão de conflitos, respeito pela diversidade sociocultural, etc.

– **Saúde:** o voluntariado é um serviço que requer sinceridade em relação ao estado da própria saúde, limitações, capacidade de servir. Essa condição é relativa à experiência a que se propõe e, ao mesmo tempo, em relação às condições em que se deseja desenvolvê-la, a saber, por exemplo: em qual ambiente sociocultural, clima, alimentação, meios disponíveis, condições sanitárias, etc. Para podermos bem servir, devemos antes de tudo estar bem de saúde.

– **Virtudes morais:** muito ligada à maturidade humana devem estar as virtudes do candidato; na verdade, são as virtudes humanas que conferem boa qualidade à experiência do voluntariado. Por isso, para ser voluntário é preciso que o candidato tenha um perfil ético: senso de justiça, honestidade para consigo e para com os outros, senso de adaptabilidade, reta intenção, solidariedade, paciência, respeito, prudência, generosidade, capacidade de confidencialidade, sobriedade, capacidade de obediência, resiliência (porque, muitas vezes, terá frustrações em suas expectativas!).

5.2. Necessidades requeridas de quem envia

Muitas vezes a experiência mais prolongada de voluntariado se dá entre pessoas jurídicas; mas mesmo entre pessoas físicas, podemos pensar nestas exigências:

– **Conhecimento do candidato:** não é prudente que alguém ou uma instituição acolha ou envie uma pessoa sem conhecê-la para fazer uma experiência de voluntariado; é um sério risco; não basta a comoção por uma boa causa social ou humanitária. O conhecimento deve ser consequência de um processo de convivência. Não está apto para sair de sua comunidade quem ainda nela não entrou e nem está com ela comprometido. A experiência de voluntariado *ad extra* deve ser consequência do transbordamento de um envolvimento local no qual, à medida que a pessoa serve, se faz conhecida.

– **Processo de formação:** sair é sempre uma experiência exigente, por isso é muito importante que a instituição (ou comunidade) que envia se comprometa na promoção de um itinerário formativo do voluntário. É importante a reflexão sobre a natureza do voluntariado e suas exigências, valores e atitudes requeridas. Trata-se não somente de uma questão preventiva, mas, sobretudo, de um investimento em vista do maior sucesso possível da experiência de serviço a ser promovida.

– **Contrato interinstitucional:** por prudência e segurança, outra condição muito importante, em vista de assegurar ao candidato as melhores condições possíveis para a sua serena e exitosa experiência de voluntariado, é a necessidade de um contrato entre as instituições: entre quem envia e quem recebe. O contrato deve marcar as fronteiras da experiência do voluntariado, definir direitos e deveres das partes envolvidas (quem envia, quem acolhe e quem vai ser voluntário); deve estabelecer ainda as condições e a duração da experiência.

5.3. Necessidades requeridas de quem acolhe

À parte aquilo que já deve ser estabelecido em contrato entre as partes envolvidas, há outras preocupações que recaem aos cuidados de quem acolhe um voluntário, tais como:

– **Preocupação com a acolhida:** é muito importante cuidar da introdução do candidato aos primeiros passos para inserir-se na nova realidade na qual deverá servir; pode ser uma instituição (sua missão, seus valores, seu público beneficiário); isso pressupõe senso de acolhida, delicadeza e deve ser programado; quanto mais

distante for a realidade sociocultural do voluntário, mais zelosa deve ser essa programação introdutória em vista de não cometer erros deprimentes por ignorância e ou amenizar abalos ou choques culturais;

– **Acompanhamento da qualidade da experiência do voluntário:** não basta mirar a qualidade técnica do serviço prestado, é muito importante que se dê atenção ao sentido da experiência que o voluntário está fazendo e como está se sentindo; isso é importante para se evitar o desgaste; quando a comunidade que acolhe não dá acompanhamento necessário considerando seus vários aspectos, corre-se o perigo da queda no ativismo; no processo de acompanhamento também se deve dar a devida atenção à dimensão espiritual do voluntário;

– **Documentação necessária:** outra questão a ser zelada pela comunidade acolhedora é a documentação: antes, durante e depois da experiência; isto diz respeito às questões diplomáticas e burocráticas, se for estrangeiro, jurídicas trabalhistas e pedagógicas, bem como a certificação do desenvolvimento da experiência do voluntário a ser arquivada.

6. Algumas notas características do voluntariado juvenil salesiano

6.1. É uma herança carismática: Dom Bosco promoveu essa experiência quando convocou jovens do oratório de Valdocco, em Turim, para serem "voluntários" na época da epidemia do cólera que matou milhares de pessoas; na experiência das companhias (os grupos juvenis existentes nos Oratórios de Turim); também se estimulava o serviço de caridade aos colegas e a colaboração com os superiores.

6.2. É uma experiência como parte integrante e prevista no Projeto de Animação da Pastoral Juvenil e Vocacional Salesiana (inspetorial ou local). Trata-se, portanto, de uma proposta educativo-pastoral orgânica.

6.3. É fruto do processo de amadurecimento da promoção do protagonismo juvenil salesiano; o jovem que faz experiência do protagonismo abre-se ao serviço voluntário.

6.4. É uma experiência pedagógica e preventiva de formação de liderança juvenil que estimula através da doação, a sensibilidade e o respeito para com a dignidade humana e a diversidade do contexto sociocultural do serviço voluntário.

6.5. Tem como referência fundamental a pessoa de Jesus Cristo, o voluntário por excelência, homem perfeito, nosso modelo; por isso o voluntariado salesiano é inspirado no Evangelho.

6.6. Segue a exigência de itinerários formativos antes, durante e depois; a sensibilidade educativa preventiva exige a capacitação para o serviço em diversas dimensões: psicológica, afetiva, social, moral, espiritual, etc.

6.7. Requer a experiência do acompanhamento (avaliação periódica) por ser concebida como uma experiência e tempo não só de serviço, mas de crescimento humano e amadurecimento vocacional.

6.8. Tem forte dimensão eclesial por ser uma experiência carismática desenvolvida em profunda comunhão com a missão da Igreja e da missão salesiana; por isso é experiência educativo-pastoral e oratoriana (aberta, familiar, criativa!).

6.9. É uma experiência comunitária porque acontece sempre dentro de uma Comunidade Educativo-Pastoral Salesiana; sendo comunitária pressupõe que seja feita mediante o diálogo, apoiada e confrontada, evitando o personalismo.

6.10. É uma experiência marcada pela consciência de corresponsabilidade social e, portanto, comprometida com o desenvolvimento humano, não havendo espaço para assistencialismo, populismo, messianismo pessoal.

Conclusão

1. Cada vez mais cresce no mundo a sensibilidade para com a experiência do voluntariado; e os jovens, em geral, são os protagonistas dessa experiência que a fazem com grande generosidade.

2. A vontade dos jovens de fazerem essa experiência não é puro desejo de aventura, mas fruto do amadurecimento e da compreensão de que o sentido da vida e a experiência de felicidade passam pela alteridade.

3. O voluntariado é experiência propedêutica do ponto de vista profissional justamente pelo fato de facilitar aos jovens, sobretudo em formação acadêmica, a experiência de ser gratuito e dignitoso no ato de servir.

4. Em geral, a experiência de voluntariado acontece no encontro com as carências humanas que sensibiliza o jovem e o capacita para servir com senso ético e delicadeza.

5. Apesar do desejo de voluntariado se manifestar com naturalidade nos jovens, para a pedagogia salesiana a mesma é acolhida com seriedade projetual, fazen-

do parte das experiências de crescimento humano e cristão: é a meta da formação do "Bom Cristão e do honesto cidadão".

6. Para a Pastoral Juvenil Salesiana, o voluntariado não é acolhido simplesmente como serviço filantrópico, mas como experiência de formação humana e de amadurecimento da Fé da Caridade que se converte em gratuidade.

7. Enfim, para que a experiência do voluntariado juvenil possa ser significativa é necessário que seja assegurada uma série de critérios e condições importantes. Não basta a boa vontade!

8. O voluntariado deve ser humanitário não somente por causa do serviço à humanidade ou dignitoso por causa da nobre causa servida, mas, sobretudo, porque é uma experiência humanizante, tanto para quem a faz, como para quem a recebe. A felicidade humana passa pela alteridade!

Referências bibliográficas

BORBA, E.R.L. *Terceiro setor: responsabilidade social e voluntariado*. Curitiba: Champagnat, 2001.

CELAM. *Civilização do Amor – Projeto e Missão – Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-Americana*. Brasília: CNBB, 2012;

_____. *Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas e CNBB. 2007, 2ª. Edição.

CENTRO DE VOLUNTARIADO DE SÃO PAULO. *Manual do Voluntário*. Gerenciamento de voluntários. São Paulo: CVSP, 2013.

CHAVEZ, Pascual V.. Estreia 2008: *Eduquemos com o coração de Dom Bosco*. São Paulo: Dom Bosco, 2008.

CORULLÓN, Mónica. *Trabalho Voluntário*. Publicado pelo Conselho da Comunidade Solidária, 1996.

DAL RIO, Maria Cristina. *O Trabalho Voluntário – uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado*. São Paulo: SENAC, 2004.

DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL. *Pastoral Juvenil Salesiana: Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana*. Roma: Pisana, 2014;

_____. Pastoral Juvenil Salesiana. *O voluntariado na missão salesiana*, Roma: Pisana, 2008.

DOMENEGHETTI, Ana Maria. *Gestão do Trabalho Voluntário em Organizações sem fins Lucrativos*. São Paulo: Esfera, 2001.

GOLDBERG, R.; ABUMANSSUR, H.; CORULLÓN, M. *A rede de centros de voluntários e o meio empresarial no Brasil: decisões estratégicas para o fortalecimento de parcerias*, 1999.

INSTITUTO BRASIL VOLUNTÁRIO. *Jovem Voluntário*, Escola Solidária. In: www.voluntariado.org.br/sms/files/col_faca_parte_09.pdf.

INSTITUTO FAÇA PARTE - BRASIL VOLUNTÁRIO. SBERGA, Adair Aparecida. *Voluntariado Educativo*. In.: Editora Fundação EDUCAR DPaschoal. www.educardpaschoal.org.br.

INSTITUTO FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Para que todos tenham vida e vida em abundância. Linhas Orientadoras da missão educativa das FMA*. TURIN: ELLEDICI, 2006.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR VOLUNTEER EFFORT (IAVE). *Declaração Universal sobre o Voluntariado*. Paris: IAVE, 14 de Setembro de 1990.

ISMA: Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia. *Projeto VIVA: Voluntariado Inspetorial Vida na Amazônia*. Manaus: ISMA, 2009.

JUNQUEIRA, Luciano A. Prates. *Voluntariado e a Gestão das Políticas Sociais*. Organizador: Perez, Clotilde. São Paulo: Futura, 2002.

ETHOS. *Manual Como as empresas podem implementar programas de Voluntariado*. São Paulo: Instituto Ethos, 2001.

SALESIANOS ECUADOR. *Proyecto voluntariado juvenil da Família Salesiana no Ecuador*. Anos 2010- 2015.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. CAPÍTULO GERAL 23 – *Educar os jovens à fé*. Roma: Pisana, 1990.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. CAPÍTULO GERAL 24 – *Salesianos e Leigos: comunhão e partilha no Espírito e na missão de Dom Bosco*. Roma: Pisana, 2006.

15. JUVENTUDES E PROJETO PESSOAL DE VIDA

Ir. Raquielle Cassemiro, FMA

"Cada um em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz..."

O ser humano anseia o infinito, em sua trajetória busca dar sentido a sua vida, realizar-se, ser feliz. Vive a profunda saudade de Deus, lugar de onde veio, lugar para onde vai. Portanto, viver exige de cada pessoa uma atitude proativa diante de si mesmo, do outro, de Deus. Aqui encontramos a importância de elaborar um projeto pessoal de vida, para tomarmo-nos nas mãos, visualizar o ponto de partida, mas, principalmente o ponto de chegada, a meta. Desse modo é possível perceber que independe de nós esse movimento interior que nos coloca diante da vida, nos questiona sobre quem somos, onde estamos, onde queremos chegar. Ao buscarmos essas respostas, certamente encontraremos os passos fundantes para elaborar o nosso projeto de vida.

Tomar-se nas mãos é o início de quem deseja progredir no caminho pessoal de maturidade. Olhar para si com realismo, ter consciência da imagem de Deus que existe em si. Imagem única, irrepetível, profundamente amada por Deus, aqui está o cerne da beleza de existir. Ser imagem única de Deus nos coloca diante de uma imensa responsabilidade: expressar a imagem única de Deus que há em mim. Logo, cada ser humano irradia uma imagem única de Deus, que revela a grandeza e a beleza do nosso Pai Criador.

Contemplar a beleza de Deus que há em nós nos faz desejar crescer no amor, no cuidado, no zelo pelo bem que existe em nós. Olhar Jesus nos faz compreender como Ele viveu plenamente, intimamente unido ao Pai, revelou o rosto humano de Deus através do seu Projeto de Vida, assumido radicalmente: Para que todos tenham vida em abundância. Portanto, o projeto pessoal de vida nos leva em direção ao outro. Mesmo que partindo de nossa realidade pessoal, ele nos indica que a realização de nossos sonhos tende a envolver outras pessoas. Pois desejamos ser felizes, mas para isso os outros têm uma participação direta. O projeto de Jesus envolveu tantas pessoas,

Dom Bosco e Madre Mazzarello também realizaram seus projetos de vida envolvendo muitas pessoas, mas, principalmente, ajudando-as a despertar para a vida, a buscarem traçar seu próprio projeto de vida. Sendo Jesus o Modelo, olhemos para Ele, contemplemos o seu Projeto, caminhemos em direção à meta: o próprio Jesus.

Ser educador/a, no contexto atual, nos desafia a vivermos com paixão nosso projeto de vida, buscando cada dia aperfeiçoar o melhor de nós mesmos. Desse modo é possível propor aos/às jovens um itinerário de educação à fé que os ajude a despertar para a vida, que os incentive a buscarem ocupar seu lugar no mundo, a serem protagonistas da própria existência. Ajudar os /as jovens a cultivarem a esperança no mundo de desesperanças, a lutarem pela paz num mundo de violência, a viverem a fraternidade e o cuidado com o outro no mundo do individualismo. É uma missão árdua, mas apaixonante!

Apresentar aos jovens um caminho progressivo de maturidade, acompanhá-los na descoberta de si, na percepção da sua realidade local e mundial, faz com que a semente do Evangelho se espalhe, cresça e floresça onde encontrar a terra boa; mas também, devemos considerar o terreno árido, compreender que nem sempre a semente encontra espaço para se desenvolver. Falar de projeto de vida não é tão simples, pois nos faz refletir sobre nós mesmos, principalmente quando estamos inseridos num grupo, onde temos a oportunidade de nos conhecermos, onde conhecemos nossas fragilidades. Aqui existe uma grande oportunidade de repensar nossas ações, é hora de reelaborar nosso projeto, avaliar o caminho feito, recalcular o trajeto para atingir a meta.

Segundo Dom Eduardo Pinheiro, o crescimento pessoal e a conquista dos objetivos exigem passos. Faz-se necessário um processo que, nem sempre, é rápido e fácil. A predisposição constante em mudar e melhorar nos torna fortes no caminho que orienta a vida para aquilo que realmente convém. Logo, constatamos que para crescer é preciso converter, para converter é preciso aceitar a pedagogia dos passos. Foi essa a dinâmica de Jesus, seu olhar tocava as pessoas porque as compreendia do ponto onde elas estavam, sua mão estendida sinalizava que ainda era possível mudar o rumo da história. Desse modo, Ele resgatava nelas o desejo de viver, de refazer seu próprio caminho, reelaborar seu projeto de vida, ou até elaborá-lo. Em nossa realidade, muitas vezes, precisamos considerar essa pedagogia, considerar que em nossas fragilidades encontram-se a força e o impulso para crescer, ir além.

É um exercício exigente, pois devemos discernir, ou seja, priorizar, renunciar, decidir, optar pelos melhores passos e atividades entre tantos existentes e interessantes. É exigente, mas necessário, porque estamos decidindo sair de onde estamos

para nos aventurar em busca do ideal projetado, a partir de ações bem concretas e acessíveis. Portanto, definir linhas de ações concretizam e organizam as ideias, deixando-nos mais confiantes na possibilidade de seu alcance. Na dimensão da fé, ao traçar passos, demonstramos paixão pela vida e pelo Senhor da vida. Por isso, é preciso que as linhas de ações sejam claras, concretas e empolgantes.

Os passos não são simplesmente atividade, mas sim atividades dotadas de significados. Não são meras ações, mas algo decidido a partir dos sonhos que se tem e da realidade em que se encontra. Por isso, não somente depois temos clareza das metas que queremos atingir e detemos a consciência do chão em que estamos pisando e que podemos com segurança determinar o que devemos fazer. Precisamos nos dedicar com afinco na construção das linhas de ação. É preciso paciência e persistência: o caminho à santidade é feito de passos bem dados, um após outro! A elaboração e a execução destas linhas devem ter sempre uma motivação que realmente possa dar sentido e empolgue. É preciso ter fé, isto é essencial! Acreditar em Deus, que também se faz presente nesta construção.

Dom Eduardo Pinheiro afirma que nossa vocação de educadores/as de jovens nos convoca a auxiliá-los no discernimento e na organização da vida. A aplicação do projeto pessoal, junto a eles, é algo que deve ser bem preparado para que possa produzir bons resultados. Para isto é preciso uma boa motivação – ao abordar o tema projeto pessoal de vida junto aos jovens, precisamos inicialmente situá-los no tempo e no espaço e convencê-los deste valor, procurando despertar seu interesse, a motivação, a curiosidade e sobretudo a preocupação saudável de se organizar. Faz-se necessário ajudar o/a jovem a perceber-se como alguém que tem uma história pessoal (passado-presente-futuro) e participa de um contexto socioeconômico-político-cultural-religioso que é muito mais amplo do que sua vida particular. Ajudá-los/as a refletirem sobre sua opção fundamental de vida, os valores e as motivações básicas que sustentam e direcionam a organização da própria vida.

A explicitação clara das etapas fundamentais para a construção de um projeto de vida evidencia a importância do sonhar, conscientizar-se da realidade e determinar passos bem concretos. Ter consciência da realidade em que se encontra, ajudar a determinar passos reais e possíveis para se atingir a meta. Para auxiliar os/as jovens na construção de seu projeto de vida é preciso propor um roteiro prático, através de tabelas que ajudam a ter uma visão global da vida pessoal e das várias dimensões onde se está inserido. Esses roteiros devem ajudar os jovens a responderem sobre o sentido de suas vidas, sobre a importância de sua existência e qual seu papel no mundo, onde ele quer chegar. Acompanhar esse processo de crescimento, de ama-

durecimento e de elaboração do projeto pessoal de vida implica reconhecimento do acompanhamento como ministério. O ministério de servir aos jovens por meio do acompanhamento pessoal e comunitário implica, primeiramente, uma experiência pessoal de amadurecimento na fé; implica vocação, vontade, convicção e preparação; mas, também, certas condições expressas em características e atitudes, modos de ser, qualidades, valores e competências. Portanto, o acompanhamento da elaboração e da realização do projeto pessoal de vida tem duas finalidades: a fidelidade a Deus e a fidelidade à pessoa que se acompanha. Cada jovem deve descobrir, pessoal e progressivamente, o que implica o seguimento e a opção por Jesus.

Devemos reconhecer que hoje é um desafio propor um caminho aos adolescentes e jovens que auxilie na organização da sua vida. Sabemos que a juventude é a fase dos questionamentos fortes e das grandes mudanças. A sensibilidade diante do mundo juvenil e a capacidade de adaptação às diferentes idades e situações são duas características importantes de quem se propõe a contribuir com a vida dos adolescentes e jovens. Ao mesmo tempo que devemos nos preocupar em encontrar cada vez mais propostas claras e agradáveis para a construção do projeto de vida, necessitamos garantir a qualidade das mesmas, perguntando-nos sempre se o que agrada, também está formando. Em todos os casos, qualquer que seja a proposta e o esquema apresentados, devemos deixar bem claro: o valor e a beleza da vida e a necessidade de projetá-la; a pessoa e o projeto de Jesus Cristo; a corresponsabilidade com projetos mais amplos, comunitários e sociais; a certeza de que o Senhor se coloca ao nosso lado para atingir a felicidade sonhada.

Admitir a vida como um Projeto de Deus a ser abraçado no amor, na verdade e na liberdade, enobrece nosso ser e nos responsabiliza diante da história. Acima de tudo é preciso aceitar a vida como uma apaixonante aventura, o projeto como instrumento, nós mesmos como protagonistas, Deus como o primeiro interessado pela nossa felicidade. É preciso sabedoria para encarar a vida com serenidade e, no meio das intempéries, escolher sempre o melhor.

Referências bibliográficas

SILVA, *Eduardo Pinheiro da, Projeto pessoal de vida.*

MENDONÇA FILHO, João da Silva, *Formação dos educadores salesianos* – caderno 3: Pastoral Juvenil e tempos líquidos.

Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, *Para que tenham vida e vida em abundância.*

16. TECNOLOGIA, SOCIEDADE, ECUCAÇÃO E PASTORAL

A tecnologia sempre permitiu ao ser humano superar os seus limites. Não se pode negar os avanços alcançados na medicina, nos transportes, nos processos produtivos (industrialização), nas comunicações e no último século, com a informática e com a rede mundial de computadores (internet), a revolução digital.

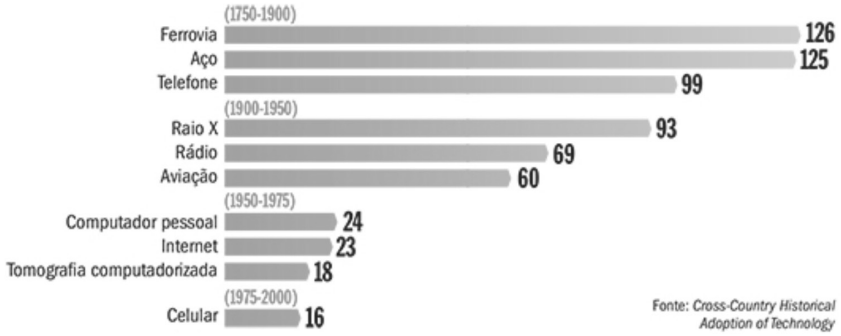
Conforme carta encíclica do Papa Francisco (Sobre o Cuidado da Casa Comum), o problema ocorre quando a tecnologia vem ligada às finanças e pretende ser a única solução para os problemas. Porém, torna-se incapaz de se aprofundar nas relações que existem entre as coisas e as pessoas, e por isso, às vezes soluciona um problema e ocasiona outros[1].

A tecnologia financista está relacionada ao acompanhamento de tendências, ao consumismo e trabalha o emocional das pessoas despertando paixões. Porém, é pouco efetiva, pois não atende às necessidades de evolução da sociedade e quase nunca vence a fase do encantamento inicial e cai em desuso.

Entretanto, a tecnologia, quando orientada para atender a interesses reais da sociedade, gera benefícios que vão muito além do imediatismo natural do ser humano e estas tecnologias se desenvolvem de forma exponencial. Como se pode ver no gráfico abaixo, para que algumas tecnologias atingissem 80% da população humana, tais como o aço e as ferrovias, foram necessários mais de cem anos. Com o advento das tecnologias da informação e da comunicação, este prazo caiu para apenas dezesseis anos[2]:

1 Encíclica - Sobre o Cuidado da Casa Comum | http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

2 Como a inovação cresce na pobreza | http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/como-a-inovacao-cresce-na-pobreza-807486.shtml



Tecnologia e Sociedade

No continente africano, onde os habitantes precisam andar em média dez quilômetros para encontrar água potável, e outros oito para atendimento médico, a saída encontrada foi o uso de telefones móveis para auxiliar em programas de prevenção e diagnóstico de doenças.

Um relatório da Oragen Telecom apresenta que o uso de mensagens de texto (SMS) para conscientizar as mulheres grávidas do Mali reduziu em 30% o número de mortes relacionadas a gestação. Em outro caso, ainda no continente africano, o governo de Botswana reduziu de quatro semanas para apenas três minutos o tempo de resposta aos surtos de malária[3]. No mesmo país, os telefones permitem praticar a telemedicina, recolhendo imagens dos pacientes para que sejam analisadas por um especialista em uma unidade remota.

Em 2014 a UIT (União Internacional de Telecomunicações), órgão da ONU (Organização das Nações Unidas), publicou um relatório apresentando que 60% da população humana ainda permanece sem acesso a internet. São mais de 4 bilhões de pessoas desconectadas. Destas, 90% estão em países em desenvolvimento[4].

Sensível a esta demanda, o Google está acelerando o projeto Loon que consiste em fornecer internet por meio de uma rede de balões que viajam pela estratosfera, a uma altura duas vezes maior do que a de aeronaves e distante dos fenômenos meteorológicos. De acordo com o site do projeto, o objetivo é conectar as pessoas em áreas remotas, reduzir falhas de coberturas e recuperar a conexão em áreas que passaram por desastres[5].

3 Mobile Healthcare in Africa: Serving Populations, Saving Lives | http://healthcare.orange.com/eng/content/download/10519/58116/version/3/file/infographie+-+mHealth+in+Africa+-+Orange+Healthcare+-+EN.pdf
4 Informe sobre Medición de la Sociedad dela Información | http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2014/MIS_2014_Exec-sum-S.pdf
5 Projeto Loon | http://www.google.com/intl/pt-BR/loon/

No Brasil, em 2014, por meio do projeto Loon, a escola municipal Linoca Gayoso Castelo Branco, do munícipio de Campo Maior (PI), utilizou pela primeira vez a internet em sala de aula. Em uma turma do 9º ano, a aula de geografia foi enriquecida com recursos do Google Earth e Wikipédia[6].

Figura 1: Utilizando o sistema Loon.
Fonte: http://olhardigital.uol.com.br

Figura 2: Utilizando o sistema Loon.
Fonte: http://olhardigital.uol.com.br

Tecnologia e a Educação

Scholas Occrurentes (Escolas para o Encontro)

O projeto Scholas Occurrentes, lançado pelo Papa Francisco, é uma entidade educacional, ligada à Igreja Católica, que se alicerça na tecnologia, na arte e no esporte para conectar as escolas em rede e promover a integração social e a cultura do encontro.

A Igreja acredita que uma nova forma de educação precisa ser criada. Tendo como objetivos principais o foco no ser humano e nos valores essenciais. Sempre abordando situações vivenciadas pelas crianças em sua comunidade.

Um detalhe importante é que todos podem participar, o Papa convida famosos, cientistas, populares, ou seja, todos que desejem contribuir para a educação das crianças[7].

O projeto é desenvolvido dentro da Pontifícia Academia das Ciências do Vaticano, cujo Bispo chanceler é monsenhor Marcelo Sánchez Sorondo. Este tem como missão a integração de diferentes comunidades com foco nas populações mais pobres.

6 Google testa balões do projeto Loon no Brasil | http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/google-testa-uso-de-baloes-para-levar-internet-a-areas-remot

7 Scholas Occurrentes | http://www.scholasoccurrentes.org/about-us/pres

O Scholas atua em quatro eixos:

- Campanhas de conscientização (Responsabilidade social).
- Desenvolvimento de programas próprios para crianças e integração dos jovens para suas comunidades e para o mundo.
- Apoia projetos educacionais existentes.
- Incentiva e viabiliza a conexão em rede das escolas de diferentes culturas, crenças ao redor do mundo.

Para atender ao último eixo de atuação, foi lançada a plataforma Scholas.social. De acordo com o Coordenador do Projeto, Prof. Dr. José María del Corral, em 2015 são 350 mil escolas conectadas em todo o mundo. "Não é apenas entrar na rede, mas gerar relação, a fim de criar a sala de aula virtual", explica José Corral.

A proposta da plataforma é viabilizar o intercâmbio de informações entre alunos e professores para que aprendam uns dos outros, e também permitir o compartilhamento de projetos que necessitem de apoio financeiro ou de voluntários. Os interessados se cadastram na plataforma para ajudar ou ser ajudados.

Em complemento a Scholas.Social foram lançadas duas outras plataformas:

- **Scholas.Education:** a sala de aula virtual aberta e inclusiva.
- **Scholas.Lab:** um programa para acelerar projetos educacionais e apoiar empreendedores tecnológicos comprometidos com a inovação e a educação.

No Brasil, o Scholas firmou um convênio de cooperação com a Associação Nacional da Educação Católica (ANEC) com a intenção de estender os benefícios da rede Scholas para as 2.575 escolas que integram a ANEC[8].

A Tecnologia alinhada a pastoral e aos valores

Na Estreia 2012, Pascual Chavez, Reitor-Mor Salesiano (2002 a 2014) nos convida:

> "O conhecimento de Dom Bosco deve ser traduzido em empenho com e para o jovens. Como Dom Bosco, hoje, Deus nos espera nos jovens! Por isso, precisamos procurá-los e ficar com eles nos lugares, nas situações e nas fronteiras onde eles nos esperam. Por isso, é preciso ir ao encontro deles, dar sempre o primeiro passo, caminhar junto com eles." – Estreia 2012[9].

8 Acordo entre o Scholas e a ANEC | http://portalfuturum.net/wp-content/uploads/2015/07/ATA-DE-ACORDO-ENTRE-SCHOLAS-E-ANEC.pdf

9 Estreia 2012 | http://edbbrasil.org.br/gratuitos/estreia2012.pdf

Em sua mensagem, Pascual Chavez clama para que a comunidade educativa pastoral se abra para o encontro com os jovens. É um convite para estabelecer um contato direto a fim de estar com eles e ajudá-los em sua formação. Com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs)[10], ampliamos as possibilidades de encontro e de acompanhamento.

Para entender o poder do uso da TICs pelos jovens, convido-os a assistir a palestra do Jack Andraka, adolescente estadudinense, que pesquisando na internet desenvolveu um novo método para diagnosticar o câncer de pâncreas ainda em seu estágio inicial. A ideia surgiu após ele perder um tio com a referida doença.

O dispositivo desenvolvido é 168 vezes mais rápido, 400 vezes mais preciso do que o exame de sangue convencional e custa apenas US$ 0,03 (26.000 vezes mais barato). O que mais podemos fazer pela humanidade do que salvar vidas?

< https://www.youtube.com/watch?v=nLIJJt1f_Kk>

Por fim, deixo um último vídeo (Educação - transforme, curta, compartilhe) sobre as mudanças necessárias na educação para preparar o jovem para os desafios do século XXI: pensamento crítico, criatividade, colaboração e comunicação.

Este foi idealizado e produzido pelo projeto "Ambientalização Curricular: Exercitando a Transversalidade", da ESALQ, dentro do âmbito do Programa Pró-Ensino da USP. A concepção foi dos professores Silvio Ferraz e Silvio Marchini.

<https://www.youtube.com/watch?v=3_-qMDNkT1Q>

Para um debate final deixo quatro questionamentos:

- Como colocamos a tecnologia a serviço dos nossos projetos?
- O que queremos da tecnologia como meio de evangelização?
- Qual a intencionalidade pastoral no uso da tecnologia?
- A tecnologia mudou o conhecimento ou está mudando a forma de relacionamento humano?

10 TICs | http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/